

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**PORTUGAL NO IV CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO
DA AMÉRICA (1892-1893)**

José Miguel Pimenta Silva

MESTRADO EM HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS E DA EXPANSÃO

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**PORTUGAL NO IV CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO
DA AMÉRICA (1892-1893)**

José Miguel Pimenta Silva

Dissertação de Mestrado orientada pelo

Professor Doutor Sérgio Campos Matos

MESTRADO EM HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS E DA EXPANSÃO

2012

Aos Homens do futuro
que irão procurar no passado
razões para o seu presente

Em memória de Ilídio da Silva (meu avô)
1924-2007

ÍNDICE

Resumo	V
<i>Abstract</i>	XI
Palavras-chave / <i>Keywords</i>	XII
Abreviaturas e siglas utilizadas	
Agradecimentos	XIII
Introdução	1
Primeira Parte: No alvorecer do IV Centenário	15
1. Contexto do IV Centenário	16
O Novo Mundo	17
O Velho Mundo	20
A Península Ibérica no alvorecer do IV Centenário	22
2. Concepção e organização da comissão portuguesa no IV Centenário	26
2.1. O papel de Oliveira Martins	26
2.2. A organização da comissão representante de Portugal no IV Centenário	32
2.2.1. Definição de estratégias	33
2.2.2. A criação de grupos de trabalho e o planeamento da exposição	35
2.2.3. A escolha dos heróis portugueses e a questão da figura de Colombo	38
2.2.4. Dinâmicas grupais e gestão de orçamentos	41
Segunda Parte: Celebrando o IV Centenário	44
1. Problemáticas de uma reconstituição da memória	45
2. As celebrações do IV Centenário	47
2.1. As conferências americanistas (1891)	47
2.2. As festas em Génova	49
2.3. As festas em Huelva	52
2.4. As festas em Madrid	54
2.4.1. As exposições	55
Exposição Histórico-Americana	56
Exposição Histórico-Europeia	57
Exposição de Belas Artes	58
2.4.2. Os Congressos	58

Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano	59
Congresso Geográfico Hispano-Português-Americano	59
Congresso Jurídico Ibero-americano	60
Congresso Mercantil Hispano-Americano-Português	60
Congresso Literário Hispano-Americano	61
Congresso Militar Hispano-Português-Americano	62
3. Portugal nas celebrações colombinas de Madrid	64
3.1. Portugal e as exposições	65
3.2. A família real portuguesa em Madrid	71
3.3. O balanço da presença portuguesa através das publicações periódicas	73
Periódicos Nacionais	73
Periódicos estrangeiros	75
Periódicos das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro	78
4. Os custos da representação portuguesa	81
Terceira Parte: Marcas do IV Centenário	86
1. Algumas problemáticas historiográficas em torno do descobrimento da América	87
2. As publicações portuguesas e o seu impacto no IV Centenário	90
2.1. <i>Os Descobrimentos portugueses e os de Colombo</i>	90
2.2. <i>Alguns documentos do arquivo nacional da torre do tombo...</i>	96
2.3. <i>Esmeraldo de Situ Orbis</i>	97
2.4. <i>Memórias da Comissão Portuguesa</i>	98
3. As publicações como principal legado da comissão portuguesa	112
Conclusão	115
Fontes e Bibliografia	125
Anexos	154

RESUMO

Em 1892 celebrou-se o IV Centenário do Descobrimento da América. Foram vários os eventos e festejos, que se realizaram por todo o Mundo. O mais marcante de todos os festejos aconteceu em Madrid. As comemorações criaram no mundo cultural dos finais do século XIX, um enorme fernesim, foram vários aqueles, que correram para assistir aos colóquios, congressos, tertúlias e exposições realizadas em Madrid no ano de 1892.

Este trabalho teve como objecto de estudo da presença de Portugal nas celebrações de 1892 referentes ao descobrimento de América, com especial enfoque na comissão portuguesa e nas suas acções. O presente estudo está dividido em três partes. Sendo a primeira referente à análise da criação da comissão portuguesa e à construção de um discurso português, que assentava em duas vertentes, o discurso visual e o discurso documental. Na segunda parte do estudo verificamos e discutimos a presença de Portugal nas festas colombinas, dando uma especial atenção à participação nas exposições Histórico-Americana e Histórico-Europeia realizadas em Madrid em 1892 e 1893. Damos ainda destaque à forma como a imprensa da época olhou para a presença de Portugal no IV Centenário. Na última parte, abordamos as publicações da comissão portuguesa e analisamos o seu impacto na época em que vieram a lume.

O estudo da participação portuguesa no IV Centenário permite-nos discutir o impacto que este evento teve para a historiografia dos descobrimentos e da expansão, mas também, nos fornece alguns indícios sobre a reacção a médio prazo, de uma parte da elite cultural portuguesa ao *ultimatum* britânico e aos processos de aproximação ibérica dos inícios da década de 90 do século XIX.

ABSTRACT

In 1892 the World celebrated the fourth centenary of the discovery of America. Several events were held throughout the World, the most striking of which was held in Madrid. These celebrations created, in the culture world of the late nineteenth century, a huge agitation, in which several persons ran to watch the colloquies, conferences, gatherings and exhibitions held in Madrid in 1892.

This work has as subject of study the Portuguese presence in the celebrations of 1892, relating to the discovery of America, with a special focus on the Portuguese Commission and their actions.

This study is divided into three parts. The first one is the analysis of the creation of the Portuguese commission and Portuguese construction of a speech, which was based on two components, the visual discourse and documentary discourse. In the second part of the study, we look and discuss the presence of Portugal in the Columbian celebrations, paying special attention to the participation in the American History and European History Exhibitions, held in Madrid in 1892 and 1893, respectively. We also highlight the way the press of the time looked at the presence of Portugal in the IV Centenary. Finally, in the last part, we discuss the publications of the Portuguese commission and analyse its impact at the time.

The study of the Portuguese participation in the IV Centenary allows us to discuss the impact that this event had in the historiography of discoveries and expansion, but also provides us with some clues about the reaction of part of the Portuguese cultural elite to British *ultimatum*, as well as the processes of Iberian approach of the early decade of 1890.

PALAVRAS-CHAVE / KEYWORDS

- Comemorações de centenários e exposições universais século XIX; IV Centenário do Descobrimento da América (1892); Comissão portuguesa da exposição colombina; Historiografia dos descobrimentos portugueses; Exposição Histórico-Americana - Madrid 1892; Exposição Histórico-Europeia – Madrid 1892; Memória Colectiva no século XIX.
- World's fair expositions and centenaries comemorations in the 19th Century; Fourth Centenary of the Discovery of America (1892); Portuguese commission of the Columbian exposition; Historiography of the Portuguese discoveries; Historical-American Exposition – Madrid 1892; Historical-European Exposition – Madrid 1892; Collective Memory in the 19th Century.

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma dissertação de mestrado, apesar de ser um processo solitário a que qualquer investigador está destinado, não dispensa o recurso ao auxílio de diversas pessoas, relacionadas com a matéria estudada. Assim, é da mais elementar justiça agradecer àqueles que ajudaram a concretizar esta empresa. E foram vários aqueles que durante os três anos que decorreram desde da idealização do tema da dissertação até à sua presente edição, contribuíram de diversas formas.

Em primeiro lugar, cumpre-me agradecer ao meu orientador, não só pelo interesse que desde sempre demonstrou pelo trabalho, pela sua disponibilidade, pelas sugestões e correcções que foi fazendo ao largo destes anos, mas também pela sua amizade. O meu muito obrigado ao Professor Doutor Sérgio Campos Matos.

Em segundo lugar, terei de agradecer aos vários professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que contribuíram para a minha formação académica, mas também para o meu crescimento pessoal. No entanto alguns desempenharam um especial papel durante estes anos, desta forma o mínimo que posso fazer é referir os seus nomes. À Professora Doutora Maria Leonor García da Cruz; ao Professor Catedrático Jubilado António Dias Farinha e ao Professor Catedrático Vítor Serrão; aos Professores Doutores Fernando Grilo, Francisco Contente Domingues e José Horta o meu agradecimento pela partilha da sua sabedoria e experiências em termos de investigação, que durante o período lectivo do mestrado tiveram a amabilidade de partilhar.

Gostaria de fazer, agora, uma alusão especial a alguém que me marcou pela sua sabedoria, crítica, disponibilidade e amizade. Refiro-me ao Mestre José Brissos, com quem tive o prazer de privar de perto durante vários anos no Centro de História. Para ele, vai o meu mais profundo reconhecimento e agradecimento sincero.

Ao largo da investigação foram vários os arquivos, centros de documentação e bibliotecas que frequentámos e que contactámos para a recolha de materiais e informações que nos possibilitaram a execução desta dissertação. A lista é extensa e desta forma, para a encurtar, teremos de ocultar as várias pessoas que durante este processo nos ajudaram o melhor que puderam e que souberam. Assim mencionaremos

apenas as instituições sendo que, com esta atitude, estamos a agradecer a toda a sua equipa. Agradecemos à Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, à Biblioteca Nacional de Portugal, à Torre do Tombo, Biblioteca da Faculdade de Letras da Faculdade de Lisboa, à Hemeroteca Nacional e à Fundação Calouste Gulbenkian. A nível internacional é devida uma palavra sincera de agradecimento à Biblioteca Nacional de Espanha, Ateneo de Madrid, Museo de América, Real Sociedad Colombina Onubense, às diversas bibliotecas do Trinity College Dublin, à Chicago Public Library, New York Public Library, University of Massachusetts Dartmouth e por último à Library of Congress.

Ainda no âmbito da investigação devo uma palavra muito especial ao Professor Doutor José Varandas que, por mais que uma vez, teve a amabilidade de redigir como sub-director do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, várias cartas que me permitiram investigar em diversas bibliotecas e arquivos nacionais e internacionais. Agradeço-lhe por isto, pela sua disponibilidade e pela sua sincera amizade.

Não posso deixar de fazer uma referência aos meus Amigos que sempre estiveram presentes ao longo deste trabalho. Permitam-me referir apenas alguns: Filipa Santos, Tiago Machado de Castro, Raquel Seixas, José Guedes de Sousa, Jorge Dourado, João Castro Nunes, Ricardo de Brito e Tiago Pinto. A eles o meu agradecimento.

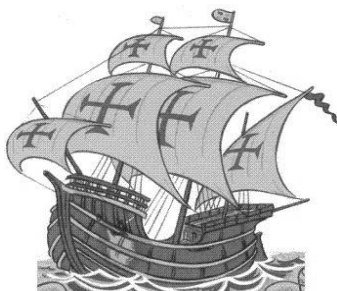
Uma palavra de reconhecimento pela ajuda desinteressada que David Paraíba nos forneceu durante algumas semanas na biblioteca da Académica das Ciências de Lisboa. Ao Stuart Morle o meu obrigado pela sua residência, que gentilmente me disponibilizou em Dublin, facilitando, desta forma, a acessibilidade à biblioteca do Trinity College. Aos Amigos Marco Borges, Ana Oliveira Dias, Joana Marques, André Oliveira Leitão e ao meu bom amigo Pestana o meu grato agradecimento pelas extensas horas que dedicaram à revisão desta dissertação.

À família Pimenta - Silva - Meira, uma palavra sentida de agradecimento pela compreensão de tão permanente ausência que durante anos se fez sentir da minha parte, porém não sinónima de esquecimento, pois estiveram sempre comigo em pensamento. E a eles também dedico esta dissertação.

Por último, quero agradecer às pessoas mais importantes da minha vida, em especial: à minha irmã; à Inês por todo o amor, carinho e dedicação, fruto de um coração grandioso. É ainda de salientar as longas horas que dedicou à discussão deste

trabalho, contribuindo para este com as suas acertadas críticas e sugestões, apenas ao alcance de uma extraordinária investigadora científica, e de uma das mais promissoras mentes dos estudos militares medievais. A última palavra é dedicada aos meus pais, os verdadeiros heróis da minha vida. Sem eles, sem o seu suor, amor, compreensão, dedicação e educação, nunca teria sido possível a realização deste estudo. Pois na ausência de qualquer tipo de financiamento por parte das instituições portuguesas de investigação, foram eles que financiaram todo o mestrado e todas as deslocações necessárias, sempre com a confiança de que não estavam apenas a ajudar o seu filho, mas também e principalmente a História. A eles o meu mais sincero muito obrigado.

Introdução



«Certainly memories can be fit together in to a narrative, but human memory is not simple a record of personal histories. Personal memories can be fabricated or changed in accordance with the frailties of the human mind. Similarly, public memory is often fashioned at the whim of historical accounts written centuries after an event has been largely forgotten.»¹

Alan Gordon

Quando em 2009 iniciámos um projecto de investigação acerca dos artefactos pré-colombianos existentes no território nacional, estávamos longe de pensar que tal investigação nos haveria de guiar até ao presente estudo. Uma das primeiras colecções analisadas foi a do Museu de Arqueologia do Carmo. Ao traçarmos o percurso histórico destes artefactos verificámos que estes se ausentaram do Museu durante um par de anos, mais propriamente entre 1892 e 1894. A curiosidade levou-nos a questionar pelo seu paradeiro durante esse período. Não tardaríamos a encontrar uma nota relativa a um pedido de cedência das peças para que estas pudessem ser expostas em Madrid. Associado a esta solicitação estava um nome: comissão portuguesa da exposição colombina.

Dias mais tarde possuíamos já algumas referências bibliográficas onde encontrámos informações relativas à participação portuguesa no IV Centenário do descobrimento da América. Porém, nenhum desses estudos possuía as respostas às perguntas que primeiramente nos levaram a esta pesquisa: quanto tempo estiveram os artefactos expostos? Qual foi o seu impacto nos visitantes? Regressaram todas as peças que foram emprestadas?

Em paralelo com a nossa investigação iniciámos o mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão. O processo de Bolonha tantas vezes criticado por

¹ Alan Gordon, *Making Public Pasts. The Contested Terrain of Montreal's Public Memories 1891-1930*, Montreal, McGill-Queen's University Press, 2002.

docentes e alunos, assumiu-se para nós como uma oportunidade de frequentar seminários de outros mestrados² e, sem dúvida alguma, que a presença nestes nos permitiu adquirir ferramentas conceptuais preciosas e que sem elas não poderíamos produzir o presente estudo.

A ideia de realização deste estudo nasce de uma pequena troca de ideias, próprias do diálogo informal entre aluno e docentes. Depois de algum tempo de ponderação, decidimos avançar para a realização de uma dissertação de mestrado sobre o IV Centenário do Descobrimento da América. No entanto seria necessário, em primeiro lugar, identificar quais os pontos fracos nos nossos conhecimentos relativos à participação portuguesa nas festividades colombinas, para depois identificarmos o nosso objecto de estudo e a melhor forma de abordá-lo.

Em termos historiográficos, o IV Centenário aparece mencionado em várias obras, desde o final do século XIX até aos nossos dias. Contudo, o primeiro estudo exclusivamente dedicado ao IV Centenário, surge apenas em 1989³, da autoria de Salvador Bernabéu Albert e intitula-se *1892: El IV Centenario del Descubrimiento de América en España, conyuntura y conmeraciones*⁴. Sem dúvida alguma, esta obra apresenta-se como o mais profundo estudo produzido relativo ao centenário de 1892, e é bibliografia de leitura obrigatória para qualquer estudo em torno do IV Centenário, como comprovam as vastas referências relativas a este estudo em publicações posteriores. Após a comemoração do V Centenário em 1992, publicou-se, em Espanha, um interessante estudo intitulado *Descubrimiento de América del IV al VI Centenario*⁵. Neste, as visões do passado cruzam-se com o presente e com um olhar sobre o futuro desta comemoração. Para além dos estudos já mencionados, a historiografia espanhola

² Museu e Sociedade (Mestrado de História da Arte); História da Arte e da Salvaguarda do Património (Mestrado de História da Arte); Cultura Portuguesa Contemporânea (Mestrado de História Contemporânea); História, Memória e Esquecimento (Mestrado de História Contemporânea).

³ Importa salientar que já em 1984 e 1986 tinham sido publicados dois artigos de Salvador Bernabéu Albert alusivos ao IV Centenário. Salvador Bernabéu Albert, «El IV Centenario del Descubrimiento de América en la coyuntura finisecular (1880-1893)», *Revista de Indias*, vol XLIV, Nº. 174, Madrid, 1984, pp. 345-366; Idem, «El viaje real por andalucia durante el otoño de 1892», *Andalucía y América en el siglo XIX: Actas de las V Jornadas de Andalucía y América*, Vol. 2, Bibiano Torres Ramírez y José Hernández Palomo (editores), [s.l], Universidad de Santa María de la Rábida, 1986, pp. 3-14.

⁴ Salvador Bernabéu Albert, *1892: El IV Centenario del Descubrimiento de América en España*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987.

⁵ Salvador Bernabéu Albert, Juan Antonio Cánovas de Castillo, Juan Velarde Fuentes e outros, *Descubrimiento de América del IV al VI Centenario*, Madrid, Veinteuno – Fundación Cánovas del Castillo, 1993.

tem dedicado alguma atenção à forma como os meios culturais e as publicações periódicas olharam para os festejos colombinos⁶.

Já no presente século, começaram a surgir alguns estudos mais direccionados não para o Centenário como um todo, mas para a participação de algumas comissões e/ou representações nacionais. Neste âmbito destacam-se os estudos levados a cabo no continente americano, com especial atenção para os realizados no México, onde se tem vindo a produzir nos últimos anos estudos sobre a participação mexicana no IV Centenário⁷. Aliás, estes trabalhos apresentam-se como pioneiros no enfoque que dão à representação nacional, destacando-se dos demais devido às suas abordagens e incursões nos arquivos privados da representação mexicana, resgatando do passado documentos oficiais e não oficiais relativos à presença desta nos festejos colombinos em Madrid nos anos de 1892 e 1893. Como já referimos, estamos perante o único caso de análise focada no discurso de uma nação e na sua representação e não apenas no centenário. Infelizmente tal abordagem apresenta-se como um oásis num deserto, sendo que ainda existe muito trabalho a efectuar relativamente ao conhecimento que possuímos sobre a representação nacional das restantes nações participantes nas comemorações em honra do feito de Colombo. No entanto, não devemos menosprezar outros estudos efectuados acerca do IV Centenário e do seu tempo, como é o caso da dissertação de Doutoramento de Enrique Sanchez Albarracin apresentada em Paris no ano de 2006 e intitulada *La convergence hispano-americaniste de 1892. Les rencontres du IV^o Centenaire de la découverte de l'Amérique*⁸. Nesta, o autor optou por ter o IV Centenário como marco histórico, e onde procura retirar deste a sua influência para a produção e troca de ideias relativas às relações culturais entre Espanha e os intelectuais espanhóis com as nações americanas e os seus intelectuais, e vice-versa.

⁶ Olga Abad Castillo, «El IV Centenario del Descubrimiento de América a través de la prensa sevillana», *Andalucía y América en el siglo XIX: Actas de las V Jornadas de Andalucía y América*, Vol. 2, edição Bibiano Torres Ramírez y José Hernández Palomo, [s.l.], Universidad de Santa María de la Rábida, 1986, pp. 97-104; José Antonio Calderón Quijano, «El IV Centenario del Descubrimiento en la Ilustración española y americana y el Ateneo de Madrid», *Andalucía y América en el siglo XIX: Actas de las V Jornadas de Andalucía y América*, Vol. 2, edição de Bibiano Torres Ramírez y José Hernández Palomo, [s.l.], Universidad de Santa María de la Rábida, 1986, pp. 97-104.

⁷ A título de exemplo: Carlos Ramírez Vuelvas, «Babel de Hispania. México en el IV Centenario del descubrimiento de América», *200 años de Iberoamérica (1810-2010). Actas del XIV Encuentro de Latioamericanistas Españoles*. Eduardo Rey Tristán, coordenação de Patricia Calvo González, Santiago de Compostela, 15-18 de setembro de 2010; Deni Ramírez Losada, «La exposición histórico-americana de Madrid de 1892 y la ¿ausencia? de México», *Revista das Índias*, Vol. 39, N.º 246, 2009, pp. 273-305.

⁸ Enrique Sanchez Albarracin, *La convergence hispano-americaniste de 1892. Les rencontres du IV^o Centenaire de la découverte de l'Amérique* [Texto policopiado], Paris, [s.n.], 2006.

Nos Estados Unidos da América existe uma baixa incidência de estudos relativos ao IV centenário, quando comparados à variedade e quantidade de estudos relativos à *Columbian Exposition* de Chicago, realizada em 1893. Este facto faz com que, muitas vezes, nesses estudos o IV Centenário seja mencionado como um evento de menor escala. Não que o tivesse necessariamente sido mas que de um ponto de vista de história nacional norte americana, ficará remetida para um segundo plano. Deve-se ainda salientar que a historiografia norte americana tem dedicado, especialmente desde meados do século XX, uma grande atenção para os fenómenos comemorativos e para as *World's Fairs*.

Também no continente americano, mas um pouco mais a sul, em terras brasileiras se realizaram alguns estudos referentes ao IV Centenário e à *Columbian Exposition*, dos quais destacamos o artigo da autoria de Ana Paula Simioni e intitulado *IV Centenário do descobrimento da América: a construção da imagem de Colombo*⁹. Neste, a autora expõe as suas teorias sobre o discurso português e espanhol e, para isso, debruçou-se sobre todo o material existente nas bibliotecas brasileiras. Infelizmente, apesar do esforço e da qualidade relativa dos resultados, o seu estudo apresenta algumas fragilidades, já que se trata de uma visão limitada pois apenas teve em consideração as publicações oficiais das comissões portuguesas e espanholas que se encontram em território brasileiro. No entanto, devem-se destacar as suas conclusões relativamente ao discurso ibérico sobre a figura de Colombo.

Ainda dentro da nossa viagem pela historiografia do IV Centenário, devemos mencionar os trabalhos produzidos em Itália referentes às comemorações colombinas de 1892. Neste âmbito, foram alguns os estudos que analisaram de uma forma bastante atenta e profunda as manifestações cívicas; a relação entre o herói (Colombo) e a sua pátria; e a forma como várias camadas sociais aderiram às festividades. No entanto, a maioria destes estudos omite ou faz apenas pequenas menções relativamente aos festejos na capital espanhola, sendo a sua grande preocupação o estudo das festividades em solo italiano.

Também na historiografia portuguesa encontramos alguns estudos que dedicaram algumas páginas ao IV Centenário e à participação portuguesa no mesmo. Uma das primeiras menções à comissão portuguesa e aos seus trabalhos ocorreu num colóquio

⁹ Ana Paula Simioni, «IV Centenário do descobrimento da América: a construção da imagem de Colombo», *Entre o Mito e a História. O V Centenário do Descobrimento da América*, coordenação de Paula Montero, Petrópolis, Vozes, 1996, pp. 255-289.

em Paris no ano de 1988, fruto de um estudo de Alfredo Pinheiro Marques sobre a historiografia dos descobrimentos. A sua comunicação seria publicada dois anos mais tarde em francês¹⁰, e em 1991¹¹ veio a lume a versão portuguesa revista e aumentada baseada na comunicação já mencionada. Este historiador dedicou apenas alguns parágrafos à participação portuguesa no IV Centenário do descobrimento da América. No entanto, a sua menção é sinónimo da importância desta comemoração como ponto de referência obrigatório na historiografia dos descobrimentos. Esta ideia é reforçada em outros estudos de Alfredo Pinheiro Marques: em 1991, na sua obra *As teorias fantasiosas de Colombo “Português”*, assinala, ao de leve, as abordagens que as nações ibéricas e italiana realizaram para demonstrarem a sua ligação a Cristóvão Colombo¹²; e, em 1992, num artigo intitulado *A historiografia dos descobrimentos e expansão ultramarina portuguesa*¹³, presente na *Revista de História das Ideias*, repete algumas das informações anteriormente expostas nos seus estudos e acrescenta algumas anotações sobre a proficuidade da participação portuguesa, sobretudo no que diz respeito à publicação de vários estudos e fontes. Fazia, ainda, menção, nesse artigo, ao panorama interno de Portugal e ao sentido pluri-ideológico da glorificação dos descobrimentos. Pinheiro Marques afirma, também, que Portugal no IV Centenário assumia uma posição defensiva face às pretensões de italianos e espanhóis de sobrepor os feitos de Colombo às façanhas dos portugueses¹⁴.

O ano de 1998 foi profícuo em publicações sobre a história dos descobrimentos. Outra coisa não seria de esperar, uma vez que se assinalavam os quinhentos anos do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Vários foram os historiadores que se debruçaram sobre as questões historiográficas, de memória e comemoração. Devemos salientar os trabalhos realizados por Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João no decurso do mesmo ano, pois ambos focaram uma parte dos seus estudos na participação portuguesa no IV Centenário.

¹⁰ Alfredo Pinheiro Marques, *L'historiographie des découvertes portugaises*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1990.

¹¹ Idem, *A historiografia dos descobrimentos e expansão portuguesa*, Coimbra, Livraria Minerva, 1991.

¹² Idem, *As teorias fantasiosas de Colombo “Português”*, Lisboa, Quetzal Editores, 1991, pp. 15-16.

¹³ Alfredo Pinheiro Marques, «A historiografia dos descobrimentos e expansão ultramarina portuguesa», *Revista de História das Ideias*, N.º 14 – Descobrimentos, Expansão e Identidade Nacional, 1992.

¹⁴ Idem, *ibidem*, pp.444-445.

Sérgio Campos Matos, no seu artigo sobre *A historiografia portuguesa dos descobrimentos no século XIX*¹⁵, faz menção à importância dos trabalhos da comissão portuguesa da exposição colombina. Este trabalho apresentou-se decisivo para a nossa dissertação, uma vez que através dele possuímos uma visão mais contextualizada da comissão portuguesa e dos seus estudos face a outros trabalhos meritórios produzidos por alguns intelectuais do século XIX. Para além disso teremos de sublinhar a sua pertinência para um melhor entendimento da realidade historiográfica relativamente à história dos descobrimentos na última década de Oitocentos.

Consideramos que o primeiro olhar aprofundado sobre o IV Centenário foi realizado por Maria Isabel João¹⁶, na sua dissertação de doutoramento, onde alude à participação portuguesa nos festejos colombinos. Desta feita, procura caracterizar as disputas que envolveram a escolha de uma comissão representante de Portugal nos festejos colombinos. Porém, é a forma como a historiadora relaciona esta comissão com o seu contexto e a compara com outras comissões responsáveis pela organização de outros centenários, que torna fundamental a leitura da sua obra. Com efeito, podemos verificar que muitas das personalidades envolvidas no IV Centenário, participaram também em outras festas cívicas. Ora, tais informações foram totalmente relevantes para o nosso estudo pois, através destas, podemos contar com uma base sólida de comparação. Este facto levou-nos à decisão de não proceder neste estudo a uma análise comparativa entre a participação portuguesa nos festejos do IV Centenário do descobrimento de América e outros centenários

Vieram a lume, já no decorrer da nossa investigação, duas novas alusões à participação portuguesa no IV Centenário. A primeira é referente à dissertação de doutoramento em História da Arte, de Alice Nogueira Alves, intitulada *Ramalho Ortigão e o culto dos monumentos nacionais no século XIX*¹⁷, datada do ano de 2009. A autora dedica no seu estudo um capítulo à participação de Ramalho Ortigão na comissão

¹⁵ Sérgio Campos Matos, «A Historiografia Portuguesa dos Descobrimentos no Século XIX», *Los 98 Ibéricos y el mar*, Tomo II - *La cultura en la Península Ibérica*, Madrid, Sociedad Estatal Lisboa'98, 1998, pp. 55-80.

¹⁶ Já em 1998 a historiadora tinha abordado a participação portuguesa no IV Centenário, salientando alguns pontos bastante interessantes como por exemplo: a não existência de um plano de iberismo; a preocupação de edição de fontes; destaca-se ainda o facto de ter sido uma das primeiras autoras a fazer a ligação entre a participação portuguesa no IV Centenário e nos congressos. Maria Isabel João, «Comemorações e Mitos da Expansão», *História da Expansão Portuguesa*, Vol. IV – Do Brasil para África (1808-1930), Navarra, Círculo dos Leitores, 1998, pp. 408-409.

¹⁷ Alice Nogueira Alves, *Ramalho Ortigão e o culto dos monumentos nacionais no século XIX* [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 2009.

portuguesa do IV Centenário. Embora estivéssemos já a analisar muito do material inédito existente na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa antes mesmo da defesa de tese de doutoramento de Alice Nogueira Alves, a primeira aparição historiográfica de tais fontes será consumada no estudo desta investigadora, que precede em três anos a apresentação da nossa dissertação. O estudo de figuras históricas leva-nos, por vezes, a ter uma atenção muito focada apenas na personagem em análise. Esse sentimento levou a que Alice Nogueira Alves restringisse muito a glória da participação portuguesa apenas a Ramalho Ortigão, visão de que discordamos. No entanto devemos reconhecer os aspectos positivos deste trabalho, dos quais distinguimos a sua capacidade de investigação, o realce da experiência de Ramalho Ortigão em outros eventos de carácter comemorativo, e os seus contributos para o discurso visual da comissão portuguesa.

Como iremos verificar no nosso estudo, Ramalho Ortigão possuiu um papel de destaque dentro da comissão portuguesa devido ao cargo de responsável máximo da representação oficial em Madrid, fruto da confiança dos seus pares. Porém, verificou-se que, em momentos decisivos da permanência da comissão portuguesa em Madrid, Ramalho Ortigão nada pôde fazer, sendo aqui decisiva a influência de outros membros.

No ano de 2011 publicou-se *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*¹⁸ da autoria de Maria Helena Souto, e que diz respeito à sua tese de mestrado, embora com alguns acréscimos. Destes, um deles é alusivo à participação portuguesa no IV Centenário. No entanto, este estudo não acrescenta nenhuma novidade face aos trabalhos anteriores, a não ser a apresentação de um elemento iconográfico referente ao periódico *António Maria*.

Em Portugal, ao contrário do que se passou em Espanha e Itália, e à semelhança do que sucedeu nas restantes nações participantes no IV Centenário, não existiu uma preocupação de estudar e de recuperar a memória da participação nacional na celebração do centenário anterior a este. Tal decisão, ou ausência desta, condicionou em muito a percepção que possuímos da participação lusitana nos festejos de 1892. Desta forma, é natural a inexistência de um estudo exclusivamente dedicado à participação portuguesa no IV Centenário, já que é nos centenários posteriores que se realizam maioritariamente estudos referentes às comemorações anteriores. Estando conscientes da necessidade de realização de um estudo dedicado à participação portuguesa no IV

¹⁸ Maria Helena Souto, *Portugal nas Exposições Universais 1851-1900*, Lisboa, Edições Colibri, 2011.

Centenário, não apenas para fins de acreditação académica, mas sobretudo com um sentido de futuro e de necessidade de interpretação histórica dos acontecimentos de 1892, para que em 2092, seja possível a realização de um estudo da evolução da participação portuguesa na comemoração de um dos momentos decisivos na história da Humanidade.

Verificando-se que existia um campo amplo de investigação, sentimos que o nosso estudo poderia completar algumas lacunas do conhecimento em relação à participação portuguesa no IV Centenário. Traçámos, então, como principais objectivos desta tese a obtenção de resposta a duas grandes questões: como se deve enquadrar o IV Centenário e a participação portuguesa na história de Portugal e na historiografia dos descobrimentos? Quais as razões que levaram Portugal a investir uma grande quantidade de recursos no IV Centenário? Durante a primeira fase de abordagem ao nosso objecto de estudo, identificámos algumas carências nos trabalhos até este momento produzidos que procurámos colmatar com a execução desta dissertação. Assim, pretendemos ainda: analisar o processo de construção do discurso nacional; avaliar a recepção da participação portuguesa no panorama interno e externo; esclarecer a forma como a figura de Colombo foi abordada pela comissão nacional; verificar os custos da participação portuguesa, e juntamente com estes, efectuar um balanço da sua aplicação; analisar o impacto das publicações oficiais e dos estudos dos membros da comissão nacional, que vieram a lume durante o período das comemorações colombinas; traçar o perfil da participação portuguesa nas festividades de Madrid e comparar com a presença portuguesa noutras cidades que comemoraram o IV Centenário; dar a conhecer algumas imagens de época relativas às exposições Histórico-Americana e Histórico-Europeia.

Em termos metodológicos, a nossa primeira preocupação foi tentar identificar o paradeiro de um possível livro de actas, que descobrimos depois na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Juntamente com este, deparámo-nos, também, na mesma biblioteca, com um livro de correspondência referente à comissão portuguesa da exposição colomбина e outro livro que continha um balanço de despesas e receitas da mesma comissão. A partir destas fontes foi possível traçar uma rede de contactos que nos permitiu alcançar novas descobertas noutros fundos, como por exemplo a correspondência trocada entre elementos da comissão portuguesa e órgãos oficiais, mas também entre elementos da comissão e outras personalidades estrangeiras. À medida que avançávamos na nossa investigação, fomos criando e abandonando hipóteses,

cruzando informações oficiais e privadas, discursos oficiais e não oficiais. No entanto, sentimos que ainda faltavam várias peças do puzzle para alcançar uma base sólida de investigação para avançarmos para a parte escrita. A pesquisa nas hemerotecas nacionais e estrangeiras revelou-se árdua, devido à grande quantidade de material analisado, uma vez que se optou pela busca de informações relacionadas com o IV Centenário desde princípio do ano de 1891 até ao ano final do ano de 1893. No entanto, esta investigação daria frutos com um amplo número de informações que nos permitiram filtrar potenciais manipulações informativas, típicas da memória colectiva. A par destas leituras, outras foram efectuadas, nomeadamente publicações oficiais pertencentes às comissões participantes no IV Centenário, assim como obras privadas de elementos destas comissões, que durante o período das comemorações colomboianas publicaram os seus trabalhos.

Para a realização deste estudo foi, ainda, decisivo a leitura do artigo de Lisa Munro, *Investigating World's Fairs: an Historiography*¹⁹. Este permitiu-nos compreender as múltiplas abordagens que podem ser efectuadas quando se processa uma investigação de uma exposição universal ou de um centenário onde se fizeram representar várias nações. Os vários exemplos de estudos que são apresentados pela autora possibilitaram-nos uma maior identificação das obrigatoriedades de uma investigação referente a um evento comemorativo de escala global.

O estudo do IV Centenário é algo que assume uma especial importância para as nações que disputam a memória de Colombo, mas também para as nações do continente americano. No entanto, para as restantes nações, o IV centenário não é apenas mais uma comemoração. Neste sentido, seria benéfico para o leitor a exposição sobre o que é a memória do IV Centenário e como esta tem vindo a ser trabalhada.

Desde cedo possuímos evidências de actos comemorativos referentes a conclusões de determinados períodos de tempos, ou em relação a acontecimentos ocorridos. Como vários autores já mencionaram anteriormente, muitas das grandes civilizações do passado faziam-no. Contudo, o acto de comemorar, isto é, invocar a memória do passado, em forma de centenário foi bastante limitada até meados do século XVIII²⁰, altura em que, segundo Pierre Nora, se verificaria um aumento das comemorações

¹⁹ Lisa Munro, «Investigating World's Fairs: an Historiography», *Studies in Latin American Popular Culture*, Vol. 28, 2010, pp. 80-94.

²⁰ Maria Isabel João, *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 19.

relativas aos centenários, devido ao aparecimento do conceito de século²¹. Se inicialmente os centenários celebrados estavam associados a acontecimentos maioritariamente políticos, como o aniversário da Gloriosa Revolução de 1688 e comemorado em 1788²², algumas décadas depois passariam a ser mais frequentes e possuiriam cada vez mais uma adesão por parte do público, como assinala Maria Isabel João, sendo que os grandes homens e os seus feitos eram cada vez mais comemorados. Ora, este aumento das comemorações centenárias, em especial da invocação da memória das figuras heróicas, não pode ser dissociado dos fenómenos românticos e nacionalistas dos finais do século XIX. Poderíamos dedicar alguns parágrafos acerca das tradições comemorativas em vários pontos geográficos do mundo ocidental, mas consideramos que não acrescentaríamos dados muito relevantes. Desta forma, remetemos o leitor para a introdução da obra *Memória e Império...*²³, na qual a autora, de uma forma clara, analisa como os estados ocidentais viveram as comemorações dos centenários nos finais do século XIX.

A moda das exposições universais parece acompanhar de perto a moda dos centenários e, com efeito, foram algumas as ocasiões onde os centenários deram o mote para as exposições universais, como foi o caso do IV Centenário e da *Columbian Exposition* de Chicago. As exposições universais são, por natureza, sobretudo na segunda metade do século XIX, espaços onde se podem expor visões ideológicas, mas também lugares onde as nações possuem a oportunidade de apresentar discursos nacionais, publicitando o seu passado para benefício do seu presente, controlando o que deve ou não ser divulgado. Em certa medida, são espaços de formatação da memória colectiva.

O conceito de memória tem vindo a ser largamente debatido no terreno de várias disciplinas, desde a história até à biologia, passando pela psicologia, antropologia, sociologia e filosofia. Genericamente, entende-se como memória a faculdade mental de preservar ou recuperar o passado. No entanto, nem sempre é possível recuperar a totalidade do passado. A preservação e a recuperação deste pode ser influenciada pela nossa percepção ou pelas nossas experiências. Isto leva-nos a outros conceitos, como memória individual e memória colectiva. Não basta revelar a identidade de um

²¹ Pierre Nora «L'ère de la commémoration», *Les Lieux de la Mémoire*, Pierre Nora, Tomo III, Paris, Gallimard, 1992, p. 982.

²² Maria Isabel João, *op. cit.*, 2002, p. 19.

²³ Idem, *ibidem*, pp.11-31.

acontecimento passado é necessário interpretá-lo e é nisso principalmente que reside a diferença entre história e memória. Isto é, a memória é auxiliar da história, mas não possui capacidade interrogativa, apenas fornece respostas, que podem estar manipuladas pela percepção da fonte receptora. Cabe, pois, à história interrogar a memória.

A memória individual possui um tempo bastante limitado, geralmente transmitida pela via oral ou suportes escritos, e o seu conteúdo reflecte as vivências de um indivíduo, muitas vezes com tendências egocêntricas e que omitem cenários mais amplos e que se focalizam em registos mais específicos e mais próximos do Eu. A isto, adiciona-se uma “coexistência tensional e nem sempre pacífica de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.)”²⁴.

A definição do conceito de memória colectiva²⁵ apresenta-se como uma tarefa árdua. Ao longo dos anos foram vários os autores que formularam teses em torno desta, chegando alguns deles a propor sinónimos, como memória cultural, memória pública, memória coleccionada e comunidades mnemónica²⁶. Todas estas alternativas giram em torno de uma imagem de um passado que não corresponde a um testemunho em primeira mão. Pelo contrário trata-se de uma imagem idealizada de uma realidade há muito perdida. Já Alon Confino define memória colectiva como a representação do passado e a sua criação num conhecimento cultural partilhado por sucessivas gerações, através de veículos de memória como livros, filmes, museus, etc.²⁷. Nesta perspectiva todas as potenciais representações do passado são formas de uma memória colectiva.

Estes veículos de memória são os guardiões de uma reminiscência muitas vezes contraditória e também, variável de um para outro. Sentimos estas contradições quando comparamos as plantas das exposições com as fotos das mesmas. Este cruzamento de fontes resultou numa visão mais aprofundada da real disposição das salas e consequentemente de uma maior aproximação da realidade vivida em 1892. No entanto,

²⁴ Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto, 2001, p.16.

²⁵ Halbwachs desenvolve o conceito de “memória colectiva” em 1925, e aplica-o no seio dos seus estudos de como famílias, grupos religiosos e classes sociais recordam determinados eventos. Desenvolve as suas teorias ao longo de três obras *Les cadres Sociaux de la Mémoire* (1925), *La topographie légendaire des Évangiles en Terre Sainte: Études de Mémoire Collective* (1941), *La Mémoire Collective* (1950). Nicolas Russell, “Collective Memory before and after Halbwachs”, *The French Review*, Vol. 79, N.º 4, 2006, pp. 792-804.

²⁶ Anna Green, «Individual remembering and “collective memory”: theoretical presuppositions and contemporary debates», *Oral History*, Vol. 32, N.º 2 - Memory and Society, 2004, p. 37.

²⁷ Alon Confino «Collective Memory and Cultural History: Problems of method», *American Historical Review*, Vol.102, N.º 5, 1997, p. 1386.

a nossa visão do acontecimento ficou dependente, durante vários meses, de uma memória parcial cristalizada numa planta que considerávamos totalmente fiável, mas que no fim apenas apresentava uma verdade parcial. Percorrer um centenário é percorrer a memória pública, estudá-lo é questionar o nosso processo de memória e de esquecimento. Não se pode evitar por completo a contaminação das nossas interpretações, mas podemos limitá-las ao mínimo. É desta necessidade de utilização metódica das fontes que surge uma dupla possibilidade de estudo das exposições universais e dos centenários. Como nos indica Lisa Munro²⁸, pode-se optar por uma abordagem *top-down* que está ligada com o estudo destes eventos numa perspectiva organizacional e institucional, em que se tornam objecto do nosso estudo as participações oficiais, a análise de discursos nacionais, etc.; ou podemos proceder a uma abordagem *down-top*, mais direccionada para os trabalhos de sociólogos e antropólogos, onde as memórias na primeira pessoa e a colocação do Eu face ao outro e ao Nós, se apresentam como os principais focos de atenção por parte de quem estuda estas festas cívicas.

Na presente dissertação aplicamos uma abordagem *top-down*, já que o nosso objecto de estudo é a participação portuguesa no IV Centenário e visto dedicarmos quase exclusivamente o nosso olhar para a componente oficial da representação portuguesa. Outro factor decisivo para a utilização desta metodologia é a natureza das fontes que temos acessíveis, sendo a sua maioria oriunda de literatura oficiosa do IV Centenário, das comissões participantes e dos elementos de cada comissão. Porém, gostaríamos que, com a realização deste estudo, fosse possível criar uma base de conhecimento da participação portuguesa no IV Centenário que permitisse em anos posteriores a sustentação de uma nova investigação, desta feita numa perspectiva *down-top*.

A nossa dissertação divide-se em três partes, sendo a primeira dedicada ao contexto histórico do IV Centenário, dando especial ênfase à situação da Península Ibérica nos anos anteriores a 1892, será ainda abordada a criação da comissão portuguesa e os aspectos referentes aos preparativos da participação portuguesa no IV Centenário, desde a escolha das personalidades que iriam representar a comissão oficial de Portugal, até à análise dos trabalhos preparatórios e à construção de um discurso nacional. Na segunda parte, focamos a nossa atenção nas celebrações, conferindo

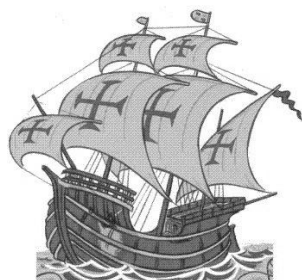
²⁸ Lisa Munro, *op. cit.*, pp. 83-86.

especial ênfase ao desempenho português nestes eventos, analisando a sua participação nas festividades de Génova, Huelva e Madrid. Demos, ainda, destaque à presença dos monarcas portugueses em terras castelhanas e à forma como os periódicos nacionais e estrangeiros retrataram a participação portuguesa no IV Centenário. A última parte do estudo, incidiu sobre as publicações da comissão portuguesa com o objectivo de analisar o seu impacto na época e identificarmos críticos e apoiantes da pertinência dessas obras.

No que diz respeito à bibliografia e fontes, o seu número é considerável, sobretudo no que diz respeito às fontes, pois a ausência de trabalhos de fundo sobre as festividades colombinas, levaram-nos a uma extensa consulta de publicações contemporâneas, de periódicos nacionais e estrangeiros e de um *corpus* manuscrito avultado. Dos anexos fazem parte materiais iconográficos, transcrições de documentos e um gráfico. Todas as transcrições presentes nesta dissertação apresentam-se na sua forma original, tal como figuram nos documentos.

No alvorecer do IV Centenário

Primeira Parte



1. Contexto histórico do IV Centenário

«We are all the direct descendants of Columbus,
it is with him that our genealogy begins,
insofar as the word beginning has a meaning.»²⁹

Tzvetan Todorov

Todos os actos, voluntários ou involuntários, são consequentes, isto é, a realização de uma acção altera o presente e naturalmente o futuro individual e colectivo. Um desses actos, capazes de modificar todo o futuro e o presente que lhe foi contemporâneo, foi protagonizado por Cristóvão Colombo, através do descobrimento de um novo continente. Tal como Todorov menciona, somos todos descendentes de Colombo. Embora as consequências do seu acto se apresentem como uma evolução do conhecimento do Homem em relação ao seu meio envolvente, trouxeram consigo consequências, particularmente no que diz respeito ao tratamento do outro, deixando cicatrizes profundas em todos os intervenientes, mas sobretudo nas populações indígenas.

Passados quatro séculos desde o descobrimento da América, o mundo mudara drasticamente devido, em grande parte, à divulgação de conhecimento mútuo entre Novo e Velho Mundo. Porém, as cicatrizes permaneceriam e permanecem. Assim, quando se convocou a memória de Colombo para assinalar o IV Centenário do seu maior feito, invocou-se também, ainda que inconscientemente, o terror e a alegria, a injustiça e os sentimentos nacionalistas. A comemoração de um acontecimento é indissociável das consequências do mesmo, e esse facto é uma peça chave para a compreensão dos discursos nacionais elaborados em torno do IV Centenário.

Nos próximos parágrafos iremos debruçar-nos sobre alguns acontecimentos do século XIX, tendo como objectivo contextualizar os festejos colombinos na realidade global do seu tempo. Para esse efeito, dividimos a nossa observação em três grupos: Novo Mundo, Velho Mundo e a Península Ibérica no alvorecer do IV Centenário.

²⁹ Tzvetan Todorov, *The conquest of America. The question of the other*, Norman, University of Oklahoma Press, 1999, p. 5.

O Novo Mundo

O continente americano virá, durante os finais do século XVIII e o século XIX, a alcançar a sua independência política. Todavia, outras formas de autonomia, como a cultural e a económica, não passariam de pontos distantes, desejos utópicos e jamais alcançados, a não ser por algumas nações. Para a maioria dos americanistas, o processo independentista da América possuiu três pontos distintos. O primeiro correspondente à independência das treze colónias americanas³⁰, seguido por um segundo ponto onde se destacaram as independências da maioria das antigas colónias ibero-americanas. Por último, já em finais do século XIX, completou-se o processo, com a independência de Cuba. No entanto, para esta dissertação apenas serão tidas em conta as duas primeiras etapas anteriormente expostas, devido ao seu período cronológico e subsequente influência nas celebrações do IV Centenário.

Os Estados Unidos da América desde cedo conseguiram ganhar destaque no panorama mundial e sobretudo uma influência sobre muitas outras colónias, que ainda estavam sobre o jugo dos Impérios de Portugal e de Espanha³¹. Na verdade, a historiografia, sobretudo a espanhola e a anglo-saxónica, salientam, na maioria das vezes, dois conjuntos de causas, as externas e as internas³², que levaram ao processo de autonomia, dando uma maior ênfase à influência promovida pelos Estados Unidos da América, em detrimento de outras potenciais influências externas.

Salientamos o processo de independência sobretudo por dois motivos. Em primeiro lugar, pelo despertar para uma visão global, maioritariamente de carácter económico, ou seja, a entrada em cena de novas personagens no jogo económico

³⁰ A 4 de Julho de 1776, conclui-se o documento referente à declaração de independência dos treze estados dos Estados Unidos da América, mas a sua proclamação oficial aconteceu a 8 de Julho do mesmo ano, em várias cidades dos treze estados norte americanos. Veja-se Dumas Malone, Hirst Milhollen e Milton Kaplan, *The Story of the Declaration of Independence*, Bicentennial Edition, Oxford, Oxford University Press, 1975, pp. 79-80.

³¹ Merle E. Simmons, *La Revolución Norteamericana en la Independencia de Hispano América*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992, pp. 109-135 (a primeira edição data de 1922, sendo esta uma reedição para efeitos comemorativos do V Centenário do Descobrimento da América).

³² Tradicionalmente, a historiografia tem vindo a considerar como principais causas externas as invasões napoleónicas, assim como a influência dos Estados Unidos da América e dos ideais liberais. No aspecto interno, o descontentamento de alguns grupos sociais, aliado a um desejo de livre negociação das colónias com outros estados que não a metrópole, mais a crescente influência das elites crioulas, são considerados como causas fulcrais para o processo de independência de algumas regiões da América Central e do Sul. Veja-se Catherine Davies, Claire Brewster e Hilary Owen, *South American Independence: Gender, Politics, Text*, Chicago, University of Chicago Press, 2012; John Lynch «The origins of Spanish American independence», *The Independence of Latin America: Independence of Latin America*, edição de Leslie Bethell, Cambridge, Cambridge University Press, 1987, pp. 1-48.

mundial, o que vai levar a uma necessidade de aumento da capacidade diplomática, sobretudo através de um incentivo à imigração. Uma vez que era necessário ocupar cada vez mais regiões do continente americano tirando, assim, proveito dos seus vários recursos. Para além disso, a imigração possibilitava o aumento do motor económico interno, gerando assim mais riqueza e consequentemente uma maior capacidade de atracção de investimento externo e crescimento interno³³.

Em segundo lugar, o processo de independência traz consigo uma outra questão, a identidade. Já que não se imagina um processo de nascimento de uma Nação sem que esta consiga agregar factores de união identitária. As elites crioulas souberam lidar com esta circunstância da melhor forma, apelando ao orgulho pré-hispânico³⁴. Este discurso levou a que várias comunidades de origem indígena se colocassem ao seu lado. A identificação com velhos heróis da resistência colonial acarretava, nestas revoluções, um duplo sentido. Por um lado, o orgulho no seu passado de resistência e, por outro, o despertar de uma identidade nacional.

Após a independência, a necessidade de construção de uma nova história ou de uma história onde a colonização não passasse de uma etapa bloqueadora de uma identidade originária, levou a que se intensificassem os estudos em torno do passado pré-hispânico, procedendo-se a várias escavações arqueológicas, construção de museus, gabinetes de colecções, etc. No entanto, é interessante verificar que ao invés de existir uma espécie de protecção cultural, verificava-se uma abertura aos eruditos e académicos estrangeiros³⁵ que rumavam a estas regiões em busca do passado de glória das comunidades pré-hispânicas.

³³ Túlio Donghi dedica alguma atenção a estes aspectos económicos e à importância que as nações estrangeiras possuíam durante os anos de 1825 e 1850 em algumas partes da América Latina, mas também como influenciaram o crescimento económico, potenciando ao mesmo tempo a formação dos recursos humanos face à introdução de novas tecnologias. Vide Túlio Halperin Donghi, *Histoire Contemporanaine de L'Amérique Latine*, Paris, Payot, 1972, pp. 94-100.

³⁴ A criação de uma identidade nacional na América Latina foi conduzida maioritariamente pelas elites crioulas. Focando-se no passado indígena, assumiam as tradições pré-colombianas como base para uma identidade nacional. Um dos exemplos mais estudados é o do México e o conceito criado propositadamente para se compreender este fenómeno: o termo *aztecism*. Este define o processo pelo qual os crioulos mexicanos se apropriaram do passado mexicano para propósitos de uma identidade nacional e cultural, abrindo um precedente para outras nações na América Central. Alguns autores consideram que existem duas fases, uma em finais do século XVIII e outra já no século XIX. Vide John Leddy Phelan, «Neo-Aztecism in the Eighteenth Century and the Genesis of Mexican Nationalism», *Culture in History: Essays in Honor of Paul Radin*, edição de Stanley Diamond, New York, Columbia University Press, 1960, pp. 760-770; Anthony Smith «The “Golden Age” and National Renewal», *Myths and Nationhood*, edição de Geoffrey Hosking e George Schopfiin, London, C. Hurst & Co. Publishers Ltd., 1997, p. 43.

³⁵ O redescobrimto das culturas pré-colombianas teve o seu grande impulso no século XIX que, em grande medida, se deveu à expedição de Alexander Von Humboldt ao continente americano (1799-1804).

Estas novas nações tinham, também, necessidade de se assumirem no panorama mundial e as comemorações dos centenários, assim como as exposições universais, mostravam-se como oportunidades para se projectarem no panorama político, económico, social e artístico mundial. Esta redescoberta da América vai ser fundamental para compreendermos o IV Centenário em todo o seu significado. Um factor revelador da importância alcançada por estas novas comunidades, depois de cerca de um século de independência, está na acérrima disputa para a realização das festividades comemorativas do feito de Cristóvão Colombo, tendo o Velho e o Novo Mundo disputado entre si tal evento. Mais à frente veremos como se resolveu esta questão. Entretanto, propomos uma visita ao Velho Continente para observação das realidades europeias que influenciaram e condicionaram a participação de alguns países no IV Centenário. Mas antes deve-se, ainda, salientar a ausência de uma comissão brasileira nas comemorações realizadas em Madrid. Qual a razão desta ausência? Parece-nos se deveu, sobretudo, a questões internas, nomeadamente à proclamação da República em Novembro de 1889 e aos complexos acontecimentos dos anos seguintes³⁶. Cremos quem, para além dos acontecimentos referidos, a ausência do Brasil pode, também, estar relacionada, em parte, com a situação tensa que este país possuía com as suas nações fronteiriças.

Não possuímos muitas informações acerca dos eventuais convites, nem do possível interesse da presença do Brasil nas comemorações colombianas. Sabemos apenas que, no caso da comemoração da exposição universal de Chicago em 1893, estiveram presentes alguns representantes brasileiros³⁷. A esta informação adiciona-se o

A estadia deste erudito no Novo Mundo estimulou a realização de estudos sobre os novos achados arqueológicos e a procura de fontes indígenas nas bibliotecas e arquivos europeus. No entanto, foi a presença de John Lloyd Stephens e Frederick Cartherwood em terras da América Central que maior impacto teve junto da maioria da população ocidental. Devemos ainda salientar que o olhar sobre as antigas comunidades ameríndias foi um tema explorado durante as várias exposições universais do século XIX, e sobretudo no IV Centenário do Descobrimento da América. Vide Miguel Pimenta-Silva, «Os Antigos Maias no Pensamento Ocidental. Entre factos e mitos», *Cadmo*, 22 [no prelo]; Erica Segre, *Intersecting Identities: Strategies of Visualisation in 19th and 20th Century Mexico*, [s.l.], Berghahn Books, 2007, pp. 5-58.

³⁶ Deste complexo número de acontecimentos, destaca-se a crise financeira de 1890. Vide Pedro Calmon, *História do Brasil. Século XX. A República e o Desenvolvimento Nacional*, Vol. VI, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1959, pp. 1893-1943.

³⁷ Vide Marcos da Cunha Lopes Virmond e outros, «Carlos Gomes e a Exposição Colombiana Universal», *XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM)*, Salvador, 2008, página da Internet http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM374%20-%20Virmond%20et%20al.pdf (consultada em 12 de Janeiro de 2012). Alerta-se o leitor para a necessidade da leitura de Lenita W. M. Nogueira, «Música e Política: o caso de Carlos Gomes», *Anais do*

facto de a ausência do Brasil no IV Centenário nunca ter sido mencionada ou debatida pela comissão portuguesa, ou se existiram essas conversas, não foram registadas nas fontes que hoje possuímos. Ora estas informações trazem mais interrogações do que respostas, assim sendo, devemos reconhecer que estamos perante um fosso de conhecimento, que poderá, possivelmente, vir a ser colmatado no futuro pelas novas gerações de investigadores. No entanto, quisemos deixar aqui a referência à ausência nos festejos do IV Centenário da única nação representante da língua portuguesa no continente americano.

O Velho Mundo

Durante o século XIX as nações europeias reconfiguraram-se, uniram-se ou separaram-se. Estas modificações internas trouxeram consigo uma mudança no desenho geopolítico europeu e que consequentemente teve uma influência mundial. Observemos mais de perto as alterações que ocorreram, com o objectivo de procurar uma contextualização para o objecto de estudo deste trabalho.

Na Europa dos inícios do século XIX, alguns países destacavam-se por possuírem um vasto conjunto de territórios coloniais, Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda. Com os processos de independência de algumas regiões da América, portugueses e espanhóis viram os seus impérios perderem territórios e, consequentemente, viram-se desprovidos de uma série de matérias-primas oriundas dessas regiões, o que levou a uma readaptação das economias nacionais.

Em 1870 a Inglaterra é uma das nações com agilidade a nível das relações internacionais, isto para além do seu domínio político, económico e cultural. Os outros estados europeus encontravam-se um pouco mais atrás, com os franceses a terem dificuldades com a fundação de um império, e com as restantes potências europeias, mais envolvidas em questões internas. Porém, a maioria das nações europeia não escondia as suas aspirações expansionistas no que dizia respeito ao continente africano. Deve-se ainda salientar o crescimento da Alemanha, que sobretudo após as vitórias sobre a Áustria e a França vê aumentada a sua força interna e um respeito externo, sobretudo através da figura do Chanceler Bismark.

XV Congresso da ANPPOM, Vol. 1, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, pp. 244-249, para uma melhor compreensão do contexto e da figura histórica de Carlos Gomes.

O desejo expansionista das nações europeias, que tinham acima de tudo intenções económicas³⁸, fez com que, na segunda metade do século XIX, existisse na Europa um sentimento de tensão, que se ficou a dever, em muito, às dificuldades de negociações na partilha de África. Em Portugal a questão das colónias suscitava diversas discussões, chegando até a existir algumas linhas de pensamento que defendiam a venda de colónias³⁹. No ano de 1884 realiza-se, em Berlim, um encontro que visa a resolução dos problemas referente à partilha de África⁴⁰: a Conferência de Berlim⁴¹. Deste, Portugal saiu como o maior derrotado que não conseguiu fazer vingar os seus direitos históricos. Contudo, em 1886 e 1887, Portugal assina dois acordos com a França e a Alemanha, com o objectivo de delimitar e ocupar aquilo que viriam a ser as possessões possíveis após a Conferência de Berlim.

As pretensões portuguesas consistiam em ligar Angola a Moçambique; contudo, existia um obstáculo ao desejo português, já que o Reino Unido não aceitava as suas ambições, devido à sobreposição de interesses. Assim, no dia 11 de Janeiro de 1890, a Grã-Bretanha transmite a Portugal uma mensagem simples e clara – Portugal tem de abandonar as suas pretensões africanas, nomeadamente o mapa cor-de-rosa, ou sofre as consequências da sua escolha.

Portugal cede à pressão inglesa e, com essa atitude governamental, instala-se em Portugal um descontentamento geral, mas também uma certa coesão interna em termos de mentalidade nacionalista; segundo Nuno Severiano Teixeira, este *ultimatum* será um dos acontecimentos propulsionadores da instauração da República⁴².

³⁸ Vide Pierre Milza, *As relações internacionais de 1871 a 1914*, Lisboa, Edições 70, 1995, pp. 13-19.

³⁹ Vide Sérgio Campos Matos, «Propostas de Reorganização do Império Colonial Português nos Finais de Oitocentos: Debate acerca da venda das Colónias», *A definição dos espaços sociais, culturais e políticos no mundo ibero-atlântico (De finais do século XVIII até hoje)*, coordenação de Maria da Graça Ventura, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 132-151.

⁴⁰ Veja-se Amadeu Carvalho Homem, «Memória sobre as causas do Ultimato Inglês de 1890», *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Vol. LXI – 3.º Parte da Miscelânea em Honra de Fernandes Martins, Coimbra, 1985, pp. 453-471.

⁴¹ A Conferência de Berlim decorreu na cidade que lhe deu o nome nos anos de 1884-85. Esta consagrou o princípio da ocupação efectiva dos territórios coloniais e liberdade de comércio na bacia convencional do Congo. Vide Stig Forster e outros, *Bismarck, Europe, and Africa: The Berlin Africa Conference 1884–1885 and the Onset of Partition*, Oxford, Oxford University Press, 1989.

⁴² Veja-se Nuno Severiano Teixeira, «Política Externa e Política Interna no Portugal de 1890: o Ultimatum Inglês», *Análise Social*, Vol. XXIII, N.º 98, Lisboa, 1987, p. 718.

A Península Ibérica no alvorecer do IV Centenário

Para se compreender a participação portuguesa no IV Centenário e a construção do seu discurso, é necessário revisitar Portugal no alvorecer do evento que comemorava o descobrimento do Novo Mundo. Assim, temos de recuar até ao início da década de 70 do século XIX, já que os primeiros anos dessa década vão ser fundamentais para a construção pessoal de algumas figuras que vão estar directamente envolvidas na representação portuguesa nas comemorações colombinas, nomeadamente Teófilo Braga, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão. É nesta fase que estas personagens ganham um carácter mediático, fruto das suas intervenções públicas, e que a médio prazo se reflectiram numa mudança cultural portuguesa⁴³. Ainda dentro da década de setenta devemos salientar mais dois acontecimentos: a criação da Sociedade de Geografia de Lisboa⁴⁴; e a missão diplomática do Visconde de São Januário à América Central e do Sul⁴⁵. Foi ainda durante esta década que se preparou o festejo do Tricentenário de Camões que se realizou em 1880. Este acontecimento vai marcar o início de uma «era» no que diz respeito à religiosidade cívica de Portugal⁴⁶.

⁴³ Os dois grandes contributos da revolução cultural protagonizada pela «Geração de 70» foram a reorientação historiográfica para um «*período mais complexo da história de Portugal, isto é o período das Descobertas*» e o seu contributo para uma transformação da ideologia política. Vide Álvaro Manuel Machado, *A Geração de 70. Uma Revolução Cultural e Literária*, 4.^a edição revista e aumentada, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 16-17.

⁴⁴ Fundada em 1875, a Sociedade de Geografia de Lisboa surgiu no contexto nacional num período onde a expansão europeia ganhava uma maior preponderância dentro das estratégias políticas. J. Amado Mendes chamou a atenção para as ligeiras alterações que ocorreram ao longo do século XIX nos objectivos apresentados pela Sociedade. Veja-se José Amado Mendes, «Desenvolvimento e estruturação da historiografia portuguesa», *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX*, coordenação de Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 177-180.

⁴⁵ Januário Correia de Almeida (1829-1901) foi nomeado, em 1878, como diplomata para as nações centro e sul-americanas. Este cargo levou-o até ao Novo Mundo com o objectivo de estabelecer um conjunto de acordos diplomáticos e comerciais com as novas nações latino-americanas. Resultaram desses contactos, para além de uma série de acordos diplomáticos, a oferta de inúmeros artefactos que hoje em dia podem ser visualizados no Museu Arqueológico do Carmo. Em 1880, quando estes artefactos foram expostos, tiveram a capacidade de fascinar os visitantes. A importância desta colecção para o contexto nacional é vital, tratou-se da primeira colecção de artefactos pré-colombianos oriundos da América espanhola a estar presente num museu em Portugal. Embora hoje se saiba que alguns destes objectos são falsificações: na época, fruto do desconhecimento e da falta de especialistas em Portugal de tais temáticas, foram consideradas verdadeiras e foram levadas a Madrid para serem expostas nas comemorações do IV Centenário. Vide [Januário Correia de Almeida], *Missão do Visconde de San Januário nas repúblicas da América do Sul 1878 e 1879*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.

⁴⁶ A importância dos festejos de cariz cívico da celebração de Camões possui uma complexa conexão entre factores internos e externos, acompanhados de uma elevada influência das «*elites cultas europeias*» e ao mesmo tempo um resultado de novas aspirações ideológicas. Veja-se Fernando Catroga, «Ritualizações da História», *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX*, coordenação de Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 551-555.

É impossível dissociar o festejo e o impacto deste na sociedade portuguesa da época, sem mencionar a importância que a opinião pública⁴⁷ assumiu nesse evento, em grande medida, devido ao seu crescente poder na sociedade portuguesa, mas também pelo facto de muitos dos participantes da comissão executiva estarem em alguma medida associados às publicações periódicas. No entanto, para o presente estudo, importa salientar o carácter pioneiro do Tricentenário, sendo hoje reconhecida a sua importância para uma nova etapa da vida cívica portuguesa.

Ainda em relação ao Tricentenário de Camões importa destacar a participação de figuras como: Manuel Pinheiro Chagas, Teixeira de Aragão, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, entre outros nomes que mais tarde também vão estar associados à representação portuguesa no IV Centenário.

A par do crescente interesse em África, que levou à Conferência de Berlim e a sucessivas expedições pelos territórios africanos, verificou-se em Portugal uma gradação das temáticas antropológicas estimulada pelo sucesso que estavam a fazer nas academias e em sociedades espalhadas pelo mundo ocidental, mas também pela realização do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica realizado em Lisboa em 1880. A estes acontecimentos agrega-se a criação das disciplinas de Paleontologia Humana, Arqueologia Pré-Histórica e Antropologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por sugestão de Bernardino Machado.

No entanto, foram as disputas em torno de África que acabariam por marcar a segunda metade da década de oitenta. A inflexibilidade de Inglaterra no reconhecimento do Mapa Cor-de-Rosa culminou no já referido *ultimatum* inglês. Este acontecimento marcou de tal forma os portugueses e sobretudo as elites culturais, que a tristeza associada a esse facto iria perdurar durante algum tempo, deixando marcas visíveis na sociedade portuguesa da época.

Ora, de uma forma geral, acreditamos que o Tricentenário de Camões, o desenvolvimento da opinião pública em Portugal, as participações em exposições universais, o crescente interesse nas questões antropológicas e o *ultimatum*, irão influenciar a presença portuguesa no IV Centenário e consequentemente a criação de um discurso nacional. Veremos, em seguida, como Portugal e Espanha encararam a realização de um acontecimento comemorativo de larga escala.

⁴⁷ Vide Maria Isabel João, «Comemorações e mitos da expansão», *História da Expansão Portuguesa*, coordenação de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, Vol. 4 – Do Brasil para África (1808-1930), Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 407.

Apenas em 1888 se começou a pensar, de forma séria, na celebração do centenário do feito de Colombo, embora já antes, em Espanha, existissem grupos que defendiam a celebração do acontecimento⁴⁸. Assim, foi criada nesse ano uma comissão oficial responsável pela organização do evento⁴⁹. Suspeita-se que o seu surgimento possa ter sido pressionado por movimentações norte-americanas que também preparavam uma comemoração relativa à chegada de Colombo à América⁵⁰. A ideia inicial de 1888 aproximava-se mais de uma exposição universal a ser realizada em Madrid, do que de um conjunto de festividades, comemorando o descobrimento da América. Durante o mesmo ano, o tema da realização do centenário esteve na ordem do dia no parlamento português, isto porque um decreto espanhol fazia menção a uma organização em parceria do centenário, em que Portugal e Espanha convidavam as outras nações a participar no evento. Ora, tal situação levou a que várias vezes se

⁴⁸ Vide Salvador Bernabéu Albert, 1892: *El IV Centenario del descubrimiento de America en España*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987, pp. 34-37.

⁴⁹ No ano de 1888 existiram algumas vozes dentro da Câmara dos Pares do Reino que chamaram a atenção para uma gralha que constava no decreto publicado pelo governo espanhol. Apresenta-se em seguida alguns excertos demonstrativos dessas discussões que ecoavam na Câmara: «Por parte do governo português tem-se procedido da mesma forma para com o governo hespanhol, e ainda não ha muito que fomos convidados a celebrar com a Hespanha o centenario de Colombo, e immediatamente o governo portuguez respondeu que ali se faria representar.»; O sr. Thomás Ribeiro: «Sr. presidente, não quero fazer-me echo das notícias que nos transmittem os jornaes; mas realmente não sei quaes foram os motivos que levaram o ministro dos negocios estrangeiros do reino vizinho a dizer-nos uma cousa desagradavel; e estranho ou preocupa-me tanto mais o facto, quanto é certo que, ainda ha pouco tempo, quando se tratou da festa anniversaria em honra de Colombo, fomos instados, segundo o que a imprensa disse, a fazermos parte dos convidados a essa festa, tão cordiaes eram então as relações que entrelinhamos com o governo hespanhol, e tanta era a fraternidade que voejava nas espheras dos dois governos.» Vide *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, sessão de 11 de Junho de 1888, p. 970; «E ainda ha pouco tive disso uma prova, por ocasião do se levantar aqui discussão na imprensa e no parlamento ácerca dos termos em que fora redigido o decreto que mandava celebrar o centenario de Colombo, e do qual parecia inferir-se que Portugal e Hespanha convidaram simultaneamente para Madrid as diversas nações da America, factoeste que o governo portuguez ignorava, e portanto não podia ter auctorisado. Por essa ocasião, repito, dirigi-me ao representante do governo hespanhol, pedindo lhe a prompta rectificação. Accedeu logo o governo hespanhol, não duvidando publicar nova edição do decreto, em que os factos eram narrados segundo a sua inteira verdade.» Vide *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, sessão de 12 de Junho de 1888, pp. 995-996.

⁵⁰ Sabemos através dos estudos efectuados até ao momento, que a ideia inicial do formato da comemoração do Centenário do Descobrimento da América era a de uma exposição universal. No entanto, esse objectivo alterou-se com o tempo, passando apenas a ambicionar um conjunto pequeno de exposições em Madrid e alguns eventos comemorativos em outras partes de Espanha, como seria o caso das festividades de Cádiz, de onde partiriam três réplicas das embarcações lideradas por Cristóvão Colombo. Os Estados Unidos por seu lado, pretendiam assinalar o evento que deu a conhecer o Novo Mundo ao Velho Mundo, e depois de vários debates decidiu-se que seria a cidade de Chicago a acolher a exposição universal de 1893, onde o foco está maioritariamente assente nos aspectos industriais ficando os temas históricos para um segundo plano. Veja-se Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, p. 37.

levantassem para pedir que o governo espanhol emendasse o decreto, uma vez que Portugal não convidava, mas sim era convidado. Não tardou que se emendasse o decreto.

A maioria dos periódicos espanhóis analisados assumia uma postura de incentivo para que se apressassem os preparativos para a realização do IV Centenário. Esta postura de entusiasmo contrastava com as notícias que circulavam nos periódicos portugueses, onde as questões políticas internas e externas dominavam as suas páginas, passando ao lado as notícias referentes ao projecto de comemoração da chegada de Colombo à América.

Com a mudança de governo em Espanha, em 1890, quando Cánovas del Castillo⁵¹, representante das aspirações conservadoras, sobe ao poder, é retomado com um novo fulgor os preparativos para o centenário, criando-se uma *junta* em 1891⁵². Uma das primeiras ideias da *Junta del Centenário* foi a formação de um luxuoso livro de três ou quatro tomos, com o objectivo de descrever e conservar as memórias das festividades e eventos associados a estas⁵³.

O empenho com que o novo governo promove os preparativos, faz-nos suspeitar da existência de uma influência por parte da sociedade intelectual espanhola, a qual pressionava o governo através dos periódicos. Uma outra leitura plausível, sugerida por Salvador Bernabéu Albert, é a questão nacionalista⁵⁴, bastante acentuada e visível no partido que tomara o poder em 1890.

À semelhança de Portugal, também em Espanha se fazia sentir uma profunda crise económica⁵⁵. A nível interno, a estabilidade política espanhola não estava melhor, apenas algumas dezenas de meses após a chegada ao poder dos conservadores, os

⁵¹ Consagrado por muitos como um dos maiores estadistas do século XIX espanhol, António Cánovas del Castillo (1828-1897) foi um erudito, fascinado pela história de Espanha, e consequentemente pela história como mestra da vida e justificadora do presente. Assim, não é de estranhar que Cánovas del Castillo visse o IV Centenário com um olhar saudosista e como uma oportunidade de exaltar o período dos descobrimentos espanhóis. Vide Diego Sevilla, *Historia Política de España 1800-1973*, Vol. I, segunda edición, Madrid, Editora Nacional, 1974, pp. 335-341.

⁵² Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, pp. 153-156.

⁵³ Esta ideia materializou-se na forma de um periódico que se publicou entre os anos de 1892 e 1893, tendo como nome *El Centenário*, e editado em Madrid pela Tipografía de «El Progreso Editorial». Mais adiante neste estudo iremos abordar mais detalhadamente este periódico e reflectiremos sobre a sua importância para a divulgação científica da época.

⁵⁴ Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, pp. 47-51.

⁵⁵ Vide José María Serrano Sanz, *El Viraje Proteccionista en la Restauración. La Política Comercial Española, 1875-1895*, Madrid, Siglo XXI de España Editores 1987, pp. 143-158; Veja-se também Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, p. 304.

liberais alcançaram novamente o governo antes do final de 1892⁵⁶. A sociedade espanhola estava sob um pessimismo social. Ideologicamente o positivismo e o nacionalismo vão ganhar um lugar de destaque na Espanha de 1892, acompanhados pelos ideais de iberismo e de *Raza Latina*⁵⁷. A importância dada a esta última é visível em vários discursos efectuados no decorrer dos diversos congressos.

2. Concepção e organização da comissão portuguesa no IV Centenário

2.1. O papel de Oliveira Martins

Quando em 1891, no Ateneu de Madrid, Oliveira Martins proferiu as últimas palavras do seu discurso⁵⁸, exprimiu-se para além do ser singular. Naquele momento, tornou-se a voz de uma nação, a voz de Portugal, ainda ferida no seu orgulho devido ao *ultimatum*. Que importância possui tal discurso no seu tempo? Em que medida o

⁵⁶ Antes de 1890, os liberais tinham formado governo e mantido o mesmo desde de 1885-1890, sendo que o seu final fica associado com alguns casos de corrupção, levando à queda do governo comandado por Práxedes Mariano Mateo Sagasta; iniciava-se então um novo período político em Espanha. Desta forma, desde 1890 passou-se a verificar um sistema de rotação, onde os partidos mais importantes se iam reveessando no poder a cada dois anos. Assim, o governo conservador de Antonio Cánovas del Castillo esteve no poder por duas vezes, 1890-1892 e 1895-1897. No entanto, no intervalo de tempo decorrido entre Dezembro de 1892 e Março de 1895, foram os liberais que assumiram o poder, liderados por Sagasta. Vide Maria Dolores Elizalde Pérez-Gruesco, «La restauración, 1875-1902», *Historia Política de España 1875-1939*, coordinación de Juan Avilés Farré, Maria Dolores Elizalde Pérez-Gruesco e Susana Sueiro Seoane, Madrid, Istmo, 2002, pp. 77-100.

⁵⁷ As principais diferenças entre estes dois ideais, estão sobretudo na geografia do conceito. Se por um lado o iberismo diz respeito às nações portuguesa e espanhola, o termo *raza latina* foi usado como elo de ligação entre a Europa e a América Central e do Sul. Também os conceitos, na sua essência, são diferentes. Embora passíveis de serem utilizados em conjunto. O iberismo apresenta-se-se como uma teoria que assume várias formas, dependendo de como o indivíduo gere as suas expectativas face ao conceito. Assim, pode variar desde um iberismo cultural, sem qualquer desejo político, até a uma forma política e territorial. Vide Sérgio Campos Matos, *Iberismo e identidade nacional (1851-1910)*, [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 2006; idem, «Conceitos de iberismo em Portugal», *Revista de História das Ideias*, Vol. 28, 2007, pp. 169-193. *Raza latina* não passava de um conceito utilizado sobretudo numa perspectiva de propaganda de aproximação entre antigas colónias e antigos colonizadores, o qual teve o seu expoente máximo nos finais do século XIX e inícios do século XX, tratando-se de um nacionalismo transfronteiriço, sem qualquer ambição política. No âmbito deste conceito aconselhamos a leitura de Julian Pitt-Rivers, «Race in Latin America: The Concept of “Raza”», *Archives Européennes de Sociologie*, 14, 1973, pp. 3-31.

⁵⁸ Em 1891 realizou-se no Ateneu de Madrid um ciclo de conferências que visava promover os festejos que se iam realizar na mesma cidade, no ano seguinte. As apresentações decorreram de Fevereiro a Maio de 1891 nas instalações do Ateneu e tinham como objectivo a apresentação de comunicações referentes ao continente Americano. As temáticas seriam variadas, visando desde os antecedentes do seu descobrimento até aos finais do período colonial, passando por temas relacionados com as civilizações pré-hispânicas e pela estrutura administrativa colonial. Devido à variedade de temas dividiu-se os oradores em cinco grupos. A comunicação de Oliveira Martins teve lugar no dia 24 de Fevereiro e intitulou-se *Navegación y descubrimientos de los portugueses anteriores a la llegada de Colón*. A sua memória ficou perpetuada em algumas publicações, das quais destacamos a versão presente em [Joaquim Pedro de] Oliveira Martins, *Portugal nos Mares*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, pp. 216-247.

discurso de Oliveira Martins está relacionado com a proposta de formação de uma comissão representativa de Portugal nas comemorações do IV Centenário do Descobrimento da América?

Como já referimos, em 1888, é destacada uma comissão espanhola para a organização do IV Centenário. Portugal, país irmão nos descobrimentos e eterno companheiro na península, mereceu um lugar de destaque desde a primeira hora, como é visível nos documentos espanhóis oficiais do mesmo ano, dos quais apresentamos aqui um excerto:

«Y si bien nombrará para ello una Comisión con amplias facultades, entiende que hay algo de dicha solemnidad que debe dejarse a su cuidado, más no sin contar con Portugal, que infundió a España emulación y que le prestó auxilio con su escuela de Sagres, creadora de astrónomos y marinos, y con sus Gamas, Cabrales y Magallanes, que violaron los misterios del Océano, engrandecieron la noticia de las cosas creadas, rodeando el África, llegaron al extremo de Oriente y visitaron con nosotros las Islas del mar de Luz, circunnavegando el mundo en que vivimos.»⁵⁹

Mesmo após as mudanças políticas e a criação de uma junta responsável pela condução dos trabalhos, Portugal não foi esquecido, continuando a figurar como uma peça chave das comemorações⁶⁰. Todavia, o plano inicial de 1888, que já foi ao de leve referenciado no presente estudo, deu lugar a uma nova tipologia de festividades. Assim, as ideias associadas a uma grande exposição universal caíram por terra, modificando-se o conceito para uma exposição de objectos pré-colombinos e europeus.

Levantam-se, então, duas questões pertinentes. Como recebeu Portugal a notícia da realização das festividades e o convite subsequente da sua participação na mesma? E como preparou Portugal a sua representação no evento?

Com efeito, desde 1888 que Portugal sabia da preparação do evento. No entanto, os periódicos portugueses ficaram à margem de tais conversações, pelo menos até ao ano de 1892. As várias mudanças de governo em Portugal e em Espanha poderão, na nossa

⁵⁹ No apêndice documental, com a sinalização documento n.º 1, da obra de Salvador Bernabéu Albert, podemos visualizar na íntegra o *Preambulo y Reales Decretos creado la comisión de 1888*, mas infelizmente, por motivos de força maior, não nos foi possível a consulta do original. Assim utilizamos como nossa fonte o anexo mencionado anteriormente. Cf. Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, p. 153.

⁶⁰ Idem, *ibidem*, pp. 39-43.

leitura, ter levado a um adiamento dos preparativos do lado português. Não obstante, parece-nos que o frenesim em que o país entrou devido ao *ultimatum* prolongou ainda mais a tomada de decisão na criação de uma comissão portuguesa.

Assim, quando Oliveira Martins se apresenta no Ateneu de Madrid em 24 de Fevereiro de 1891, não existe ainda uma comissão oficial, e este facto poderá ter preocupado a junta espanhola, mas também o próprio Oliveira Martins. Uma das razões que nos leva a ponderar este estado de pressão quer por parte da delegação espanhola, quer pelo próprio erudito português, é o facto de este vir a ser o responsável pela proposta efectuada à Academia das Ciências de Lisboa para que esta se fizesse representar através de uma comissão no IV Centenário, uma vez que até a essa data não existia, por parte do governo português, qualquer palavra sobre o assunto.

O que terá levado, então, Oliveira Martins a apresentar a ideia da representação portuguesa à Academia das Ciências e não a nenhuma outra? Cremos que isso ocorreu devido à proximidade que o historiador possuía com esta Academia e o papel histórico que a mesma desempenhou no mundo intelectual português, onde teve o mérito de despertar um «novo espírito científico»⁶¹. Uma vez que as elites intelectuais olhavam para a Academia como um elemento agregador e divulgador do conhecimento, julgamos, assim, que Oliveira Martins compartilhasse dessa opinião. A união das elites intelectuais possibilitava o câmbio de informações entre os elementos da Academia. O estatuto da instituição permitia, por um lado funcionar como clube de elites e ao mesmo tempo como representante da cultura portuguesa. No entanto, possuía uma vasta «concorrência», em especial da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Segundo Maria Isabel João⁶², existiu uma disputa entre as instituições pela representação de Portugal nas comemorações do IV Centenário do Descobrimento da América⁶³. Coube à Academia das Ciências a honra de representar Portugal. Se

⁶¹ Cf. J. Amado Mendes, *op. cit.*, p. 174.

⁶² Maria Isabel João tornou-se ao longo dos anos numa das autoridades portuguesas para o estudo dos centenários, tendo participado em várias obras e dando o seu contributo nas áreas de comemorações e centenários. Para a presente nota de rodapé, vide Maria Isabel João, *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 65.

⁶³ O IV Centenário do Descobrimento da América por vezes assume outras designações, como por exemplo, Comemorações Colombinas, Centenário de Colombo, IV Centenário e até mesmo na sua forma mais conservadora pode assumir uma ligeira mudança, nomeadamente na palavra «descobrimento», a qual alguns autores substituem por «descoberta», aliás ambos os termos foram alvo de variadas discussões historiográficas. Para um estudo mais aprofundado dos termos ou por mera curiosidade intelectual, sugerimos a leitura de Armando Cortesão, «Descobrimento e Descobrimentos», n.º LXXII,

observarmos com atenção o contexto da época, verificamos que ambas possuíam capacidades semelhantes para representar Portugal. No entanto, a proximidade da Academia das Ciências com a coroa e o vasto número de académicos representantes de várias áreas do saber, poderão ter pesado na escolha final. Mas não é esta a versão apresentada por Joaquim de Araújo. Segundo ele, a Academia decidiu criar uma comissão após sugestão de Oliveira Martins, o qual apresentara como justificação a incapacidade do Estado na criação de uma comissão de representação de Portugal⁶⁴. No entanto, as investigações levadas a cabo neste estudo, apontam para a confirmação da ideia apresentada por Maria Isabel João. A Sociedade de Geografia de Lisboa não viu o seu pedido deferido e por isso optou por não se juntar à Academia das Ciências de Lisboa. Toda esta situação levou a que a Sociedade de Geografia de Lisboa, ponderasse com bastante tempo de antecedência (cerca de seis anos), a organização do Centenário da Índia a realizar em 1898.

É interessante verificar que num momento em que a Academia das Ciências de Lisboa era mencionada em vários periódicos nacionais e internacionais, existe uma notícia publicada no dia 30 de Novembro de 1892⁶⁵, dando conta de uma proposta efectuada pela Sociedade de Geografia de Lisboa para a realização do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia. Mais interessante é verificar que no dia 2 de Dezembro do mesmo ano⁶⁶, era dado como certa a realização futura do Centenário acima referido. Na nossa leitura, o pedido efectuado pela Sociedade de Geografia de Lisboa é nitidamente um acto de oposição «positiva» face à anterior escolha do governo. Veja-se que para Espanha o maior feito da época dos descobrimentos é a América, em contraste o de Portugal é o descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Tendo em conta que a representação portuguesa nas festividades comemorativas do IV Centenário do Descobrimento da América está a cargo da Academia das Ciências de Lisboa, logo a do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia deveria estar a cargo da Sociedade de Geografia de

secção de Coimbra, [Separata de *Garcia da Orta*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*], Número especial, 1972, pp. 191-200.

⁶⁴ Cf. Joaquim de Araújo, *A comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], p. 3.

⁶⁵ *Diário Ilustrado*, 30 de Novembro de 1892, p. 3.

⁶⁶ *Ibidem*, 2 de Dezembro de 1892, p. 3.

Lisboa⁶⁷. Assim, acreditamos que esta preferiu antecipar a proposta de realização do evento que, afinal de contas, teria uma maior visibilidade nacional do que o Centenário a ser realizado em 1892.

Através do artigo *A comissão Portuguesa da Exposição Colombina*⁶⁸, da autoria de Joaquim de Araújo, acedemos a algumas informações importantes acerca da organização da comissão. Todavia, quando o autor redige aquele texto apresenta, de uma forma resumida, algumas das intenções da comissão. No entanto, o que as actas da comissão mostram é uma realidade um pouco diferente. Julgamos que as actas possuem a capacidade reveladora do processo de preparação de um discurso português, o qual assentava numa base de coesão de ideias e sobretudo num meticuloso e cuidadoso plano de actividades a serem realizadas em torno do IV Centenário. É no fundo esta subtracção de expectativas e resultados finais que nos importa realçar. A compreensão da escolha de determinados assuntos em detrimento de outros, a escolha de alguns elementos para comporem a comissão e a interacção entre esses elementos e a nação, oferecem-nos a possibilidade de um melhor entendimento da participação portuguesa e o seu impacto no seu tempo e no campo dos estudos dos descobrimentos e da expansão.

De acordo com o que temos vindo a avançar neste estudo, Oliveira Martins parecia possuir algumas ideias bem trabalhadas, quando em 1891 se reuniu com os seus pares na Academia das Ciências de Lisboa⁶⁹ com o objectivo de apresentar uma proposta para a representação portuguesa no IV Centenário. Com efeito, tal acontecimento surge sucintamente descrito no artigo de Joaquim de Araújo, e as actas revelam mais do que uma mera aceitação da ideia pelos seus pares, trata-se de um verdadeiro espírito patriótico, onde os vários elementos presentes na sessão contribuem com ideias e sugestões⁷⁰. Este espírito patriótico fica totalmente revelado logo na

⁶⁷ Até porque desde o momento da sua criação, a Sociedade esteve ligada de forma muito próxima «em tudo o que se relacionasse com o Ultramar», aliás como foi comprovado por J. Amado Mendes. Assim, acreditamos que a escolha da Academia das Ciências de Lisboa como única representante oficial de Portugal nas comemorações de Madrid, pode ter provocado um enorme abalo dentro da Sociedade de Geografia de Lisboa, aguçando ainda mais a sua postura em relação a novos eventos relacionados com os grandes feitos ultramarinos. Veja-se José Amado Mendes, *op. cit.*, pp. 177-180.

⁶⁸ Joaquim de Araújo, *op. cit.*, pp. 3-4.

⁶⁹ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], 5 de Novembro de 1891.

⁷⁰ Das várias sugestões apresentadas existe uma referência que nos faz questionar sobre o pré-aviso da apresentação à Academia das Ciências de Lisboa de um pedido de constituição de uma comissão para representar Portugal no IV Centenário. Ora vejamos a afirmação: «O Senhor Rodrigues de Azevedo diz que procurou na Biblioteca os livros que existiam a respeito de Colombo; que eram mui[to] poucos e apenas um importante». Isto leva-nos a suspeitar de três possibilidades. Teria Rodrigues de Azevedo

primeira sessão oficial da comissão portuguesa como representante do estado português. Mesmo sem a participação de Oliveira Martins, que agora ocupava um cargo no governo⁷¹, os restantes elementos assumem uma postura pró-activa, mas maioritariamente assente nas ideias propostas pelo mesmo.

Na nossa leitura dos factos, este proeminente académico é o «Pai» da representação portuguesa, o verdadeiro arquitecto do plano de trabalhos. No entanto, a historiografia portuguesa raramente lhe deu esse destaque. Não mereceu o ilustre historiador o reconhecimento nacional? A verdade é que o nevoeiro que envolve o IV Centenário não permitiu à maioria dos historiadores o resgate destas informações e tendo em conta que não participou de forma activa na comissão, a sua ligação a esta tornou-se quase incipiente perante o tempo. Apenas uma análise cuidada ao Centenário e ao legado de Oliveira Martins, permitiu resgatar de um possível esquecimento o papel fundamental do académico para o sucesso da presença portuguesa em Madrid.

Porém, temos de colocar outra questão: qual a razão deste esquecimento nos vários textos de homenagem à sua pessoa após a sua morte? A resposta pode estar no desempenho das suas actividades como Ministro da Fazenda. Já que aceita este cargo no ano de 1892, não estando presente em nenhuma reunião após o apoio do governo à comissão. A sua ausência da comissão oficial não estaria planeada, pelo menos esta é a nossa convicção. O seu desempenho como ministro provocou uma má associação desse ano à sua figura, e consequentemente deixou uma marca nos seus contemporâneos e nas primeiras gerações que os sucederam. A sua possível influência dentro do governo teve por certo alguma preponderância nos valores atribuídos para os gastos da comissão e no apoio a esta em situações específicas, como verificaremos na segunda parte deste estudo.

levado a cabo tal pesquisa por interesse próprio, procurando este material para a realização de um trabalho seu; teria tido um contacto prévio com Oliveira Martins e este comunicara-lhe as suas intenções; ou teria sido informado formalmente, pela Academia das Ciências de Lisboa, da realização de uma sessão dedicada à apresentação de uma proposta relacionada com as festividades que se aproximavam. Não possuímos elementos suficientes para sustentar a escolha de uma dessas hipóteses, mas também se poderia dar o caso de as três hipóteses se terem realizado, pelo que preferimos expor aqui estas premissas aguardando que investigações futuras possam trazer respostas à questão aqui levantada. Vide B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 5 de Novembro de 1891.

⁷¹ Oliveira Martins foi por várias vezes contactado por D. Luís para assumir a pasta da Fazenda. Este resistiu sucessivamente a tais ofertas até que, finalmente, cedeu em 1892. Contudo, ficaria associado para sempre ao negro ano de 1892, embora só tenha estado em funções durante quatro meses, o suficiente para que Portugal, através da sua pessoa, anunciasse a bancarrota. Vide Guilherme de Oliveira Martins, *Oliveira Martins. Uma Biografia*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, pp. 197-209.

2.2. A organização da comissão representante de Portugal no IV Centenário

Como expusemos atrás, apenas em 1892 se criou o órgão representativo de Portugal nas festividades a terem lugar em Madrid. Após a aceitação da proposta de Oliveira Martins por parte da Academia das Ciências e o reconhecimento oficial desta por parte do governo português, foi possível o início dos trabalhos. Segundo as fontes oficiais, terá existido uma primeira organização: Manuel Pinheiro Chagas (Presidente), acompanhado dos vogais, Conde de Ficalho, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, Jaime Constantino de Freitas Moniz, Álvaro Rodrigues de Azevedo e Teófilo Braga, este último como secretário⁷².

No entanto, esta organização alterou-se, resultado de uma reestruturação originada pelo apoio oficial por parte do governo. Assim, a hierarquização que se manteve em vigor desde então foi a seguinte: Conde de Ficalho (Presidente), Manuel Pinheiro Chagas (1.º Secretário), Joaquim de Araújo (2.º Secretário), Augusto Carlos Teixeira de Aragão (Tesoureiro), ficando os seguintes nomes como vogais, Artur Baldaque da Silva, José Duarte Ramalho Ortigão, Henrique Lopes de Mendonça, Teófilo Braga, José Ramos Coelho, Prospero Peregallo, João Brás de Oliveira, Xavier da Cunha, Lino da Assunção, Álvaro Rodrigues de Azevedo, Rafael Basto, Visconde de Condeixa, Gabriel Victor do Monte Pereira, Agostinho de Ornellas, Thomas de Carvalho, Francisco Marquez de Sousa Viterbo⁷³.

Segundo a descrição de Joaquim de Araújo, existiram várias subcomissões espalhadas por Portugal continental e ilhas⁷⁴. Destacamos, na comissão do Porto, João António Brissac das Neves Ferreira como delegado da mesma, em Coimbra, o historiador Conde de Arganil, em Guimarães, o arqueólogo Francisco Martins Sarmento e nos Açores, Ernesto do Canto.

No seio da comissão havia uma ajuda mútua entre os membros, próximo ao que podemos designar como responsabilidade histórica, que obrigava estes elementos de diversas áreas e de diferentes ideologias a trabalhar em consonância. A necessidade de resgatar a imagem de Portugal falava mais alto, desta forma, o sentimento dentro do grupo era apenas um: a união.

⁷² Joaquim de Araújo, *op. cit.*, pp. 3-4.

⁷³ Idem, *ibidem*, pp. 5-6.

⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 6.

Cada membro da comissão presente na sala tinha a liberdade de sugerir novos rumos de investigação, mas também nomes de personalidades que podiam trazer algum benefício à comissão. A agregação era proposta segundo vários parâmetros: o historial, a influência, o mérito e a potencialidade. Estes são bastante importantes para conseguirmos compreender os resultados apresentados pela comissão.

A acta datada de 19 de Fevereiro de 1892⁷⁵ possibilita-nos compreender como se processou o modelo de integração dos novos membros. Nesta acta estão registadas oito propostas de agregação de novos elementos, Ramalho Ortigão, Prospero Peragallo, Ramos Coelho, Ernesto do Canto, Francisco Martins Sarmento, Artur Baldaque da Silva, Joaquim de Araújo e Teófilo Braga. Assim, descobrimos como foram nomeados, como surgiram as subcomissões temáticas e regionais e, sobretudo, como todos estes elementos e divisões contribuíram para a formalização do discurso oficial português.

No decorrer da investigação levantou-se uma questão: até que ponto se propunham nomes que estivessem adequados ao propósito da comissão? Julgamos que, na grande maioria dos casos, a agregação resultava num proveito efectivo para a comissão. Para esta conclusão contribuiu em muito o facto de uma grande parte dos nomes ter sido proposta depois de ter apresentado provas da sua capacidade, através da recolha de dados e informações, surgindo a sua agregação como forma de recompensa pelo trabalho executado. Existem, também, casos em que os novos membros justificam a sua nomeação posteriormente, já que se revelam peças importantes na estratégia da comissão portuguesa.

Em suma, a comissão portuguesa possuiu um conjunto de nomes destacados do mundo intelectual português, alguns com um vasto traquejo em participações em centenários e exposições universais. O conhecimento resultante da experiência é um factor que deve ser tomado em consideração para um melhor entendimento da participação portuguesa no IV Centenário, sobretudo no que diz respeito ao discurso português, através da encenação artístico-decorativa e que irá ser analisada na segunda parte deste estudo.

2.2.1. Definição de estratégias

Desde as primeiras reuniões se tentou definir um discurso português. Já aclarámos que Oliveira Martins teve um papel preponderante no que diz respeito à

⁷⁵ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], 19 de Fevereiro de 1892.

orientação dos objectivos, agora iremos ver quais as suas propostas e em que medida se mantiveram ou alteraram ao longo do tempo.

Como principais propostas apresentadas em 5 de Novembro de 1891 por Oliveira Martins destacam-se as seguintes: publicação do *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira; reprodução da esfera de Nuremberg; sugere ainda, a presença de um conservador que acompanhe as peças até Madrid e aí fique como zelador das mesmas; aconselha, também, a publicação de um «catálogo de documentos das bibliotecas e arquivos relativos às navegações» portuguesas. Por último, propõe um elenco das navegações portuguesas antes de Colombo⁷⁶. Assim, na sua opinião, Portugal ficaria dignamente representado no centenário colombino.

Oliveira Martins não se limitou a sugerir os pontos acima expostos. Ao lermos as actas deduzimos que a sua influência e entusiasmo contaminara todos ao seu redor. Sobressai, sobretudo, a sua noção de falta de tempo e de uma necessidade de se distribuírem tarefas. Ele não tem medo de se assumir como líder, e chega mesmo a sugerir tarefas a alguns colegas académicos⁷⁷.

Nesta mesma reunião, verifica-se que a maioria dos presentes possui um vasto conhecimento das fontes históricas e dos estudos realizados, tanto no que diz respeito às obras clássicas, como às recentes⁷⁸. São sugeridas uma série de obras para aquisição e salienta-se a importância de uma pesquisa nas bibliotecas, arquivos e colecções privadas, em busca de estudos e fontes referentes a Cristóvão Colombo.

Quando, em 19 de Fevereiro de 1892, a comissão portuguesa se reuniu pela segunda vez, já não estava presente Oliveira Martins. No entanto, as suas sugestões não foram esquecidas, muito pelo contrário, a determinado momento na acta pode ler-se a seguinte frase:

⁷⁶ No artigo de Joaquim de Araújo nas *Memórias da Comissão Portuguesa*, não aparecem todas as sugestões de Oliveira Martins pelo que é necessário cruzar essas informações com aquelas que constam nas actas; B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], 5 de Novembro de 1891.

⁷⁷ Esta posição de liderança e orientação acrescenta força à nossa teoria, referente ao seu papel como principal mentor da participação portuguesa; vide B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], 5 de Novembro de 1891.

⁷⁸ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], 5 de Novembro de 1891.

«Leu-se de novo o programa de representação de Portugal no centenário Colombino, programa realizado por Oliveira Martins.»⁷⁹

Na nossa leitura esta afirmação, juntamente com outros indícios que veremos mais à frente, fortalecem a ideia que já aqui expusemos, a qual indica Oliveira Martins como um dos principais responsáveis da participação e do sucesso da comissão portuguesa no IV Centenário.

2.2.2. A criação de grupos de trabalho e o planeamento da exposição

Desde o início que o rigor metódico reinou no seio da comissão. Uma das medidas iniciais foi a criação de grupos de trabalho, a saber, Ramalho Ortigão e Artur Baldaque da Silva ficaram responsáveis por reunir «objectos cerâmicos e ilustrativos da história marítima»⁸⁰; Lino da Assunção e Rafael Bastos ficaram encarregues da parte que dizia respeito à «monumenta bibliográfica»⁸¹; a Teixeira de Aragão e Teófilo Braga competia a parte etnográfica. Mais tarde estes grupos seriam remodelados, dando lugar a novas nomenclaturas, e tendo como membros outros nomes. É importante ainda salientar que os grupos de trabalho trocavam impressões entre si e era prática comum a discussão das escolhas de cada grupo e muitas vezes existia espaço para o aconselhamento. Na sua fórmula final apresentaram-se as secções de trabalho com a seguinte configuração: Marítima; Documentária e Bibliográfica; Etnografia Americana; e Arte ornamental⁸². Nos próximos parágrafos iremos descrever as secções e os trabalhos que competiam a cada uma destas, assim como os membros integrados nas mesmas.

Secção marítima

A memória histórica não conservou muitas das informações relativas a este grupo de trabalho. Do número total de possíveis participantes nestes trabalhos podemos apenas resgatar os nomes de Ramalho Ortigão e Baldaque da Silva. No entanto,

⁷⁹ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 19 de Fevereiro de 1892.

⁸⁰ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 19 de Fevereiro de 1892.

⁸¹ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 19 de Fevereiro de 1892.

⁸² Vide Joaquim de Araújo, *op. cit.*, p. 6.

suspeitamos que mais nomes terão colaborado, nomeadamente alguns marinheiros⁸³, mas não foi possível encontrar registo de tais participações. Sabemos que resultou dos trabalhos deste grupo um catálogo onde podemos observar uma breve descrição de quinhentos e dois objectos e documentos, divididos em várias áreas que passamos em seguida a enumerar: navegações, descobrimentos, conquista de portugueses, quadros, cromó-litografias, gravuras, modelos de barcos de pesca e jangadas, armações e outros aparelhos de pesca, e trabalhos de marinha. Todo este material foi exposto em Madrid.

Secção documentária e bibliográfica

José Ramos Coelho, Xavier da Cunha e Rafael Eduardo de Azevedo Basto compunham a equipa de trabalho que tinha como missão a investigação de documentação relativa à época dos descobrimentos. Para esse efeito deveriam procurar em arquivos e bibliotecas, fossem elas públicas ou privadas, dando, contudo, um maior destaque à Torre do Tombo face aos restantes centros de documentação. A publicação *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das Navegações e Conquistas Portuguesas Publicados por Ordem do Governo de Sua Majestade Fidelíssima ao Celebrar-se a Commemoração Quadricentenaria do Descobrimento da América*, que abordaremos na terceira parte deste estudo contém apenas uma parte dos documentos analisados por este grupo de trabalho. Os documentos que ficaram de fora do *corpus* escolhido para figurar nesta obra tinham de ser justificados. Contudo, não nos foi possível encontrar essas explicações⁸⁴, nem a lista dos mesmos documentos colocados de parte.

Secção de etnografia americana

Este grupo de trabalho foi o único que manteve a sua estrutura inicial. Tendo como principal cérebro Teixeira de Aragão que, durante a execução de trabalhos, procurou entre as colecções públicas e privadas os materiais etnográficos a serem expostos no certame de Madrid. Nas actas são raras as menções ao decurso destas actividades, algo que levanta algumas dúvidas em relação à escolha de determinados artefactos. Segundo as informações oficiais, foram levados para Madrid quatrocentos e

⁸³ A participação de alguns marinheiros está documentada na obra de Rafael Bordalo Pinheiro, embora seja a única indicação que podemos resgatar. Vide *O António Maria*, Ano VIII, N.º 366, Lisboa, 22 de Dezembro de 1892, pp. 4-6.

⁸⁴ Esta obra será alvo de uma análise mais profunda na última parte deste estudo.

cinquenta e sete artefactos⁸⁵ relativos ao tema etnográfico, divididos nas categorias de armas e instrumentos, tecidos, ornatos de gentios, máscaras, cerâmica, e vários outros artefactos. Estes eram oriundos de várias partes do continente americano e a sua trajetória até Portugal varia em muitos dos casos.

O papel de Teófilo Braga neste grupo de trabalho é omissivo, não existindo, para além da menção nas actas, qualquer tipo de associação deste académico a esta secção.

Secção de arte ornamental

Este grupo de trabalho foi formado por Ramalho Ortigão, Conde de Ficalho, Teixeira de Aragão. Durante meses foram responsáveis pela recolha de distintos objectos, desde jóias a loiças, passando por fotografias e mobiliário⁸⁶. O objectivo era recolher o maior número de objectos que permitissem ilustrar o passado artístico de Portugal, com especial atenção à época dos descobrimentos. No período em que durou esta recolha de objectos foram várias as propostas, pois a oferta era vasta. Relembramos que a comissão tinha permissão de escolher de todos os museus pertencentes ao reino⁸⁷ peças que julgassem relevantes para levar para a exposição. De todos os objectos observados existiram alguns que se destacaram dos demais, devido à sua excentricidade ou ao intenso debate que suscitaram entre a comissão⁸⁸. Todo o material recolhido para ser exposto em Madrid ficou guardado no edifício da Academia das Ciências.

⁸⁵ Este é o número de objectos que figuram no catálogo. Por falta da existência de guias de transporte, ou outro documento que enumere um a um todos os artefactos expostos na parte etnográfica, assumimos como uma preciosa informação a enumeração que existe no catálogo. Veja-se A. C. Teixeira de Aragão, *Catalogo dos objectos de arte e industria dos indígenas da América que pelas festas comemorativas do 4.º Centenario da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia à exposição de Madrid*, separata de *Centenário da Descoberta da América. Memorias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892].

⁸⁶ O mobiliário exposto possuía uma dupla finalidade, ao mesmo tempo que constituía um objecto decorativo, servia, também, como plataforma expositiva dos objectos artísticos, produzindo-se, desta forma, aos olhos dos visitantes, um maior impacto visual da exposição. No entanto, nem todo o mobiliário exposto serviria como suporte, ficaria isento desta dupla funcionalidade o mobiliário do reinado de D. Manuel I. A maioria do mobiliário exposto era oriunda do Museu Nacional de Arte Antiga. Cf. B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 22 de Fevereiro de 1892.

⁸⁷ Vide Joaquim de Araújo, *op. cit.*, pp. 4-5.

⁸⁸ No decorrer das sessões preparatórias da representação portuguesa para Madrid, surgiu por parte de Agostinho de Ornelas a menção de uma janela da casa onde supostamente Cristóvão Colombo teria habitado; tal indicação despertou em Ramalho Ortigão a ideia de a expor no espaço reservado a Portugal na exposição Histórico-Americana. Depois de intensas conversas, onde se discutiu a autenticidade ou não da casa enquanto habitação de Colombo, foi incumbida a Agostinho de Ornelas a missão de trazer para o continente a janela, mas rapidamente se desistiu dessa ideia, passando-se a propor a salvaguarda daquele património. Assim, a solução seria fazer-se um molde da mesma para ser exposto em Madrid. Porém, tal não aconteceu. Na origem de todo o empenho em relação à janela estiveram as dúvidas de HARRISSE em

* * *

Uma das principais preocupações da comissão desde o início foi a questão do espaço disponível para a apresentação dos artefactos e documentos que compunham o acervo da exposição portuguesa. Ramalho Ortigão liderou essas questões desde o primeiro momento, insistindo várias vezes na necessidade de se saberem as medidas exactas do espaço cedido a Portugal. Estas preocupações parecem indicar uma certa pré-concepção da exposição portuguesa na sua mente, isto porque são visíveis as indicações dadas relativas a apontamentos decorativos a serem montados em Madrid. Aliás é o próprio que sugere a agregação de Rafael Bordalo Pinheiro à comissão tendo já em mente o seu nome para a decoração das salas portuguesas. Devemos ainda salientar que quando surgiu a oportunidade de um membro da comissão portuguesa ir escolher as salas, o nome apontado de imediato foi o de Ramalho Ortigão. Na segunda parte deste estudo iremos retomar a questão do espaço português no IV Centenário, expondo de uma forma aprofundada a complexidade e a importância deste para o discurso português.

2.2.3. A escolha dos heróis portugueses e a questão da figura de Colombo

Um outro aspecto relacionado com a importância do estudo do Centenário é o culto às figuras heróicas⁸⁹. Se, por um lado, Colombo foi sem dúvida alguma a figura central das comemorações, por outro não foi a única figura heróica a merecer destaque. Personagens como D. Henrique, D. Manuel I, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e muitos outros também fizeram parte dos vários discursos portugueses em 1892⁹⁰.

Contudo, terá sido a escolha dos heróis nacionais debatida e ponderada? Teriam o mesmo grau de preponderância? E como Colombo entraria no discurso preparado pela comissão portuguesa?

Estamos perante um exercício complexo para compreendermos o papel dos heróis nacionais no IV Centenário, assim devemos reflectir um pouco sobre a figura do

relação à estadia de Cristóvão Colombo na ilha da Madeira. Durante o ano de 1892, foram vários os periódicos ibéricos que possuíram algumas notas acerca desta janela; inclusivamente, em alguns deles chegou mesmo a figurar uma ilustração da mesma.

⁸⁹ Veja-se como exemplo a reflexão tomada por Maria Isabel João sobre o papel dos heróis nas comemorações dos centenários: Maria Isabel João, *op. cit.*, 2002, pp. 506-634.

⁹⁰ Esta ideia está bem visível numa das publicações mais notáveis da época: Manuel Pinheiro Chagas, *Os descobrimentos Portugueses e os de Colombo. Tentativa de coordenação histórica*, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1892.

herói enquanto ser semidivino, e a relação com o pensamento português da época. Herói do latim *heros* é, muitas vezes, definido como alguém que sobressai dos demais pelas suas acções ou qualidades, capaz de produzir feitos impossíveis para a maioria dos mortais, e é, também, idolatrado pelos seus compatriotas. Os heróis ultrapassam obstáculos e essa superação leva a um progresso que ocorre porque o homem se supera a si mesmo e as dificuldades do meio envolvente. No IV Centenário comemorava-se os feitos de Cristóvão Colombo, este era considerado um herói, o primeiro a conseguir o impensável. Embora o seu feito fosse reproduzido por outros navegadores, jamais voltaria a ser reeditado, pois tinha sido o primeiro a levar a Humanidade a um progresso⁹¹.

Perante tão proeminente figura, três nações disputavam a sua influência sobre Colombo e consequentemente os louros do seu sucesso. Génova reclamava a nacionalidade de tal figura, assumindo que nas veias deste navegador estavam as tradições náuticas do povo genovês. Espanha assumia-se como a verdadeira responsável pelos actos de Colombo, pois tinha sido ela que concedera ao genovês as condições necessárias para que este pudesse realizar tais feitos, e nessa medida tinha sido a única nação a reconhecer *a priori* o destino do herói. A posição de Portugal no Centenário face à figura de Colombo foi debatida pela comissão desde do início. Procurou-se estabelecer um discurso coerente. O guião a apresentar seria baseado nos documentos oficiais que provavam a presença de Colombo em Portugal⁹², o seu casamento com uma mulher portuguesa e as navegações em que participará a bordo de embarcações portuguesas. O objectivo estava então traçado, demonstrar que Colombo aprendera muito com os portugueses durante a sua estadia no território nacional. Assim, o herói apenas o fora porque tinha aprendido com os deuses a arte de navegar em alto mar.

Esta ideia dos portugueses como professores de todas as nações europeias na arte de navegar não era nova. Relembremos as palavras de Oliveira Martins, durante um discurso intitulado *Navegaciones y Descubrimientos de los Portugueses Anteriores a al Viaje de Colón*, no Ateneu de Madrid, durante um evento que tinha como objectivo anteceder as actividades do Centenário Colombino.

⁹¹ Tzvetan Todorov, *op. cit.*, p. 5.

⁹² Recomendamos a leituras das primeiras sessões relativas à preparação da participação portuguesa, já que nestas é constante a preocupação com a procura de documentos comprovativos da estadia de Colombo em terras lusas. Veja-se B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893].

«Fué en nuestra escuela que se educaron todos los marineros; todos, incluyendo al propio Colón que dió las Américas a Castilla. Fué en nuestras instituciones coloniales que aprendieron todos los pueblos, todos, incluyendo la propia Inglaterra que del saqueo de nuestro común hizo el cimientito de su fortuna.»⁹³

Do conjunto variado de navegadores que se destacaram através da perpetuação da sua memória, seriam Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral os nomes mais fortes para serem expostos como heróis nacionais, rivalizando ombro a ombro com Colombo. Porém, nessa disputa directa entre os feitos dos heróis, seria o genovês a triunfar, pois o facto de este ter realizado o descobrimento de um novo continente em 1492, oito anos antes da chegada de Cabral ao Brasil, permitia à nação espanhola reclamar para si um dos grandes feitos da época dos descobrimentos. Contudo, como verificámos no parágrafo anterior, Portugal pretendia reclamar a prioridade dos descobrimentos portugueses e consequentemente o seu lugar como primeira potência marítima. Nesse sentido apenas existia uma figura histórica capaz de rivalizar com Colombo e até mesmo superar-se a este, o Infante D. Henrique.

A comissão reconhecia o Infante como a figura maior dos descobrimentos portugueses e europeus, o génio por detrás da empresa nacional, o responsável pela idealizada «escola de Sagres», que tantas vezes foi mencionada durante o período das comemorações do IV Centenário. Para os membros da comissão não tinham existido descobrimentos sem o Infante, mas o seu papel não cessa apenas no carácter inovador dos seus feitos. Muito pelo contrário é apresentado como o verdadeiro responsável por uma revolução científica que muniria as navegações de um carácter científico. Consequentemente nenhum descobrimento português fora então obra do acaso. Assim, acreditamos que perante as ideias da comissão portuguesa, o carácter científico legitimava o conhecimento de um continente americano por parte dos portugueses, não existindo para alguns académicos qualquer tipo de dúvidas em relação a este facto, como prova a citação de Teixeira de Aragão, eternizada no livro de actas da comissão portuguesa:

⁹³ Vide [Joaquim Pedro de] Oliveira Martins, *op. cit.*, p. 247.

«O Senhor Teixeira de Aragão diz que os documentos relativos à descoberta da América pelos portugueses também interessam [...] que hoje se sabe que essa descoberta foi muito calculada e não acaso, o que se prova pela Carta de Mestre João a Dom João III. [...] Pêro Vaz de Caminha na sua carta a Dom João III também revela este plano; que possuo uma cópia autentica feita sobre o original que importa publicar tudo isto. No Esmeraldo também se indica que a descoberta da América não foi puro acaso.»⁹⁴

2.2.4. Dinâmicas grupais e gestão de orçamentos

O apoio do governo alargou-se para além do reconhecimento da comissão como representante oficial de Portugal nos festejos colombinos, existindo, também, um apoio financeiro por parte do Estado. Segundo as fontes, esse apoio terá sido de dez contos de réis⁹⁵, mais uma segunda tranche de cinco contos de réis e duzentos⁹⁶ para se fazer face a derrapagens orçamentais. Sabemos através das fontes que nem todos os elementos envolvidos no destino de Portugal estavam de acordo em relação à verba atribuída à comissão, chegando mesmo a existir algumas vozes a manifestarem-se publicamente perante aquilo que designavam como uma «excessiva» verba para a comemoração do Centenário de Colombo. Na verdade, os problemas financeiros e os debates em torno destes, que são visíveis através da correspondência trocada entre o Ministério do Reino e a comissão portuguesa, foram uma constante durante todo o tempo em que a comissão se manteve no activo.

Infelizmente não possuímos todas as informações relacionadas com os gastos e receitas da comissão⁹⁷, contudo aquelas que possuímos permitem-nos esboçar alguns

⁹⁴ Cf., B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 5 de Novembro de 1891.

⁹⁵ Vide *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, sessão n.º 47, de 18 de Março de 1892, projecto de lei n.º 32, p. 13.

⁹⁶ Vide *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino*, sessão n.º 31, de 27 de Junho 1893, p. 287 [Art. 66 - Autorização de créditos especiais para pagamentos de despesas de exercício de 1892-1893].

⁹⁷ Mesmo contando com um grande número de informações relativas às finanças da comissão portuguesa, seria importante contarmos com os recibos que provassem os gastos elevados, mas muitos deles perderam-se, possivelmente para sempre, existindo apenas alguns exemplares que nos permitem cruzar informações e conferir os valores indicados.

traços gerais das despesas. Ora durante os meses que decorreram entre a criação da comissão e o mês de Outubro gastaram-se cerca de três contos de réis e duzentos e vinte e nove⁹⁸, este valor já significava uma derrapagem orçamental de duzentos réis, uma vez que no ofício enviado para o Ministério do Reino em 7 de Março de 1892, a comissão portuguesa orçamentara o custo dos trabalhos em apenas três contos de réis⁹⁹. Entre estas despesas constam os gastos com material e mão-de-obra e ainda as despesas com alguns grupos de trabalho, porém não podemos dar certezas em relação ao carácter absoluto, isto é, poderão ter existido gastos que por alguma razão não se conservaram nos registos. Assim sendo devemos ser cautelosos quando à apresentação deste resultados, salvaguardando sempre a fragilidade das fontes e do nosso conhecimento. Ainda no decorrer deste estudo voltaremos à questão financeira, agora, dedicamos os seguintes parágrafos às questões de ordem de recursos humanos da comissão, no que diz respeito à sua relação interna, tendo como focalização do nosso interesse as relações de poder e às relações interpessoais.

Quando se lê o artigo *A comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, da autoria de Joaquim de Araújo, não se consegue discernir as dinâmicas do grupo, mas através das actas temos uma outra visão - uma visão de um grupo coeso, cioso das suas responsabilidades, aberto a debates e sugestões, contudo pode-se destacar a presença de dois líderes.

O presidente oficial da comissão era o Conde Ficalho. Contudo, a conduta de Ramalho Ortigão durante as várias secções preparatórias da presença portuguesa em Madrid, revelou um espírito de liderança, através da sua postura entusiasta, irrequieta, sempre disposto a avançar com novas ideias e sendo capaz de reunir o apoio de todos em torno delas. Sabe-se, através das actas, que Ramalho Ortigão foi agregado à comissão através de uma proposta apresentada logo na primeira sessão, ficando responsável pela recolha de artefactos relativos à história marítima¹⁰⁰.

⁹⁸ Vide, B.A.C.L., Cota 60B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Despesas e Receitas*, Lisboa, [1891-1893].

⁹⁹ Do documento enviado ao Ministério do Reino constam os seguintes valores: Secção Marítima 500,00; Secção Etnográfica 600,00; Secção Artística 400,00; Secção Bibliográfica 1,000,00; Expediente 500,00; apresentando-se um montante total de 3,000,00. Ainda neste documento a comissão salientou que estes valores eram apenas referente aos trabalhos realizados em Lisboa e que não poderia ainda apontar um orçamento para os trabalhos a serem realizados em Madrid, assina este documento Manuel Pinheiro Chagas. Vide, B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1893], ofício n.º 12, 7 de Março de 1892.

¹⁰⁰ Cf., B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 19 de Fevereiro, pp. 1-4.

Graças às actas foi ainda possível obter outras informações pertinentes que não se conservaram noutros documentos, como o estreito contacto entre a comissão espanhola e a comissão portuguesa. Infelizmente o material disponível nas actas, embora bastante relevante, não nos permite ir além de uma análise descritiva e colocamos mais interrogações do que respostas.

No dia 31 de Março de 1892, alguns elementos da comissão espanhola visitaram a comissão portuguesa com o objectivo de verificar como estavam a correr os preparativos para o Centenário¹⁰¹. Os elementos da comissão portuguesa aproveitaram esta ocasião para colocar algumas questões relacionadas com o espaço físico que iria receber a exposição dos objectos enviados por Portugal. As actas revelam ainda um desejo por parte da comissão espanhola para ser parceira da portuguesa. E, segundo as informações disponíveis, terá mesmo existido a agregação de espanhóis nos grupos de trabalho da comissão portuguesa¹⁰². Contudo, não possuímos os seus nomes destes elementos, nem encontramos nas actas menções aos mesmos.

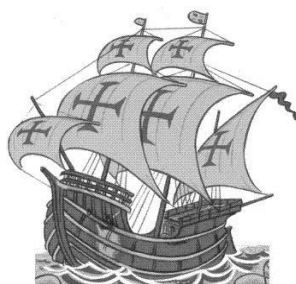
Este acontecimento leva-nos a questionar o real impacto desta medida nos trabalhos da comissão portuguesa. Não nos parece que estes novos elementos adicionados aos grupos de trabalho possuíssem um resultado efectivo. Pelo contrário, parece-nos mais uma medida de cariz cordial, reflexo do bom entendimento entre as duas nações ibéricas. Porém, devemos colocar outras questões. Haveria um sigilo em relação ao discurso português? Terá a comissão portuguesa mantido os novos elementos à parte por razões de espionagem? Não acreditamos que estas tenham sido as razões para a inexistência de mais informações relativamente aos espanhóis agregados aos grupos de trabalho da comissão portuguesa. Assim, reiteramos a ideia anteriormente exposta de que constitui um gesto meramente de ordem diplomática e sem qualquer repercussão a nível dos trabalhos da comissão portuguesa.

¹⁰¹ Mendez Vigo (Embaixador de Espanha), Diego de la Cruz Quesada, Nicolau de Goyri, J. Castro, são alguns dos nomes dos espanhóis que marcaram presença na sessão de 31 de Março de 1892. B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 31 de Março de 1892.

¹⁰² Relembramos que este carácter de proximidade entre Portugal e Espanha relativamente ao IV Centenário foi uma constante desde 1888. Com efeito, podemos considerar que a presença de um contacto entre membros das duas comissões, embora de uma forma quase protocolar, é um sinónimo da grande cumplicidade que se verificou ao longo dos festejos.

Celebrando o IV Centenário

Segunda Parte



1. Problemáticas de uma reconstituição da memória

«Com o pretexto de que ele [Colombo] a
descobriu [América], fez-se-lhe um
centenário. Bosch, o malgrado alcaide,
gizou as festas. Forasteiros vieram.
Hotéis subiram preços.
Chuva caía. Pesetas falsas circulavam.»¹⁰³

Ramalho Ortigão

Quando se ambiciona resgatar do passado alguma memória, é necessário rastrear ao máximo os suportes que contenham conteúdos passíveis de serem analisados. Nessa medida os centenários apresentam-se como eventos dinamizadores e criadores de informação, que se cristaliza nos periódicos, nas ilustrações, nas fotografias, na estatuária e noutras artes decorativas, assim como se eterniza, muitas vezes, em memórias colectivas, monografias ou até mesmo em medalhas comemorativas.

Nos finais do século XIX, as imagens já tinham conquistado o seu espaço no quotidiano, os jornais, os cartazes, os panfletos, davam imagens às palavras e ideias. Em muitas ocasiões a iconografia não se fazia acompanhar de qualquer tipo de legenda, sendo, no entanto, reconhecidas automaticamente pelo grande público. Ora, tal situação apresenta-se como um obstáculo ao investigador moderno quando na sua investigação se cruza com estas fontes. Felizmente o contexto possibilita, na maioria das vezes, a decifração da imagem.

A relação entre o IV Centenário do Descobrimento da América e a ilustração é bastante estreita. Foram várias as ilustrações que faziam menção a tal acontecimento. Durante as comemorações do centenário, em Madrid, chegou-se a produzir um periódico dedicado apenas ao centenário, onde as ilustrações¹⁰⁴ eram parte integrante e

¹⁰³ Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, Tomo I, Livraria Clássica Editora – A. M. Teixeira & C.^a (Filhos), Lda., Lisboa, 1949, p. 194.

¹⁰⁴ Remonta a 9 de Janeiro de 1891 a ideia de se editar um periódico que cobrisse todas as acções referentes ao IV Centenário, e como iria ter a duração igual aos festejos, pensou-se na modalidade de cadernos coleccionáveis. O *El Centenario* contava com a presença na sua redacção de Juan Valera, um dos mais conceituados jornalistas espanhóis da segunda metade do século XIX, tal como muitos outros

importante da estratégia de divulgação do periódico. Era necessário levar o Centenário ao mundo inteiro e que melhor forma de o fazer do que imortalizá-lo através dos traços do artista. Assim, foram vários aqueles que, não tendo estado presentes nas cerimónias do Centenário, recordavam com estima as imagens ilustrativas do acontecimento. Desta forma, muitas destas ilustrações são actualmente uma fonte importantíssima para o estudo do IV Centenário do Descobrimento da América, e é através delas que conseguimos identificar os acontecimentos e traçamos na nossa imaginação representações que nos possibilitam viajar até tão remota época.

A ilustração está, também, ligada a um outro ponto: a decoração. O século XIX conheceu várias exposições e comemorações. Mas a segunda metade do século XIX constitui, sem dúvida alguma, como período áureo das *World's Fairs*, das quais se destacam: Londres (1851 e 1862), Nova Iorque (1853), Filadélfia (1876), Paris (1889 e 1900) e Chicago (1893). Também a celebração de centenários aumenta no período de tempo anteriormente referido.

Embora exista à partida um conjunto alargado de fontes, muitas vezes, o investigador possui dificuldades ao tentar identificar o seu paradeiro, e na maioria dos casos esta dificuldade está associada a uma má ou inexistente catalogação dos arquivos. Para o estudo da estadia da comissão portuguesa em Madrid durante o tempo em que decorreram as festividades, contamos sobretudo com uma extensa informação disponível em periódicos nacionais e internacionais, no entanto lográmos complementar a nossa pesquisa com correspondência¹⁰⁵, memórias e relatórios. Nesta segunda parte da dissertação, iremos analisar a presença portuguesa em Madrid, tendo em atenção o seu aspecto físico, isto é, a sua presença nas exposições. Mas, também, iremos, ao de leve, fornecer algumas indicações sobre a presença nacional nos vários congressos que

jornalistas e intelectuais, como é o caso de Fidel Fita. Alguns intelectuais estrangeiros foram convidados a escrever para o periódico, tomando como exemplo os portugueses Oliveira Martins e Manuel Pinheiro Chagas. O *El Centenario* apresentou-se ao leitor com três objectivos: cobrir as festividades do IV Centenário; servir de suporte pedagógico, dando espaço a distintos temas de estudo, desde o período pré-hispânico até aos temas referentes aos séculos XVIII e XIX, possuindo assim um amplo âmbito de divulgação; e por último, promover o americanismo espanhol. No entanto, o periódico não se conseguiu afirmar devido à falta de leitores que muitas vezes preferiam as revistas ilustradas de carácter geral, disponíveis a um preço mais acessível. Assim, concordamos com Salvador Bernabéu Albert quando refere que economicamente o *El Centenario* foi um fiasco. Vide Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, pp. 51-56.

¹⁰⁵ É de grande interesse para o cruzamento de informações relativas à estadia portuguesa em Madrid, sobretudo, a correspondência de Ramalho Ortigão, com diferentes personalidades, durante o período que este se manteve na capital espanhola. Destacamos a correspondência enviada à sua esposa, na qual faz menção várias vezes às Exposições Histórico-Americana e Histórico-Europeia. Veja-se Ramalho Ortigão, *Cartas a Emília*, Introdução, selecção, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini, Lisboa, Lisóptima Edições – Biblioteca Nacional, 1993.

ocorreram em Espanha sob o manto do IV Centenário, e que a historiografia portuguesa tantas vezes tem mantido no silêncio do passado. No que diz respeito à participação nestes congressos a sua análise será desigual, daremos mais atenção a alguns em detrimento de outros, contudo isto sucede devido à maior pertinência em termos de discurso defendido em cada um dos congressos.

2. As celebrações do IV Centenário

Quando se fala nas celebrações do IV Centenário é importante ter em mente que estamos perante uma vastidão de festejos realizados em várias partes do globo. Na maioria das vezes apenas se remetem os estudos deste centenário para o território de três nações: a italiana, a espanhola e a norte americana. No entanto, é importante salientar que em muitas outras nações o IV Centenário não foi esquecido, tendo-se realizado alguns eventos de menor escala¹⁰⁶.

Como já foi exposto na introdução, para um melhor aproveitamento do tempo e dos recursos financeiros que dispúnhamos para efectuar o presente estudo, fomos forçados a delimitar o estudo aos eventos realizados em Espanha, contudo não quisemos ignorar algumas informações que possuímos referentes à participação portuguesa nas festas colombinas em Génova. Assim, dedicámos a esta região algumas linhas neste estudo, na esperança que num futuro, não muito longínquo, se possa aprofundar as investigações neste âmbito.

2.1. As conferências americanistas

Pode-se afirmar que os primeiros eventos a serem dedicados à preparação das mentalidades para a recepção do IV Centenário, foram as conferências americanistas no Ateneu de Madrid. O evento contou com a presença de vários eruditos de diversas nações. No caso português, foi Oliveira Martins a figura convidada para proferir uma comunicação no âmbito das navegações portuguesas antes de Colombo. A ideia do tema não foi sua, e a participação no evento tratou-se de um convite efectuado pelo Ateneu de Madrid, que via na pessoa de Oliveira Martins um dos poucos eruditos capazes de

¹⁰⁶ Basta uma visão rápida por distintos periódicos para assinalar a presença de várias gravuras referentes aos festejos, inaugurações de recintos e ruas com o nome de Colombo. A celebração dos quatrocentos anos desde o feito do navegador genovês, fez-se sentir em diversas nações. A maioria das gravuras é relativa a estátuas erguidas em homenagem a Colombo.

tratar o tema proposto, como se pode confirmar no excerto da carta de Antonio Sánchez Moguel endereçada ao historiador português.

«El Ateneo de Madrid, à propuesta de la Sección de Ciencias históricas que tengo el honor de presidir, con objeto de preparar i ilustrar la opinión publica para la celebración del Cuarto Centenario del descubrimiento del Nuevo Mundo, ha resuelto dar una serie de conferencias entre las cuales figura la siguiente: Estudios y descubrimientos de los portugueses anteriores a Colón. Para la conferencia ha sido V. Designado por unanimidad como la persona mas competente y autorizada en la materia en toda la Península.»¹⁰⁷

As conferências americanistas possuíam, como principais objectivos, a preparação do meio intelectual e da opinião pública para o centenário que se avizinhava, mas também o de promover a divulgação dos estudos e do ensino sobre as temáticas relacionadas com a história do descobrimento da América. Acreditava-se que este esforço de divulgação pelas elites intelectuais nacionais e estrangeiras, iria cativar o público em geral para tais temáticas, já que estas possuíam um baixo nível de recepção por parte dos leitores, e desta forma, o evento promovido pelo Ateneu de Madrid, iria em certa medida, colmatar essa falha intelectual.

«Ni en la cátedra ni en los libros, bien lo sabéis, la historia del descubrimiento de América ha tenido hasta ahora la plaza que en justicia le corresponde. Si doctas corporaciones, como la Real Academia de la Historia y la Sociedad Geográfica, han consagrado alguna parte de su labor al estudio de la historia americana; si no han faltado nunca nuestra patria entendidos americanista, los trabajos de éstos y las publicaciones de aquéllas apenas si habían transcendido más allá del contado número de los eruditos. La gran mayoría de los españoles, ignorante de estos estudios, satisfacía su escasa curiosidad por las cosas americanas en libros más novedosos que históricos; y hubiera llegado seguramente á los días del

¹⁰⁷ R.B.N.P., E20/2536, Carta de Antonio Sánchez Moguel a Oliveira Martins, 22 de Dezembro de 1890.

Centenario incapacitada para conmemorar dignamente hechos que ignoraba ó que conocía únicamente en relatos superficiales, ó fabulosos, que es peor todavía.

Era, pues, necesario, imprescindible, despertar la atención y el interés del país por el conocimiento positivo y completo de la empresa descubridora, y esclarecer una por una, en numerosas conferencias, las cuestiones que extraña su estudio.»¹⁰⁸

Durante dezasseis meses realizaram-se no Ateneu as conferências americanistas, nas quais participaram vários intelectuais, proferindo várias comunicações, agrupadas em cinco conjuntos de temáticas: *precedentes, descripción de américa, estudios colombinos, descubrimientos y conquistas, e civilización*¹⁰⁹.

Apesar do esforço por parte dos organizadores do evento, a afluência às conferências foi menor do que aquela que estava inicialmente prevista¹¹⁰. No entanto, se tivermos em atenção o sucesso a médio e a longo prazo, verificamos que muitas destas ganhariam um lugar de destaque na história dos descobrimentos.

2.2. As festas em Génova

A figura de Colombo no século XIX era indissociável da sua pátria: Génova. Desta forma, no ano em que se comemorou os feitos do herói, a sua cidade natal decidiu convocar a memória do seu filho mais famoso. Para alguns autores, como Mario Bottaro, a realização das festividades nesta cidade com a amplitude que teve, vem em grande medida de um desejo local de visibilidade. No entanto, tais pretensões iam de encontro a um discurso nacionalista no qual a imagem de Colombo se apresentou como

¹⁰⁸ Antonio Sánchez Moguel, *Las Conferencias Americanistas. Discurso resumen*, Madrid, Establecimiento Tipográfico «Sucesores de Rivadeneyra», 1894, p. 6.

¹⁰⁹ Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, p. 63.

¹¹⁰ Tal situação não ficou esquecida, no artigo «El descubrimiento de América en las letras españolas», publicado em dois números da revista *Nuevo Teatro Critico*, por Emilia Pardo Bazán, onde a autora refere o seguinte: «La serie de Conferencias del Centenario pareció un excelente recurso para refrescar lauros y prestar vida al Ateneo, atrayendo á su seno, con espíritu conciliador y generoso, elementos extraños, y á veces hostiles – como, verbigracia, el eclesiástico. No se puede negar que el resultado ha sido satisfactorio, aunque la especie de apatía ó frialdad del público oyente prevaleciese la mayor parte de las noches, y la concurrencia escasease bastante en las dos terceras partes de las Conferencias. Aun así, repito que la campaña honra á sus organizadores, y que cuando se hayan publicado todas las Conferencias, formarán un curso muy completo de americanismo, variado, instructivo y á veces ameno». Emilia Pardo Bazán, «El descubrimiento de América en las letras españolas», *Nuevo Teatro Critico*, Ano II, N.º 21, [s.l.], 1892, p. 19.

unificadora de um espírito nacional, representado todos os homens de origem italiana que participaram nas empresas portuguesas e espanholas na época dos descobrimentos.

A ideia de celebração do evento parece remontar ao ano de 1884. Contudo, é no ano de 1886 que é criada uma junta comunal para discussão da realização dos trabalhos¹¹¹. Seria necessário aguardar pelo dia 28 de Junho 1887 para ser concretizada a primeira medida da referida¹¹².

À semelhança do que tinha sucedido em Portugal e Espanha, também em Itália o financiamento para a realização das festividades contou com alguns percalços e com algumas vozes contra o elevado investimento que um evento de tal dimensão acarreta. Porém, a situação financeira alterou-se, surgindo os primeiros investimentos monetários em 1891¹¹³.

O início das festividades deu-se a 10 de Julho de 1892, dia de S. Cristóvão. As cerimónias tiveram um discurso de glorificação nacional, através do reconhecimento do filho da terra reconhecia-se, também, o poder e maestria do povo genovês¹¹⁴. Este foi o mote para a maioria dos eventos realizados sob o pretexto do festejo do centenário. Até mesmo a exposição agendada para o período comemorativo possuía um elevado cariz nacional. Assim, a sua designação de Exposição Ítalo-Americana revelava uma afirmação patriótica, uma vez que apenas participaram nesta exposição comissões oriundas do território italiano.

Toda a população italiana parecia apreciar o evento, comparecendo em massa às diversas ofertas lúdicas e intelectuais. Entre genoveses, habitantes de outras partes de Itália e cidadãos de outras nacionalidades, pensa-se que passaram por Génova, para assistirem aos festejos, milhares de visitantes. Para além da já referida exposição Ítalo-Americana, destacamos as várias encenações que recriaram vários momentos da vida de

¹¹¹ Apenas em 1890 é criada uma única comissão responsável pela condução de todos os trabalhos, pois até lá muitas eram as juntas que discutiam entre si para a organização do evento. Estas disputas dificultavam o arranque dos trabalhos, sendo que a unificação destas em uma só comissão era o único caminho para o sucesso da realização do IV Centenário em terras italianas. Vide Mario Bottaro, «Milleottocento Novantadue, una festa di fine secolo», *Festa di Fine Secolo. 1892 Genova & Colombo*, edição de Mario Bottaro, Genova, Pirella Editore Genova, 1992, pp. 16-18.

¹¹² Idem, *ibidem*, p. 17.

¹¹³ Idem, *ibidem*, p. 17.

¹¹⁴ Recorde-se o que Adelardo Ortiz de Pinedo escrevia a este respeito: «Como Italia glorifica más al hijo que al descubridor, ha elegido para el comienzo de sus solemnidades el 10 de Julio, día de San Cristóbal, dando el intimo carácter de fiesta familiar á la gloria del hombre, y dejando la hazaña y la aventura para españoles y americanos». Vide Adelardo Ortiz de Pinedo, «Las fiestas colombinas en Génova», *El Centenario*, Tomo III, 1892, p. 85.

Cristóvão Colombo¹¹⁵; o Congresso Internacional de Botânica, Congresso Pedagógico e o Congresso Geográfico, todos realizados durante o mês de Setembro¹¹⁶.

A presença de Portugal nas comemorações realizadas em Génova ficou imortalizada nas páginas de alguns periódicos portugueses que dão destaque às festas que se iam realizando em Itália. Portugal não se fez representar por uma comissão, e não encontramos registos da participação de alguma associação portuguesa nas festividades. A corveta Bartolomeu Dias¹¹⁷ e a sua tripulação constituíram a única representação portuguesa presente nas festividades, em que as mais elevadas patentes participaram num banquete oferecido pelo rei Humberto I.

Pode-se afirmar que, de uma forma geral, as festividades em Génova verificaram uma maior recepção por parte dos seus cidadãos do que outras cidades que também acolheram os festejos relativos ao IV Centenário, sendo que muitos dos genoveses participaram afincadamente na realização dos mesmos. As numerosas representações históricas que se proporcionaram nessa altura contribuíram, em grande medida, para cativar uma parte significativa da população. Assim, ao contrário do que viria a suceder em território espanhol, em Génova as festas colombinas verificaram a presença das camadas mais baixas da sociedade. Estas reviam-se nos festejos, assemelhando-se mais a uma celebração de cariz religioso do que civil. É claro que para as elites intelectuais italianas, o centenário assumiu-se como uma oportunidade de câmbio de saberes, e de chamadas de atenção para alguns aspectos culturais, nomeadamente no que dizia respeito à salvaguarda do património nos seus distintos formatos¹¹⁸.

¹¹⁵ Um desses memoráveis momentos foi a cavalcada histórica que se realizou a 3 de Agosto de 1892, «La memorable fecha del 3 de Agosto ha sido festejada en Génova de modo teatral y magnifico. Todas las clases sociales, artistas, industriales, aristocracia, quisieron revivir de manera tangible los incidentes y detalles del acontecimiento, organizando, lucida, original y fidelísima cabalgata». Vide Adelardo Ortiz de Pinedo, «Las fiestas colombinas en Génova», *El Centenario*, Tomo III, 1892. p. 87.

¹¹⁶ Ao contrário do que sucede com os congressos desenvolvidos em Espanha, os realizados em terras italianas não são alvo de análise da nossa parte, porque infelizmente não foi possível apurar a presença portuguesa nos mesmos. Gostávamos ainda de salientar que é muito importante que no futuro se aprofundem os estudos relativos a estes congressos e que se cruze os resultados com os congressos realizados em Espanha, pois estamos em crer que tal trabalho irá beneficiar, em especial, a história da pedagogia no século XIX.

¹¹⁷ *O Ocidente*, 15.º Ano, XV Vol., n.º 495, 21 de Setembro de 1892, pp. 210-211.

¹¹⁸ «Le colombiane del 1892 offrirono agli intellettuali genovesi il pretesto per richiamare l'attenzione dei cittadini e dei pubblici amministratori – per lo più sensibili solo a questioni di urbanizzazione inerenti all'industrializzazione della città – verso problemi culturali legati alla salvaguardia del patrimonio storico, artistico e architettonico». Vide Enrica Marcenaro, «Periodici, Libri e documenti per una bibliografia del 1892», *Festa di Fine Secolo. 1892 Genova & Colombo*, edição de Mario Bottaro, Genova, Pirella editore Genova, 1992, p. 70.

Deve-se ainda salientar o elevado número de obras que vieram a lume em Itália durante essa época, fruto da celebração do IV Centenário, levando a um aumento exponencial de obras de carácter biográfico, estudos sobre o papel dos italianos nos descobrimentos marítimos e publicação de documentação inédita¹¹⁹. À semelhança do que sucedeu noutros países, também em terras italianas os periódicos davam um lugar de grande destaque às celebrações, em especial os periódicos ilustrados. Pensamos que a aceitação terá sido grande por parte dos leitores, pois isso explicaria o investimento efectuado por alguns periódicos na publicação de ilustrações coloridas e de edições especiais.

O exemplo italiano assume-se como um modelo de estudo, onde é possível verificar o verdadeiro impacto de um centenário para uma união civil e comunitária, onde o herói é o elemento agregador das distintas camadas sociais, e a celebração deste é o motor económico e cultural para o desenvolvimento de novas actividades.

2.3. As festas em Huelva

Teve lugar em Huelva o primeiro evento realizado após a declaração da abertura das comemorações do IV Centenário do Descobrimento da América em terras espanholas. Estávamos, então, a 2 de Agosto de 1892 quando foi anunciado, com pompa e circunstância, em várias cidades espanholas a abertura oficial do período de festejos¹²⁰.

O lançamento à água de uma réplica da Santa Maria¹²¹, embarcação comandada por Cristóvão Colombo quando este chegou às Antilhas, foi presenciada por milhares de

¹¹⁹ Aconselha-se a leitura de Enrica Marcenaro, «Periodici, Libri e documenti per una bibliografia del 1892», *Festa di Fine Secolo. 1892 Genova & Colombo*, edição de Mario Bottaro, Genova, Pirella Editore Genova, 1992, pp. 75-89, onde a autora expõe um vasto levantamento bibliográfico referente a todas as monografias e obras de carácter geral, publicadas propositadamente para a comemoração do ano de 1892. Constanam ainda destas páginas valiosas referências a periódicos e a documentação manuscrita.

¹²⁰ Alfredo Vicenti, «Crónica», *El Centenario*, Tomo II, 1892, p. 42.

¹²¹ A produção de uma réplica da embarcação que transportara Colombo até ao Novo Mundo foi uma das primeiras medidas da junta espanhola, contando com o apoio do governo norte-americano. Da tripulação que embarcou na réplica, foi possível resgatar os nomes do Comandante Capitão-de-fragata Victor Concas, os Tenentes Sobral e Magaz, os Alferes Lasalleta e Verdejo, e os *guardia marinas* Quitián, Moya, Pasquín e Rojí. O resto da tripulação era composto por mais 50 homens, os quais eram marinheiros e contramestres. À Santa Maria juntar-se-ia, no mês de Outubro, as réplicas da Niña e da Pinta. A rota das três embarcações seria Havana e mais tarde Nova Iorque, onde deveria chegar no dia 1 de Maio de 1893. Vide *España y América. Periodico Ilustrado*, Ano I, N.º 32, 7 de Agosto de 1892, p. 357. *O Ocidente* possui uma notícia que se intitula «A Caravella Santa Maria e as festas de Huelva», onde expõe interessantes informações sobre o aparecimento da ideia de construção de uma réplica da Santa Maria: «A proxima exposição universal de Chicago fez nascer a idea de celebrar o quarto centenario da descoberta da America por Christovão Colombo. Principiou pelo desejo que a commissão executiva da exposição teve de reunir n'aquelle certamen algumas recordações colombinas, o que levou a mesma

peçoas que, durante o evento, iam gritando o nome de Cristóvão Colombo e dando vivas ao navegador.

Huelva foi a cidade escolhida para este evento inaugural. Nesta realizaram-se sob o pretexto do IV Centenário, banquetes, bailes, concursos de bandas e desfiles, no entanto o momento que maior atenção atraiu foi o espectáculo onde a Santa Maria e o couraçado Vasco da Gama participaram.

«Portugal fez-se representar n'esta solemnídade marítima, pelo Couraçado Vasco da gama, que sahiu expressamente de Lisboa para tomar parte n'essa festa grandiosa a que concorreram, quasi todas as nações, enviando os seus melhores navios de guerra»¹²²

Felizmente, os periódicos espanhóis acompanharam a par e passo todos os festejos e, assim sendo, é possível revisitar o momento em que a Santa Maria desfila para gáudio dos populares diante das seis embarcações mercantes e vinte e nove de guerra, que participam na parada em honra do navegador genovês¹²³.

«Con tiempo espléndido, nuestra escuadra y las extrajeras formaron dos líneas fuera de la barra. La nao, precedida de mi buque insignia y seguida de todos los buques menores, habiéndolos franceses, ingleses, holandeses, austríacos y portugueses, pasó por las filas de las escuadras, que la saludaron con vivas, con artillería y con las músicas.»¹²⁴

comissão, em Abril de 1890, a apresentar ao governo Americano um projecto para se fazerem umas caravellas semelhantes as que primeiro atravessaram o Atlantico capitaniadas por Christovão Colombo [...]. Pode ainda ler-se que o «Sr. Curtis» estudou a forma de alcançar a realização da construção das caravelas. Mais, informa que a Santa Maria foi construída no arsenal de Carranca e fornece ainda algumas medidas referentes à sua construção: «Mede entre perpendiculares 22,60 metros e da ponta do gorupez ao extreme da poupa 29,10, com 1,82 de calado. O casco pesa 127 toneladas, tem cinco cobertas, arma tres mastros, o grande, o do traquete e o da mesena, sendo o peso total da armação 1,311 kilogrammas. A superfície total do velame é de 466 metros. A sua artelharia consta de oito pequenas peças semelhantes as de então». *O Ocidente*, 21 de Agosto de 1892, p. 187.

¹²² *O Ocidente*, 21 de Agosto de 1892, p. 188.

¹²³ Vide Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, 1987, p. 66.

¹²⁴ *El Dia* (edición de la noche), Madrid, Jueves 3 de Agosto de 1892, p. 1.

Deve-se, ainda, destacar no decorrer das festividades em Huelva, no mês de Agosto, uma maratona literária e artística, a qual contou com a presença de vários intelectuais, dos quais se destaca o nome de José de Zorrilla¹²⁵.

Comemorar os feitos de Colombo era frequente em Huelva, relembremos que a Sociedade Colombina Onubense¹²⁶ fazia-o todos os anos. Desta forma, os habitantes da cidade de Huelva já estavam acostumados com celebrações deste tipo, mas não com tamanha magnitude. Apesar de todo o aparato foram poucos os forasteiros que rumaram a Huelva para ver de perto as festividades¹²⁷.

Meses mais tarde, haveria de realizar-se na mesma província, mais propriamente no mosteiro de La Rábida, o IX Congresso de Americanistas, nas datas de 7 a 11 de Outubro de 1892. O resultado deste encontro foi bastante proveitoso para a historiografia da história da América, tal como se aguardava na sua inauguração¹²⁸. Os temas relacionados com as civilizações pré-colombinas estiveram em destaque¹²⁹, fazendo com que, após 1892, se verificasse um aumento significativo quer em trabalhos sobre estas civilizações, quer nas prospecções arqueológicas naquelas áreas. Deve-se, também, ter em atenção que a exposição Histórico-Americana contribuiu para a criação de um imaginário fantástico sobre as civilizações pré-colombinas.

2.4. As festas em Madrid

Apesar do anúncio da abertura das festividades relacionadas com o IV Centenário se ter verificado em Agosto, apenas no mês de Setembro se começa a notar um maior

¹²⁵ José Zorrilla (1817-1893) destacou-se no panorama cultural espanhol como poeta e dramaturgo. O seu talento é reconhecido ainda em vida, recebendo do duque de Rivas o título de poeta nacional. A sua presença nos festejos de Huelva é uma das últimas aparições públicas do intelectual espanhol, já que viria a falecer ainda no decorrer das festas colombinas, no ano de 1893. Vide Cristobal Cuevas Garcia «Zorrilla, José», *Gran Enciclopedia RIALP GER*, Tomo XXIII Ultraje-Zwinglio, Madrid, Ediciones RIALP, 1975, pp. 891-893.

¹²⁶ Fundada em 21 de Março de 1880 por um grupo de intelectuais espanhóis, possuía e possui como seu principal objectivo a actualização da memória do descobrimento da América, através da salvaguarda e da chamada de atenção para os designados Lugares Colombinos. Apesar de a sociedade assinalar todos os anos as datas referentes à figura de Colombo, o IV Centenário e a organização das festividades em Huelva nesse ano, trouxeram à sociedade um maior reconhecimento nacional e internacional.

¹²⁷ Antonio Sánchez Moguel, «Las fiestas de Huelva», *La Ilustración Española y Americana*, XXX, 15 de Agosto de 1892, pp. 85-86.

¹²⁸ Antonio Cánovas del Castillo, «Discurso pronunciado en la solemne inauguración del congreso de Americanistas celebrado en el Convento de la Rábida», *El Centenario*, Tomo III, 1892, pp. 191-195.

¹²⁹ Vide «Documentos Oficiais. Congreso Internacional de Americanistas – Programa», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 242-244.

frenesim na capital espanhola. No dia 7 de Setembro realizou-se nessa cidade um encontro onde as várias comissões e representantes das nações europeias e americanas discutiram os últimos pormenores para a abertura das várias exposições e congressos. Não obstante foi apenas a partir do dia 12 de Outubro que a cidade se tornou na capital dos festejos do IV Centenário.

2.4.1. As exposições

Neste subcapítulo pretendemos, de uma forma generalizada, traçar os perfis das distintas exposições que se realizaram em Madrid, sob o desígnio de IV Centenário. Quais os seus objectivos? Quais as comissões presentes nestas? E qual foi a recepção destes eventos por parte das elites culturais, pela imprensa e pelas massas? Quanto à participação portuguesa nestas será analisada num capítulo próprio, mais adiante neste estudo¹³⁰.

Podemos assinalar a existência de três exposições oficiais, decretadas pela comissão organizadora do IV Centenário em terras espanholas, a saber: exposição Histórico-Americana, Histórico-Europeia e por último de Belas Artes. A ideia de se realizar exposições no decorrer do IV Centenário é quase tão antiga como o desejo de se comemorar o ano de 1892, basta para isso lembrar que a ideia inicial das comemorações baseava-se numa exposição universal. No entanto, com a alteração dos planos, foi necessário reajustar o programa dos eventos a realizar. É neste âmbito que se define a existência de três exposições, com um objectivo comum a todas elas: a divulgação do passado histórico da Humanidade. Claro que esta ideia de promover e divulgar a história dos povos do Novo e do Velho Mundo, resultaria num aproveitamento das distintas comissões para a elaboração de discursos nacionalistas e raciais¹³¹, já que através da exposição de obras de arte e de artefactos, as civilizações seriam julgadas quanto ao seu grau de desenvolvimento, possibilitando uma história comparada, tendencialmente prejudicial às recém-independentes nações centro e sul-americanas.

¹³⁰ A participação portuguesa é um pouco peculiar uma vez que Portugal não dividiu o seu espólio pelas distintas exposições. Optou-se, como verificaremos mais à frente neste estudo, pela agregação das peças referentes às várias exposições nas duas salas que possuía para expor os objetos levados para Madrid.

¹³¹ Mauricio Tenorio-Trillo, *Mexico at the World's Fairs. Crafting a Modern Nation*, Los Angeles, University of California Press, 1996, p. 8.

Exposição Histórico-Americana

O desejo de se realizar uma exposição de cariz etnográfico referente ao continente americano, remonta a 1888, sendo que apenas em 24 de Janeiro de 1891, se produz um regulamento oficial dando indicações precisas para tarefas tão simples como a escolha de objectos para exibição e a forma como se deveria proceder à sua classificação¹³².

Existiam na exposição objectos oriundos de distintas partes do globo, como: Espanha, Portugal, Alemanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, Estados Unidos, México, Nicarágua, Guatemala, Costa Rica, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia, Argentina, Uruguai, Áustria, Honduras, El Salvador, Chile, Venezuela, Paraguai e Canadá¹³³. Em muitos casos os objectos expostos, embora representativos da história de cada nação, não tinham sido recolhidos pela comitiva representativa dessas, uma vez que poucas foram as nações que enviaram comissões. Assim sendo, muitas das nações anteriormente mencionadas não participaram de uma forma directa na exposição, e os artefactos oriundos destas pertenciam a colecções privadas, que muitas vezes não estavam radicadas nos países de origem das peças. Oficialmente apenas as nações portuguesa, espanhola, norte-americana, sueca, dinamarquesa, alemã, austríaca, mexicana, argentina, peruana, costa-riquenha e uruguaia, possuíam comissões nacionais, sendo que a maioria destas elaborou em catálogos referentes ao conteúdo das suas salas.

A importância desta exposição recaiu, sobretudo, na oportunidade que se apresentava aos estudiosos da época para comparar diferentes artefactos da América pré-hispânica permitindo, a muitos deles, um avanço nos seus estudos¹³⁴. É claro que tamanha quantidade de artefactos encantaria qualquer visitante, particularmente quando, ao alcance de um olhar, se poderia apreciar códices pré-colombinos¹³⁵, cerâmicas magistralmente produzidas e adornadas, trajes e múmias¹³⁶. Tamanha acumulação de

¹³² Veja-se *El Centenario*, Tomo II, 1892, pp. 140-144.

¹³³ Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, 1987, pp. 98-101.

¹³⁴ Um exemplo dos estudos realizados a partir do material exposto na exposição Histórico-Americana é o de Zelia Nuttall, *Ancient Mexican feather work at the Columbian historical exposition at Madrid*.

¹³⁵ Para além de algumas réplicas de códices, esteve presente nesta exposição um original: o Códice Dorenberg. Trata-se de um códice mixteco, de elevada qualidade, de origem pré-hispânica, que após a sua exibição na exposição Histórico-Americana foi rebatizado, sendo actualmente conhecido como Códice Colombino, de forma a assinalar o evento que lhe deu um maior destaque a nível internacional. Veja-se José Alcina Franch, *Códices Mexicanos*, Madrid, Editorial Mapfre, 1992, pp. 185-186.

¹³⁶ Do conjunto de múmias expostas na exposição, destacam-se aquelas que figuravam nas salas portuguesas, devido à sua qualidade e grau de conservação, tornando-se certamente uma das atrações em termos de artefactos pré-hispânicos existentes nestas salas.

artefactos reveladores da história pré-hispânica americana não passou em claro, tendo a comissão dos Estados Unidos da América efectuado um extenso relatório¹³⁷, onde os artefactos pré-colombinos possuíram um lugar de destaque. Os diversos textos existentes nesse relatório eram assinados pelos grandes nomes norte americanos dos estudos pré-colombinos.

Durante o tempo que a exposição se manteve de portas abertas, foram vários os periódicos que, nas suas páginas, publicaram artigos referentes à exposição, às salas¹³⁸ de algumas comissões e a alguns objectos específicos. Acompanhavam, muitas das vezes, estes artigos, gravuras referentes às salas e aos artefactos perpetuando a memória destes e permitindo uma publicitação das temáticas etnográficas.

Exposição Histórico-Europeia

Esta exposição foi idealizada por Cánovas del Castillo¹³⁹, não se conhece bem o intuito inicial da organização de uma exposição deste tipo, uma vez que irá funcionar ao mesmo tempo que a Exposição Histórico-Americana. Suspeitamos de uma intenção dissimulada de comparação entre civilizações.

No tempo em que a exposição esteve aberta ao público, verificou-se uma renovação do espaço e troca de alguns objectos expostos. Presume-se que tal tenha acontecido devido à proximidade com a Exposição Universal de Chicago, na qual participaram a maioria das comissões que tinham exposto em Madrid.

A Exposição Histórico-Europeia dividia-se em duas categorias: as belas artes e as indústrias artísticas. Salvador Bernabéu Albert salienta a importância da chegada de

¹³⁷ Devido a problemas de gestão de tempo, foi impossível a entrega do relatório nos meses posteriores ao encerramento das exposições, assim sendo este aparece com a data dos últimos meses do ano de 1894. Vejamos o que Brown Goode, comissário-geral da comissão norte-americana, escrevia então como justificação para o atraso na entrega do relatório: «Sir: I have the honor to submit the report of the Commission of the United States of America for the Columbian Historical Exposition in Madrid during the months of November and December, 1892, and January, 1893. The time which has elapsed since the conclusion of the Exposition has been necessarily occupied in the Completion of the special reports. This work has not been so rapidly forwarded as it would have been had not the time of most of the persons engaged upon these reports been absorbed for a considerable period by duties in connection with the World's Columbian Exposition in Chicago.» Vide *Report of the United States Commission to the Columbian Historical Exposition at Madrid. 1892-1893*, Washington, Government Printing Office, 1895, p. 4.

¹³⁸ De todas as salas, foram as portuguesas, que mais vezes apareceram nos periódicos espanhóis no decurso dos anos de 1892 e 1893.

¹³⁹ Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, 1987, p. 101.

colecções privadas, em especial do Vaticano, para o sucesso desta exposição¹⁴⁰. À semelhança da maioria dos projectos ligados com o IV Centenário, parece ter havido uma fraca adesão por parte do público¹⁴¹, apesar de, como já antes acontecera com os restantes eventos, ser alvo de rasgados elogios devido à qualidade das colecções expostas.

Exposição de Belas-Artes

Este evento apresentou-se como uma solução de internacionalização de uma exposição nacional de belas artes¹⁴², que iria coincidir com o IV Centenário. Desta forma ponderou-se e formalizou-se a sua implementação nas festividades colombinas.

Tendo como principal objectivo divulgar as belas artes e promover o estudo das escolas artísticas, a exposição contou com a participação de Portugal, Espanha, Brasil, Baviera, Rússia, Bélgica, Estados Unidos da América, França, Áustria e Suécia¹⁴³. Sendo que dos mil e trezentos exemplares expostos, duzentos pertenciam às nações anteriormente referidas.

Em oposição aos comentários positivos de que gozavam as outras exposições, esta foi alvo de duras críticas, não merecendo um lugar de destaque nos periódicos, ao contrário do que acontecera com as demais exposições.

2.4.2. Os congressos

Em 1892, Espanha apresentou-se ao mundo como um polo de agregação e divulgação cultural. Os vários congressos que se realizaram dentro do território espanhol trouxeram até si alguns dos mais ilustres intelectuais da época, contudo as discussões não se limitaram aos espaços onde se realizaram os congressos, tendo-se alargado também aos espaços públicos. No decorrer das festividades foram vários os intelectuais espalhados pelos inúmeros lugares de convívio de Madrid e não só, discutindo conceitos, temas e até adiantando-se em contra-teses.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 101.

¹⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 101.

¹⁴² Idem, *ibidem*, p. 101.

¹⁴³ Veja-se *Catalogo de la Exposición de Bellas Artes*, Madrid, [s.n.], 1892.

Julgamos ser pertinente apresentar, sucintamente, os vários congressos que tiveram lugar nas comemorações de 1892. Dos congressos realizados, destacamos seis que descrevemos de seguida.

Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano

A inauguração do encontro realizou-se a 13 de Outubro e finalizou a 27 do mesmo mês. Este congresso contou com a participação de vários intelectuais portugueses¹⁴⁴ entre os quais se destaca Bernardino Machado, o qual apresentou uma comunicação intitulada «O ensino da Filosofia nos liceus portugueses». O congresso dividiu-se em cinco secções: educação primária, ensino secundário, ensino técnico, universidade e a educação feminina. Segundo Carmen Colmenar Orzaes, este congresso terá sido o segundo mais importante de todo o século XIX, pelo menos no que diz respeito a assuntos pedagógicos¹⁴⁵.

Congresso Geográfico Hispano-Português-Americano

Terá sido este encontro que reuniu em seu torno o maior número de espectadores. Realizou-se entre 17 de Outubro e 7 de Novembro e foi presidido pelo General Rodriguez Arroquia¹⁴⁶. Vieram a lume, neste congresso, uma série de comunicações relacionadas com a presença de portugueses e espanhóis nas Américas, as suas influências e o seu contributo para a evolução dos povos americanos. Destacam-se deste congresso as seguintes comunicações: *Los españoles y los portugueses en América*, apresentada por Rodrigues de Quijano, e *Influencia del cristianismo en la civilización de los pueblos americanos de origen español y portugués*, da autoria do delegado da diocese de Madrid-Alcalá Ricardo Cappa y Manescau. Ambas as comunicações possuíam um discurso marcadamente racial.

¹⁴⁴ Vide Maria Isabel João, Op. cit., 1998, p.409.

¹⁴⁵ Também em 1892 se tinha ideia que o encontro produzira bons resultados. Vide *Gaceta de Instrucción Pública*, 25 de Diciembre de 1892, p. 928. Sugerimos também a leitura de um artigo realizado por Carmen Colmenar Orzaes, «Proyección social de la escuela normal central e maestrias de Madrid durante la restauración española», *Historia de la educación. Revista interuniversitaria*, Nº 8, 1989, pp.261-274.

¹⁴⁶ *Revista de Geografía Comercial*, 1892, p. 244; o brilhantismo da condução dos trabalhos do congresso geográfico, levou-o a ser nomeado como presidente honorário da Sociedad Geografica de Madrid, *La Época*, 30 de Noviembre de 1892, [p. 3].

Congresso Jurídico Ibero-americano

O Congresso Jurídico Ibero-americano, assim como todos os outros, contou com o apoio permanente dos periódicos, que desde cedo acompanharam os preparativos do evento. Tendo como seu principal mentor Menéndez Torres¹⁴⁷, o evento realizou-se entre 24 de Outubro e 10 de Novembro. Fazia parte da direcção Carlos Zeferino Pinto Coelho¹⁴⁸, o qual ocupava o cargo de vice-presidente honorário do congresso¹⁴⁹. Este realçou no seu discurso¹⁵⁰ a importância do encontro. Também presente neste evento esteve o Conde de Valençãs¹⁵¹, Luís Jardim. Deve-se ainda salientar que as questões jurídicas internacionais estavam a passar por uma remodelação nos finais do século XIX, fruto, em grande parte, dos processos independentistas de várias nações, em especial da América Central e do Sul¹⁵².

Congresso Mercantil Hispano-Americano-Português

O Congresso possuía como principais pontos de discussão, a necessidade de aproximar as repúblicas americanas e a criação de mecanismos que possibilitassem a exportação de produtos para mercados transatlânticos, originários do Velho ou do Novo Mundo. Existia também uma elevada expectativa em relação à adesão de Portugal e Espanha ao tratado de direito internacional privado; convergência de unificação, dentro

¹⁴⁷ Menéndez Torres será homenageado já depois da realização do congresso por Cánovas del Castillo na Academia de Jurisprudência, devido ao sucesso do evento. Vide *Archivo Diplomático y consular de España. Revista internacional, política, literária y de intereses materiales*, Ano X, N.º 435, Madrid, 31 de Diciembre de 1892.

¹⁴⁸ A participação de qualquer português nos eventos realizados em Espanha, era motivo de orgulho e de celebração nacional. Um desses exemplo ficou imortalizado num artigo assinado por Manoel Barradas n' *O Ocidente*, «Os aplausos dos hispanhoes a Pinto Coelho são dirigidos a Portugal e nós, portugueses, sentindo no coração esses aplausos não podemos deixar de levantar nos escudos um nome que é honra de Portugal». Vide *O Ocidente*, 11 de Novembro de 1892, p. 232.

¹⁴⁹ «Reconocida la importancia que el congreso revestirá, otorgóse el titulo de presidentes honorários del mismo á los presidentes de los Estados ibero americanos y á los del Consejo de ministros de Portugal y España.» Vide *La Iberia. Diario Liberal*, 23 de Marzo de 1892, [p. 1].

¹⁵⁰ *Congreso Jurídico Ibero-Americano. Reunido en Madrid el Año 1892*, Madrid, Real Academia de Jurisprudencia y Legislación, 1893, p. 35.

¹⁵¹ Desde o convite inicial, o Conde de Valençãs, contou com o apoio da comunicação social portuguesa: «Por ocasião das festas Colombinas deve realizar-se em Madrid um congresso de direito internacional, e para esse congresso foi já convidado pela Real Academia de juris-prudencia do visinho reino, o nosso presado amigo o Sr. Conde de Valençãs, que ha muito é sócio d'aquella respeitável academia.» Vide *O Ocidente*, 21 de Junho de 1892, p. 143.

¹⁵² Recorde-se que em 1878-1879 o Visconde de São Januário partiu numa missão diplomática para a América do Sul e Central, procurando em grande medida estabelecer acórdãos relacionados com processos jurídicos, como por exemplo extradição de presos.

do possível, dos sistemas monetários e das tarifas postais entre estados americanos, Portugal e Espanha; propriedade industrial e literária, e liberdade de trabalho nas profissões de engenheiros, médicos e advogados; formas de aproximação do mercado português aos produtos espanhóis e vice-versa, tratados de comércio; política colonial entre as Antilhas Espanholas e a metrópole, formas de desenvolvimento do comércio e da indústria local; conveniências ou inconveniências da liberdade bancária¹⁵³. Tais temas marcavam a agenda da época e, por isso, a sua discussão era totalmente pertinente não apenas para as nações directamente envolvidas no congresso, mas também para as restantes nações do mundo.

O evento realizou-se entre 7 e 19 de Novembro de 1892, com Manuel Pinheiro Chagas a assumir um lugar de destaque na equipa responsável pela direcção dos trabalhos do congresso, ocupando a posição de vice-presidente.

Congresso Literário Hispano-Americano

Os trabalhos decorreram entre 31 de Outubro¹⁵⁴ e 10 de Novembro. Não existem registos de uma participação portuguesa neste congresso. Porém, não sabemos se alguns portugueses terão, ou não, assistido a algumas sessões, já que se tratavam de assuntos bastante importantes para os amantes da literatura e da linguística. O grande tema de todo o congresso foi a problemática da conservação da língua espanhola face às transformações inerentes ao tempo e ao contacto com outras línguas, abordaram-se também questões relacionadas com as normas gramaticais e os mecanismos de unificação da língua espanhola¹⁵⁵.

¹⁵³ *La Iberia. Diario Liberal*, 11 de Febrero de 1892, [p. 1].

¹⁵⁴ Nesse mesmo dia, aconteceu em Madrid um vigoroso motim contra duas das pessoas mais importantes no panorama da organização do IV Centenário, Cánovas del Catillo e Bosch, o alcaide da cidade. No dia seguinte aos incidentes, alguns periódicos eram bastante sarcásticos ao referirem-se aos acontecimentos do dia anterior: «No hay que asustarse. Se trata de un tumulto, único en su género, una clase nueva de motines que es casi un espectáculo, porque en vez de huir, el público acude á verlo, y lejos de sobresaltar, parece que sirve de entretenimiento y extravagante festejo... Pocos son los que vocean: un par de centenares de hombres y chiquillos son los principales actores del jaleo, y dos ó tres mil curiosos marchan detrás a ver en que pará todo... Parece que campan por su respeto; hasta ahora el odio no se ha manifestado en vías de obra nada más que contra las flores y contra las tribunas del ayuntamiento, y platónicamente contra el alcaide. El público en general, en vez de huir se forma en las aceras para verlos pasar, no se unen á ellos precisamente, pero se ríen. Los amotinados, por su parte, marchan despacio y tranquilos, y están haciendo un motín con el mayor orden». Veja-se *La correspondencia de España. Diario político y de noticias*, 1 de Noviembre de 1892, [p. 3].

¹⁵⁵ *Archivo Diplomático y consular de España. Revista internacional, política, literária y de intereses materiales*, N.º 431, 30 de Noviembre de 1892, [p. 6].

Congresso Militar Hispano-Português-Americano

É um dos congressos menos estudados, contudo com um imenso potencial, já que tinha como principal objectivo estabelecer novos códigos de guerra, no que diz respeito a penalizações e à forma de a fazer¹⁵⁶. Participaram neste evento chefias militares das nações americanas e europeias. Os trabalhos decorreram entre os dias 9 e 25 de Novembro no Centro del Ejército y de la Armada de Madrid¹⁵⁷.

* * *

A maioria dos congressos revela uma discussão essencialmente a três vozes: Espanha, Portugal e o mundo americano. Aspectos como geografia, comércio, actividades bélicas e justiça, estavam bastante em voga nos finais do século XIX, em especial com a afirmação das novas nações americanas.

É interessante verificar que a maioria das comunicações apresentadas se enquadrava em três grandes conjuntos: exaltação da pátria, a identidade regional/civilizacional, e questões raciais. Os feitos da pátria estavam sempre num patamar superior em relação aos restantes. Apesar desta superioridade nacional, existia nas comunicações dos congressos um sentido de pertença regional/civilizacional, que se podia dividir em três grupos: mundo ibérico, identidades pré-hispânicas, e civilização ocidental.

O mundo ibérico terá sido por ventura o mais mencionado ao longo de todas as comunicações, em especial nas portuguesas e espanholas. Em segundo lugar, encontramos as identidades pré-hispânicas, onde as antigas colónias aparecem a reclamar para si o orgulho pré-colombino, o qual segundo elas é o caminho para a redescoberta da sua história. Sem terem necessidade de recorrer à antiga história dos colonizadores, uma vez que agora (após a independência), são elas as vencedoras, e, desta forma, devem beber da sua história antes da chegada dos europeus.

Em antítese a este segundo grupo aparece um terceiro, que se auto designa como civilização ocidental. Deste fazem parte os países europeus. É frequente verificar-se nos

¹⁵⁶ Antonio Cánovas del Castillo proferiu um discurso onde sumariza em breves frases os resultados alcançados no Congresso Militar Hispano-Português-Americano. Dividiu o seu discurso nas seguintes partes: *Fuerza irregulares, Espias y insurrectos, neutralidade*. Veja-se a totalidade do discurso de Cánovas del Castillo em *El Correo Militar*, Madrid, 26 de Noviembre de 1892, [pp. 1-2].

¹⁵⁷ Salvador Bernabéu Albert, *op. cit.*, 1987, p. 91.

discursos da época, menção a esta civilização ocidental, onde aparece maioritariamente apresentada como responsável pela evolução das sociedades ameríndias.

Por último, as questões de ordem racial aparecem como a solução do problema que são as assimetrias nacionais. Ora vejamos, com o aparecimento de um discurso nacional quer da parte das nações americanas, quer da parte das nações europeias, existia uma fricção negativa e pouco benéfica para ambos os lados, pois dificultaria as relações comerciais, isto no que diz respeito a uma leitura económica. Ao mesmo tempo, era inegável a contaminação que a civilização ocidental tinha tido nas américas, em especial nos aspectos linguísticos e religiosos. Seria então necessário encontrar uma forma de contornar esta problemática, parece-nos que a forma descoberta terá sido a idealização de uma raça, nomeadamente uma raça que conseguisse agrupar ambos os mundos. O conceito de raça latina surge como elemento conector entre ambos os mundos, o Novo e o Velho, para além disso, possibilita uma restrição em termos dos seus elementos. Assim, apenas os países centro e sul-americanos, Portugal, Espanha e Itália podiam fazer parte desta raça. Isto significava que as festividades colombinas eram no fundo a celebração da raça latina, tendo em Colombo o seu principal embaixador.

Muitas das comunicações atraíam o interesse dos intelectuais, muito para além dos espaços dedicados à apresentação das comunicações; os saraus, os cafés, os jardins estariam certamente repletos de entusiastas, debatendo entre si, trocando impressões, empreendendo, divulgando e questionando o conteúdo das comunicações. No seio destes intelectuais encontrávamos certamente portugueses, como por exemplo, Ramalho Ortigão e Manuel Pinheiro Chagas. Nas cartas de Ramalho Ortigão para a sua esposa, encontramos inúmeras referências a estes espaços onde muitas vezes se trocavam ideias sobre os trabalhos que iam sendo apresentados, mas também sobre o pensamento de determinado intelectual sobre um assunto específico.

Pensamos que, também em Portugal, certamente, as elites intelectuais discutiriam quer os congressos, quer a presença portuguesa nas festividades. Notícias como o artigo publicado a 11 de Novembro de 1892 n’*O Ocidente*, seriam o mote para várias conversas e discussões, as quais podiam ainda ser alimentadas por novidades chegadas de Madrid, através de postais ou cartas enviadas a amigos ou familiares, que rapidamente em conversas poderiam alargar as informações do que se estava a suceder em Madrid.

«Nos congressos de Pedagogia e de jurisprudencia fizeram também notável figura dois portugueses dos mais distintos, n'aquelle o nosso bom amigo o sr. Bernardino Machado, que mais uma vez fez prova da sua alta capacidade literaria e scientifica, n'este o nosso querido amigo o sr. Conde de valenças que tem recebido as mais altas e merecidas distinções de todos os congressistas e que nos trabalhos d'esse congresso tanto elevou o nome português.»¹⁵⁸

3. Portugal nas celebrações colombinas de Madrid

Anteriormente fizemos menção à existência de três exposições (Histórico-Americana, Histórico-Europeia e Belas-Artes). Portugal participou em todas elas, porém, ao invés de dividir o seu espólio pelos distintos espaços onde decorriam as exposições, optou por concentrar todo o seu património em apenas duas salas do Palácio de Recolecto, espaço físico onde decorreram as Exposições Histórico-Americana e Histórico-Europeia.

Poderíamos dividir o nosso estudo pela análise da participação portuguesa em cada exposição, no entanto tal opção seria prejudicial ao estudo, influenciando os resultados do mesmo, uma vez que nunca, em momento algum, a comissão portuguesa pretendeu dividir por distintos espaços o seu espólio. Pelo contrário, sempre defendeu que a divisão do seu património seria sinónimo de destruição de um discurso, que se pretendia transmitir.

Daremos uma especial atenção à organização, disposição e decoração das salas portuguesas, pois acreditamos que o discurso visual patente complementa e cimenta o discurso presente nos outros trabalhos (monografias, memórias, catálogos, publicação de fontes, etc.) efectuados pela comissão portuguesa. Será alvo também de estudo a presença dos monarcas portugueses em terras espanholas e a forma como a imprensa cobriu tal deslocação. Decidimos não englobar a participação portuguesa nos vários congressos que se realizaram na capital espanhola, devido à fragilidade do nosso conhecimento relativo à sua participação nestes eventos. Para uma análise correcta, não bastaria assinalar os nomes presentes, seria também necessário efectuar um profundo

¹⁵⁸ *O Ocidente*, 11 de Novembro de 1892, p. 250.

estudo sobre cada tema do congresso em causa, sendo essencial possuir um grande conhecimento sobre a evolução desses temas na história e nos distintos panoramas nacionais e internacionais. Só depois poderíamos, de uma forma séria e rigorosa, analisar a participação portuguesa nos mesmos. Resta-nos desejar que num futuro se possam dedicar algumas teses ou artigos no âmbito destas temáticas.

3.1. Portugal e as exposições

Desde o convite formal para que Portugal fizesse parte das festividades do IV Centenário em Madrid, que existia a possibilidade de realização de exposições associadas ao período dos descobrimentos. Mais tarde essa hipótese tornou-se numa realidade, sendo elaborado um rigoroso e complexo regulamento onde estavam expostas todas as normas que deveriam ser conhecidas pelas comissões participantes¹⁵⁹.

Desde a formação oficial da comissão portuguesa que existiu a preocupação de pensar uma representação da nação através de um discurso visual. Ramalho Ortigão foi, desde o início, um dos membros mais concentrados nesse aspecto¹⁶⁰. Rapidamente sugeriu que se efectuassem várias acções de pesquisa iconográfica que visavam a busca da essência da paisagem, cultura e da história de Portugal¹⁶¹. Pensamos que o seu percurso pessoal, aliado a um espírito inovador e à sua presença em distintas exposições, terá sido decisivo em todo o processo da participação portuguesa no IV Centenário.

Contudo, o génio de Ramalho Ortigão pouco efeito prático teria, caso não contasse com o engenho e arte de um dos maiores artistas portugueses: Rafael Bordalo

¹⁵⁹ Vide «Documentos Oficiais. Reglamento General de la Exposición Histórico-Americana de Madrid», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 285-292.

¹⁶⁰ Na sua tese de doutoramento intitulada *Ramalho Ortigão e o culto dos monumentos nacionais no século XIX*, defendida em 2009, Alice Nogueira Alves dedica algumas páginas à participação de Ramalho Ortigão na comissão portuguesa. Sugere nesse estudo que Ramalho Ortigão foi um dos principais mentores da decoração das salas portuguesas, sugestão que reiteramos. As informações apresentadas por Alice Nogueira Alves dão-nos a oportunidade de verificar como Ramalho Ortigão foi influenciado pelo seu percurso pessoal, sobretudo pelas suas viagens. Assim, sendo um dos mais viajados membros da comissão, e tendo visitado várias exposições, não é de estranhar que tenha tido a sua mente repleta de imagens e de ideias, que desejava pôr em prática na decoração das salas portuguesas. Vide Alice Nogueira Alves, *Ramalho Ortigão e o culto aos monumentos nacionais no século XIX*, [Texto policopiado], Lisboa, 2009.

¹⁶¹ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 22 de Fevereiro de 1892.

Pinheiro. Não tardaria muito até que Ramalho Ortigão sugerisse o nome do artista¹⁶² para o cargo de decorador da comissão portuguesa.

Uma das preocupações iniciais da comissão foi, como se verificou na primeira parte deste estudo, a questão do espaço que Portugal dispunha para armar a sua mostra. Essa incerteza alimentou pequenas problemáticas em relação à separação ou à manutenção de todas as colecções portuguesas concentradas¹⁶³ num mesmo espaço. Na base do desejo de manter todo o património agregado, estava a segurança das colecções¹⁶⁴. Contudo, rapidamente se resolveu tal problemática com a promessa dos representantes da comissão espanhola em Portugal, que as colecções poderiam ficar juntas¹⁶⁵, e que mesmo assim, seriam alvo de uma especial atenção por parte do serviço de segurança das exposições. Ficou ainda acordado que um dos elementos da comissão portuguesa se poderia deslocar a Madrid para escolher o espaço que receberia as colecções portuguesas¹⁶⁶.

Unanimemente foi escolhido Ramalho Ortigão para tal tarefa. Tendo-se deslocado e permanecido na capital espanhola entre os dias 5 de Junho e 13 de Junho¹⁶⁷. Numa das suas obras literárias, Ramalho Ortigão descreve que foi cordialmente recebido em Madrid por Navarro Reverter, «deputado da Nação e secretário da comissão directora das festas, no centenário de Colombo»¹⁶⁸. Depois de uma narrativa quase ilustrada da sua trajectória desde o seu hotel até ao edifício onde iriam ocorrer as exposições, foi recebido por arquitectos e por alguns representantes da Comissão Ibero-Americana.

«Em seguida percorremos o edifício, grande como um
quarteirão de rua; atravessámos vastas e consecutivas salas,
destinadas, depois da exposição colombina, à instalação da

¹⁶² B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 30 de Abril de 1892.

¹⁶³ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 31 de Março de 1892.

¹⁶⁴ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 5 de Abril de 1892.

¹⁶⁵ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 5 de Abril de 1892.

¹⁶⁶ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 5 de Abril de 1892.

¹⁶⁷ Vide Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, Lisboa, Livraria Clássica Editora – A.M. Teixeira & C.^a (Filhos), Lda., 1949, pp. 123-192.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 125.

Biblioteca Nacional de Madrid e do Museu de Pintura Moderna; subimos e descemos como num complicado labirinto de malhas de ferro rectangulares, preenchendo toda a altura das casas desde do solo até ao tecto, o espaço destinado à arrecadação de milhões de volumes, servida por um vasto sistema de ascensores e de carril de ferro, tendo por fim chegar rapidamente a todas as prateleiras das estantes sobrepostas, e transportar os livros requisitados entre o depósito geral e as salas de leitura.»¹⁶⁹

A citação anterior demonstra-nos que a visita efectuada por Ramalho Ortigão ao edifício das futuras exposições envolveu uma intensa observação que, segundo o próprio, demorou quatro horas¹⁷⁰. Assim, cremos que a escolha das duas salas que abrigariam as colecções portuguesas, foi efectuada após uma exaustiva visita às instalações. Podemos, ainda, especular a possibilidade de Ramalho Ortigão ter colocado algum tipo de questão aos arquitectos, e/ou ter recebido algum tipo de conselhos. Temos como certeza a escolha de duas salas à entrada do Palácio de Recoletos. A primeira sala ficava situada à esquerda da entrada principal, possuía duas janelas dispostas para o exterior do edifício, e tinha como dimensões 13m × 10m; na sequência estava a segunda sala, de 28m × 10m, contava com um total de oito janelas, quatro delas davam para o lado exterior do edifício e as restantes para um claustro. Ambas as salas possuíam um pé direito de 8m¹⁷¹.

Com as salas escolhidas e com o plano das mesmas, foi possível iniciar-se uma nova etapa. Rafael Bordalo Pinheiro possui à sua disposição algumas vitrinas oriundas do Museu Nacional das Janelas Verdes¹⁷² e que com engenho vai personalizar, adicionando-lhe elementos decorativos de inspiração manuelina. Muita desta actividade de preparação e concepção da representação de Portugal será efectuada na sua fábrica das Caldas da Rainha. Na verdade, sabemos muito pouco deste período de reflexão e de

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 125.

¹⁷⁰ Idem, *ibidem*, p. 125.

¹⁷¹ Os dados apresentados são o resultado do cruzamento das informações disponibilizadas em B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], sessão de 23 de Junho de 1892 e das plantas da Exposição Histórico-Americana.

¹⁷² B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 23 de Junho de 1892.

preparação antes da partida no mês de Setembro para Madrid de Ramalho Ortigão e Rafael Bordalo Pinheiro.

Marcava o calendário 27 de Setembro de 1892 e ainda permaneciam em Portugal as colecções a serem expostas, tal como o delegado representante da comissão portuguesa nas exposições colombinas, Ramalho Ortigão. Não seria grave se o art.º 3.º do Regulamento da Exposição Histórico-Americana não tivesse previsto a abertura da mesma para o dia 13 de Setembro de 1892¹⁷³. Assim, passada quase uma quinzena de dias, a inauguração estava atrasada, e muito poucas eram as comissões que já tinham as suas instalações preparadas.

Nunca antes a expressão «chegar, ver e vencer»¹⁷⁴ fez tanto sentido como na ocasião da presença de Rafael Bordalo Pinheiro na Exposição Histórico-Americana¹⁷⁵. O árduo trabalho aliado à capacidade de realização dos mais extraordinários e meticulosos trabalhos manuais (combinado com uma dose de irreverência e imaginação), levaram a que o trabalho efectuado por Bordalo Pinheiro fosse alvo de louvor nacional e internacional, e até de alguma cobiça por parte das outras comissões participantes.

«A ornamentação da secção portuguesa fico o que se chama um encanto; tem sido a admiração de nacionais e de estrangeiros, Bordallo Pinheiro tem sido incansável. Só quem [...] assistiu às inúmeras contrariedades com que Bordalo Pinheiro lutou, pode bem analisar quanto é glorioso o trabalho deste nosso artista.

Para mostrar a maneira brilhante como esta ornamentada a secção portuguesa basta citar o facto que acaba de dar-se ali. Os encarregados das ornamentações de algumas nações estrangeiras, vendo o brilhantismo e o gosto artístico com que esta feita a secção

¹⁷³ Vide «Documentos Oficiais. Reglamento General de la Exposición Histórico-Americana de Madrid», *El Centenario*, Tomo I, 1892, p. 285.

¹⁷⁴ Deolinda Milhano, *Dicionário de Ditados (Proverbios) e Frases Feitas*, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 83.

¹⁷⁵ A decoração elaborada por Ramalho Ortigão e Bordalo Pinheiro parece ter surpreendido as restantes comissões nacionais. «Os encarregados de algumas nações estrangeiras, vendo o brilhantismo e o gosto artístico com que esta feita a secção portuguesa, e feridos no seu orgulho alguns, mandaram ornamentar de novo as suas secções inutilizando tudo o que haviam feito. Como o prazo para a abertura da exposição está chegando, tiveram de à última hora lançar mão de artistas hespanhóis para os ajudar», *Diário Ilustrado*, 29 de Outubro de 1892, p. 3.

portuguesa e ferido no seu orgulho alguns, mandaram ornamentar de novo as suas secções inutilizando tudo o que haviam feito.

Como o prazo para a abertura da exposição esta chegando, tiveram de à última hora lançar mão de artistas hespanhois para os ajudar. Bem é certo que os últimos são os primeiros.

Quem, [...], tem assistido aqueles trabalhos, aos quais preside o refinado gosto artístico de Bordalo Pinheiro, quem, [...], tem ouvido os elogios justos e merecidos que todos sem excepções, lhe tecem, sentiria como me sucede, vangloriar-se o espírito patriótico pela figura brilhante que Portugal, a nossa querida nação, vai fazer perante as nações estrangeiras.»¹⁷⁶

Depois deste excerto é necessário colocar algumas questões. Que ornamentação tão especial, que disposição espacial de expositores e artefactos seria capaz de criar tal impacto? Que conteúdo simbólico-ideológico possuía a decoração portuguesa? Faria este encanto parte da estratégia portuguesa?

Estamos em crer que o discurso visual português foi pensado, desde o início, para causar um grande impacto nos seus visitantes. Uma das primeiras medidas relativas à exposição foi o pedido referente à aquisição de fotos onde se pudessem encontrar características físicas dos aspectos artísticos e culturais de Portugal, para que fosse possível, mais tarde, recriar nas salas da exposição Portuguesa o passado histórico e etnográfico da nação portuguesa. Assim, como esperado, por arte e mestria de Rafael Bordalo Pinheiro esses traços etnográficos ficaram patentes na exposição, sendo imortalizados em gravuras e fotografias do IV Centenário. Redes, cordas, embarcações, objectos relativos a um discurso de identidade marítima foram expostos¹⁷⁷, como se gritassem aos visitantes que ali, perante eles, estava uma nação de marinheiros, e que o seu destino desde sempre fora enfrentar os mares e conquistá-los; que os feitos dos portugueses não tinham sido um mero acaso, muito pelo contrário, um destino natural,

¹⁷⁶ Vide *Diário Ilustrado*, 29 de Outubro de 1892, [p. 3].

¹⁷⁷ Se cruzarmos as informações visuais, existentes em gravuras representativas das salas portuguesas com o *Catalogo da secção marítima portuguesa na Exposição de Madrid em 1892 – Commemoração do descobrimento da America*, podemos identificar mais objectos expostos. Este cruzamento, entre a imagem e o texto, apresenta-se aos nossos olhos como a prova da real intenção de convocar o visitante para um espaço idealizado e previamente controlado pelos mentores da decoração das salas portuguesas. Cf. Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Catalogo da secção marítima portuguesa na Exposição de Madrid em 1892 – Commemoração do descobrimento da America*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1892; Ver Anexo IV, pp. 209-229.

pelas gentes que há séculos defrontavam diariamente o mar e os seus perigos. Claro que o revivalismo da arte manuelina presente na ornamentação portuguesa fazia com que os visitantes, quase que automaticamente, fossem transportados para um passado glorioso. Toda a exposição portuguesa levava ao visitante os feitos dos portugueses, como se fora uma necessidade de afirmação do passado para legitimação do presente, e de facto era-o.

Ao entrar na primeira das duas salas da exposição portuguesa, o visitante sentia-se transportado para uma outra realidade: as redes de pesca penduradas nas paredes, as bandeiras e estandartes, os expositores amplamente adornados, contendo artefactos relativos à América pré-colombina, e alguns objectos de numismática. Ainda nesta primeira sala o visitante poderia visualizar algumas cerâmicas oriundas da fábrica das Caldas da Rainha, e no lado oposto ao da entrada, algo chamaria a atenção ao já enfeitiçado visitante. Feita apenas de cordas ali estava a réplica do portal do Mosteiro de Madre de Deus. Esta bela peça artística não visava apenas o embelezamento da primeira sala ou a invocação do espírito marítimo português e dos seus gloriosos feitos. Como qualquer outro portal, marca a fronteira entre dois mundos, também esta réplica transportava o seu significado simbólico, assinalando a passagem para a parte dedicada às navegações portuguesas e às suas conquistas.

Mobiliário de época, juntamente com expositores repletos de cópias de documentos, fotografias, cartografia, ourivesaria e outros objectos relativos à história de Portugal, eram acompanhados de legendas para que o visitante pudesse adquirir mais informações sobre a proveniência dos objectos e a sua antiguidade¹⁷⁸. Em toda a sala, os objectos expostos de teor marítimo levavam ao visitante a brisa típica do litoral português. Vários modelos de embarcações, de peixes, de redes e de nós de marinheiro, completavam o imaginário marítimo, tão bem coordenado com as temáticas das navegações. Em suma, o visitante sentiria que o mar era sinónimo de Portugal. Devemos ainda salientar que no trabalho de decoração, Rafael Bordalo Pinheiro deteve-se com algumas preocupações de carácter museográfico, nomeadamente na criação de um trajecto físico para o visitante. O conjunto de tapetes que se estendiam entre a entrada da primeira sala até à saída da segunda guiavam visualmente o visitante no percurso a ser efectuado, através das linhas verticais que estavam tecidas nestes. No entanto, não se tratava de uma trajectória linear (como ocorria noutras salas decoradas

¹⁷⁸ Recorde-se que esta catalogação estava regulamentada pela direcção da Exposição.

por comissões estrangeiras). Nas salas portuguesas o visitante era confrontado com uma disposição dos expositores que o obrigava a contornar os mesmos – era impossível fazer o trajecto pelas salas sem dialogar com o espaço e com o seu conteúdo.

O impacto que a salas portuguesas tiveram nos seus visitantes resultou da complementaridade dos materiais expostos e da decoração arrojada e encantadora, repleta de simbolismo e história. Os periódicos que cobriam o evento desfaziam-se em elogios para a grandiosidade da participação portuguesa; se por um lado alguns davam ênfase à parte visual, fazendo publicar gravuras efectuadas a partir de fotografias, outros destacavam a documentação exposta, salientando a sua imensa importância. Para além dos periódicos, a comissão portuguesa também ganhava um destaque considerável em relatórios de outras comissões, em monografias, memórias e catálogos dedicados ao IV Centenário¹⁷⁹.

As exposições em que Portugal participava tinham como data final 31 de Dezembro de 1892, porém estas apenas encerraram a meio do ano seguinte. Ora, a continuação de Portugal na exposição para além do prazo inicialmente previsto veio a alimentar algumas discussões entre a comissão portuguesa e o Ministério do Reino. Abordaremos esta questão mais adiante neste estudo.

3.2. A família real portuguesa em Madrid

Um dos momentos altos das festividades foi a presença da família real portuguesa em Madrid. Este acontecimento constitui-se como uma salvaguarda da memória do IV Centenário, isto é, maioritariamente na historiografia portuguesa a menção ao Centenário alvo do nosso estudo está intimamente associada à presença dos monarcas portugueses na capital espanhola. Não é de estranhar este fenómeno, uma vez que os periódicos nacionais e espanhóis fizeram uma ampla cobertura deste acontecimento.

¹⁷⁹ «Cette admirable exposition archéologique, artistique et ethnographique, [...] a été organisée avec autant de zèle que de bon goût, par don Ramalho Ortigao, un lettré doublé d'un archéologue émérite que le gouvernement portugais avait délégué à cet effet. M. Ortigao, nous nous plaignons à le constater une fois de plus, joint à toutes ses qualités, celle non moins précieuse de se mettre à la disposition des visiteurs pour leur faire apprécier d'une manière intelligente, tous les trésors d'archéologie et de l'industrie portugaises, commis à sa garde.» Vide Baron de Barghon de Fort-Rion, *Le Portugal au Quatrième Centenaire de la Découverte de l'Amérique et à L'Exposition de Madrid 1892*, Paris, [s.n.], 1895, p. 10.

Os monarcas portugueses chegaram a terras espanholas no dia 10 de Novembro¹⁸⁰. À sua espera estava uma pequena comitiva que os acompanhou até ao destino final¹⁸¹, Madrid. Já nesta cidade foram ovacionados por centenas de populares que se silenciaram para escutar uma melodia de recepção e vinte e uma salvas de canhões¹⁸².

Desde o primeiro dia que a população espanhola parece ter-se cativado pelos monarcas portugueses e em especial pela simpatia e pela beleza física da rainha D. Amélia¹⁸³. Porém, durante a estadia portuguesa na capital espanhola registaram-se algumas vozes contra o regime monárquico.

Durante nove dias os monarcas portugueses cumpriram um rigoroso plano de actividades protocolares, que iam desde inaugurações oficiais até à presença em banquetes dados em sua honra, passando por paradas militares e festas tauromáquicas. Ainda no decurso da sua estadia na capital espanhola foi assinado um acordo com fins económicos que estabelecia uma série de novas medidas que visavam o comércio entre os dois países, através de uma reorganização das alfândegas e postos fronteiriços.

A estadia dos reis de Portugal em Madrid seria apenas mais um acto solene na preenchida agenda dos monarcas, não fosse o centenário de Colombo a consagração «da empresa das descobertas marítimas, em que Hespanha e Portugal estiveram associados»¹⁸⁴. Este discurso de proximidade entre os dois povos foi amplamente repetido em discursos provenientes das duas nações, e com ele se verificou uma euforia centrada nos monarcas portugueses. Na hora da partida coloca-se uma questão. Afinal o que mudou nas relações entre Portugal e Espanha após a presença dos monarcas

¹⁸⁰ *El Liberal*, 10 de Noviembre de 1892, [p. 1].

¹⁸¹ À chegada à fronteira, os reis de Portugal contaram com a presença de uma pequena comitiva: «Han sido recibidos los reyes del país vecino, en la frontera, por el ministro de Portugal en España, señor conde de San Miguel; secretarios de la legación; director de obras públicas; ayudantes de la reina regente, designados al efecto; capitán general de Extremadura; gobernador civil de Cáceres; alcaide; comisiones del Ayuntamiento y otras autoridades». Vide *El Liberal*, 10 de Noviembre de 1892, [p. 1].

¹⁸² *El Liberal*, 10 de Noviembre de 1892, [p. 1].

¹⁸³ Ramalho Ortigão faz menção ao carinho do povo de Madrid para com D. Amélia, comparando essa atitude amistosa e a tensão que existia entre estes mesmos cidadãos e o alcaide da cidade de Madrid. Relembramos que embora tenha existido um trabalho intenso na preparação das festas colombinas em Madrid, até à chegada dos reis de Portugal, poucos eram aqueles que dedicavam atenção aos festejos. «Aquilo que Bosch e todo o ayuntamiento de Madrid não haviam podido obter no mais laborioso programa de festejos, consegui-o esta Senhora com o simples trabalho de chegar». Vide Ramalho Ortigão, *Pela Terra Alheia*, Lisboa, Livraria Clássica Editora – A.M. Teixeira & C.^a (Filhos), Lda., 1949, p. 198.

¹⁸⁴ *La Ilustración Española y Americana*, 12 de Octubre de 1892, p. 234.

lusitanos em solo espanhol? Na nossa opinião nada mudou, tal como se satirizava no *Madrid Cómico*:

«La visita de los Reyes, ha venido a estrechar las relaciones entre ambos países de modo que desde anteayer nos amamos muchísimo portugueses y españoles.»¹⁸⁵

3.3. O balanço da presença portuguesa através das publicações periódicas

A representação portuguesa em Madrid foi alvo de várias menções nos periódicos nacionais e internacionais. Aliás como se pode verificar em algumas citações já expostas neste estudo. Porém, a ênfase dada à participação portuguesa deve ser mais aprofundadamente analisado, repartindo-se os periódicos em três grupos distintos: periódicos nacionais, periódicos internacionais e periódicos das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro.

Periódicos Nacionais

Desde o anúncio oficial da escolha da Academia das Ciências de Lisboa como representante oficial da nação portuguesa nas festividades do IV Centenário, os periódicos nacionais só muito esporadicamente iam dando conta aos leitores dos procedimentos da comissão portuguesa. Foi apenas com o início dos festejos em Espanha que se começou a dedicar um maior número de linhas aos eventos que aí se realizavam¹⁸⁶.

Durante todo o período de cobertura informativa do evento não se verificou a existência de uma opinião pública crítica à presença portuguesa nos festejos colombinos. Assim, periódicos de tendências republicanas e monárquicas apoiaram, desde o início, a participação portuguesa. Ora este facto é o reflexo de um espírito patriótico, talvez em parte influenciado pelo ainda não esquecido *ultimatum*, que ainda

¹⁸⁵ *Madrid Cómico*, 19 de Noviembre de 1892, p. 2.

¹⁸⁶ Em grande parte dos casos, eram pequenas informações que se encontravam nas secções de telegramas.

parecia assombrar algumas linhas dos periódicos nacionais¹⁸⁷. Por esse motivo, não nos surpreende o facto de existir um discurso de orgulho nacional perante a comissão portuguesa em Madrid.

«Bordallo Pinheiro o grande artista que já regressou de Madrid de installar a secção portuguesa da Exposição Colombina veio também de lá coberto gloria pelo sucesso enorme e justissimo que teve a sua bella decoração das salas d'essa secção, gloria de que também partilhou Ramalho Ortigão, o ilustre delegado da commissão colombina de Portugal. [...]. Honra seja a todos esses nossos ilustres compatriotas que com o seu talento, com o seu prestígio tanto engrandecem a pátria portuguesa.»¹⁸⁸

Depois da humilhação do *ultimatum*, que foi notícia em vários periódicos mundiais, Portugal voltara agora a ser mencionado nos mesmos, mas de uma forma honrosa, recuperando a sua história ligada à época dos descobrimentos, sendo capaz de demonstrar ao mundo que a nação portuguesa do presente não estava moribunda, apenas adormecida, e capaz de acordar a qualquer momento, para reclamar o seu lugar na história da Humanidade. Ora, claro que estas referências levavam os periódicos nacionais a dedicarem cada vez mais linhas à comissão portuguesa perante o extremo impacto que esta estava a ter no panorama internacional.

O IV Centenário produziu um impacto positivo na educação e na divulgação da história dos descobrimentos no panorama nacional. Tal coisa não teria sido possível sem a colaboração dos periódicos, sobretudo dos semanários de carácter cultural, como é exemplo *O Ocidente*. Durante vários números, artigos sobre figuras ligadas aos

¹⁸⁷ Prova dessa, ainda, ferida aberta chamada *ultimatum*, é a notícia referente à comunicação proferida pelo africanista V. L. Cameron, na Sociedade de Geografia de Lisboa. «Ha quasi dois anos que [...] publicámos, uma serie de artigos no Ocidente onde nos socorríamos do testemunho de altas notabilidades britânicas da igreja, do parlamento, e do exercito, para demonstrar que são eles próprios, os ingleses, que nos fornecem a prova do seu egoísmo e da sua proverbial ingratidão. São passados dois anos... Pois bem, ha dias, Camerom que tão profusamente nos calumniou, e gratuitamente nos acusou de ineptos, de fracos, de incapazes de sustentar nossas possessões africanas, quanto mais de colonizalas e civilizalas, – pois é esse mesmo inglez Cameron que ainda ha dias em plena sessão solemne da Sociedade de Geographia de Lisboa, perante a sua ilustrada direção, deante do sr. Ministro da marinha, dos representantes da Inglaterra, Austria, Russia e Belgica, troça de um modo desopilante das filaucias colonizadoras do rei dos belgas, cae a fundo sobre o governo inglez que, como governo de uma poderosa potencia colonial, não tem feito senão tolices (sic); e declara-nos o primeiro povo civilizado e colonizador da Africa Austral!!!... Muito bem, mr. Cameron disse verdadeiras perolas, que nós não sabemos como pagar-lhe. Nunca é tarde para o arrependimento». Vide *O Ocidente*, 21 de Março de 1892, p. 66.

¹⁸⁸ *O Ocidente*, 11 de Novembro de 1892, p. 250.

descobrimientos foram expostos com intuito de educar o leitor e de actualizá-lo sobre as últimas reflexões sobre as mesmas.

As gravuras que acompanhavam muitas vezes estes artigos possibilitavam uma associação entre imagem e feito histórico, mas por outro lado detinha o leitor devido à ênfase dada ao coleccionismo. Assim, o leitor mais exigente poderia coleccionar um verdadeiro manual histórico com gravuras, autógrafos, transcrições de documentos históricos e crónicas.

Contudo não se pode concluir que o IV Centenário possuísse um papel de grande destaque nos periódicos portugueses, muito pelo contrário. À excepção da presença dos monarcas portugueses em Madrid, as temáticas relacionadas com o IV Centenário ficavam relegadas para um segundo plano, uma vez que as principais preocupações jornalísticas estavam centradas nos aspectos políticos e económicos da nação portuguesa devido aos tempos conturbados que se viviam nos anos de 1892 e 1893.

Periódicos estrangeiros

Por todo o mundo ocidental, o IV Centenário era alvo de algum tipo de referência, variando de país para país o número de linhas ou páginas dedicadas ao evento. No mundo anglo-saxónico preferia-se destacar o acontecimento e não o homem, um facto compreensível uma vez que a figura de Colombo estava demasiado conotada com os países latinos da Europa e com as suas antigas colónias¹⁸⁹. Na maioria das vezes as referências às festas madrilenas acabam no anúncio da grande exposição universal que iria acontecer em Chicago em 1893. O nome de Portugal apareceu algumas vezes nas poucas linhas dedicadas ao IV centenário, aparecendo maioritariamente associado apenas ao percurso biográfico de Colombo, ficando para um segundo plano, ou até mesmo sendo omitida, a representação portuguesa em Madrid.

Em França e Itália, os periódicos pareciam interessados em dedicar algum espaço nas suas publicações para as temáticas relacionadas com o IV Centenário. Se por um lado a intensa acentuação da figura de Colombo era destaque nas publicações

¹⁸⁹ Um desses exemplos é o artigo publicado no dia 4 de Agosto de 1892 no *Daily News*, periódico londrino, onde podemos encontrar uma breve alusão ao intuito do centenário, não ocupando mais do que apenas uns parágrafos de uma coluna.

italianas¹⁹⁰, aliás perfeitamente justificável devido ao que este representava para este povo, por outro os periódicos franceses, à semelhança da imprensa inglesa, não se dedicaram a cobrir as festividades¹⁹¹. Quiçá o caso de não possuírem uma comissão que estivesse a participar no IV Centenário seja a resposta para tamanho desprezo relativamente ao que se passava nos países vizinhos. Deram uma especial atenção às exposições históricas de Madrid, talvez este facto estivesse relacionado com a sua tradição em exposições universais, certo seria o seu interesse nos discursos nacionais presentes no IV Centenário, procurando estar informados em relação a potenciais discursos justificadores de domínios coloniais, nomeadamente em África e na Ásia.

De todas as nações que focaram o seu olhar no IV Centenário foi obviamente a comunicação social espanhola a que mais dedicou a sua atenção ao evento, desde logo, através da criação de um periódico totalmente dedicado aos festejos colombinos. Mas para além deste, também todos os outros periódicos nacionais dedicaram várias páginas aos festejos.

Até à chegada da comitiva real portuguesa a Madrid, a imprensa espanhola só fazia menção à representação portuguesa muito esporadicamente. Breves referências a Portugal adornavam as informações relativas aos festejos realizados em Huelva e Génova. Após a chegada dos monarcas portugueses, os periódicos focalizaram o seu interesse nestes, existindo uma clara visão positiva face à família real e ao papel de Portugal na história dos descobrimentos. Os periódicos acompanhavam a par e passo as movimentações dos monarcas. Vivia-se uma autêntica euforia em torno desta, e foram vários os periódicos que fizeram publicar gravuras e notas biográficas dos monarcas¹⁹². Embora a maior ênfase fora dado à estadia dos monarcas em Madrid, a imprensa não desprezou a presença portuguesa nos vários congressos internacionais que se iam realizando durante o período festivo. Mais tarde, quando as exposições universais finalmente abriram portas, Portugal destacou-se das demais nações, tendo um destaque

¹⁹⁰ Sugere-se a consulta, a título de exemplo do periódico italiano, *Il Secolo XIX*, dos dias 10 de Julho, 3 de Agosto, 9 de Setembro e 11 de Setembro, onde nas primeiras páginas podemos encontrar várias alusões ao navegador e às festas do seu centenário.

¹⁹¹ *Le Figaro*, um dos mais conceituados periódicos franceses, não dedicou qualquer artigo de fundo no dia em que se comemoraria quatrocentos anos do descobrimento da América. Ao invés disso dedica apenas meia dúzia de linhas aos festejos comemorativos desse dia em Nova Iorque, dando um Maior enfoque na embarcação que representava a nação francesa nos festejos de Nova Iorque. Vide *Le Figaro*, Paris, 12 Outubro de 1892, p. 2.

¹⁹² Vide a título de exemplo Manuel Pinheiro Chagas, «Los Reyes de Portugal», *El Centenario*, Tomo IV, pp. 293-296.

em todas as publicações que se dedicassem à apresentação das exposições aos seus leitores.

Vastos elogios foram efectuados à decoração das salas portuguesas, sendo as suas imagens as mais reproduzidas face a todas as outras salas da exposição. No entanto, não foram apenas os monarcas e a comissão portuguesa a ter realce na imprensa espanhola, também os heróis portugueses, como D. Manuel I, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias e o Infante D. Henrique, ganharam um destaque muito especial nos periódicos culturais. Deve-se ainda salientar que muitas figuras portuguesas, como Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Pinheiro Chagas, entre outros, foram convidados a escrever alguns artigos temáticos sobre a história de Portugal e as suas figuras históricas¹⁹³.

Num balanço geral, a imprensa espanhola parece ter ficado rendida à participação portuguesa nas comemorações do IV Centenário.

«Comenzaron nuestros hermanos de Portugal por ocuparse muy seriamente de tener una digna, una ilustre representación en todos los órdenes de la actividad y de la inteligencia, al concurrir á las solemnidades científicas, artísticas, literarias, de todos géneros, con que en España el descubrimiento de América se conmemora. Esta era la demostración la prueba patentísima de cuanto nos importa á unos y a otros conocernos bien, y como las lamas privilegiadas, los espíritus de elite, los cerebros mejor educados, podían servir y sirven, en efecto, para unir ideales y propósitos que son comunes.»¹⁹⁴

A anterior citação foi propositadamente apresentada por dois motivos distintos. Se por um lado, é um exemplo do reconhecimento que circulava na opinião pública espanhola face à qualidade da participação portuguesa no IV Centenário, por outro, é representativa de um discurso político-ideológico que estava muito em voga na última etapa do século XIX, o iberismo. Vejamos como nas linhas imediatamente subsequentes à citação anteriormente apresentada, o discurso se transforma, sendo revelador de uma

¹⁹³ Destacamos os seguintes artigos, divididos pelos IV tomos que compõem o periódico oficial das festividades colombinas, *El Centenario*: «La leyenda del Preste Juan», por Oliveira Martins; «La tradición poética Hispano-Americana», por Teófilo Braga; «El Visconde de Santarém», por D. A. Serpa Pimentel; «Los Reyes de Portugal», por Manuel Pinheiro Chagas.

¹⁹⁴ *El Liberal*, 11 de Noviembre de 1892, [p. 1].

intenção para lá do simples reconhecimento da presença portuguesa nas festividades colombinas.

«Aquí vino el año pasado Oliveira Martins, el mejor historiador de la Península, y su conferencia en el Ateneo fué un acontecimiento memorable para las letras y para las ciencias de los dos pueblos hermanos. Aquí ha tenido uno de los mayores triunfos oratorios de su vida, Pinheiro Chagas, que al Hablar portentosamente de la fraternidad ibérica, producianos entusiasmo y seducción irresistibles. Aquí hemos aplaudido y admirado como sabios propios al doctor Machado y á Simões Raposo. Aquí nos enorgullecemos de tener como huéspedes á Magalhães Lima y á Ramalho Ortigão. Aquí se ha vitoreado á los estudiantes de Coimbra como a los de nuestra ilustre Universidad de Salamanca [...].»¹⁹⁵

Infelizmente, devido às nossas limitações linguísticas, foi totalmente impossível analisar os periódicos dinamarqueses, noruegueses, suecos, alemães e austríacos. No entanto, face ao que sucedia com as outras nações participantes nos festejos em Madrid seria quase seguro o acompanhamento dos trabalhos, de forma a informar os cidadãos do desempenho das suas comissões nacionais.

Periódicos das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro

Não era nossa intenção no início do estudo analisar os periódicos portugueses das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro, contudo, o seguimento das nossas investigações, através da euforia transmitida em alguns artigos presentes nos periódicos nacionais portugueses, levou-nos à colocação da seguinte interrogativa: como terá sido sentida a participação portuguesa no IV Centenário pelas comunidades portuguesas residentes no estrangeiro?

Com efeito, a interrogação presumia uma análise cuidada das fontes, no entanto a precariedade temporal levou-nos à escolha de uma região geográfica específica. Após algum tempo de análise das diversas possibilidades, optámos pelo exame dos periódicos portugueses das comunidades portuguesas residentes nos Estados Unidos da América e

¹⁹⁵ *El Liberal*, 11 de Noviembre de 1892, [p. 1].

dentro deste vasto país decidimos dar primazia aos periódicos que serviam a parte oeste, onde em finais do século XIX, existia uma importante comunidade lusa. A escolha desta nação americana também se relaciona com os festejos da Exposição Universal de Chicago que se realizaram no ano seguinte ao IV Centenário, na medida em que seria possível proceder-se a uma comparação entre a recepção dos eventos festivos de Madrid e de Chicago.

Dos periódicos disponíveis decidimos, assumindo desde logo todos os potenciais riscos dessa escolha, focalizar a nossa análise num único periódico. *A União Portuguesa* foi a nossa escolha. Tratava-se de um jornal dedicado à comunidade luso-americana da Califórnia e servia de suporte informativo a uma comunidade maioritariamente açoriana. Poderia a nossa escolha ser um risco total do ponto de vista metodológico, pois estamos perante um só caso de estudo, dentro de uma amostra superior, que é o universo dos periódicos portugueses das comunidades estrangeiras¹⁹⁶. Porém, acreditamos que apesar do risco, esta escolha deu frutos, uma vez que nos Açores existia um forte centro informativo em relação ao IV Centenário reflexo de uma junta colomina¹⁹⁷. Assim sendo, *A União Portuguesa*, tendo como principal centro informativo os Açores, estaria em posição privilegiada para nos fornecer a resposta à nossa interrogação inicial. Em nossa defesa, devemos ainda salientar que durante o século XIX foram dos arquipélagos dos Açores e da Madeira que saíram a maioria dos emigrantes com destino à América e aos restantes destinos não europeus. No entanto, embora acreditemos que a cobertura da participação portuguesa tenha sido recebida da mesma forma em todos os periódicos que serviam as comunidades portuguesas no estrangeiro, não podemos fora do nosso objecto de estudo comprovar tal facto. Assim, este ponto apresenta-se como uma linha solta, esperando contribuir como ponto inicial para futuros estudos.

¹⁹⁶ Devemos mencionar que sem o apoio da University of Massachusetts Dartmouth, não teria sido possível efectuar esta parte do estudo, aliás como já foi mencionado nos agradecimentos, serve, então a presente nota de rodapé para divulgar o trabalho inovador, por parte da Claire T. Carney Library da UMass Dartmouth, com o seu projecto Portuguese-American Digital Newspaper Collections. (<http://www.lib.umassd.edu/archives/paa/PADigitalNewsColl.html>)

¹⁹⁷ Os Açores parecem ter sido uma das poucas regiões de Portugal onde se celebrou de forma efusiva algumas datas relacionadas com a viagem de Colombo. A B.A.C.L. possui nos seus acervos dos Manuscritos da Série Azul, com a cota 751, um conjunto de 15 documentos manuscritos relativos à Comemoração do IV Centenário da partida de Cristóvão Colombo para o descobrimento da América. Foi impossível apurar se esta situação de celebração ocorreu em outras partes do país, pelo que teremos este ponto em atenção para futuras investigações.

As notícias publicadas no periódico analisado chegavam com alguma demora, algo previsível devido aos meios de comunicação da época. Na maioria das vezes, as referências à participação no IV Centenário não eram superiores a meia dúzia de linhas, contudo eram claras e rigorosas. Encontramos neste periódico informações que não vemos circular noutros, apontando assim esta evidência para uma rede de informantes. O destaque efectuado à participação portuguesa nas festividades colombinas estava associado aos intelectuais em nome individual, ficando por vezes a comissão como colectivo para um segundo plano. O acontecimento que mereceu maior destaque n' *A União Portuguesa* durante o IV Centenário foi a deslocação dos monarcas portugueses à capital espanhola, merecendo uma narração exaustiva destes acontecimentos¹⁹⁸. Das numerosas páginas analisadas, algumas delas possuíam informações bastante valiosas, como aquelas que referem a existência de um convite por parte dos Estados Unidos da América para que a exposição portuguesa patente em Madrid, fosse transplantada para a exposição que iria decorrer na cidade de Chicago em 1893¹⁹⁹.

A *União Portuguesa* não deu apenas destaque à vitoriosa presença portuguesa no IV Centenário, pelo contrário, este periódico parece ter sido um espaço multi-ideológico, existindo espaço para algumas críticas, da qual se destaca a quantia gasta neste evento cerca de «13 contos de réis» face aos «4\$500» gastos nos festejos do Tricentenário de Camões em 1880²⁰⁰. Não queremos encerrar esta secção sem chamarmos a atenção para a existência de algumas referências à pequena representação

¹⁹⁸ *A união portuguesa. Jornal dedicado á colonia luso-americana da California*, San Francisco, 8 de Dezembro de 1892, [p. 2].

¹⁹⁹ Dão conta desse convite a carta enviada a Ramalho Ortigão por um comissário norte-americano, Vide BNP, E19/1384 – S. B. Luce, 1892, *Dez, Madrid*; e o artigo publicado a 1 de Junho n' *A União Portuguesa*: «Os commissarios dos Estados Unidos na exposição colomбина de Madrid patentearam ao delegado de Portugal, sr. Ramalho Ortigão, o desejo de que a nossa exposição em Madrid fosse transplantada para Chicago. O sr. Ortigão, demonstrou a impossibilidade de realizar tal desejo, e os comissários norte-americanos insistiram por que ao menos Portugal fizesse expor na grande cidade americana a colecção de modelos de barcos, que está em Madrid, e em que ha alguns specimens de barcos de navegação do Douro expostos pelo sr. Bernardino Vareta, do Porto. A referida collecção compreende o núcleo da eschola industrial “Pedro Nunes”, de Faro, e doi organizado com vários outros modelos de diversas procedências, entre as quaes os Açores e a Madeira. Os comissários norte-americanos offereceram-se para custear todas as despesas do transporte da sessão marítima portuguesa, pela qual se mostram muito entusiasmados e que tem sido estudada por archeologos navaes de Hespanha, França e Allemanha.», Vide *A União Portuguesa. Jornal dedicado á colonia luso-americana da California*, San Francisco, 1 de Junho de 1893, [p. 3].

²⁰⁰ Em seguida, apresentamos a totalidade da crítica presente n' *A união portuguesa*: «O governo despendeu 13 contos de réis com a representação de Portugal nas festas do centenário da descoberta da América por Colombo realizadas em Madrid. Em 1880, quando o paiz não se encontrava nas dolorosissimas circunstances em que hoje o vemos, o governo portuguez não se dignou dar mais do que 4:500\$000 réis para o grande jubilee nacional por ocasião do tri-centenario de Camões. E na quantia de 13 contos não se incluem as despesas feitas com a viagem régia.», *A união portuguesa. Jornal dedicado á colonia luso-americana da California*, San Francisco, 26 de Janeiro de 1893, [p. 1].

portuguesa que se deslocou para a celebração da Exposição Universal de Chicago no ano de 1893.

4. Os custos da representação portuguesa

Como se verificou na primeira parte deste estudo, o governo gastou, até ao mês de Outubro de 1892, cerca de três contos de réis e duzentos e vinte e nove, com as despesas da comissão portuguesa. A partir desse mês a comissão portuguesa passou a possuir despesas fixas, nomeadamente, os encargos financeiros decorrentes do pagamento dos salários ao chefe de expedição, ao amanuense e ao servente. É de salientar que durante o período relativo à preparação da exposição, já na capital espanhola, os serviços de Rafael Bordalo Pinheiro foram remunerados, apresentando-se estes valores como uma necessidade previamente estabelecida²⁰¹. Para além dos casos já mencionados, outros foram aqueles que receberam um pagamento dos seus serviços esporádicos – copistas e guardas fazem parte das folhas de despesas da comissão portuguesa.

Normalmente as despesas associadas aos recursos humanos representam uma das fatias mais consideráveis dos eventos internacionais, não apenas de forma directa através da sua remuneração, mas também devido às despesas relativas à estadia e aos demais custos associados com a permanência num país estrangeiro (como hospedagem, alimentação, transportes, etc.). As estas despesas devemos somar as efectuadas em aquisição e aluguer de materiais, e as despesas relativas à impressão das publicações associadas ao evento comemorativo.

Quando os representantes da comissão portuguesa partiram para Madrid, planeavam permanecer o equivalente aos meses que separavam a sua partida (Setembro/Outubro) e o fim do ano de 1892. Não existe qualquer informação na documentação tratada que nos remeta para a ideia prévia de permanência após o início do ano de 1893. Porém, supostamente a pedido da junta organizadora das comemorações do IV Centenário, Portugal prolongou a sua estadia. Esta decisão de extensão da estadia vai condicionar em muito o cumprimento do orçamento estipulado inicialmente. Relembremos que quando o orçamento foi elaborado não se previa a extensão da participação portuguesa. A gestão de orçamentos é uma questão delicada

²⁰¹ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 de Março de 1892.

em qualquer empresa, sobretudo num país onde se vivia uma acentuada crise financeira. Então, colocam-se aqui algumas questões que pensamos serem bastante pertinentes. Quem tomou a decisão relativa à continuidade da presença portuguesa no IV Centenário? Porque o fez? Como viram os responsáveis políticos e a opinião pública a continuidade portuguesa nas festividades?

A decisão da continuidade da representação portuguesa em Madrid deveu-se em primeiro lugar a Ramalho Ortigão, prontamente apoiado pelos restantes membros da comissão portuguesa. Num ofício datado de 1 de Fevereiro de 1893, destinado ao Ministério do Reino e assinado por Manuel Pinheiro Chagas, encontra-se em parte a explicação para a permanência da exposição portuguesa na capital espanhola. Segundo o mesmo documento Ramalho Ortigão terá sido pressionado pelo director da exposição colombina a permanecer na capital espanhola a fim de participar como júri da Exposição Histórico-Europeia²⁰², assumindo que tal convite era uma grande honra não apenas para ele, mas também para a nação portuguesa decidiu aceitar. Devemos salientar que a decisão de permanência parece muito bem delimitada, já que no documento anteriormente referido se apresenta um orçamento relativo à extensão do prazo da exposição por mais dois meses, com um custo aproximado de 1,800,00 réis, valor que haveria de ser rectificado em 9 de Fevereiro de 1893, passando o orçamento para 3,000,00 réis²⁰³. Podemos então afirmar que a prolongação da exposição teve como principais intervenientes os elementos da comissão portuguesa da exposição colombina? A resposta é não. Sem o apoio do estado português não existiriam verbas suficientes para fazer face às despesas. Porém, este apoio parece envolto no nevoeiro que parece engolir a maior parte da memória histórica do IV Centenário.

À primeira vista não existiriam mais motivos para o subsídio da exposição e passamos a expor as razões: a retirada da maior parte das comissões estrangeiras, nomeadamente as comissões do continente americano, que se focalizavam agora nos preparativos para a *Columbian Exposition* de Chicago; por outro lado Portugal já tinha cumprido com mérito e distinção os seus pressupostos iniciais²⁰⁴, para além de que, no

²⁰² R.B.N.P. E20/ 2548, *Carta de Antonio Sánchez Moguel*, Madrid, 3 de Fevereiro de 1893. Veja-se, também, B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício n.º 82, 1 de Fevereiro [de 1893].

²⁰³ B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício n.º 83, 9 de Fevereiro [de 1893].

²⁰⁴ Na obra *Catalogo de los objetos que presenta el reino de Portugal a la Exposición Histórico-Americana de Madrid*, estão registados os objectivos a que a comissão portuguesa se propõe a cumprir: «(a) Dar à conocer el papel que los portugueses desempeñaron en el desenvolvimiento de las ideas

processo de preparação dos trabalhos, não existia um orçamento para a extensão da sua estadia para além do tempo inicialmente previsto. Então qual o motivo do apoio do governo? Cremos que a resposta reside na figura de Oliveira Martins e na sua rede de contactos, aliada aos pedidos vindos de Espanha para que este pudesse intervir junto das mais altas instâncias portuguesas²⁰⁵, para que a participação portuguesa se estendesse por mais alguns meses. Vejamos a notícia que figurava no dia 13 de Fevereiro de 1893 no *El Imparcial*:

«El mal efecto que produjo la noticia de que el gobierno portugués, por razón de economías, había ordenado la clausura de la Exposición portuguesa que formó parte de la Histórico-Europea, fue causa de que los jurados por Portugal señores Ramalho Ortigão y Sánchez Moguel se creyeron en el caso de promover la renovación de medida tan grave, con tanto mayor motivo cuanto que las demás naciones extranjeras acabaron de resolver lo contrario, esto es, dejar abiertas sus Exposiciones hasta la clausura general. Con este objeto escribió el Sr. Sánchez Moguel a Lisboa el mismo día que llegaron las órdenes, y el Sr. Ramalho Ortigão salió para aquella capital el domingo último. Afortunadamente el mismo día de la salida del Sr. Ramalho para Lisboa habían sido revocadas las órdenes, merced á las eficaces gestiones del Sr. Oliveira Martins.»²⁰⁶

geográficas, en la navegación, en los descubrimientos y las conquistas del Nuevo Mundo. (b) Contribuir al estudio de la etnografía americana por medio de una colección de artefactos indígenas, traídos principalmente del Brazil, por los misioneros portugueses, durante el régimen colonial anterior a la independencia de la nación brasileña. (c) Definir, por medio de algunos documentos de arte, pintura, platería, mobiliario y fotografías de monumentos arquitectónicos, el grado de cultura y de civilización de Portugal durante los siglos XV y XVI. (d) Evidenciar con algunas demostraciones de la pesca y de la navegación en las costas de Portugal, que la índole del Pueblo portugués es todavía en nuestros días esencialmente marina y aventurera.» Vide [Ramalho Ortigão], *Catalogo de los objetos que presenta el reino de Portugal a la Exposición Histórico-Americana de Madrid*, Madrid, Est. Typografico «Sucesores de Rivadeneyra», 1892, pp. 2-3.

²⁰⁵ Apresentamos em seguida um excerto da referida carta. «Tendo Ud a los Reyes, impida al Gobierno, todo ante que consentir un hecho el mas grave é más político que cabe imaginar. [...] Ud, que promovió, la comisión al centenario, y que inauguro con una venida á este Ateneo, no deje de la mano este evento, que pondría el final mas triste a su obra.» Vide R.B.N.P., E20/2548, Carta de António Sanchez Moguel a Oliveira Martins, 3 de Fevereiro de 1893.

²⁰⁶ Vide *El Imparcial*, Madrid, 13 de Febrero de 1893, p. 2.

Se excluirmos todo o dramatismo da cena, próprio do estilo narrativo da imprensa, apercebemo-nos de uma pressão por parte de Ramalho Ortigão e Sánchez Moguel para que o governo português continuasse a apoiar a estadia da comissão portuguesa em terras madrilenas. Para além da pressão directa, parece-nos evidente que existiu um aproveitamento por parte dos demais interessados para a formatação da opinião pública em relação ao que se estava a passar. Esta nossa afirmação baseia-se na carta enviada a Sánchez Moguel por Oliveira Martins, a qual foi publicada junto do excerto anteriormente apresentado.

«Recibi su carta. Acabo de hablar con el presidente del Consejo de ministros, que me ha prometido dar mañana las órdenes necesarias enmendando lo hecho. Congratúlome con Ud. por el resultado, y me repito una vez más su buen amigo.»²⁰⁷

Neste momento parece-nos irrefutável a importância que Oliveira Martins teve para a mudança de opinião do governo português. Por outro lado apercebemo-nos de que este apoio veio a ser aproveitado pela comissão portuguesa, já que apenas cinco dias depois desta carta, e oito dias após o envio do primeiro pedido de verbas adicionais, esse valor é alterado de 1,800,00 réis para 3,000,00 réis. Todo este processo de negociações parece ficar arredado das páginas dos periódicos portugueses, os quais de vez em quando iam dedicando algumas páginas ao sucesso que a exposição portuguesa ia fazendo.

Provavelmente para que não ocorresse uma nova situação de prolongamento da exposição portuguesa, no dia 30 de Maio foi expedido a Ramalho Ortigão um telegrama muito curto e directo sem margem para conversações: «*Fecha amanhã. Ordem impreterível. Ministro*»²⁰⁸. O encerramento da exposição não significou a cessação de financiamento do governo face à comissão, já que no dia 31 de Maio é enviado um ofício ao Ministério do Reino pedindo o financiamento de mais 800,000 réis²⁰⁹, um

²⁰⁷ Vide *El Imparcial*, Madrid, 13 de Febrero de 1893, p. 2.

²⁰⁸ B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício n.º 93, 30 de Maio [de 1893].

²⁰⁹ B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício n.º 95, 31 de Maio [de 1893].

novo pedido de igual valor será efectuado em 28 de Agosto²¹⁰, quase três meses depois do envio do telegrama a dar a ordem de encerramento da exposição. Os problemas relacionados com o embalamento dos objectos expostos, com o seu transporte e com várias despesas ainda pendentes em Espanha, fizeram com que a estadia de Ramalho Ortigão se prolongasse mais do que o inicialmente previsto.

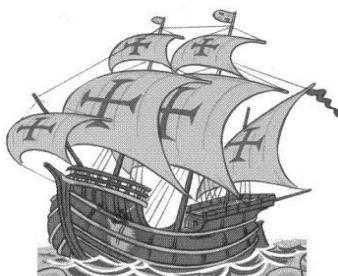
Apesar da grande quantidade de informações relativas às receitas e despesas da comissão portuguesa da exposição colombina, não é possível apontar para a importância total do custo da participação nos festejos colombinos. No entanto, sabemos que o montante passaria dos 15,200\$00 réis, já que este valor apenas diz respeito aos subsídios que o governo português concedeu à comissão portuguesa. Apesar das incertezas, cabe-nos expor os resultados desta investigação e apontar potenciais rumos para futuras investigações. Assim, deve-se acrescentar que talvez o governo nunca tenha pago a totalidade dos custos da participação portuguesa, ou se o fez, foi muito depois do ano de 1894, já que existe um ofício destinado ao Ministério do Reino, datado de 5 de Janeiro de 1894, pedindo que o governo saldasse as suas dívidas²¹¹.

²¹⁰ B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício n.º 105, 28 de Agosto [de 1893].

²¹¹ Vide B.A.C.L., Cota 129B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício n.º 115, 5 de Janeiro de 1894.

Marcas do IV Centenário

Terceira Parte



1. Algumas problemáticas historiográficas em torno do descobrimento da América

«Para os portugueses, ficaram as descobertas, o rosário dos seus achados, menos fabulosos do que os de Colombo, mas igualmente decisivos [...].»²¹²

Eduardo Lourenço

Um dos maiores obstáculos que o historiador enfrenta é o distanciamento dos contextos contemporâneos ao seu objecto de estudo, e se por um lado esse distanciamento é necessário para a prática da história, por outro leva a que muitas vezes os contextos sejam de difícil recuperação.

Ao analisarmos o IV Centenário e a participação portuguesa no mesmo, deparamo-nos muitas vezes com esta situação, sobretudo, quando procedíamos à investigação que ocupará as seguintes páginas. Esta terceira e última parte do nosso estudo dedica-se às publicações portuguesas realizadas com intuito de trazer novos conhecimentos a lume, e promover novas discussões relativas a antigos temas. Sem dúvida que as publicações apresentadas em 1892 possuem um papel extremamente relevante para a história dos descobrimentos, mormente, no que diz respeito à internacionalização da história dos descobrimentos. Assim, não é de admirar a intensa disputa historiográfica que se ia dando à medida que novos estudos iam sendo publicados nos anos de 1892 e 1893²¹³.

A erosão do tempo na nossa memória e o aparecimento de novas escolas historiográficas que conduziram à produção de novas obras, levaram a que muitas das publicações do IV Centenário, quando comparadas de uma forma directa com estas,

²¹² Eduardo Lourenço, *A morte de Colombo. Metamorfose e fim do Ocidente como mito*, Lisboa, Gradiva, 2005, p. 47.

²¹³ Os temas mais representativos destes novos estudos são: história da América pré-colombina, arqueologia naval, história colombina, história dos descobrimentos marítimos, história da expansão no continente americano e cartografia.

parecessem desactualizadas. É inegável que algumas das obras produzidas em 1892 estão hoje ultrapassadas.

O nosso objectivo neste capítulo não é observar a sua actualização, nem a sua veracidade aos olhos actuais, mas sim enquadrá-las no seu tempo, nos seus vários contextos, tentando reconstruir o seu impacto aquando da sua publicação, identificando possíveis rupturas, tendências temáticas, fontes e bibliografia utilizada, e sobretudo verificar se estas possuem um fio condutor, um sentido que combinasse com o discurso patente na exposição portuguesa.

Antes do IV Centenário, no panorama internacional, a maioria das obras relativas ao descobrimento da América, direccionavam-se para o estudo da figura de Cristóvão Colombo baseando-se nas mesmas fontes históricas²¹⁴. Circulavam, também, algumas obras que não procuravam as razões da descoberta da América na figura de Colombo, mas sim nos acontecimentos que o antecederam, em especial nas questões cartográficas.

O processo de profissionalização da História²¹⁵ terá tido algum impacto para a divulgação de determinadas teorias, permitindo ao historiador a educação de novas gerações, perpetuando assim, na maioria das vezes, o seu pensamento histórico. Nessa medida, poderíamos falar de duas escolas históricas que dominavam o espaço disponível: a escola francesa e a escola germânica²¹⁶. A longa tradição de eruditos reputados e respeitados que ao longo do século XVIII e XIX foram influenciando os intelectuais europeus e norte-americanos, eram em grande parte de origem germânica ou francesa. Por outro lado as poucas revistas do mundo científico estavam nestas regiões, o que fazia com que a maioria das novidades historiográficas chegasse aos pontos culturais via França e Alemanha.

²¹⁴ Henri HARRISSE foi um dos mais conceituados historiadores do século XIX, destacando-se nos estudos americanistas, sendo autor de variadas obras sobre o descobrimento da América e sobre a biografia de Cristóvão Colombo. Chegou mesmo a receber uma condecoração do governo francês pelos seus estudos. «Par décret en date du 12 octobre, anniversaire de la découverte de l’Amérique, le Président de la République a nommé M. HARRISSE Chevalier de la Légion d’Honneur pour les travaux de M. HARRISSE sur Christophe Colomb et la découverte de l’Amérique». Vide *Le Figaro*, Paris, 13 octobre 1892, p. 3.

²¹⁵ O processo de profissionalização da História permite que os historiadores comecem um processo de especialização. Veja-se José Amado Mendes, «Desenvolvimento e estruturação da historiografia portuguesa», *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX*, dir. de Luís Reis Torgal, José Amado Mendes, Fernando Catroga, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, p. 192.

²¹⁶ Sugerimos que se consulte o mapa referente à distribuição de escolas superiores e institutos de investigação na Europa de 1878. Vide Ilaria Porciani e Lutz Raphael (editores), *Atlas of European Historiography. The making of a Profession*, New York, Palgrave Macmillan/European Science Foundation, 2010, mapa – *Europe 1878 Higher education and Research institutions*, pp. 18-19.

Dentro do panorama português da segunda metade do século XIX, as publicações de cariz histórico começavam a incidir cada vez mais nos temas relacionados com a história dos descobrimentos, sobretudo após 1880²¹⁷.

No contexto português, a Academia das Ciências de Lisboa e a Sociedade de Geografia de Lisboa foram as dinamizadoras de tais temáticas, com os seus sócios a debaterem entusiasticamente entre eles, e até a trocarem correspondência com eruditos estrangeiros. Podemos afirmar que existia uma actualização do conhecimento de trabalhos produzidos no estrangeiro sobre os temas da história dos descobrimentos, embora muitas vezes tais obras apenas chegassem a Portugal através da oferta do próprio autor. Em determinados momentos a Biblioteca Nacional e as demais bibliotecas públicas estavam desprovidas das mais recentes publicações estrangeiras. Esta situação é comprovada através de um episódio relatado nas actas da comissão portuguesa.

«O senhor Rodrigues de Azevedo diz que procurou na Biblioteca os livros que existiam a respeito de Colombo; que eram mui poucos e apenas um importante. Que a *Vida de Colombo* de Ascenso deveria ser, a de Harisse, e de Marques de Lucca, bem mereciam ser adquiridas. O senhor Conde de Ficalho lembra a aquisição, As cartas de Colombo anotadas.»²¹⁸

O maior de todos os confrontos historiográficos, produzidos pelas publicações de 1892, deu-se entre o historiador Henry Harisse e a designada escola espanhola, liderada entusiasticamente pelo pensador e filósofo Luís de Vidart. Ora, Portugal estava no meio de tais confrontos, tanto pelo seu efectivo papel na vida de Colombo, como pela própria produção historiográfica. Antes de entrarmos em maiores pormenores sobre esta disputa historiográfica devemos enquadrar o leitor nesta rivalidade entre eruditos e escolas históricas.

²¹⁷ O ano de 1880 apresenta-se como um marco na história dos descobrimentos, em especial devido ao impulso que deu para a publicação de obras relativas a estes temas. Para o desenvolvimento destes estudos, deve-se ainda salientar o papel da Academia das Ciências de Lisboa. Vide Sérgio Campos Matos, «Historiografia portuguesa dos descobrimentos no século XIX», *Consciência Histórica e Nacionalismo. Portugal, séculos XIX e XX*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 51-71; Veja-se também Maria Isabel João, *Op. cit.*, 1998, pp. 406-408.

²¹⁸ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 Novembro de 1892.

Henry Harrisse, historiador norte-americano de origem francesa, destacou-se dos demais americanistas graças ao volume de trabalho produzido e aos seus estudos no âmbito da descoberta da América. Apesar do lugar destacado que possuía, valendo-lhe a fama de *príncipe* dos americanistas, Harrisse não era considerado uma pessoa fácil, sendo por vezes criticado pela postura que assumia nos seus trabalhos, deixando transparecer nas suas obras uma presunção intelectual que muitas vezes contribuía para confrontos directos com outros eruditos. No âmbito do IV Centenário, a maior das críticas apontadas a Harrisse era a desconfiança face aos trabalhos da escola espanhola, sendo que o acusavam de desprezar a maioria dos trabalhos feitos em terras ibéricas. Quando nos referimos à Ibéria englobamos Portugal e Espanha, uma vez que embora se falasse numa designada escola espanhola, usavam-se os trabalhos portugueses para se oporem aos estudos efectuados por Henry Harrisse.

Antes do início das Conferências Americanistas realizadas, como já vimos, em 1891 no Ateneu de Madrid, existia uma grande expectativa por parte do conjunto de eruditos que a nível mundial estudavam as temáticas colombinas. Assim, após a apresentação das comunicações, iniciou-se um período de intensa disputa entre os intelectuais, sendo que esse debate não se circunscrevia apenas ao pensamento histórico. A discussão era também alimentada através das rivalidades nacionalistas.²¹⁹

2. As publicações portuguesas

2.1. Os Descobrimentos portugueses e os de Colombo

A postura de Harrisse face aos novos estudos levou a que Luis Vidart se indignasse com a presunção intelectual do historiador norte-americano, e que decidisse

²¹⁹ Para demonstrar o que afirmamos, apontamos como exemplo o seguinte excerto: «*Después de señalar las deficiencias de los historiadores españoles, se pregunta el Sr. Harrisse: ¿Est-ce ici une des conséquences de l’Inquisition qui, en Espagne, attaque l’entendement humain dans son initiative et jusque dans ses modèles, ou bien d’un état cérébral particulier, inné et rebelle? Esta pregunta no cabe hacerla con relación á los defectos que se notan en el Sr. Harrisse, considerado como historiador del descubrimiento del Nuevo Mundo; porque la Inquisición española no parece que habrá podido influir desastrosa- mente en el entendimiento de un anglo-americano, ni la raza inglesa ha padecido, ni padece, la enfermedad cerebral que el Sr. Harrisse atribuye á los españoles; de modo que habrá que convenir en que, sin padecer los antepasados bajo el poder de la Inquisición, y aun perteneciendo á una raza inteligente, como lo es la raza inglesa, se pueden escribir obras históricas tan defectuosas como las que forman lo que el Sr. Harrisse llama escuela histórica española. Dicen que el Sr. Harrisse es de origen francés, pero aun siendo esto así, tampoco se hallaría comprendido en las particulares circunstancias que á su parecer pueden explicar la poca valía de las producciones históricas que en España se publican*». Vide Luis Vidart, «Los acertos del Sr. Pinheiro Chagas y los errores del Señor Harrisse», *Revista Contemporánea*, Año XIX, Tomo LXXXIX, 1893, p. 348.

contactar o seu amigo José de Cárdenas, director da *Revista Contemporánea*. Desta forma envia-lhe uma carta dando notícia dos seus motivos e das razões pela qual decidiu expor as suas críticas em praça pública, limpando assim a honra da *raza española*. Ora esta discussão poderia passar à margem do nosso estudo, não fosse em grande medida a utilização das obras realizadas pela comissão portuguesa como uma das armas de defesa da honra espanhola. O filósofo espanhol baptiza a sua exposição de *Los acertos del Sr. Pinheiros Chagas y los errores del Señor Harrise*²²⁰, sem dúvida um título elucidativo daquilo que seriam os argumentos expostos em relação aos fins deste discurso. O excerto seguinte é reflexo desses objectivos:

«[...] he procurado defender á Portugal y España de las injusticias con que pretende ennegrecer su gloria un escritor, sin duda muy erudito, pero también muy apasionado y ligero en sus juicios históricos.»²²¹

A obra de Manuel Pinheiro Chagas, *Os descobrimentos dos portugueses e os de Colombo. Tentativa de coordenação histórica*, surge como um estudo específico para ser divulgado durante o IV Centenário, e tinha como principais objectivos a ponderação dos antecedentes do descobrimento da América e a sua possível influência para a realização do feito de 1492. Por outro lado, esta tentativa assumia-se como uma obra de teoria histórica em si mesma, isto é, foi pensada como uma obra singular que tentava buscar noutros conhecimentos bases para a fundamentação de um determinado acontecimento. Ora esta postura de humildade, ao designar a obra de *Tentativa de coordenação histórica* e a sua preocupação em recorrer a diversas áreas do saber, não passou despercebida aos intelectuais da época.

²²⁰ Luis Vidart parece ter estado muito activo durante o período em que decorreram os festejos do IV Centenário. Para além do «Los acertos del Sr. Pinheiros Chagas...», publicado na *Revista Contemporánea*, também fez publicar outro artigo seu, desta feita no *El Centenário*, sob o título de «Causas de los errores históricos referentes al descubrimiento da América y Oceania». Vide Luis Vidart, «Causas de los errores históricos referentes al descubrimiento da América y Oceania», *El Centenário*, Tomo IV, 1893, pp. 31-37.

²²¹ Vide Luis Vidart, «Los acertos del Sr. Pinheiro Chagas y los errores del Señor Harrise», *Revista Contemporánea*, Ano XIX, Tomo LXXXIX, 1893, p. 241.

«[...] en el libro del Sr. Pinheiro Chagas considero acertadísima la tendencia, la dirección, el pensamiento sintético que le sirve de fundamento [...].»²²²

Assim, Luis Vidart recorre a esta obra e a esta postura de humildade intelectual para fazer frente, na sua opinião, à arrogância intelectual²²³ presente na obra *Christophe Colomb devant l'histoire*²²⁴, datada do ano de 1892. O filósofo espanhol indica que se visualiza uma enorme diferença entre a opção de Manuel Pinheiro Chagas de se afastar dos pormenores biográficos, os quais são em toda a história do descobrimento da América, apenas uma pequena parcela do que importa estudar. Neste sentido, foi reconhecido o mérito do historiador português, ao optar pelo estudo dos descobrimentos geográficos antes de Colombo, os quais, na sua opinião, tornaram possível a empresa que culminou no descobrimento do Novo Mundo. Esta abordagem foi, como já verificamos, muito bem recebida, merecendo um grande elogio por parte de Vidart.

«La tentativa de coordinación histórica del Sr. Pinheiro Chagas es algo más que una tentativa; es la resolución de un problema histórico, en que aparecen como datos los descubrimientos geográficos que hicieron los portugueses, desde la fundación de la escuela de Sagres, hasta la fecha en que Bartolomé Díaz dobló el cabo de las Tormentas, después llamado de Buena Esperanza; y como conclusión definitivo, esta evidente verdad: Cristóbal Colón, en la historia del descubrimiento del Nuevo Mundo, debe aparecer siempre como el primero y el más grande de los héroes de tan portentoso acaecimiento; pero Portugal y España, la raza ó la gente ibérica, es un héroe más grande aún que Colón, porque á su iniciativa se deben los primeros descubrimientos geográficos de la Edad Media [...].»²²⁵

Como já antes se tinha verificado em outras partes deste estudo, o conceito de *raza* esta marcado em todo o IV Centenário; a este alia-se uma ideia de iberismo suprapartidário, onde os ideais políticos são relegados para um segundo plano e onde o

²²² Idem, *ibidem*, p. 466.

²²³ Idem, *ibidem*, p. 247.

²²⁴ Henry Harrisse, *Christophe Colomb devant l'histoire*, Paris, R. Welter Editeur, 1892.

²²⁵ Vide Luis Vidart, «Los acertos del Sr. Pinheiro Chagas y los errores del Señor Harrisse», *Revista Contemporánea*, Ano XIX, Tomo LXXXIX, 1893, p. 248.

iberismo não é mais do que um resgate de um glorioso passado²²⁶, vivido em conjunto nos finais do século XV e no século XVI.²²⁷

Os autores portugueses que escreveram durante os festejos do centenário reconheciam que, durante os séculos acima referidos, eram portugueses e espanhóis os senhores dos mares e dos novos mundos – este discurso aparece sem intenções políticas, baseado em documentos da época. É ainda interessante verificar que Manuel Pinheiro Chagas possui a mesma visão quando produz estudos históricos e narrativas literárias com aspirações de divulgação histórica. Ora isto é visível na sua *História Alegre de Portugal*, quando o Professor conta aos seus amigos como Colombo terá desenvolvido a sua ideia de alcançar a Índia²²⁸. Esta postura é totalmente oposta às posições de outros escritores estrangeiros narrada por Vidart, que com as suas distorcidas e tendenciosas visões históricas, através do estilo biográfico, contaminam a opinião pública com apreciações banais.

«La biografía encerrada en los límites del relato, más apologético que crítico, de la vida y los hechos de los varones ilustres, sin el previo conocimiento de la ciencia ó arte en que mostraron la superioridad de su inteligencia y de su carácter, no es ni puede ser aprovechada por el historiador concienzudo sin añadir á sus incompletos datos el concepto general de la historia, que los biógrafos no siempre conocen y en

²²⁶ Sérgio Campos Matos chama a atenção para o fenómeno do iberismo, como uma forma de nacionalismo que embora pareça à primeira vista um contrassenso não o é. Cremos que o tipo de iberismo que mais se aproxima do existente nos discursos, analisados já neste estudo, é o iberismo cultural, de resposta à crise e aos sentimentos de decadência existentes em Portugal e Espanha. Vide Sérgio Campos Matos, «Conceitos de Iberismo em Portugal», *Revista de História das Ideias*, Vol. 28, Coimbra, 2007, pp. 169-193.

²²⁷ Tal ideia encontra-se patente num artigo do *El Centenario*, assinado por Pinheiro Chagas, no qual o autor defende: «La fiesta del Centenario de Colón que va a celebrarse en España no es exclusivamente una fiesta española; es una fiesta peninsular, una fiesta que no puede dejar de despertar las más vivas simpatías en el alma portuguesa». Vide Manuel Pinheiro Chagas, «Los supuestos precursores de Colón y el Tratado de Tordesillas», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 437.

²²⁸ É interessante verificar que os motivos apontados aqui em forma de romance se assemelham às ideias defendidas por Manuel Pinheiro Chagas na obra que estamos a analisar. «Foi até por isso que ele [Colombo] veio para Portugal, porque isto aqui era a forja, onde, para assim dizer, se fabricavam terras novas, e todos os que se entusiasmavam com essas coisas vinham para cá assoprar aos foles. Cristóvão Colombo estivera na Madeira, ouvira falar em sinais de terra para os lados do pôr-do-sol, e começara a embirrar que indo atrás do sol, havia de esbarrar com a Índia». Vide Manuel Pinheiro Chagas, *História Alegre de Portugal*, Colares, Colares Editora, p. 109.

ocasiones desdeñan, informando su criterio en la rutina del empirismo.»²²⁹

«Por ser artistas, por ser poetas en prosa, autores como Alfonso de Lamartine, Washington Irving y Roselly de Lorgues, sin gran erudición, ni sagacidad crítica, ni alto pensamiento, han conseguido que sus biografías de Colón sean populares y ejerzan en la opinión pública tan grande como deplorable influencia.»²³⁰

A obra *Os descobrimentos...*, não teve apenas uma boa recepção no estrangeiro, também em Portugal teve bastante impacto. Era mencionada juntamente com as outras obras da comissão, porém devido ao facto de esta ser uma monografia própria, possibilitou-lhe um maior destaque. Trata-se de uma obra muito bem estruturada e ponderada, com inúmeras notas de rodapé e várias chamadas de atenção no decorrer do texto para documentos, arquivos e questões historiográficas²³¹.

Devido ao seu elevado grau de qualidade, e às implicações de um período de maturação que o investigador necessita de possuir para escrever um estudo daquela magnitude, levantamos a questão da possibilidade de a obra ter sido originalmente pensada para a apresentação durante o decorrer do Centenário. Ora, esta dúvida coloca-nos numa situação bastante delicada, já que nas actas da comissão é referido que

²²⁹ Vide Luis Vidart, «Los acertos del Sr. Pinheiro Chagas y los errores del Señor Harrise», *Revista Contemporánea*, Ano XIX, Tomo LXXXIX, 1893, p. 340.

²³⁰ Idem, *ibidem*, p. 467.

²³¹ Se tivermos em atenção uma suma biográfica de Manuel Pinheiro Chagas publicada em *A Semana de Lisboa, suplemento do Jornal do Comércio*, verifica-se que, na opinião do autor (Mariano Pina), Pinheiro Chagas não é um historiador dedicado à investigação, mas sim um divulgador. Ora, verificou-se que no artigo não existe nenhuma menção à obra que estamos a analisar; no entanto, tem presença nas linhas dedicadas ao historiador, uma menção ao sucesso da sua presença em Madrid. Desta forma perguntamo-nos de forma retórica: teria Mariano Pina lido *Os descobrimentos dos portugueses e os de Colombo...*? «Como historiador, a sua obra, pelas necessidades e exigências do excessivo trabalho quotidiano do autor, nem pode ser considerada uma obra de investigação e de crítica como a de Herculano, nem uma obra de pintura histórica e social á maneira dos ingleses e especialmente de Macaulay, como é a obra do sr. Oliveira Martins. A história do sr. Pinheiro Chagas é exclusivamente de vulgarização, á maneira de Henri Martin, e tendo por base os processos de exposição e methodo, e os elementos sobre nós colhidos por um grande admirador de Portugal, Ferdinand Denis, da geração de Thierry, de Edgard Quinet e de Michelet, que foi conservador da biblioteca parisiense de Sainte-Geneviève, e o amigo intimo de Garrett, de Herculano, e dos ilustres exilados do nosso período liberal. [...] Quanto ao dessorado paiz que tal homem [Pinheiro Chagas] possui, só tem uma coisa a fazer – venera-lo, procurando ao mesmo tempo imitar-lhe as qualidades e as virtudes». Vide Mariano Pina, «M. Pinheiro Chagas», *A Semana de Lisboa, suplemento do Jornal do Comércio*, n.º 23, Lisboa, 4 de Junho de 1893, p. 179.

Pinheiro Chagas possui tensões de publicar um estudo²³², e que tal publicação acompanhará as restantes efectuadas pela comissão. No entanto, não conseguimos encontrar nenhuma referência relativa ao seu custo, nem a quem a financiou. No frontispício da obra aparece a referência à tipografia da Academia das Ciências de Lisboa, o que pressupõe que esta ter-se-á oferecido para a publicar em seu próprio nome; porém, não possuímos provas que validem esta teoria. Cremos ainda que a obra não é fruto de um determinado momento, daquilo que se poderia designar como uma obra «encomendada» (sem qualquer tipo de prejuízo valorativo à qualidade da obra). Assim, apontamos para a possibilidade de uma base previamente existente, já que através da leitura da obra, ficamos com a impressão que está ali presente, um trabalho de alguns anos de leituras e de maturação de ideias. O centenário deverá ter possibilitado o retomar destes apontamentos e a elaboração de uma monografia actualizada e muito bem enquadrada na sua contemporaneidade.

Apesar da importância que *Os descobrimentos...* teve, como temos vindo a salientar, não foi possível a total salvaguarda da associação a longo prazo, da obra com todo o panorama do Centenário, mesmo tendo sido bastante saudada na ocasião do seu lançamento²³³.

²³² B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 6 de Agosto de 1892.

²³³ Talvez um dos responsáveis por essa modificação tenha sido ironicamente, um dos membros da mesma comissão, Oliveira Martins: «São três os tomos que reúnem os trabalhos históricos portugueses, coligidos por ocasião do centenário da descoberta da América, e destinados a contribuir para o conjunto de manifestações de diversa ordem, com que a península celebrou a apoteose de Colombo». É desta forma que Oliveira Martins inicia a sua recensão crítica às publicações da comissão, aliás refira-se que o faz de uma forma bastante metódica e rigorosa, salientando tanto a temática de cada publicação, como os seus autores. É importante referir que Oliveira Martins não se esquece de referir a obra de Manuel Pinheiro Chagas, contudo não efectua uma recensão tão aprofundada como as anteriores. Este pequeno artigo de Oliveira Martins poderá estar na origem do esquecimento relativo à obra de Pinheiro Chagas, mas não é Oliveira Martins o culpado, trata-se de um inevitável processo de esquecimento evolutivo. Ou seja, nos anos imediatamente posteriores ao artigo, seria comum encontrarmos pessoas que seriam capazes de olhar de forma igualitária a obra de Pinheiro Chagas com as restantes, uma vez que estavam familiarizadas com o contexto. No entanto, com o passar dos anos e com sucessivas brumas que se apoderaram do centenário de 1892, tornou-se cada vez mais difícil para o leitor a comparação igualitária, em termos de valor das obras. Aos olhos de um leitor menos atento o excerto acima apresentado contrasta em muito com o último parágrafo do mesmo artigo: «E não esqueçamos, para concluir, o volume que o sr. Pinheiro Chagas publicou sob o título *Os descobrimentos Portugueses e os de Colombo*, Lisboa, 1892, que é uma dissertação histórica de subido valor». Não nos quer parecer que o facto de existir um contraste tão acentuado tenha sido com intenção. Podem ter existido várias possibilidades para o sucedido, no entanto parece-nos claro que aquilo que sucedeu foi o seguinte: Oliveira Martins terá realçado apenas as três publicações que foram realizadas sob o financiamento atribuído pelo estado português, deixando para um segundo grupo as publicações efectuadas sem financiamento do estado. Vide J. P. Oliveira Martins, «As publicações portuguesas do centenário colombino», *Portugal nos Mares*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, pp. 269-276.

2.2. *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...*

A obra *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo ácerca das navegações e conquistas portuguesas publicados por ordem de Sua Majestade Fidelíssima ao celebrar-se a Commemoração Quadricentenária do Descobrimento da America* é sem dúvida alguma uma das mais importantes publicações de fontes que veio a lume no século XIX.

Nunca antes se tinha verificado um tamanho empenho por parte de uma comissão participante num centenário ou numa exposição universal para resgatar do passado elementos que possibilitassem estudos futuros, com tão grande influência no desenvolvimento da historiografia, como foi o caso desta obra. Num processo conjunto entre a Academia das Ciências de Lisboa, o governo e a Torre do Tombo, foi organizada uma subcomissão dentro da comissão portuguesa para recolher e publicar vários documentos que abrangessem um tempo histórico delimitado: entre o princípio dos descobrimentos e o início do segundo quartel do século XVI. Da subcomissão faziam parte Próspero Peragallo, Xavier da Cunha, Rafael Eduardo de Azevedo Basto, sendo a mesma presidida por José Ramos Coelho. Acrescenta-se a este esforço titânico a ajuda, quer do Director da Torre do Tombo (José Manuel da Costa Bastos), quer dos funcionários da mesma. Também se deve destacar os colaboradores que, nas oficinas da Imprensa Nacional, possibilitaram a publicação da obra.

«El texto consta de más 500 páginas en fólío, de papel de hilo, con esmerada impresión. Facilitan el estudio y aprovechamiento de tan interesante colección las fechas de los documentos, cuidadosamente acotadas al margen de cada página, así como los índices onomásticos de personas, lugares y navíos.»²³⁴

Para se compreender toda a amplitude da obra, fizemos um pequeno estudo estatístico sobre o número de documentos para cada ano. A partir desses dados²³⁵, verificou-se que existia uma incidência maioritária de documentos para os primeiros vinte e nove anos do século XVI do que para os quase noventa anos anteriores do século XV. Para satisfazemos a curiosidade, decidimos então pesquisar um a um os

²³⁴ *El Siglo Futuro*, 15 de Novembro de 1892, área designada para recensões bibliográficas, assina o artigo F.F [Fidel Fita].

²³⁵ Ver Anexo III, Tabela 1 e Gráfico 1, pp. 203-204.

documentos do ano de 1514, uma vez que eram esses que apareciam em maior número (trinta e dois no total). Os resultados alcançados foram inconclusivos, mas pudemos chegar a algumas tentativas explicativas.

Em primeiro lugar, destacamos o simbolismo do próprio ano – assim, foi em 1514 que D. Manuel I enviou a mais famosa de todas as embaixadas ao Papa Leão X. Consequentemente, este ano apresenta-se como um símbolo da grandiosidade de Portugal no século XVI, o que em 1892, após o ultrajante *ultimatum* britânico a Portugal, podia servir de estímulo nacional. Contudo, esta não se trata da única teoria explicativa. Analisados os trinta e dois documentos relativos a esse ano, não se verificou que estes dissessem especificamente respeito à embaixada, verificando-se antes que a linha comum a todos eles era a expansão portuguesa. Assim, entre estes, constata-se a presença de cartas de D. Manuel I a Afonso de Albuquerque, mas também bulas de Leão X apoiando D. Manuel I contra os infiéis em África, ou até mesmo a bula de Leão X referente à igreja da Ilha da Madeira.

Em última análise, os dados não são conclusivos, e se adicionarmos a estes a observação que Ramos Coelho efectua durante a sessão de 7 de Maio de 1892, referindo que o seu grupo de trabalho tinha recolhido cerca de mil e duzentos exemplares de documentos, mas que devido à falta de paleógrafos não se consegue saber a sua importância²³⁶. Cremos, então, que os documentos transcritos podem ter sido escolhidos com base na sua facilidade de leitura. Das análises efectuadas a esta obra, podemos ainda referir que desta vasta publicação os temas mais destacados são os do Infante D. Henrique, os aspectos de política ultramarina e alguns locais que fizeram parte da história da expansão portuguesa, como Fez, Ceuta, Arzila, Tânger, Alcácer, Índia, Malaca, entre outros.

No fim, persiste uma pergunta: em que medida foi produtivo todo este trabalho? A resposta aparece anos depois, com o aumento de trabalhos sobre a história dos descobrimentos e da expansão portuguesa, e com a variedade de vezes que esta obra é indicada, quer em trabalhos portugueses, quer em estudos estrangeiros.

2.3. *Esmeraldo de Situ Orbis*

²³⁶ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 7 de Maio de 1892.

A publicação do *Esmeraldo...* foi uma das primeiras sugestões efectuadas por Oliveira Martins, isto durante a sessão dedicada à apresentação do projecto à Academia das Ciências de Lisboa. Nessa mesma sessão verifica-se que a sugestão é acolhida com bastante agrado, mais verificamos que tal obra é encarada como uma fonte capaz de provar que a descoberta da América, por parte dos portugueses, não foi obra do acaso.

«No *Esmeraldo* também se indica que a descoberta da América não foi puro acaso».²³⁷

Assim, acreditamos que o livro de Duarte Pacheco Pereira assumia-se, perante a comissão portuguesa, como uma publicação importantíssima que deveria ser publicada e divulgada. No entanto, a obra parece não ter tido uma recepção eufórica por parte dos eruditos da época²³⁸. São muito poucas as referências contemporâneas ao IV Centenário que salientam o *Esmeraldo...* enquanto fonte de informações relativas às descobertas portuguesas. A maioria dos artigos apontam a obra de Pacheco Pereira como fruto da comissão portuguesa, isto é, a impressão pela primeira vez da mesma sobrepõe-se ao seu conteúdo. Desta forma, cremos que em parte a publicação do *Esmeraldo...* não concretizou a totalidade das expectativas que a comissão portuguesa possuía.

2.4. Memórias da Comissão Portuguesa

No decorrer dos trabalhos da comissão portuguesa decidiu-se efectuar um conjunto de monografias dedicadas a vários temas da história dos descobrimentos²³⁹, adicionando a estes estudos dois outros textos: um dedicado à história da comissão e outro ao Centenário que se festejava. As memórias aparecem como uma oportunidade de agregação de vários trabalhos com linhas e formas de pensar em comum, isto é, não se verificam nas monografias várias teorias sobre o mesmo assunto, pelo contrário, são abordadas várias temáticas e é coincidente em todas elas uma continuidade de discursos,

²³⁷ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 de Novembro de 1891.

²³⁸ À excepção de Oliveira Martins: «Esta rápida notícia do livro que agora, pela primeira vez, saiu a lume, depois de escrito há quatro séculos basta para que se forme uma ideia da importância do documento e do serviço prestado à história da geografia em geral e à das navegações portuguesas, particularmente, com a publicação feita por ocasião do Centenário Colombino». Vide, J. P. Oliveira Martins, «As publicações portuguesas do centenário colombino», *Portugal nos Mares*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, p. 271.

²³⁹ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 19 de Fevereiro de 1892.

que já se tinha verificado durante todo o processo, já que era normal a existência de troca de ideias relativas aos estudos no decorrer das sessões da comissão.

Coube a Joaquim de Araújo escrever a história da comissão portuguesa. Durante muito tempo a história da participação portuguesa no centenário centrou-se sobretudo nas informações disponibilizadas pelo secretário da comissão. No entanto, como verificámos, até ao momento tais informações correspondem apenas a uma parcela da história da mesma. Outra coisa não seria de esperar, já que o objectivo desse texto era ilustrar a forma como surgiu a representação portuguesa e como se fez apresentar em Madrid. Mais do que um texto para o futuro, era um texto para o presente, não tendo a ambição original de deixar para o futuro a história da comissão portuguesa, mas sim fazer uma mera apresentação da mesma. É ainda visível no texto uma preocupação por parte do seu autor para dar a conhecer os trabalhos de outros portugueses, os quais não se apresentavam como trabalhos oficiais da comissão, mas que acompanharam os estudos respectivos da mesma, pois estavam em sintonia com as ideias defendidas pela comissão portuguesa.

Segue-se ao texto de Joaquim de Araújo, uma reflexão de Teófilo Braga intitulada *Centenário da Descoberta da América*. Essencialmente, o historiador expõe as suas ideias relativas ao centenário, às descobertas marítimas e até mesmo à evolução histórica da Humanidade. Teófilo Braga foi incumbido²⁴⁰ de fazer este texto devido ao seu historial relativo à reflexão sobre os centenários. Relembremos que já o tinha feito algumas vezes e com sucesso.²⁴¹

O IV Centenário era um evento de carácter duplo, onde o acontecimento e o herói que o praticara são indissociáveis e apresentam-se quase como sinónimos. O historiador salienta no seu texto três acontecimentos que, segundo ele, foram os responsáveis pelo grande progresso efectuado pela civilização ocidental. Assim, a descoberta da pólvora, da imprensa e da América, apresentam-se como os factores mais marcantes da evolução ocidental. Se nos dois primeiros factores os portugueses ficaram à margem da descoberta, no caso do descobrimento da América os portugueses foram fundamentais, contribuindo de forma directa para a formação de Colombo e do pensamento científico da época. Ao iniciar a sua exposição de ideias relativas ao

²⁴⁰ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 19 de Fevereiro.

²⁴¹ Vide Teófilo Braga, *Os centenários como síntese afectiva nas sociedades modernas*, Porto, Tip. A. T. da Silva Teixeira, 1884.

descobrimento da América, Teófilo Braga recua até ao tempo das grandes civilizações do Mediterrâneo, salientando que estas, algumas vezes, transpuseram os limites do mar, que separa as costas africanas e europeias. Ora este retomar às origens é apresentado com o objectivo de explicar o desejo quase inato das civilizações cosmopolitas de procurarem novos espaços geográficos, fruto das actividades industriais e da necessidade de luta que «estimulou-lhes o génio colonizador»²⁴².

O autor não esconde a importância da leitura da obra de Marco Polo, assim como outras obras medievais, para a formação de um novo pensamento capaz de desafiar as ideias e os mitos que existiam então em relação ao desconhecido. No decorrer da leitura deste texto de Teófilo Braga, conseguimos aproximar-nos do pensamento do seu tempo em relação à escolha dos objectos a serem expostos nas salas portuguesas da exposição colombina, nomeadamente ao desejo de expor, em uma destas, o globo de Nuremberg²⁴³, já que o seu autor, segundo Teófilo Braga se baseou nos conhecimentos dos portugueses para o completar.

«E enquanto Colombo se achava no mar, em 1492, na rota do desconhecido, em Neuremberg, um geographo que andara ao serviço de Portugal durante muitos annos, e era casado nos Açores, Martim de Behai, construiu um globo de mais de meio metro de diametro, em pergaminho, e sobre elle distribuia as partes da Terra conhecidas, ajudando-se das notícias dos navegadores portugueses, e completando as falhas com as notícias de viajantes como Marco Polo e Mandevile, e escriptores da antiguidade.»²⁴⁴

A importância dos descobrimentos portugueses é fruto dos seus navegadores e da sua formação em alto mar; esta é, não apenas resultado de uma vida de treino, mas sim de uma tradição marítima, forte e quase genética.

À medida que novos espaços geográficos iam sendo descobertos, principalmente as ilhas atlânticas, rapidamente dirigiam-se a estas regiões cidadãos de

²⁴² Teófilo Braga, «Centenário da Descoberta da América», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa Tipografia da Académia Real das Sciencias, 1892, p. 5.

²⁴³ A ideia de se poder expor uma réplica do globo de Nuremberg remonta ao encontro de apresentação da proposta de criação de uma comissão (5 de Novembro de 1891). Vide B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 de Novembro de 1891.

²⁴⁴ Teófilo Braga, *op. cit.*, p. 10.

várias partes do Velho Mundo, em busca de fama e fortuna. É neste âmbito pessoal, do desejo honesto do Homem de superar-se a si mesmo, aos seus medos e aos restantes da sua espécie que, segundo Teófilo Braga, assenta a figura de Colombo. Um homem que ousou desafiar as suas miragens, porém de uma forma controlada assente no conhecimento, que em grande medida era oriunda da experiência lusitana. Para o historiador português os contributos dados pelos seus compatriotas ao longo da história das navegações marítimas foram decisivos para o conhecimento universal. Esta não se trata de uma posição meramente nacionalista, é uma ideia visível em vários estudos contemporâneos sobre este, mesmo quando realizados pela historiografia estrangeira.

«Com a sua expedição termina o ciclo das descobertas, e, como dizia Jules de Blosseville, a circumnavegação do foi para os destinos da humanidade um facto mais decisivo do que a descoberta feliz de um continente novo. O cyclo das grandes navegações atlanticas começado pelos portugueses termina pelo acto deliberado da circumnavegação do planeta, desempenhado por um portuguez.»²⁴⁵

Na maioria das vezes os estudos eram divulgados por vários periódicos de forma directa, através do simples envio dos mesmos, ou através do intermédio do círculo de amigos, os quais muitas vezes possuíam cargos importantes dentro dos periódicos, facilitando assim a sua divulgação. Um desses exemplos é o seguinte excerto, presente num periódico espanhol, e onde podemos observar também a recepção positiva que o texto de Teófilo Braga teve. Infelizmente não foi possível averiguar de que forma o texto do historiador chegou ao periódico, mas suspeitamos de uma rede de contactos, provavelmente, fruto dos ideais políticos, uma vez que a forma como o académico português é apresentado, parece demonstrar uma partilha ideológica.

«Acompañado de una cordial dedicatoria recibimos de Teófilo Braga, el ilustre sabio que honra y abrillanta al partido republicano portugues, un interesante folleto en que se estudia el Descubrimiento de América bajo los más variados aspectos. Constituya una obra tan interesante como elocuente [...]»²⁴⁶

²⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 19.

²⁴⁶ *Las Dominicales. Del Libre Pensamiento*, Madrid, 9 de Dezembro de 1892.

Continuando o nosso périplo pelos estudos existentes nas *Memória da Comissão*, alcançamos o estudo da autoria de Teixeira de Aragão com o título de *Breve notícia sobre o Descobrimento da América*. A história por detrás deste estudo é narrada pelo próprio autor em nota de rodapé no seu estudo.

Teixeira de Aragão foi mandatado para realizar uma memória referente à descoberta da América. Tendo respondido prontamente a esse desafio, terá iniciado os trabalhos preparatórios, no entanto devido a um grave problema de saúde viu-se durante algum tempo arredado da escrita da sua memória²⁴⁷. Após a recuperação, não lhe restou tempo para efectuar um trabalho inédito, e sendo confrontado com a possibilidade de não cumprir com aquilo que se tinha comprometido, optou por entregar um estudo que já tinha sido efectuado por ele noutro âmbito.

«A grave enfermidade que nos reteve na cama mais de um mez, a longa convalescença de que carecemos, e o pouco tempo que resta para a celebração do centenario de Christovam Colombo em Madrid, nos levou ao seguinte dilemma – ou não os publicar, faltando ao compromisso, – ou envia-los para a imprensa sem alteração. Optamos pelo Segundo expediente, e talvez não fosse o melhor.»²⁴⁸

Embora este estudo não tenha sido efectuado com o propósito de ser apresentado no Centenário, cobre na sua quase totalidade os temas tratados neste. O trabalho de Teixeira de Aragão distingue-se dos demais nos seus aspectos formais, possuindo um elevado número de notas de rodapé quando comparado com os restantes estudos que com este fazem parte das *Memórias da Comissão Portuguesa*. Outra coisa não seria de esperar, uma vez que este estudo seria o suposto IV volume da obra, *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, a qual possuía como uma das suas características formais a riqueza das informações integrantes nas notas de rodapé. O texto de Teixeira de Aragão, ao contrário do que sucedeu com os demais textos que o acompanharam, não obteve um

²⁴⁷ Durante a sua ausência foi Manuel Pinheiro Chagas quem assumiu o cargo de tesoureiro. Vide B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 21 de Maio de 1892.

²⁴⁸ Veja-se Teixeira de Aragão, «Breve notícia sobre o Descobrimento da América», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa Tipografia da Académia Real das Sciencias, 1892, p. 3.

destaque mediático por si mesmo, sendo que sempre que era mencionado era-o de forma colectiva. Deve-se ainda salientar que este texto se fazia acompanhar de dois fac-símiles que faziam as delícias de bibliógrafos e estudiosos.

O famoso numismata português escreveu um segundo texto para figurar nas *Memórias...*, desta feita, trata-se do *Catalogo dos Objectos de Arte e Industria dos indigenas da América que pelas festas commemorativas do 4.º Centenário da sua descoberta*. Ao contrário do que sucedeu com o texto anteriormente analisado, este foi efectuado especificamente para o IV Centenário. Dividindo-se em duas partes distintas: uma relativa à história da América pré-colombina e outra dedicada à descrição dos vários objectos indígenas. A introdução teórica é bastante pobre e muito superficial, reflexo da qualidade e quantidade de estudos que existiam então em Portugal. Porém, deve-se ter em atenção que os estudos pré-colombinos iam dando os primeiros passos em todo o mundo ocidental, tendo na sua liderança as escolas anglo-saxónica, francesa e alemã. Rapidamente o autor foca-se no contexto histórico e no percurso de algumas das obras expostas pela comissão portuguesa. Em seguida enumera os objectos a serem expostos, tendo uma preocupação de numerar o objecto, seguido de uma breve explicação e das suas proporções²⁴⁹.

A maioria destes artefactos tinha chegado a Portugal perto dos finais da década de 70 do século XIX, provenientes da América central e do sul²⁵⁰, sendo na sua maioria ofertas diplomáticas. A sua qualidade varia de boa (sobretudo no que diz respeito às múmias) até muito má (no caso das grosseiras falsificações), no entanto trata-se de um conjunto medíocre, face a outras colecções expostas na mesma exposição. No relatório efectuado pela comissão dos Estados Unidos, não é dada relevância à colecção de artefactos pré-colombinos existentes nas salas portuguesas, sendo que a função base desse relatório era maioritariamente identificar potenciais tesouros, não se reconheceu nas peças portuguesas uma qualidade que merecesse ser alvo de apreciação mais aprofundada. Todavia, não podemos afirmar que os artefactos levados por Portugal fossem relegados para um plano afastado, ficando relegados ao esquecimento. Aliás, tal não aconteceu. A provar isso está uma carta enviada à comissão portuguesa, pedindo

²⁴⁹ Vide «Documentos Oficiais. Reglamento General de la Exposición Histórico-Americana de Madrid», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 285-292.

²⁵⁰ *Boletim da real associação dos architectos civis e archeologos portugueses*, N.º 2, Tomo III, 1880, p. 25.

mais informações sobre um conjunto de artefactos²⁵¹. É ainda certo que Portugal era a única comissão que possuía uma vasta variedade de artefactos oriundo das actuais terras brasileiras.

Poderíamos questionar a pertinência de constar nas *Memórias...* um catálogo específico de artefactos pré-colombinos, contudo a sua inserção é explicável, caso se recorde, que uma das participações portuguesas era na Exposição Histórico-Americana, e que Portugal não possuía uma sala própria para esta, tal como já anteriormente expusemos.

Henrique Lopes de Mendonça foi o autor da memória *Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI*, uma obra relevante na historiografia da arqueologia naval portuguesa. O estudo enquadrava-se nas tendências historiográficas da época, onde a arqueologia naval parecia ganhar um grande destaque em todo o IV Centenário. Relembre-se a construção das réplicas da Santa Maria, da Pita e da Niña. Também vários periódicos iam dando destaque a artigos sobre arqueologia naval, sobretudo o periódico oficial dos festejos, *El Centenario*.

No caso de Lopes de Mendonça, não lhe foi encomendado o estudo por parte da comissão. Tratou-se de uma opção própria, comunicada à comissão na sessão do dia 21 de Abril de 1892²⁵², a qual foi recebida com agrado. Contudo, porque é que optou o erudito por este tema e não outro? Pensamos que o seu historial como militar da marinha e os seus conhecimentos de arqueologia naval levaram-no a optar por um tema decisivo para o triunfo português nos mares, e o qual deve andar sempre a par dos restantes estudos dos descobrimentos. O autor deixa essa visão bem clara na sua monografia:

«Na arte de navegar repousa o primeiro fundamento para a nossa gloria. O navio é pois o primeiro elemento de estudo para quem pretende traçar a história d'essa epocha.»²⁵³

²⁵¹ B.A.C.L., Cota 129B Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1895], ofício 89, 18 de Março, 1893.

²⁵² B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 21 de Abril de 1892.

²⁵³ Vide Lopes de Mendonça, «Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa, Tipografia da Académia Real das Sciencias, 1892, p. 4.

O estudo divide-se em duas partes, uma dedicada à exposição teórica em que o autor tem a preocupação de dotar o leitor de vários conceitos técnicos, e um anexo, o qual se intitula *Documentos* e onde o leitor é presenteado com várias transcrições. Henrique Lopes de Mendonça mantém-se na mesma linha de pensamento dos seus pares da comissão que escreveram na compilação de estudos que estamos a analisar. O autor assume que um dos pontos mais importantes para o alcance dos inúmeros feitos da época dos descobrimentos se deu devido à evolução científica, que no texto de Lopes de Mendonça se assume na figura da evolução naval, nomeadamente através da embarcação, símbolo de uma época e de um povo.

«Se algum dia a língua portuguesa se sumisse no pelage das tradições obscuras, a palavra caravela seria bastante para recordar à humanidade a história de um pequeno povo, empenhando esforços de gigante para o descobrimento do mundo»²⁵⁴

Como anteriormente referimos, são várias as publicações dedicadas à arqueologia naval que vieram a lume nos anos de 1892 e 1893. A obra de Lopes de Mendonça parece demarcar-se das restantes devido à sua dimensão, qualidade e inovação, merecendo os maiores elogios tanto no estrangeiro como em Portugal.

Desde cedo que a comissão portuguesa chamou a atenção para a necessidade de expor de forma clara e precisa a suposta estadia de Colombo na ilha da Madeira. Agostinho de Ornelas demonstrou o seu interesse à comissão nesta temática, e foi-lhe destinada a árdua tarefa de efectuar um estudo vinculado à memória da passagem do navegador genovês pelo arquipélago. Esse desafio foi aceite e o resultado cristalizou-se na forma de *Memorias sobre a residência de Christovam Colombo na ilha da Madeira*.

Este tema alimentava na época um apaixonado debate entre vários eruditos. Ora esta paixão tornava-se por vezes um pouco desmedida, fazendo com que assistisse a cenas bastante curiosas, uma dessas ficou registada nas actas da comissão e narra a ideia de se fazer transportar uma janela, da suposta casa onde Colombo teria habitado durante a sua estadia na ilha da Madeira até à exposição de Madrid.

«O Senhor Agostinho de Ornellas lembra a importância da reunião de elementos cartographicos e aponta alguns curiosos.

²⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 75.

Falta também na estada de Christovão Colombo na Madeira, na injustificada duvida de Harisse acerca do casamento de Christovão Colombo e nas ruínas da casa em que Colombo parece ter habitado na ilha, casa de que resta uma janella, que elle se presta a fazer transportar para Portugal se se julgar interessante a remessa para Madrid d'esse objecto. A Commissão applaude vivamente essa idea.»²⁵⁵

A realização da memória demorou apenas umas semanas, pois existe uma informação na sessão de 19 de Fevereiro de 1892²⁵⁶ que nos dá a indicação que o estudo de Agostinho de Ornelas já tinha escrito a memória, nesta data. Não nos devemos admirar com a rapidez com que esta foi efectuada, tratava-se provavelmente de um resultado de uma pesquisa mais longa, que à semelhança de outras publicações que foram editadas durante os festejos do IV Centenário, viram nesta comemoração o espaço ideal para a sua divulgação.

Os contactos que o diplomata português possuía na ilha da Madeira faziam dele privilegiado, possibilitando-lhe uma actualização documental e bibliográfica sobre o tema que estudava. Aliás, este conhecimento e domínio das fontes valeu-lhe uma acesa troca de ideias com Rodrigues de Azevedo, numa das sessões da comissão portuguesa.²⁵⁷

O estudo de Agostinho de Ornelas revela o mesmo pensamento em relação aos feitos de Colombo que encontramos nas restantes memórias efectuadas pela comissão, isto é, o reconhecimento de Colombo como um herói, um homem de muitas pátrias, mas que deve o seu maior feito a Portugal, já que foi este reino que lhe permitiu adquirir uma maturidade enquanto navegador e pessoa, possibilitando-o a concretizar o descobrimento de um novo continente.

«Justo é pois, justo e devido, que todas as nações se associem à glorificação do grande homem e entre todas Portugal, onde ele aprendeu a grande navegação, onde confirmou, em

²⁵⁵ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 19 de Fevereiro de 1892.

²⁵⁶ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 19 de Fevereiro de 1892.

²⁵⁷ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 de Março de 1892.

presença dos factos, a concepção do seu espírito, onde encontrou família e amigos, e que lhe teria dado os meios de levar a cabo a sua empresa, se fosse lícito proferir teorias e esperanças a factos averiguados e a dados positivos e experimentalmente verificados.»²⁵⁸

De uma forma metódica e muito bem ponderada o autor começa por expor a tradição de visitas e estadias no arquipélago madeirense de navegadores estrangeiros, passando depois para a discussão sobre a veracidade ou não do casamento de Colombo, tema que estimulava algumas dúvidas entre eruditos, sobretudo a Henry Harrisse. Esclarecido este ponto, baseando as suas teorias em documentos, Agostinho de Ornellas aplica-se a expor os dados que considera serem de maior relevância para a sustentação da ideia relativa à estadia de Colombo na ilha da Madeira. A obra do diplomata tornar-se-ia um dos mais aplaudidos estudos em Madrid.

Assinado por João Brás de Oliveira, *Os navios de Vasco da Gama*, é a par do artigo de Henrique Lopes de Mendonça um dos estudos mais importantes no que diz respeito aos inícios dos estudos de arqueologia naval em Portugal. Não podemos afirmar que a intenção dos autores fosse a criação de estudos que se complementassem, aliás, nada nas actas da comissão nos indica tais cumplicidades. Também não se trata do primeiro estudo no âmbito da arqueologia naval produzido por João Brás de Oliveira, pois já contava com uma vasta experiência nestes estudos.

Brás de Oliveira optou por dedicar o seu estudo aos navios de Vasco da Gama, talvez influenciado pelos trabalhos que se iam divulgando, especialmente em Espanha acerca da frota de Cristóvão Colombo.

«Os navios de Colombo teem merecido as sympathias de archeologos navaes os mais illustres. A caravela Santa Maria, reconstruída pelo archeologo, é de [está em] todos os livros os livros em que se trate de marinha. [...].

A par da Santa Maria, Trinidad, Victoria, Endeavour, Resolution, Discovery, Boussole, Astrolabe, Zelle e de tantos navios afamados, que relembram Colombo, Magalhães, Cook, La

²⁵⁸ Agostinho de Ornellas, «Memorias sobre a residencia de Christovam Colombo na ilha da Madeira», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa Tipografia da Académia Real das Sciencias, 1892, p. 4.

Perouse e outros valentes marinheiros, podem figurar honradamente a S. Gabriel, a S. Raphael o a Bérrio.»²⁵⁹

Brás de Oliveira inicia o seu estudo dissertando sobre os rostos das grandes navegações portuguesas, passando depois para uma análise da frota e do roteiro da viagem de Vasco da Gama, completando o seu raciocínio com algumas observações sobre a arte de navegar nos séculos XV e XVI. O autor conduz o leitor a cada parágrafo para o centro nevrálgico do estudo, apostando numa descrição exaustiva da reconstrução da nau S. Gabriel²⁶⁰. É precisamente nesta parte do estudo que julgamos que o trabalho de Lopes de Mendonça parece complementar o presente, através das definições de alguns conceitos, cedendo ao leitor, mesmo que erudito, o fácil acesso às definições que por vezes são de necessária consulta. Assim, como os documentos em anexo de *Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI* complementam os três fólios que dispõem imagens da nau S. Gabriel e das restantes, todas elas assinadas por Brás de Oliveira.

São ainda visíveis no texto as comparações entre o herói genovês e Vasco da Gama. O confronto entre os feitos destes dois homens, é metaforicamente uma comparação entre dois antigos impérios, o português e o espanhol, a imagem da divisão do mundo em duas partes, a oeste a América glória de Colombo e a este o destino de Vasco da Gama. Esta ideia aparece como um dos pontos concordantes entre a maioria dos trabalhos da comissão, ora através da imagem de Vasco da Gama, ora através de

²⁵⁹ João Brás de Oliveira, «Os navios de Vasco da Gama», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1892, p. 27.

²⁶⁰ Também a reprodução da caravela teve direito a figurar nos periódicos portugueses. Em seguida apresentamos a notícia que saiu em 21 de Outubro de 1892, dando conta dos trabalhos de reprodução da embarcação S. Rafael. «Uma das curiosidades mais interessantes enviadas por Portugal á Exposição Colombina de Madrid, é o modelo da Caravella S. Raphael, navio em que Vasco da Gama fez a sua primeira viagem à Índia. Este modelo feito agora no nosso Arsenal de Marinha sob a direcção do distincto engenheiro hydrographo sr. Baldaque da Silva, obedece quanto possível à verdade histórica, e a sua vista transporta-nos aos felizes tempos em que Portugal descobriu o mundo [...]. O desenho foi feito segundo um manuscripto de 1558 que se encontra na edição dos *Lusiadas* do falecido visconde de Juromenha. Para a construção, aparelho e valame seguiram-se alguns desenhos e documentos da época que mais crédito merecem. Na execução do modelo, em que só trabalharam portugueses, colaboraram os srs. Joaquim José Salgueiro, chefe de serviço da direcção das construções navaes do arsenal, traçando os planos geométricos, Joaquim Baptista, modelador que fez o casco, Joaquim Antonio de Deus, o aparelho e Eloy Amaral as decorações. A imagem de S. Raphael, que ia na prôa da caravela em que foi Vasco da Gama à descoberta da Índia, a qual ainda existe, veio da igreja da Vidigueira onde se conservava, para a igreja dos Jeronymos por ocasião do Centenario de Camões em 1880, foi reproduzida pelo sr. Ferreira Lobo. A gravura que publicamos [n]a pag. 237 é uma reprodução da dita imagem, a qual foi também enviada para a exposição Colombina de Madrid, entregue á guarda do sr. Joaquim d'Araujo. É uma verdadeira preciosidade histórica.» Vide *O Ocidente*, 21 de Outubro de 1892, pp. 235-236.

outros heróis do imaginário português como o Infante D. Henrique ou Bartolomeu Dias. No entanto, existe um respeito por esta rivalidade antiga e que conhecia nos finais do século XIX uma aproximação entre as culturas históricas peninsulares.

«Longe de rivalidades, que o tempo destruiu, Colombo e Vasco da Gama são verdadeiros heroes, que todas as nações podem desassombradamente celebrar.»²⁶¹

Ficou a cargo de António Artur Baldaque da Silva a redacção de *O Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral*. De um número reduzido de páginas, quando comparado com outras obras do mesmo volume, conquistou o seu direito a ser recordada com as restantes, não pelo facto de ser parte do mesmo volume, mas por ser um estudo eloquente, muito bem escrito, onde as ideias estão dispostas de forma metódica e clara. Ora, para que assim fosse, Baldaque da Silva optou por colocar uma questão que inquietava os homens do seu tempo²⁶². Como descobriram os portugueses as terras de Vera Cruz? Após a colocação da questão, apresenta três hipóteses de resposta: «Que os navios da expedição foram arrastados para oeste pela acção forçada e insuperável do meio em que navegavam»; «Que os navios foram desviados para oeste por erro cometido na navegação»; «Que a expedição se dirigiu para oeste propositadamente»²⁶³.

Parte então o autor para a refutação das duas primeiras hipóteses, tendo em conta a documentação existente para expor ao leitor as razões pelas quais não são válidas. Nega as duas primeiras teorias e passa a expor as suas razões para declarar a última, como a razão verdadeira da descoberta, indo de encontro ao que já tinha sido exposto no mesmo volume por Teixeira de Aragão e por Manuel Pinheiro Chagas na sua obra, já analisada no presente estudo.

Porém, para alguns homens da época, o facto de distintos eruditos não defendessem a mesma opinião (embora partilhassem de uma formação idêntica), causava alguma estranheza. O seguinte excerto serve para ilustrar as divisões da época

²⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 4.

²⁶² É importante referir-se que Baldaque da Silva, após ter terminado o seu estudo, levou-o perante a comissão para ser discutido. Vide B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 7 de Maio de 1892.

²⁶³ António Artur Baldaque da Silva, «O Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1892, p. 4.

e a forma como essa separação de opiniões agregava ao tema uma complexidade, que tornava o ainda mais apaixonante para os eruditos.

«Ahora bien, el Sr. Baldaque da Silva afirma que el descubrimiento del Brasil no podría hacerse en la forma que los señores Cappa y Fernández Duro dicen que se hizo, y teniendo en cuenta que el Sr. Baldaque da Silva es marino y que los Sres. Cappa y Fernández Duro también han seguido la misma profesión, resulta, que los que no hemos estudiado arte de navegar, carecemos de competencia para decidir una cuestión técnica, en que vemos que personas peritas en la materia, sustentan opiniones diametralmente contrarias.»²⁶⁴

Da mão e do génio de um dos mais conceituados americanistas do século XIX saiu a obra *Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei católico narrando-lhe as viagens portuguesas à Índia desde 1500 até 1505*. Este estudo torna-se importantíssimo quando o contextualizamos em relação aos trabalhos do seu tempo. Devemos lembrar que Luigi Prospero Peragallo, de origem genovesa, e que viveu em Portugal quase quatro décadas, era um dos eruditos mais respeitados na época. O seu nome foi mencionado logo na sessão de apresentação do projecto para a criação de uma comissão portuguesa. Rapidamente foi agregado a esta, onde se destacou pelas suas sugestões, geralmente orientadas no âmbito da divulgação da documentação do reinado de D. Manuel I. Ora, nesse sentido, compreende-se que lhe tenha sido cedido espaço para a realização de uma memória, quando este se propôs a fazer o trabalho perante o qual nos debruçamos²⁶⁵. Lembremos ainda que o trabalho de Prospero Peragallo vai de encontro a um dos principais objectivos da comissão portuguesa, que era a divulgação de documentação relativa aos descobrimentos e à expansão portuguesa.

No entanto, o autor apresenta-se perante os leitores de uma forma humilde, fazendo lembrar aquela ideia de modéstia científica que já antes verificámos, quando abordámos a obra de Manuel Pinheiro Chagas e a sua recepção por parte dos seus pares.

²⁶⁴ Luis Vidart, «Los acertos del Sr. Pinheiro Chagas y los errores del Señor Harrise», *Revista Contemporánea*, Ano XIX, Tomo LXXXIX, 1893, p. 339.

²⁶⁵ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 de Abril de 1892.

«Não houve pois remedio senão sujeitar-me a fazer, como se diz, de fraquezas forças: e fruto da minha perigosa condescendência é o trabalho modestíssimo que apresento, pelo qual, e particularmente pela tradução, peço encarecidamente toda a benovelencia do leitor; lembrando que é um italiano quem se atreveu a fazer falar em português o rei de Portugal.»²⁶⁶

O seu estudo inicia-se com o prólogo onde expõe as suas intenções e faz menção a algumas problemáticas relacionadas com os documentos transcritos no seu trabalho. Após esta nota prévia, encontramos a cópia de uma *Carta do El-Rei de Portugal enviada ao Rei de Castella acerca da viagem e sucesso da Índia*. Esta transcrição de uma versão italiana é depois completada com a tradução para português da mesma. O autor utiliza a página do lado esquerdo para a transcrição e a do lado direito para a tradução, possibilitando ao leitor a comparação entre as duas, com uma maior acessibilidade. Completa ainda, ambas, com anotações à margem, opção preciosa para guiar o leitor ao longo de todo o texto. Segue-se a esta cópia um esboço de anotações para um estudo comparativo, no qual o autor escolhe algumas partes do anterior documento para agora esmiuçar algumas passagens utilizando o cruzamento de fontes de distintas proveniências, deixando a cargo do leitor a possibilidade de participar na investigação histórica, quase na primeira pessoa.

O autor não se rende e opta por agregar a transcrição de *Relazione de Leonardo da Cha Masser*. Tal reimpressão apresenta-se para o estudiosos dos descobrimentos, como uma mais-valia e a oportunidade de poderem revisitar tal obra. Prospero Peragallo inclui ainda no seu estudo a transcrição de algumas cartas de Alberto Cantino e de Pietro Pascualino, já que considera que estas possuem informações importantes às navegações dos Corte Real ao continente americano. Relativamente à presença destas cartas no trabalho, pensamos que possam estar não só relacionadas com as navegações em si, mas também com uma disputa historiográfica que o italiano travava com outro grande americanista Henry Harrisse, pois relembremos

²⁶⁶ Prospero Peragallo, «Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei católico narrando-lhe as viagens portuguesas à Índia desde 1500 até 1505», *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, Lisboa Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1892, p. 5.

que este último possuía alguns estudos específicos sobre a relação dos Corte Real com a América²⁶⁷.

Em suma, a qualidade das transcrições e das traduções, assim como o seu contributo em termos de divulgação da documentação, transforma a obra do americanista num importante estudo, que complementa muito bem as outras memórias existentes no mesmo volume, tornando-as sólidas e coesas, merecedoras de figurar em bibliotecas privadas de eruditos do Velho e do Novo Mundo, mas também em bibliotecas públicas e em bibliotecas académicas.

3. As publicações como principal legado da comissão portuguesa

Temos de efectuar, neste momento, uma reflexão sobre o legado da comissão portuguesa que participou no IV Centenário, contudo para tal efeito é necessário remontar à temática da memória e consequentemente do esquecimento, a qual já foi concisamente exposta ao longo deste estudo.

A perpetuação da memória pode ser efectuada através de diversos suportes, desde uma fotografia até à elaboração de documentos, passando também pela tradição oral. O maior problema dos estudos dos centenários é, como já anteriormente referimos, o distanciamento temporal, o qual diminui as nossas hipóteses de reconstrução total da memória desse evento. Nesse sentido são sobretudo os documentos que prevalecem no tempo. Ora, se um centenário possui o seu espaço natural no presente e utiliza o passado em prol do presente, também o faz em prol do futuro. Comemorar um evento é invocar a sua memória. O reanimar da alma de um acontecimento, ou de uma figura histórica, é questionar o passado com novas perguntas, já que estas são feitas por novas mentes. Se a comemoração dos centenários apenas fosse um acto do presente, qual seria a razão da perpetuação dessas respostas em publicações? Para dar resposta a esta pergunta é necessário pensar no centenário como um culto: um culto cívico, onde a sacralidade dos antepassados e do passado não é posta em causa, mas sim louvada. Se pensarmos que a crença religiosa possui uma função orientada para o presente e sobretudo para o futuro, e se aplicarmos este raciocínio ao culto civil, verificamos que o mesmo sucede com os centenários, onde o resultado da comemoração é a crença da prolongação dos resultados

²⁶⁷ Dos quais destacamos, Henry Harrisse, *Les Corte-Real et leurs voyages au Nouveau-monde d'après des documents nouveaux ou peu connus tirés des archives de Lisbonne et de Modène....*, Paris, Ernest Leroux, 1883.

num futuro. Todavia, como em qualquer religião, verifica-se o carácter cíclico dos ritos, também nas comemorações esse carácter é necessário e obrigatório para a perpetuação da memória e do culto.

Se nos recordamos que o IV Centenário foi a primeira vez em que se comemorou o feito de Colombo a uma escala proporcional ao acontecimento, verificamos que o peso desta primeira comemoração é muito elevada. Cremos que os homens e mulheres que participaram nesta primeira comemoração tinham a total percepção da importância dessas festividades. É claro que os contextos históricos possuem uma importância elevada para explicar a forma como cada comissão viveu o centenário. Nesta perspectiva, Portugal, como se verificou na primeira parte deste estudo, possuía um passado recente bastante turbulento, o que influenciou em grande medida a sua participação. É disso exemplo a grande preocupação na divulgação de documentos relativos aos séculos XV e XVI tendo como objectivo dar a conhecer as provas históricas, não deixando lugar a dúvidas a quem anteriormente as possuísse.

Podemos dividir as publicações da comissão portuguesa em dois grupos distintos, o primeiro relativo à publicação de fontes e o segundo concernente à publicação de estudos. As publicações do *Esmeraldo...* e de *Alguns Documentos...* possuem uma elevada importância, sobretudo para a internacionalização dos estudos relativos aos descobrimentos e à expansão portuguesa. Isto porque a comissão portuguesa teve a sensibilidade de fazer chegar estas fontes a várias partes do mundo e de Portugal²⁶⁸. É disso exemplo o envio das publicações para a Faculdade de Geografia de Roma, Paris, Berlim e Rio de Janeiro, para a biblioteca pública de Génova, para a biblioteca universitária de Pavia e de Pisa. Acrescenta-se a estes envios as publicações que foram entregues pessoalmente às comissões nacionais de Espanha, Alemanha, Suécia, Colômbia, México, Estados Unidos, Nicarágua, Equador, Guatemala, República Dominicana e Costa Rica, com a promessa que estas colocariam os exemplares ofertados em bibliotecas de academias, sociedades, públicas, nacionais e universitárias, para que quem desejasse pudesse ter acesso a tais tesouros estimulando, assim, a concepção de novos estudos sobre os descobrimentos a partir destas fontes.

Os estudos que foram produzidos foram disponibilizados numa edição colectiva com o título *Memórias da Comissão Portuguesa*, mas também poderiam ser adquiridos de forma isolada, o que diminuía substancialmente o seu valor monetário, possibilitando

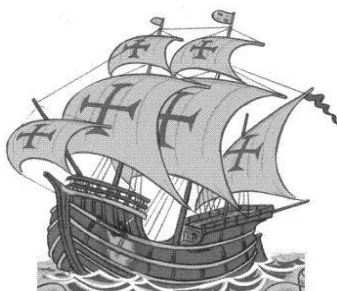
²⁶⁸ B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 5 de Outubro de 1892.

aos leitores com menos posses ou com interesses específicos adquirirem apenas os exemplares que julgassem ser mais pertinentes para os seus estudos.

O tempo salvaguardou a memória referente às publicações portuguesas, já que estas foram abundantemente alvo de citação nos anos consequentes à edição. Algumas dessas publicações ainda hoje são citadas e, em alguns casos, apresentam-se como obras de leitura obrigatória nas licenciaturas de História e mestrados de História dos Descobrimentos e da Expansão, não apenas em Portugal, mas também noutros países. Devemos ainda recordar que as fontes impressas pela ordem da comissão portuguesa, estão ainda hoje presentes em várias bibliotecas de todo o mundo.

Em suma, podemos afirmar que de todas as comissões foi a portuguesa aquela que produziu, de uma forma mais concertada, e com uma visão de futuro, um número de obras que ainda hoje são consideradas como principais para o estudo dos descobrimentos e da expansão nos séculos XV e XVI, e onde se podem distinguir vários temas desde o descobrimento da América à biografia de Colombo, passando pela arqueologia naval.

Conclusão



«The performance of memory is a set of acts, some embodied in speech, others in movement and gestures, others in art, others still in bodily form.»²⁶⁹

Jay Winter

Tendo em conta o contexto mundial e nacional, o IV Centenário apresentou-se como uma oportunidade de afirmação nacional para todos os seus participantes, em especial para as nações sul e centro americanas e para as antigas potências coloniais, Portugal e Espanha. Do ponto de vista português, a participação nas comemorações permitiria reafirmar o seu papel nas descobertas e revitalizar a sua imagem perante as outras nações, especialmente depois do *ultimatum* inglês. O centenário colombino apresentava-se como espaço ideal para o fazer.

Como verificámos, todos os indícios revelam Oliveira Martins como o grande dinamizador da participação portuguesa no centenário, mesmo com o afastamento deste da representação portuguesa por motivos profissionais, não existiu um decréscimo de entusiasmo. Pelo contrário a comissão portuguesa soube trabalhar em conjunto e dedicar-se à criação de um discurso homogéneo e coerente, revelador de um empenho árduo por parte de todos os seus membros. Deve-se salientar que o apoio do estado português a nível formal e monetário permitiu um resultado final bastante diferente do que se adivinhava em 1888.

Assim, em vésperas da partida para Madrid, a comissão portuguesa já possuía o seu discurso oficial estruturado nos seguintes pontos: na importância de demonstrar que

²⁶⁹ Jay Winter, “The performance of the past: memory, history, identity”, *Performing the Past: Memory, History, and Identity in Modern Europe*, edição de Karin Tilmans, Frank Van Vree, Jay Winter, Amsterdam, Amsterdam University Press, 2010, p. 12.

os portugueses já possuíam um carácter científico nas suas navegações antes de qualquer outra nação europeia; esclarecer potenciais mal entendidos em relação aos contributos dos portugueses para época dos descobrimentos; salientar a primazia portuguesa nos descobrimentos e na arte de navegar em alto mar; apresentar documentos comprovativos da glória e do esplendor de Portugal, assim como probatórios da estadia de Colombo em terras portuguesas. O discurso português seria apresentado como um todo, mas com diversos suportes que o complementariam, através da decoração das duas salas onde estavam expostos importantes artefactos do novo e do Velho Mundo, e documentos originais e cópias das publicações elaboradas pelos membros da comissão.

Entre os muitos tesouros americanos pré-hispânicos e do velho continente, os artefactos expostos nas salas portuguesas destacaram-se dos demais, não apenas pela sua beleza e importância, mas sobretudo pela elegante, organizada e muito planeada disposições e decoração levada a cabo por Bordalo Pinheiro.

Já aqui salientámos que a construção de toda a exposição assentou num discurso português e que possuiu duas componentes, ambas de grande impacto. Por um lado, a organização das salas e a sua decoração que transportava o visitante para um passado glorioso, onde os descobrimentos, as conquistas, e o mar eram sinónimos de Portugal. Nesse discurso visual tudo parecia fazer sentido, isto é, acreditamos que tal decoração fazia com que, no imaginário dos visitantes, se reconhecesse Portugal como uma nação predestinada aos mares, como se a identidade de um país fosse apenas forjada pela sua fronteira natural e pelo desejo de a conquistar. Essa conquista, não representaria uma mera agregação territorial recorrente nos aspectos de subjugação, mas muito mais do que isso. O significado da vitória, onda a onda, cabo a cabo é a superação do ser humano face aos “adamastores”, o triunfo de toda uma nação. A sua recompensa? Um império vasto e rico, mas como qualquer outro império, também o de Portugal se desmoronou. No entanto, entre esses escombros ecoavam, agora, as ondas do mar, fazendo lembrar aos homens e mulheres que visitavam a exposição portuguesa, que o povo que passou por tamanhas provações continuava vivo e capaz de se orgulhar do seu passado, pois uma nação não morre devido a crises económicas ou problemas políticos²⁷⁰, uma nação morre e desaparece quando a sua identidade se extingue. Este

²⁷⁰ Manuel Pinheiro Chagas, numa sessão da comissão portuguesa, profere algumas palavras alusivas aos resultados que a comissão estava a obter em Madrid: “Em suma, a nossa exposição marcou lugar e honrara o país, que através das vicissitudes porque tem passado nas suas crises, ainda podia ocupar o

sentimento patriótico parece ter sido vivido também pela opinião pública portuguesa que soube louvar a representação portuguesa.²⁷¹ Por outro lado, o discurso português assentava nos documentos e nas monografias produzidas com o intuito de divulgar a história de Portugal e o seu papel na história dos descobrimentos e da expansão.

A conjugação destes dois discursos resultou na atribuição de vários prémios a Portugal²⁷²: diploma de honra para o governo português, duas medalhas de ouro para a Academia das Ciências de Lisboa, uma medalha de ouro ao Rei D. Carlos, pela exposição de cartas; medalha de ouro ao Arsenal da Marinha, para o arquivo da torre do tombo, para Rafael Bordalo Pinheiro, Baldaque da Silva; outras medalhas de prata e outras menções de honrosas a outras instituições e a expositores, destaca-se ainda uma menção honrosa ao facto da exposição portuguesa ter sido a única com um duplo carácter Europeia e Americana, reveladora de uma união e respeito pela história dos dois continentes.

Em suma, a participação portuguesa nos vários festejos, de Génova a Madrid, foi considerada um êxito. No entanto, os custos associados a estas celebrações, assumiram-se como um investimento arriscado por parte de um país que vivia, em 1892, uma das suas piores crises financeiras. O investimento monetário do governo na participação portuguesa conheceu momentos delicados, fruto de interesses políticos e possíveis

lugar que lhe competia, como iniciador das navegações modernas”. Vide B.A.C.L., Cota 59B - Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], Sessão do dia [não mencionado o dia na fonte] de Novembro de 1892.

²⁷¹ O reconhecimento nacional parece não ter cumprido as expectativas de Ramalho Ortigão que, numa carta enviada à sua esposa, salienta, em jeito de desabafo, uma certa tristeza pela ausência de um louvor oficial. “No trabalho que tive com a organização da exposição e dos desgostos profundos que ella me deu ahi, chegando a engulir humilhações, não quero recompensa nenhuma, porque não há recompensa que me pague. Fazer o que eu fiz, escolher os objectos que eu escolhi, e pôr aqui o que eu pus n’um quadro completo da civilização portugueza, demanda uma cultura, uma vista de conjunto, um sentimento de nacionalidade, uma compreensão do que è a gloria da minha raça, de que ninguém mais, nem Academia, nem Rei, nem Boddallo, nem ninguém deu testemunho”, Veja-se Ramalho Ortigão, *Cartas a Emília*, Introdução, selecção, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini, Lisboa, Lisóptima Edições – Biblioteca Nacional, 1993.p.109. A totalidade desta carta está presente em R.B.N.P. E19/374, *Carta de Ramalho Ortigão a Emília Ramalho Ortigão*, Madrid, 31 de Dezembro de 1892.

²⁷² Ramalho Ortigão numa carta enviada à sua esposa Emilia Ramalho Ortigão narra como foram avaliadas as salas portuguesas: «Às 10 horas da manhã recebi na exposição o jury da secção Americana, que ia julgar as coisas portuguesas. Tinha que fazer um relatório oral, fazer valer perante o jury a importancia de cada coisa e procurar conseguir o maior número de recompensas. A perspectiva d’este discurso, e a incerteza do seu resultado tinha-me nervosissimo desde hontem e pouco dormi. O resultado porém foi excelente. Enviei logo um telegram à academia, e é natural que a estas horas os jornaes o tenham publicado. Consegui 7 medalhas de ouro, quarto de prata. [...]. O jury concedeu-os todos com entusiasmo. Quando espus o valor das coisas producidas em corda pelos marinheiros portugueses, a sua pericia já famosa no século XVI, a sua indole tão modesta, tão ingénuo e tão valorosa, fiseram-me uma ovação. Estes premios teem de ser ainda referendados pelo grande jury, mas o jury geral aprova os relatórios de todos os jurys das secções.» Vide R.B.N.P. E19/366, *Carta de Ramalho Ortigão a Emília Ramalho Ortigão*, Madrid, 22 de Dezembro de 1892.

rivalidades partidárias, ideológicas e pessoais²⁷³. Porém, no final, consideramos que o empenhamento patriótico e a resistência de algumas figuras, como Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, impediram que Portugal passasse pela desonra de se retirar da exposição devido à incapacidade financeira de manter a exposição aberta por mais alguns meses.

Quando lemos as publicações estrangeiras produzidas em 1892 referentes aos temas dos descobrimentos e da expansão, apercebemo-nos que, em grande parte delas, a presença de Portugal é obrigatória. E de outra forma não poderia ser, uma vez que os temas tratados necessitavam sempre de conter referências à nação portuguesa, já que as navegações, os descobrimentos e a vida de Colombo, assim como o continente americano, possuem no seu passado histórico um marcado contributo português. Assim, principalmente nas obras de origem espanhola, verifica-se uma cumplicidade com Portugal, não apenas pela obrigatoriedade de o mencionar, mas também devido ao iberismo cultural e à partilha da ideia de decadência²⁷⁴. Devemos fazer um breve parêntese, apenas para complementar o que anteriormente afirmamos e para deixar claro que partilhamos da mesma ideia defendida por Salvador Bernabéu Albert referente à importância do IV Centenário para uma aproximação ibérica que se iria manter por várias décadas. Estamos ainda em total acordo com a sua leitura no que diz respeito à importância do enfoque dado pelo governo espanhol na figura de Colombo em detrimento do descobrimento da América²⁷⁵, tendo esta opção facilitado a aproximação ibérica no IV Centenário. São maioritariamente destacados nas crónicas, artigos e estudos de 1892 e 1893 de autores como Manuel Pinheiro Chagas, Prospero Peragallo, Lopes de Mendonça, Brás de Oliveira e Oliveira Martins.

²⁷³ A título de exemplo expomos aqui um excerto de uma carta de Ramalho Ortigão a sua esposa, onde revela a sua incompatibilidade com José Dias: «É curioso o que José Dias está fazendo com a exposição portuguesa aqui, pondo dificuldades à continuação d'ella e apresentando um pretexto para render serviço ao Oliveira Martins, e ao Chagas, e [...] alguns outros. A verdade é que o governo hespanhol cumpriu o que me prometeu o ministro reverter e irão de encarregar Mendes Vigo de se dirigir oficialmente ao governo português, para que a exposição permanesse em Madrid mas mandou além disso pela legação de Portugal pedir resposta por telegrapho ao pedido feito. E José Dias respondeu pelo telegrapho ao Conde de S. Miguel que a exposição portuguesa continuava em Madrid. Agora leio nos periodicos que o governo de Dias Ferreira deu a sua demissão Ainda bem porque nunca na presidencia do conselho de ministros esteve um homem que eu tão cordialmente deteste. Não se pode ser mais grosseiro nem mais falso do que esse moço.» Vide R.B.N.P. E19/385, *Carta de Ramalho Ortigão a Emília Ramalho Ortigão*, Madrid, 21 de Fevereiro de 1893.

²⁷⁴ Sérgio Campos Matos chama a atenção para a obsessão que a ideia de decadência representou, quer na literatura portuguesa, quer na produção histórica. Vide Sérgio Campos Matos, «Da idade do Ouro à decadência», *Historiografia e Memória Nacional 1846-1898*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, p.350.

²⁷⁵ Salvador Bernabéu Albert, «De leyendas, tópicos e imagens. Colón y los estudios colombinos en torno a 1892», *Cristóbal Colón, 1506-2006 historia y leyenda*, Consuelo Varela (Coordenadora), Huelva, [s.n], 2006, pp. 299-334. P.309

Quando consideramos as publicações do IV Centenário, verificamos que existe, em primeiro lugar, uma maior intensidade de trabalhos relativos à biografia de Colombo, seguidas, de uma forma próxima, pelos descobrimentos antes de Colombo. Porém outros temas, como a arqueologia naval e os estudos das culturas pré-colombinas, assumiam-se como assuntos em projecção. O enfoque na arqueologia naval foi sobretudo estimulado pela reconstrução à escala real da frota de Colombo. Estas embarcações preenchiam o imaginário e inundavam os periódicos com gravuras de caravelas, naus e outras embarcações dos séculos XV e XVI. O mesmo sucedeu com as culturas pré-colombinas, que iam ganhando realce nos periódicos da época através das gravuras das recentes descobertas na região da Península do Iucatão, na primeira metade do século XIX.²⁷⁶

O IV Centenário era, para além de uma oportunidade de afirmação nacional, uma ocasião para as nações e os seus representantes mostrarem os seus estudos mais recentes mas, também, os mais antigos. A abundância de publicações levou por vezes a um inevitável confronto de ideias entre os intelectuais. Neste sentido verificamos, na última parte do nosso estudo, uma proximidade entre as teorias portuguesas e as espanholas, sobretudo na união contra muitas ideias defendidas por Henry Harrisse.

A comissão portuguesa teve um papel assinalável na historiografia dos descobrimentos e da expansão portuguesa. Os seus contributos podem ser compreendidos de uma forma mais clara se os separarmos em dois períodos distintos: 1891-1893²⁷⁷ e de 1893 até aos nossos dias. Durante o primeiro período, as actividades de pesquisa e investigação foram intensas, já no segundo aparece mais como um período de legado, onde muitas vezes o trabalho realizado pela comissão é redescoberto.

Uma das primeiras medidas da comissão portuguesa a ser tomada foi a publicação do *Esmeraldo de Situ Orbis*²⁷⁸. Com este procedimento, Portugal tentou passar uma mensagem que parece ter passado despercebida nos anos posteriores ao

²⁷⁶ Um exemplo claro desse entusiasmo que estudiosos, eruditos e público em geral ia tendo ao ler as notícias sobre os achados arqueológicos da Península do Iucatão, foi a exposição de réplicas à escala real de algumas partes de antigas infraestruturas das cidades Maias do norte da Península do Iucatão, no pavilhão de etnologia americana na *World's Columbian Exposition* de Chicago em 1893. Vide Trumbull White e outros, *The World's Columbian Exposition*, Chicago 1893, Philadelphia/Chicago, International Publishing Co., 1893, pp. 415-447.

²⁷⁷ Estas balizas cronológicas reportam-se ao início da proposta de formação de uma comissão por Oliveira Martins (1891), até ao retorno dos objectos que estiveram expostos em Madrid (1893).

²⁷⁸ O *Esmeraldo de Situ Orbis*, obra redigida por Duarte Pacheco Pereira por volta de 1506, conheceu a sua versão impressa apenas em 1892. Aliás, esta impressão terá sido uma das principais medidas da Comissão da Exposição Colombina. Vide Joaquim de Araújo, *op. cit.*, p. 4.

evento. Para uma melhor compreensão da mensagem, remetemos o leitor para a seguinte afirmação: “No *Esmeraldo* também se indica que a descoberta da América não foi puro acaso”. Ou seja, tal afirmação, proferida por Teixeira de Aragão, é significativa do que a comissão queria transmitir com a publicação da obra já mencionada.

Podemos ainda verificar ao longo deste estudo que a política de preparação do discurso português assentava num criterioso processo, que se pode resumir da seguinte forma: primeiro investigar, procurar, catalogar, inventariar e depois publicar, levando à estampa individualmente o que é permitido face às limitações orçamentais. Um dos aspectos mais fascinantes dessa recolha de artefactos e documentos foi o facto de ter sido executada em apenas poucos meses. Para se compreender a rapidez e a eficiência desse trabalho é necessário remontar ao decreto-lei do dia 28 de Janeiro de 1892²⁷⁹.

O facto de o governo atribuir uma autonomia à comissão não explica só por si a rapidez e a quantidade da recolha, mas permite entender que se tratava de uma comissão que tinha a possibilidade de recrutar elementos agregando-os à mesma²⁸⁰. Só através da compreensão da honra que seria pertencer a uma iniciativa que tinha como objectivo resgatar do passado a história dos tempos áureos de Portugal, é que se pode entender, em grande medida, o empenho de todos em torno desta verdadeira empresa portuguesa. Dois exemplos claros do que acabamos de referir são a Madeira e os Açores, onde se verificou um empenho afincado de vários intelectuais. Note-se que muito embora existisse já no final do século XIX alguma rapidez no âmbito das comunicações entre Portugal, Madeira e Açores não era por certo uma rapidez que sustentasse desorganização, isto é, só através de uma organização metódica e bem dirigida, se poderiam cumprir prazos. Note-se que apenas já no decorrer do ano de 1892 se entrou em contacto com as já referidas ilhas, no âmbito, de se recolher, à semelhança do que se

²⁷⁹ «1.º É encarregada a Academia Real das Sciencias de Lisboa de concentrar, dirigir e preparar todos os documentos, e quaesquer objectos nacionaes que devam figurar na exposição, que ha de celebrar-se em Madrid no mes de outubro de 1892, por ocasião do quarto centenario em honra de Chistovam Colombo; devendo formular desde já o respectivo programma, e podendo nomear commissões e sub-commissões para mais facil e prompta realisação de cada uma das partes do mesmo progamma, que será submetido à aprovação do governo, pelo ministerio da instrução publica e belas artes. 2.º Todas as autoridades, estações officiaes, corporações e estabelecimentos de qualquer ordem satisfarão as requesições que lhes forem dirigidas pela Academia Real das Sciencias, que ficara assim representando o governo em todos os assumptos que digam respeito ao centenario do descobrimento da America.» Cf. Joaquim de Araújo, *op. cit.*, pp. 4-5.

²⁸⁰ Vide como exemplo, B.A.C.L., Cota 59B – Comissão Portuguesa da Exposição Colombina, *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1895], sessão de 22 de Fevereiro.

passava no continente, o maior número de documentos, objectos e informações relativos ao tema dos descobrimentos e da expansão.

O sinal mais visível dos trabalhos da comissão que se prolongou na nossa memória ao longo do tempo é, sem dúvida, algumas das suas publicações. O seu maior legado é a perpetuação da memória do papel de Portugal nos descobrimentos. No entanto, não devemos esquecer que os trabalhos da comissão portuguesa estimulariam muitos outros ao longo dos anos, prova disso é este estudo apresentado 120 anos após a participação portuguesa no IV Centenário.

Consideramos que a participação de Portugal no IV Centenário foi importante para a recuperação de uma imagem internacional, associada ao carácter pioneiro de Portugal na época dos descobrimentos, como potência marítima e como um espaço atractivo para gentes de toda a Europa que aí colocaram os seus conhecimentos ao serviço da Casa Real portuguesa. Por outro lado, a participação portuguesa foi, também, em nosso entender uma forma de recuperação do orgulho nacional, especialmente importante para as elites intelectuais da época. Não tivessem sido alguns dos membros da comissão os mais inconformados com a situação do *ultimatum*. De uma forma generalizada, os membros da comissão portuguesa partilhavam um sentimento de necessidade de salvação e promoção da memória nacional em prol de uma unificação intelectual em torno do passado de Portugal.

À medida que avançamos nas nossas conclusões, deparamo-nos com a necessidade de esclarecimento de uma questão que nos acompanha há muito. De que forma a historiografia nacional se deve posicionar em relação à memória da participação portuguesa no IV Centenário? Na nossa opinião, a participação portuguesa deve ser compreendida como um acto de reafirmação do contributo de Portugal e do seu papel pioneiro para o conhecimento do mundo e para o nascimento da designada civilização ocidental. Deve-se ainda associar o seu discurso a uma necessidade de reiteração do papel de Portugal como impulsionador de uma nova era e o seu estatuto como uma das primeiras potências mundiais. Este tipo de discurso torna-se bastante relevante quando o contextualizamos nos finais do século XIX. Nessa medida, podemos apontar que todos os trabalhos realizados pela comissão portuguesa tiveram como principais objectivos os seguintes pontos: primeiro, defender a memória portuguesa e os territórios coloniais que Portugal reivindicava como seus das ameaças que iam surgindo por parte de ingleses e franceses; segundo, divulgar o maior número possível de provas históricas que possibilitassem a fundamentação da defesa da memória nacional; terceiro,

devolver a Portugal o prestígio que tivera no passado, com vista a fortalecer a posição portuguesa a nível internacional.

Para a realização destes objectivos, a comissão portuguesa delimitou uma estratégia assente na recolha, no maior número possível, de informações relativas ao grau de desenvolvimento de Portugal na época dos descobrimentos, munuiu-se, também, de estudos relativos à estadia de Cristóvão Colombo em território nacional, com o intuito de passar a mensagem de que o navegador aprendera tudo o que sabia com os portugueses, tal como muitos outros navegadores. De igual forma, esses estudos procuram, também, passar a ideia de que Portugal possuía outros planos e que a ideia de existência de terra a oeste não era de todo desconhecida aos portugueses.

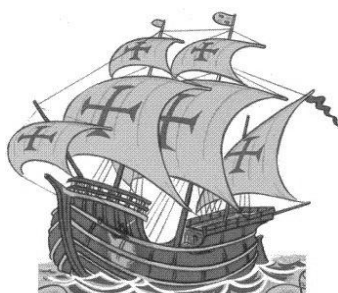
Devemos, ainda, ter em conta que, neste processo de afirmação nacional, Portugal não se opôs a Espanha. Muito pelo contrário, ambas as nações parecem ter tido consciência que o reconhecimento do passado glorioso de ambas as nações era muito mais valioso do que a realização de uma comparação de impérios. A situação que ambas as nações viviam em 1892 fazia com que a aproximação ibérica fosse uma via para a afirmação renovada da imagem de Portugal e de Espanha no panorama internacional.

A data 1892 ficará para sempre conotada na historiografia portuguesa como o ano em que a nação entrou em bancarrota declarada por Oliveira Martins. Ironicamente, o mesmo é responsável por uma das mais importantes representações nacionais no estrangeiro durante o século XIX. Porém, tal feito parece destinado a manter-se na sombra da bancarrota. Talvez um dos maiores inimigos da memória da comissão portuguesa da exposição colombine tivesse sido essa situação, aliada às poucas alusões à comissão portuguesa nos periódicos portugueses. Como verificámos, a maioria das informações reveladoras da participação portuguesa na capital espanhola estão apenas disponíveis nos periódicos de espanhóis, os quais quase nunca são mencionados nos estudos portugueses relativos ao IV Centenário. Isto poderá explicar alguma coisa, mas não explica tudo. Tomando como exemplo a ausência de referências à participação do IV Centenário que muitas vezes ocorre em trabalhos biográficos sobre personagens como Teófilo Braga, Oliveira Martins, Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro, Sousa Viterbo, entre muitos outros.

Entramos já na recta final do nosso estudo, mas não gostaríamos de encerrá-lo sem antes dedicarmos algumas linhas a possíveis caminhos de investigação futuros no âmbito da participação portuguesa no IV Centenário, sobretudo no que diz respeito ao impacto que este teve a médio e a longo prazo. Neste sentido, aludimos os seguintes

pontos: o estudo do impacto dos trabalhos da comissão na produção historiográfica internacional, no sentido de identificar em que medida as publicações ofertadas pela comissão portuguesa a várias instituições contribuíram para promover os estudos relativos à história dos descobrimentos e da expansão portuguesa; estudar a forma como a imagem de Cristóvão Colombo se transformou ao longo dos tempos na memória colectiva e que importância teve o IV Centenário e os trabalhos da comissão portuguesa nessa evolução; observar e interpretar a forma como foi vivida a comemoração do 12 de Outubro de 1892 em Portugal, a nível local e regional; comparação das participações portuguesas no IV e no V Centenário do Descobrimento da América; verificar a evolução historiográfica referente à história do descobrimento da América desde 1892 a 1992. Devemos ainda salientar que a nível internacional é necessário o desenvolvimento de estudos relativos às comissões nacionais que estiveram presentes nas comemorações do IV Centenário, sendo que no decorrer da apresentação destes resultados será mais fácil traçar um perfil a larga escala do evento, permitindo visualizar, de uma forma mais profunda, a diversidade de discursos apresentados no IV Centenário. Seria também importante que o estudo dos centenários passasse a ser efectuado por equipas multidisciplinares pois, com estas, seria possível atingirmos um outro nível de resultados, como por exemplo a reconstrução em maquetes virtuais das exposições universais e das exposições dos centenários.

Fontes e bibliografia



I. Fontes

1.1 Fontes manuscritas

1.1.1 Legislação

Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino, Lisboa, 1888, 1892 e 1893.

1.1.2 Reservados Biblioteca Nacional de Portugal

1.1.2.1 Espólio de Oliveira Martins (E20)

Cartas de António Sanchez Moguel a Oliveira Martins, Madrid, 1890-1893, E20/2536-2548.

Cartas de Ramalho Ortigão a Oliveira Martins, Madrid, 1893, E20/2023-2024.

1.1.2.2 Espólio de Ramalho Ortigão (E19)

Carta de Alfonso Anastacio a Ramalho Ortigão, Madrid, 1892, E19/920.

Carta de António Cánovas del Castillo a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1089.

Cartas de António Sanchez Moguel a Ramalho Ortigão, Madrid, 1892-1893, E19/1817-1821.

Carta de António de Sousa Sampaio, Lisboa, 1892, E19/1810.

Cartas de Aureliano de Bervete a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1049-51.

Carta de Conde de Paraty a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1553.

Carta de Conde de São Januário a Ramalho Ortigão, Lisboa, 1893, E19/1828.

Carta de Conde de São Miguel a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1834.

Carta de Cristóbal Pérez Santor a Ramalho Ortigão, Madrid, [s.d], E19/1589.

Cartas de Fidel Fita a Ramalho Ortigão, Madrid, 1892-1893, E19/1261-64.

Carta de Frederico C. Montenegro a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1466.

Cartas de H. C. Mercer a Ramalho Ortigão, Madrid, [1893?], E19/1444-1445.

Cartas de Joaquim de Araújo a Ramalho Ortigão, Lisboa, Génova, 1892-1893, E19/938-954.

Cartas de José Bragat y Viñals a Ramalho Ortigão, Madrid, 1892, E19/1069-71.

- Carta de José Madrazo a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1397.
- Cartas de José Ramón Melida a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1426-1432.
- Cartas de Juan Catalina Garcia López a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1284-85.
- Cartas de Luís Vidart a Ramalho Ortigão, Madrid, [s.d], E19/1968-1970.
- Carta de Miguel Villanueva a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1978.
- Carta de Pràxedes Mateo Sagasta a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1807.
- Carta de Rafael Bordalo Pinheiro a Ramalho Ortigão, Caldas da Rainha, 1893, E19/1603.
- Cartas de Ramalho Ortigão a Emilia Ramalho Ortigão, Madrid, 1892-1893, E19/338-421.
- Carta de S. B. Luce a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1384.
- Carta de Segismundo Moret y Prendergast a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1434.
- Carta de Servando Corrales a Ramalho Ortigão, Madrid, 1893, E19/1180.

1.1.3 Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

- Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina*, Lisboa, [1891-1893], (cota 59B).
- Livro de Despesas e Receitas*, Lisboa, [1891-1893], (cota 60B).
- Livro de Ofícios*, Lisboa, [1891-1893], (cota 129B).

2. Fontes impressas

2.1 Sobre os festejos colombinos

ALCALA GALIANO, Pelayo

El congreso universal auxiliar de Ia Exposición de Chicago, *El Centenario*, Tomo III, 1892, p. 29-43.

La exposición universal colombina de Chicago, *El Centenario*, Tomo II, 1892, p. 325-370.

La semana colombina en Nueva York, *El Centenario*, Tomo III, 1892, p. 302-313.

Album colombino. Recuerdo del cuarto centenario del descubrimiento de América por Cristóbal Colón, Madrid, [s.n], 1892.

ARAÚJO, Joaquim

«A comissão Portuguesa da Exposição Colombina», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp.1-19.

BRAGA, Teófilo

«Centenário da Descoberta da América», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp. 1-19.

CÁNOVAS DEL CASTILLO, Antonio

Discurso Inaugural del Congreso de Americanistas en el convento de La Rábida, *El Centenario*, Tomo III, 1892, p. 191-195.

Centenario del Descubrimiento de América. Conferencias leídas en el Ateneo Barcelonés sobre el estado de la cultura española y particularmente catalana en el siglo XIX, Barcelona, Imprenta de Henrich y Compañía en Comandita, 1893.

DRAPEYRON, Ludovic

La commémoration de Christophe Colomb en Italie et en Espagne, Paris, Institut Géographique de Paris Ch. Delagrave, 1893.

Exposición Histórica-Europea. Bosquejo de la Exposición Histórico-Europea en su día

de apertura, Madrid, R. Velasco Imp., 1892.

FABIÉ, Antonio María

«El Congreso de Americanistas», *El Centenario*, Tomo III, 1892, p. 347.

FERNÁNDEZ DURO, Cesáreo

¿*Es el Centenario de Colón?*, Madrid, Tip. de Manuel G. Hernández, 1890.

FITA, Fidel

«Portugal en la exposición histórica de Madrid», *Boletim de la Real Academia de la Historia*, tomo XXI, Madrid, 1892, p. 534.

FORT-RION, Barghon de

Le Portugal au Quatrième Centenaire de la Découverte de l'Amérique et a L'Exposition de Madrid 1892, Paris, [s.n.], 1895.

MARTINS, J. P. Oliveira

«As publicações portuguesas do centenário colombino», *Portugal nos Mares*, Lisboa, Guimarães editores, 1994, pp. 269-276.

ORTIZ DE PINEDO, Adelardo

«Las fiestas colombinas en Génova», *El Centenario*, Tomo III, 1892.

SÁNCHEZ MOGUEL, Antonio

Las conferencias americanistas. Discurso resumen, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1892.

«Las fiestas de Huelva», *La Ilustración Española y Americana*, XXX, 15 de Agosto de 1892, pp. 85-86.

VALERA, Juan

«Introducción», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 5-18.

VICENTI, Alfredo

«Crónica», *El Centenario*, Tomo II, 1892, pp. 41-54.

2.2 Sobre os descobrimentos marítimos

ARAGÃO, A. C .Teixeira de

«Breve noticia sobre o Descobrimento da América», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp.1-80.

CÁNOVAS DEL CASTILLO, Antonio

Criterio histórico con que las distintas personas que en el descubrimiento de América intervinieron han sido después juzgadas. Conferencia en el Ateneo de Madrid, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1892.

CHAGAS, Manuel Pinheiro

Os descobrimentos Portugueses e os de Colombo. Tentativa de coordenação histórica, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1892.

CRONAU, Rudolf

América: historia de su descubrimiento desde los tiempos primitivos hasta los más modernos. Obra dedicada a solemnizar el cuarto centenario del descubrimiento de América por Cristóbal Colón, Barcelona, Montaner y Simón, editores, 1892.

HARRISSE, Henry

Les Corte-Real et leurs voyages au Nouveau-monde d'après des documents nouveaux ou peu connus tires des archives de Lisbonne et de Modène...., Paris, Ernest Leroux, 1883.

MONLEÔN, Rafael

«Las carabelas de Colón», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 51-61 e 119-128.

MARTINS, J. P. Oliveira

Navegaciones y descubrimientos de los portugueses anteriores al viaje de Colón, Madrid, Sucesores de Rivadenevra, 1892.

«La leyenda del Preste Juan», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 62-67.

MENDONÇA, Lopes de

«Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp. 1-119.

OLIVEIRA, João Brás de

«O Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp.1-28.

PERAGALLO, Prospero

«Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei católico narrando-lhe as viagens portuguesas à Índia desde 1500 até 1505», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp. 1-104.

REPARAZ, Gonzalo

El Brasil, descubrimiento, colonización e influencia en la península, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1892.

«Magallanes», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 5-19.

SILVA, António Baldaque da

«O Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp. 1-16.

VIDART SCHUCH, Luis

«Causas de los errores históricos referentes al descubrimiento da América y Oceania», *El Centenario*, Tomo IV, 1893, pp. 31-37.

«La ciencia del señor Pinheiro Chagas y la arrogancia del señor Harrisse», *La Ilustración Nacional*, 26 de diciembre de 1892 e 6 de enero de 1893, Madrid, Imprenta de La Ilustración Nacional, 1893.

«Los acertos del Sr. Pinheiros Chagas y los errores del Señor Harrise», *Revista Contemporanea*, Ano XIX, Tomo LXXXIX, Janeiro – Fevereiro – Março, 1893.

2.3 Sobre Cristóvão Colombo

ALTOLAGUIRRE Y DUVALE, Ángel de

Llegada de Colón a Portugal, Madrid, Cuerpo Administrativo del Ejército, 1892.

ASENSIO, José María

Cristóbal Colón: su vida, sus viajes, sus descubrimientos, Ed. ilustrada con oleografías, copias de famosos cuadros de artistas españoles... y una carta geográfica, Barcelona, Espasa y Compaffia editores S.A., 1891.

«La leyenda colombina», *El Centenario*, Tomo II, 1892, pp. 103-205.

BALAGUER, Víctor

Cristóbal Colón, Madrid, El progreso Editorial, 1893.

«Cristóbal Colón y el descubrimiento de América», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 263-264.

Centenario de Colón. Descripción histórica de los hechos más notables del insigne marino Cristóbal Colón, Madrid, Viuda e Hijos de Fernández Iglesias, 1892.

CHAGAS, Manuel Pinheiro

«Los supuestos precursores de Colón y el tratado de tordesillas», *El Centenario*, Tomo I, 1892, pp. 437-443.

DEVOLX Y GARCIA, José

La epopeya de Colón. Bosquejo épico, Madrid, Imprensa de San Francisco de Sales, 1892.

ESCAMILLA, T.

Historia de Cristóbal Colón y del descubrimiento de América, Madrid, Imp. de Tomás Mínuesa, 1892.

FABIÉ, Antonio María

Algunos sucesos de la vida de Colón anteriores á su primer viaje à Indias. Ensayo crítico, Madrid, Est. Tip. de Fortanet, 1893.

HARRISSE, Henry

Christophe Colomb devant l'histoire, Paris, R. Welter Editeur, 1892.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino

«De los historiadores de Colón», *El Centenario*, Tomo II, 1892, pp. 433-454 e Tomo III, pp. 55-71.

LASSO DE LA VEGA, Ángel

«Juicios sobre Colón en los últimos anos del siglo XIX», *Boletín de la Unión Iberoamericana*, Nº. 81, 1892, p. 46.

OLIVER-COPONS, Eduardo

Colón, Madrid, Imp. del Cuerpo de Artillería, 1892.

ORNELAS, Agostinho de

«Memorias sobre a residencia de Christovam Colombo na ilha da Madeira», separata de *Centenário da Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp.1-11.

VIDART SCHUCH, Luis

Colón y la ingratitud de España. Conferencia dada en el Ateneo de Madrid el 21 de enero de 1892, Madrid, Est. tipográfico Sucesores de Rivadeneyra, 1892.

2.4 Albuns, catálogos, discursos e documentação oficiosa

ARAGÃO, A. C .Teixeira de

«Catalogo dos objectos de arte e industria dos indígenas da América que pelas festas comemorativas do 4º Centenario da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia à exposição de Madrid», separata de *Centenário da*

Descoberta da América. Memórias da Comissão Portuguesa, [Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1892], pp.1-45.

CÁNOVAS DEL CASTILLO, Antonio

«Preâmbulo al Real Decreto de ta Junta Directiva de 1891», *El IV Centenario del descubrimiento de América en Espana*, da autoria de Salvador Bernabéu Albert, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987, pp. 156-160.

Catálogo de la Exposición Internacional de Bellas Artes 1892, Madrid, R. Álvarez, 1892.

Catálogo General de la Exposición Histórico-Americana de Madrid, Tomo 1 e Tomo II, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1893.

Congreso Geográfico Hispano-Português-Americano Organizado Por La Sociedad Geográfica De Madrid. Programa, Madrid, Imp. del Memorial de Ingeniero, 1892.

Congreso Geográfico Hispano-Português-Americano. Actas. Reunido en madrid en...1892, Madrid, Imp. del Memorial de Ingemerros, 1893.

Congreso Internacional de Americanistas. Reunión del año 1892, Madrid, Imprenta de los hijos de M. G. Remández, 1892.

Congreso Jurídico Iberoamericano Reunido en Madrid en el año de 1892, Madrid, Tipografia de Miguel Hernández, 1893.

Congreso Literário Hispano-Americano, Madrid, Establecimiento Tipográfico Ricardo Fé, 1892.

Congreso Mercantil Hispano-Americano-Português, Madrid, Tip. de Tomás Minuesa, 1892.

Congreso Pedagógico Hispano-Americano-Português, Madrid, Librería de la Viuda de Hernando y Compañía, 1893.

Conmemoración del Cuarto Centenario del Descubrimiento de América. Documentos oficiales, Madrid, Est. tipográfico "Sucesores de Rivadeneyra" - Imp. de la Real Casa, 1891-1892.

Cuarto Centenario dei, Descubrimiento de América. Expresión de amistad y simpatía al Excmo. Señor D. Juan Navarro Reverter por los Ministros y Delegados de América y Europa en la Exposición Histórico-Americana de Madrid, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1893.

Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892, Madrid, [s.n.], 1892.

Exposición Histórico Etnográfica de Madrid 1893, Madrid, [s.n.], 1893

LABRA, Rafael Maria de

La intimidad ibero-americana, discurso pronunciado en el banquete celebrado en la noche del 6 de noviembre de 1892 en honor de los publicistas y pedagogos de Portugal y las Repúblicas del Sur de América, Madrid, Librería de la Viuda de Hernando, 1894.

Report of the United States Commission to the Columbian Historical Exposition at Madrid. 1892-1893, Washigton, Government Priting Office, 1895.

SAGASTA, Práxedes Mateo

«Preámbulo y Reales Decretos creando la Comisión de 1888, Madrid, 28-02-1888». *El IV Centenario del descubrimiento de América en España*, da autoria de Salvador Bernabéu Albert, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987, pp. 153-156.

2.5 Publicações periódicas

A união portuguesa. Jornal dedicado á colonia luso-americana da California (Estados Unidos da América), 1892-1893.

Archivo Diplomático y consular de España. Revista internacional, política, literária y de intereses materiales (Espanha), 1892-1893.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa (Portugal), 1880, 1892.

Chicago Tribune (Estados Unidos da América), 1892-1893.

Daily News (Inglaterra), 1892-1893.

Diário Ilustrado (Portugal), 1892-1893.

El Álbum Ibero Americano (Espanha), 1892-1893.

El Centenario (Espanha), 1892-1893.

El Correo Militar (Espanha), 1892-1893.

El Dia (Espanha), 1892-1893.

El Globo. Diario Ilustrado (Espanha), 1892-1893.

El Imparcial (Espanha), 1892-1893.

El imperial (Espanha), 1892-1893.

El Siglo Futuro (Espanha), 1892-1893.

España y América. Periodico Ilustrado (Espanha), 1892-1893.

Gaceta de Instrucción Pública (Espanha), 1892-1893.

Il Secolo XIX (Itália), 1892.

Ilustración Artística (Espanha), 1892-1893.

La correspondência de España. Diário político y de noticias (Espanha), 1892-1893.

La Dinastia (Espanha), 1892-1893.

La Época (Espanha), 1892-1893.

La Iberia diário liberal (Espanha), 1892-1893.

Las Dominicales. Del Libre Pensamiento (Espanha), 1892-1893.

Le Figaro (França) 1892-1893.

Madrid Cómic (Espanha), 1892-1893.

New York Times (Estados Unidos da América), 1892-1893.

O António Maria (Portugal), 1892.

O Ocidente (Portugal), 1892-1893.

O Século (Portugal), 1892-1893.

Revista Contemporánea (Espanha), 1892-1893.

Revista España y Portugal (Espanha), 1892-1893.

II. Bibliografia

1. Bibliografia de referência

ALBUQUERQUE, Luís de [dir.] e DOMINGUES, Francisco Contente [coord.]

Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses, 2 Vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti [dir.]

História da Expansão Portuguesa, Vol. 4 – *Do Brasil para África (1808-1930)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998.

FERRANDES, Manuel e BEIRAO, Caetano

Historia Contemporánea de España y Portugal, Barcelona, Editorial Labor, 1966.

FERNÁNDEZ-ARRESTO, Felipe

Atlas de los Descubrimientos, [s. l.], Plaza & Janés, 1992.

MARQUES, A. H. de Oliveira e DIAS, João José Alves,

Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2003.

MEDINA, João [dir.]

História de Portugal, Vol. IX – *A Monarquia Constitucional*, Lisboa, Ediclube, 1998.

PORCIANI, Ilaria e RAPHAEL, Lutz [eds.]

Atlas of European Historiography. The making of a Profession, New York, Palgrave Macmillan/European Science Foundation, 2010.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

História de Portugal, Vol. X – *A queda da monarquia (1890-1910)*, 2ª Edição revista, Lisboa, Editorial Verbo, 1990.

2 Bibliografia geral

ARDAO, Arturo

«Panamericanismo y latinoamericanismo», *América Latina en sus ideas*, comp. de Leopoldo Zea, México, Siglo XXI, 1986, pp. 157-171.

CARLYLE, Tomas

Os Heróis, Lisboa, Guimarães Editores, 1956.

COMELLAS, Jose Luis

Historia Breve de España Contemporánea, Madrid, Ediciones Rialp, 1989.

DONGHI, Túlio Halperin

Histoire Contemporanaine de L’Amerique Latine, Paris, Payot, 1972.

DURAND, Gilbert

As Estruturas Antropológicas do Imaginário, Lisboa, Presença, 1989.

JOÃO, Maria Isabel,

Memória e Império, Comemorações em Portugal (1880-1960), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

MARTINS, Francisco de Assis Oliveira

Oliveira Martins e os seus contemporâneos, Lisboa, Guimarães Editores, [s.d.].

MATOS, Sérgio Campos

Consciência Histórica e Nacionalismo. Portugal, Séculos XIX e XX, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

Historiografia e memória nacional 1846-1898, Lisboa, Edições Colibri, 1998.

PIMENTEL, Cristina

O Sistema Museológico Português (1833-1991). Em direcção a um novo modelo teórico para o seu estudo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.

SEVILLA, Diego

Historia Política de España 1800-1973, Vol. I, segunda edición, Madrid, Editora Nacional, 1974.

SOUTO, Maria Helena

Portugal nas Exposições Universais 1851-1900, Lisboa, Edições Colibri, 2011.

TODOROV, Tzvetan

The conquest of America. The question of the other, Norman, University of Oklahoma Press, 1999.

TORGAL, Luís Reis e outros

História da História em Portugal, sécs. XIX-XX: Da Historiografia à Memória Histórica, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

2.3. Bibliografia específica

2.3.1 Estudos sobre o IV Centenário da Descoberta da América

ABAD CASTILLO, Olga

«El IV Centenario del Descubrimiento de América a través de la prensa sevillana», *Andalucía y América en el siglo XIX: Actas de las V Jornadas de Andalucía y América*, Vol. 2, Bibiano Torres Ramírez y José Hernández Palomo (editores), [s.l.], Universidad de Santa María de la Rábida, 1986, pp. 97-104.

ÁLVAREZ JUNCO, José

«España en 1892», *América del 92. Revista del V Centenario* Nº. 4 - Especial Suplemento IV Centenario del descubrimiento de América, 1990, pp. 1-3.

BADGER, R. Reid

The Great American Fair. The World's Columbian Exposition and American Culture, Chicago, Nelson Hall, 1979.

BERNABÉU ALBERT, Salvador

“Del “Centenario de Colón” al encuentro de dos mundos”, *América 92. Revista del V Centenario*, Nº 4 – Especial Suplemento IV Centenario del descubrimiento de América, Madrid, Sociedad Estatal V Centenario, 1990.

«De leyendas, tópicos e imagines. Colón y los estudios colombinos en torno a 1892», *Cristóbal Colón, 1506-2006 historia y leyenda*, coordenação de Consuelo Varela, Huelva, [s.n.], 2006, pp. 299-334.

«El centenario interminable: contenidos ideológicos y culturales del IV y V centenario de 1492», *Lateinamerika Studien*, Vol. 37 – *Spécial Columbus 1892/1992*, 1995, pp. 9-27.

«El IV Centenario del descubrimiento de América en la coyuntura finisecular: 1880-1893», *Revista de Indias*, XLIV/174, Madrid, 1984, pp. 345-366.

«El viaje real por andalucía durante el otoño de 1892», *Andalucía y América en el siglo XIX: Actas de las V Jornadas de Andalucía y América*, Vol. 2, edição Bibiano Torres Ramírez y José Hernández Palomo, [s.l.], Universidad de Santa María de la Rábida, 1986, pp. 3-14.

1892: El IV Centenario del Descubrimiento de América en España, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987.

BRUMME, Jenny

«El IV Centenario y la compensación de la perdida de las colonias españolas. La unidad de la lengua», *Apuntes*, N.º 4, Univesrsitat Leipzig, 1992, pp. 1-22.

CALDERÓN QUIJANO, José Antonio

El IV Centenario del descubrimiento en La Ilustración Española y Americana y en el Ateneo de Madrid, Sevilla, Escuela de Estudios Hispanoamericanos, 1986.

«El IV Centenario del descubrimiento de América», *Boletín de Bellas Artes*, 18, Sevilla, 1990, pp. 93-166.

MARCENARO, Enrica

«Periodici, Libri e documenti per una bibliografia del 1892», *Festa di Fine Secolo. 1892 Genova & Colombo*, edição de Mario Bottaro, Genova, Pirella editore Genova, 1992, p. 70.

MURIA, José María

«El IV Centenario del Descubrimiento de América», *Revista Secuencia*, Nº. 3, 1985, pp. 131-136.

RAMÍREZ LOSADA, Deni

«La exposición histórico-americana de Madrid de 1892 y la ¿ausencia? de México», *Revista das Indias*, Vol. 39, N.º 246, 2009, pp. 273-305.

RAMÍREZ VUELVAS, Carlos

«Babel de Hispania. México en el IV Centenário del descubrimiento de América», *200 años de Iberoamérica (1810-2010). Actas del XIV Encuentro de Lationoamericanistas Españoles*. Eduardo Rey Tristán, Patricia Calvo González (coordenação), Santiago de Compostela, [s.n.], 2010, pp. 866-886.

RODRÍGUEZ, Miguel

«El 12 de Octubre: entre el IV y el V centenario», *Cultura y identidad*, textos compilados por Roberto Blancarte, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, pp. 127-162.

SANCHEZ ALBARRACIN, Enrique

La convergence hispano-americaniste de 1892. Les rencontres du IV^e Centenaire de la découverte de l'Amérique, [Texto policopiado], Paris, [s.n.], 2006.

SÁNCHEZ GONZÁLES, Juan

El IV Centenario del descubrimiento de América en Extremadura y la Exposición Regional, Mérida, Editora Regional de Extremadura, 1991.

SIEBENMANN, Gustav

«¿Cómo se celebraron los centenares de 1492 en Europa?», *El peso del pasado. Percepciones de América y V Centenario*, coordenação de Walther Bernecker e outros, Madrid, Editorial Verbum, 1995, pp. 143-164.

SIMIONI, Ana Paula

«IV Centenário do descobrimento da América: a construção da imagem de Colombo», *Entre o Mito e a História. O V Centenário do descobrimento da América*, coordenação de Paula Montero, Petrópolis, Vozes, 1996, pp. 255-289.

SUAREZ AREVALO, Jesús

«El Cuarto Centenario del Descubrimiento en Cádiz (1892)», *Congreso de jóvenes historiadores y geógrafos*, Tomo I, Madrid, [s.n.], 1988, pp. 979-987.

2.3.2 Estudos sobre personalidades intervenientes no IV Centenário

ALVES, Alice Nogueira

Ramalho Ortigão e o culto aos monumentos nacionais no século XIX [Texto policopiado], Lisboa, 2009.

GARCIA, Cristobal Cuevas

«Zorrilla, José», *Gran Enciclopedia RIALP GER*, Tomo XXIII Ultraje-Zwinglio, Madrid, Ediciones RIALP, 1975, pp. 891-893.

JOÃO, Maria Isabel e RILEY, Carlos Guilherme,

Sínteses Afectivas. Teófilo Braga e os Centenários [catálogo de exposição], Ponta Delgada, Governo dos Açores – Direcção Regional da Cultura – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 2011.

MARTINS, Guilherme de Oliveira

Oliveira Martins. Uma biografia, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986, pp. 197-209.

2.3.3 Exposição Universal de Chicago

NOGUEIRA, Lenita W. M.

«Música e Política: o caso de Carlos Gomes», *Anais do XV Congresso da ANPPOM*, Vol. 1, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, pp. 244-249.

WHITE, Trumbull e outros,

The World's Columbian Exposition, Chicago 1893, Philadelphia/Chicago, Internacional Publishing Co., 1893, pp. 415-447.

2.3.4 História e historiografia dos descobrimentos

CORTESÃO, Armando

«Descobrimento e Descobrimientos», N.º LXXII, secção de Coimbra, [Separata de *Garcia da Orta*, Edição Comemorativa do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*], Número especial, 1972, pp. 191-200.

COVO, Jacqueline e VILLAPADIERNA, Maryse

“Le mythe de la découverte de l’Amérique dans la España moderna”, *Les mythes et leur expression au XIXe siècle dans le monde hispanique et ibéro-américain*, estudos reunidos por Claudio Dumas, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1988, pp. 169-186.

JOÃO, Maria Isabel

«Comemorações e mitos da expansão», *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 4 – *Do Brasil para África (1808-1930)*, direcção de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 403-424.

MARQUES, Alfredo Pinheiro

L’historiographie des découvertes portugaises, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1990.

A historiografia dos descobrimentos e expansão portuguesa, Coimbra, Livraria Minerva, 1991.

As teorias fantasiosas de Colombo “Português”, Lisboa, Quetzal Editores, 1991, pp. 15-16.

MATOS, Sérgio Campos

«A Historiografia Portuguesa dos Descobrimentos no Século XIX», *Los 98 Ibéricos y el mar*, Tomo II - *La cultura en la Península Ibérica*, Madrid, Sociedad Estatal Lisboa’98, 1998, pp. 55-80.

2.3.5 História do nacionalismo

ANDERSON, Benedict

Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism,
London, Verso, 2006.

GELINER, Ernest

Nations and Nationalism, Second Edition, New York, Cornell University Press,
2009.

MATOS, Sérgio Campos Matos

«Propostas de Reorganização do Império Colonial Português nos Finais de Oitocentos: Debate acerca da venda das Colónias», *A definição dos Espaços sociais, culturais e políticos no mundo ibero-atlântico (De finais do século XVIII até hoje)*, coordenação de Maria da Graça Ventura, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 132-151.

PHELAN, John Leddy

«Neo-Aztecism in the Eighteenth Century and the Genesis of Mexican Nationalism», *Culture in History: Essays in honor of Paul Radin*, edição de Stanley Diamond, New York, Columbia University Press, 1960, pp. 760-770;

SMITH, Anthony

«The “Golden Age” and National Renewal», *Myths and Nationhood*, edição de Geoffrey Hosking e George Schopfiin, London, C. Hurst & Co. Publishers Ltd, 1997, p. 43.

2.3.6 Estudos sobre memória

AUGÉ, Marc

Les forms de l'oubli, Paris, Payot, 1998.

BOURDIEU, Pierre

«Les rites comme actes d'institutions», *Les Rites de passages aujourd'hui*,
Lausanne, Pierre Centlivres e Jacques Harinard, 1986.

BRAGA, Teófilo

Os centenários como síntese afectiva nas sociedades modernas, Porto, Tip. A.
T. da Silva Teixeira, 1884.

CANDAU, Joel

Anthropologie de la mémoire, Paris, PUF, 1996.

Mémoire et identité, Paris, PUF, 1998.

CATROGA, Fernando

A Militância laica e a descristianização da morte em Portugal, Coimbra,
Faculdade de Letras, 1988.

Entre Deuses e Césares. Secularização, Laicidade e Religião Civil, Coimbra,
Almedina, 2006.

*O Céu da memória. Cemitério romântico em Portugal e o culto cívico dos
mortos*, Coimbra, Minerva, 1999.

Os passos do Homem como restolho do tempo. Memória do fim da História, 2.º
edição, Lisboa, Almedina, 2011.

«Ritualizações da História», *História da História em Portugal sécs. XIX-XX*,
autoria de Luís Reis Torgal, José Amado Mendes, Fernando Catroga, Lisboa,
Círculo de Leitores, 1996, pp. 551-555.

CONFINO, Alon

«Collective Memory and Cultural History: Problems of method», *American
Historical Review*, Vol.102, N.º 5, 1997, p. 1386.

CONNERTON, Paul

Como as sociedades recordam, Oeiras, Celta, 1993.

GORDON, Alan

Making Public Pasts. The Contested Terrain of Montreal's Public Memories 1891-1930, Montreal, McGill-Queen's University Press, 2002.

GREEN, Anna

«Individual remembering and “collective memory”: theoretical presuppositions and contemporary debates», *Oral History*, Vol. 32, N. ° 2 - *Memory and Society*, 2004, pp. 35-44.

HALBWACHS, Maurice

Les cadres sociaux de la mémoire, Paris, Albin Michel, 1925.

JOÃO, Maria Isabel

Memória e Império, Comemorações em Portugal (1880-1960), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

MENDES, José Amado

«Desenvolvimento e estruturação da historiografia portuguesa», *História da História em Portugal sécs. XIX-XX*, autoria de Luís Reis Torgal, José Amado Mendes, Fernando Catroga, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 177-180.

MUNRO, Lisa

«Investigating World`s Fairs: an Historiography», *Studies in Latin American Popoular Culture*, Vol. 28, 2010, pp.80-94.

NAMER, Gérard

Mémoire et société, Paris, Méridiens Klincksieck, 1987.

NORA, Pierre

«L`ère de la commémoration», *Les Lieux de la Mémoire*, coordenação de Pierre Nora, Tomo III, Paris, Gallimard, 1992, pp. 977-1012.

PROTÁSIO, Daniel

O 2º Visconde de Santarém – Pensamento histórico e acção política (1809-1855) [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 2008.

Historiografia e ideologia na obra do 2º Visconde de Santarém (1791-1856), [Texto policopiado], Coimbra, [s.n.], [s.d].

RUSSELL, Nicolas

«Collective Memory before and after Halbwachs», *The French Review*, Vol. 79, N.º 4, 2006, pp. 792-804.

TODOROV, Tzvetan

Les abus de la mémoire, Paris, Arléa, 1995.

WINTER, Jay

«The performance of the past: memory, history, identity», *Performing the Past: Memory, History, and Identity in Modern Europe*, edição de Karin Tilmans, Frank Van Vree, Jay Winter, Amsterdam, Amsterdam University Press, 2010, pp. 11-34.

2.3.7 Outros estudos

ALCINA FRANCH, José

Códices Mexicanos, Madrid, Editorial Mapfre, 1992.

ARDAG, Arturo

América Latina y la latinidade, México D.F., UNAM-CECYDEL, 1993.

AUBERT, Paul

Les Espagnols et l'Europe (1890-1939), Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1992.

BAQUERO, Gastón

«La mala imagen de España a finales del siglo XIX», *América 92. Revista del V Centenário*, N.º 4 – *Especial Suplemento IV Centenario del descubrimiento de América*, Madrid, Sociedad Estatal V Centenario, 1990.

DAVIES, Catherine e outros

South American Independence: Gender, Politics, Text, Chicago, University of Chicago Press, 2012.

ELIZALDE PÉREZ-GRUESCO, Maria Dolores

«La restauración, 1875-1902», *Historia Política de España 1875-1939*, coordenação de Juan Avilés Farré, Maria Dolores Elizalde Pérez-Gruesco e Susana Sueiro Seoane, Madrid, Istmo, 2002, pp. 77-100.

FORSTER, Stig e outros

Bismarck, Europe, and Africa: The Berlin Africa Conference 1884–1885 and the Onset of Partition, Oxford, Oxford University Press, 1989.

HOMEM, Amadeu Carvalho,

«Memória sobre as causas do Ultimato Inglês de 1890», *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. LXI – 3.^a Parte da *Miscelânea em Honra de Fernandes Martins*, Coimbra, 1985, pp. 453-471.

MATOS, Sérgio Campos

Iberismo e identidade nacional (1851-1910), [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 2006.

«Conceitos de iberismo em Portugal», *Revista de História das Ideias*, Vol. 28, Coimbra, 2007, pp. 169-193.

LOURENÇO, Eduardo

A morte de Colombo. Metamorfose e fim do Ocidente como mito, Lisboa, Gradiva, 2005.

LYNCH, John

«The origins of Spanish American independence», *The Independence of Latin America: Independence of Latin America*, edição de Leslie Bethell, Cambridge, Cambridge University Press, 1987, pp. 1-48.

MACHADO, Álvaro Manuel

A Geração de 70. Uma Revolução Cultural e Literária, 4.^a edição revista e aumentada, Lisboa, Editorial Presença, 1998.

MALONE, Dumas e outros

The Story of the Declaration of Independence, Bicentennial Edition, Oxford, Oxford University Press, 1975.

MILHANO, Deolinda

Dicionário de Ditados (Provérbios) e Frases Feitas, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

MILZA, Pierre

As relações internacionais de 1871 a 1914, Lisboa, Edições 70, 1995.

PIMENTA-SILVA, Miguel

«Os Antigos Maias no Pensamento Ocidental. Entre factos e mitos», *Cadmo*, 22 [no prelo].

SEGRE, Erica

Intersecting Identities: Strategies of Visualisation in 19th and 20th Century Mexico, [s.l.], Berghahn Books, 2007.

SERRANO SANZ, José María

El Viraje Proteccionista en la Restauración. La Política Comercial Española, 1875-1895, Madrid, Siglo XXI de España Editores 1987.

SIMMONS, Merle E.

La Revolución Norteamericana en la Independencia de Hispano América, Madrid, Editorial Mapfre, 1992.

TENORIO-TRILLO, Mauricio

Mexico at the World's Fairs. Crafting a Modern Nation, Los Angeles, University of California Press, 1996.

ANEXOS

ANEXO I - DOCUMENTOS REFERENTES À COMISSÃO PORTUGUESA E AO IV CENTENÁRIO

Nota prévia

As transcrições apresentadas neste anexo apresentam-se como fundamentais para a compreensão dos trabalhos da comissão portuguesa.

Na impossibilidade de transcrição total das *Actas das sessões da Comissão Portuguesa da Exposição Colombina* (B.A.C.L. 59B) optámos por apresentar um número reduzido de documentos, que visam o sustento das ideias apresentadas no nosso estudo.

Constam ainda deste anexo, a transcrição parcial do *Livro de Receitas e Despesas* (B.A.C.L. 60B).

Actas da comissão portuguesa

Sessão de 19 de Fevereiro [1892]

Presidencia do S[e]n[ho]r Conde de Ficalho.

Presentes os S[e]n[ho]r[es] Teixeira de Aragão, Thomas de Carvalho, Theophilo Braga, Agostinho de Ornellas, Lino d'Assumpção, Raphael Basto, Barbosa du Bocage e Pinheiro Chagas, secretario.

Foi dada conta à Comissão dos officios trocados entre o Secretario da Academia e o Secretario da sociedade de Geographia, e leu o Secretario o ultimo officio em que a sociedade de Geographia declara, mostrando-se muito grata ás attenções que a Academia com ella teve, que não pode aSsociar-se á Comissão que a Academia organisou, por entender que o governo publicando o decreto de 28 de Fevereiro, digo, 28 de Janeiro, não deferio o requerimento que em tempo a Sociedade de Geographia lhe fizera. Põe á disposição da Academia o que poSsa haver no seu Museo, Archivo e Bibliotheca digno de figurar na Exposição.

O S[e]n[ho]r Conde de Ficalho exprimio o sentimento da Comissão pela falta dos delegados da sociedade de Geographia e indicou a necessidade de se responder agradecendo os offerecimentos d'eSsa Sociedade.

Deliberou-se que se lavraSsem actas d'estas sessões.

Foi proposto que se aggregassem á Comissão os S[e]n[ho]r[es] Ramalho Ortigão e Prospero Peragallo.

O S[en]ho[r] Ramalho Ortigão, que se achava presente, agradeceu, acceitando, e paSsou a funcionar como membro da comissão. Propoz-se que se escolheSsem entre os membros da Comissão alguns que ficaSsem formando uma sub-comissão ou comissão executiva.

O S[en]ho[r] Conde de Ficalho propõe que d'aqui por diante as reuniões da Comissão se façam na bibliotheca da Academia, o que é approvado.

O Secretario appresenta á Comissão uma carta do S[en]ho[r] Martens Ferrão em que são communicadas algumas investigações deste digno académico acerca dos manuscriptos de Colombo.

Ficou para ser presente á Comissão executiva.

Lê-se de novo o programma de representação de Portugal no centenario Colombino, programma redigido pelo Senhor Oliveira Martins.

O Senhor Teixeira de Aragão fallou em investigações que tem feito acerca da viagem de Pedro Alvares Cabral, e de dois documentos importantes para a historia do nosso conhecimento da America antes de Colombo: são umas cartas de Mestre João que ia na armada de Pedro Alvares e a carta de Caminha já publicada, mas publicada com erros, e cuja versão authentica elle pode agora trazer a lume.

Lembra também que o S[e]n[ho]r Alvaro Rodrigues de Azevedo está trabalhando n'um estudo acerca da estada de Colombo em Portugal. Enquanto a valiosos documentos ethnographicos relativos á America e existentes no museo da Academia, o S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão hesita em affirmar a sua authenticidade, como documentos anteriores á descoberta da America.

O S[e]n[ho]r Agostinho de Ornellas lembra a importância da reunião de elementos cartographicos e aponta alguns curiosos. Falta também na estada de Christovão Colombo na Madeira, na injustificada duvida de Harisse acerca do casamento de Christovão Colombo e nas ruínas da casa em que Colombo parece ter habitado na ilha, casa de que resta uma janella, que elle se presta a fazer transportar para Portugal se se julgar interessante a remessa para Madrid d'esse objecto. A Commissão applaude vivamente essa idea.

Deliberou-se encarregar o Senhor Ramalho Ortigão da reunião de objectos cerâmicos e illustrativos da historia marítima, e aggregar-se-lhe o S[e]n[ho]r Arthur Baldaque da Silva, que a Commissão deliberou aggregar a si pelos conhecimentos especiaes que esse distincto official de marinha possui.

Tambem, por proposta de Senhor Thomaz de Carvalho, a Commissão deliberou aggregar o S[e]n[ho]r Joaquim de Araujo e em seguida o Senhor Ramos Coelho.

Este, o S[e]n[ho]r Lino d'Assumpção e o S[e]n[ho]r Raphael Basto são encarregados da parte que diz respeito a monumentos bibliographicos. O S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão é encarregado da parte ethnographica e a seu pedido aggrega-se-lhe o S[e]n[ho]r Theophilo Braga.

Para a publicação que a Academia tenciona fazer há já trez me morias indicadas, a do S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão, a do S[e]n[ho]r Alvaro de Azevedo, e ainda uma do S[e]n[ho]r Agostinho de Ornellas que declara tela escripto.

Por proposta do S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão é o S[e]n[ho]r Theophilo Braga encarregado de escrever a introdução a eSsas Memorias. O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão, para dar um carácter pratico ás resoluções que estão sendo tomadas, propõe:

1º Que se officie do governo pedindo-lhe que abone as despesas indispensaveis para os primeiros trabalhos d'esta Commissão;

2º Que se officie á Commissão do Centenario em Madrid para se saber qual o espaço de que Portugal pode dispôr no edificio da Exposição;

3º Que se destine um local em que poSsam ser recolhidos os objectos que venham vindo para a exposição.

São approvadas estas propostas.

É aggregado á Commissão o S[e]n[ho]r Ernesto do Canto, residente nos Açores, e a quem aliás o Secretario já officiára pedindo-lhe a sua coadjuvação para os trabalhos do Centenario, como fiseram também ao S[e]n[ho]r Francisco Martins Sarmiento. O S[e]n[ho]r Ornellas indica a vantagem de pedir a coadjuvação do S[e]n[ho]r Visconde de Ribeiro Real, residente na Madeira, porque, conhecendo a fundo o cartório do S[e]n[ho]r Conde de Carvalhal, pode nelle encontrar valiosos documentos com relação a Colombo.

O S[e]n[ho]r Lino d'ASsumpção historiou largamente os trabalhos da Inspecção dos Archivos e bibliothecas, desde que se principiou a cuidar d'este aSsumpto do Centenario Colombino e mandou para a mesa documentos illustrativos d'eSsa historia, contendo alguns d'elles elementos valiosos para o estudo dos aSsumptos que se ligam com eSse Centenario. Sem se nomear expressamente a commissão executiva entendeu-se que fiseSsem parte d'ella as pessoas encarregadas n'esta sessão de diversos trabalhos, não ficando por iSso inhibida a Commissão de lhe aggregar outros membros.

Fixou-se a próxima reunião para segunda feira ás 1 e meia hora da tarde.
E levantou-se a seSsão.

Sessão de 22 de Fevereiro [1892]

Residencia do S[enho]r conde de Ficalho

Presentes os S[e]n[ho]r[es]: Bocage, Teixeira de Aragão, Theophilo Braga, Prospero Peragallo, Raphael Basto, Ramalho Ortigão e o Secretario Pinheiro Chagas.

O S[e]n[ho]r Raphael Basto desejou ser informado a respeito dos documentos relativos a vários factos das navegações e da marinha portuguesa que julgava opportuno publicar.

Resolveu-se que a secção bibliographica de que faz parte o S[e]n[ho]r Basto, escolheSse para serem reproduzidos os documentos que tiveSse por eSsenciaes, e n'uma pequena memoria a respeito deste aSsumpto indicaSse as razões da escolha e fiseSse a enumeração quanto poSsivel completa de todos os documentos que não forem publicados.

O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão fez as seguintes propostas:

1º Que dos herdeiros do fallecido Rei D. Fernando se procure obter que figurem na secção portuguesa da expposição de Madrid as peças da ourivesaria nacional da epoca manoelina, pertencentes á collecção d'aquelle Principe;

2º Que se sollicite da Torre do Tombo a copia authentica dos documentos em que se descrevem as tapeSsarias que por encomenda do rei D. Manoel deviam representar as principaes scenas da historia do descobrimento da India;

3º Que do S[e]n[ho]r Carlos Relvas se sollicite a collecção de todas as suas photographias, tendo por objecto scenas marítimas do litoral portuguez e monumentos da architectura portuguesa do século XVI.

4º Que igual pedido se faça aos principaes photographos e amadores da photographia;

5º Que do Museo Nacional se requisitem as peças do mobiliario nacional que ali existem e poSsam documentar a história da marcenaria portuguesa desenvolvida em Lisboa sob a direcção dos artifices da India, no tempo de D. Manoel.

6º Que do Ministerio da Marinha se sollicitem todos os documentos relativos á industria da pesca em Portugal e a collecção completa dos differentes typos de redes das noSsas armações;

7º Que se sollicite do Ministerio das Obras Publicas a devida autorisação para que se poSsam enviar á exposição de Madrid as peças do Museo Maritimo industrial,

anexo á Escola Pedro Nunes, que para o alludido fim forem designados pelo inspector das Escolas Industriaes da Circunscripção do Sul;

8º Que da direcção dos trabalhos geodésicos se sollicite um exemplar da carta geographica e a carta ethnographica do reino.

Foram approvadas.

O S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão propoz que fosse aggregado á Commissão o S[e]n[ho]r Carlos Relvas.

O S[e]n[ho]r Peragallo agradeceu a sua nomeação e insistio na importancia do documento relativo ás tapesserias de D. Manuel, a que se referia a proposta do S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão.

E levantou-se a seSsão.

Sessão de 26 de Fevereiro [1892]

Residencia do S[enho]r Conde de ficalho

Presentes os S[e]n[ho]r[e]s: Theophilo Braga, Raphael Basto, Ramos Coelho, Arthur Baldaque, P. Peragallo, Teixeira de Aragão, Joaquim de Araujo, Ramalho Ortigão, Thomaz de Carvalho, Bocage e Pinheiro Chagas, secretario.

Participou o Secretario que o Senhor Agostinho de Ornellas não podia comparecer por doença.

O S[e]n[ho]r Ramos Coelho agradece a nomeação e pergunta que documentos deverão publicar-se.

O secretario Pinheiro chagas nota que o que tornou sobretudo importante a viagem de Colombo foi a renovação sccientifica de que foi um dos mais notáveis agentes, mas em que os portugueses o acompanharam e o precederam; que todos os documentos que mostram o carácter scientifico das navegações portuguesas, antes e depois de Colombo, quer dizer, desde as viagens de Gil Eanes até á viagem de Magalhaes, são importantíssimos para o aSsumpto; que há documentos em que se prova que os Portugueses obedeciam a um plano scientifico; ve-se das obras de Pedro Nunes, e dos roteiros de D. João de Castro, etc^a.

Depois de varias observações, resolveu-se que se fisesse um Indice de documentos encontrados, publicando-se os que mais interessantes pareceSsem. o formato adoptado foi o formato in folio. O S[e]n[ho]r Peragallo lembrou que o S[e]n[ho]r Duque de Palmella comprára documentos importantes no leilão Castelo Melhor. Lembra-se tambem que o S[e]n[ho]r Neves Sobrinho poSsue importantes portulanos, e que tem obras também de valor o S[e]n[ho]r Carvalho Monteiro.

O S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão lembra que o S[e]n[ho]r Conde de S. Januario tem objectos americanos apreciáveis. Participa que já mandou começar impreSsão das cartas de Mestre João e de Pero Vaz de Caminha.

O S[e]n[ho]r Raphael Basto deseja que a Commissão veja a introdução que fez ao *Esmeraldo de Situ Orbis*. O S[e]n[ho]r Peragallo lembra que se publique a traducção de Marco Polo feita por Valentim Fernandes. A iSso se objectou com as difficuldades da copia do manuscripto que está em Munich.

Resolve-se que o S[e]n[ho]r Hermenegildo Capello seja agregado á Commissão.

O S[e]n[ho]r Baldaque da Silva agradece a sua nomeação. Dá conta de trabalhos seus acerca de embarcações portuguesas, e faz indicação acerca da viagem de Pedro Alvares Cabral.

O S[e]n[ho]r Joaquim de Araujo agradece a sua nomeação e falla n'um manuscripto "*Tratado de astrologia*" attribuido ao infante D. Henrique.

Deliberou-se que o S[e]n[ho]r Joaquim de Araujo seja segundo secretario da Commissão, encarregado do expediente.

E levantou-se a sessão.

Sessão de 5 de Março [1892]

Presidencia do S[e]n[ho]r conde de Ficalho. Secretarios os S[e]n[ho]r[e]s Conselheiro Manoel Pinheiro Chagas e Joaquim de Araujo. Presentes os Senhores Ramalho Ortigão, Baldaque da Silva, Theophilo Braga, Raphael Basto, Ramos Coelho, Prospero Peragallo, Lino d'ASsumpção, Teixeira de Aragão, Rodrigues de Azevedo e Agostinho de Ornellas.

O S[e]n[ho]r Conde de Ficalho deu conta de uma conferencia que teve com o S[e]n[ho]r Ministro de Hespanha, o qual lhe communica que fiserá nomear nesta capital uma comissão de hespanhoes para tratar dos congreSsos e exposições Colombinas, que se collocava á disposição e como auxiliar da Commissão portuguesa. Propoz que a Commissão portuguesa entraSse em communicação com a Commissão hespanhola.

O S[e]n[ho]r Ministro de Hespanha promette enviar os últimos programmas.

Resolveu-se, por proposta do Secretario Pinheiro Chagas, que se reuniSse diariamente a comissão executiva.

O S[e]n[ho]r Joaquim de Araujo apresenta a communicação relativa ao livro do Infante D. Henrique cujo titulo é = “*Libro en español, de mano, llamado, Secreto de los Secretos de Astrologia, compuesto por el Infante D. Henrique de Portugal*” = e participa que o dr. Carvalho Monteiro não poSsue documentos ou objectos de arte de maior valor concernentes ao fim da exposição.

O S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas pergunta á Sub-Commissão bibliográfica se já elaborou o orçamento de despesa. O S[e]n[ho]r Lino d'ASsumpção diz que tem despacho do Ministro ordenando e auctorisando diversas impressões na Imprensa Nacional.

Resolveu-se publicar alguns documentos mais notáveis, na integra, como facsimiles, e por indicação do secretario Pinheiro chagas que se passaSse sobretudo em alguns já citados pelo Visconde de Santarem, outros por Andrade Corvo, relativos á sciencia portuguesa de navegação, nas notas do Roteiro, editado pela Academia.

O S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão refere-se ás múmias americanas do Museo Archeologico e pede a leitura de alguns artigos do programma de Madrid. O S[e]n[ho]r Raphael Basto diz precisar saber se existe em Hespanha o mappa geographico feito em 1529 por Diogo Ribeiro.

O S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão referindo-se ainda aos documentos a publicar diz que o autographo da carta de Mestre João deve ser dado na integra, e referindo-se á publicação dos trabalhos da sua secção, expõe que para a parte da despesa que lhe diz respeito será bastante a verba de 600:000 reis.

O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão faz observações diversas sobre o programma da sua commissão e pede como indispensável para a organização da exposição a nota do espaço de que se pode dispôr, com alçada e planos, etc^a. e indicou como base de orçamento a quantia de 500:000 reis.

Em seguida, por parte da secção marítima, apresentou as seguintes propostas, que foram approvadas:

1^a = Que em harmonia com a 1^a divisão da 1^a secção do programma apresentado em 15 de Novembro de 1891, pela Commissão nomeada pela 2^a ClaSse da Academia Real das Sciencias de Lisboa, seja sollicitada auctorisação do Governo para que a secção marítima desta Commissão poSsa escolher na Escola Naval e no Museo Colonial Maritimo, os exemplares e modelos que julgar convenientes para figurarem na exposição Colombina de Madrid.

2^o Que esta Commissão auctoris e abone as despesas necessarias para que a secção marítima mande copiar uma collecção de desenhos dos typos originaes das embarcações usadas pelos navegadores portuguezes até ao fim do século 17^o., organizando um álbum, ou quadros, destas embarcações.

3^o Que me harmonia com a 2^a divisão da 1^a secção do referido programma, seja por esta Commissão auctorisada e abonada, com as quantias precisas, á secção marítima, para acolher no Museo Maritimo da Escola Industrial “*Pedro Nunes*” de Faro, os modelos que entender, procedendo desde já ao transporte para Lisbõa da collecção respectiva, e em seguida ao seu melhoramento para ficar em condições de figurar na exposição.

4^o Que a Commissão sollicita ordem do Governo para que a Secção Maritima escolha na Commissão de Cartographia do Ultramar, nos Archivos do Ministerio da Marinha e Ultramar, na direcção geral dos trabalhos geodésicos do reino, na Torre do Tombo, na Imprensa Nacional e na Bibliotheca da Universidade de Coimbra, nas Bibliothecas publicas, no Museo das Janellas Verdes e no Museo Industrial de Lisbõa, os exemplares e modelos que julgar convenientes para a exposição Colombina de Madrid.

5º Que a Comissão solicite da Sociedade de Geographia de Lisboa, os modelos, exemplares, mappas e documentos, escolhidos pela Secção Maritima, para o mesmo fim.

6º Que a Comissão auctorise e abone a Secção Maritima a comprar nos differentes portos do continente do reino as redes eapparelhos de pesca que tenham de servir para a ornamentação do edificio da exposição, começando desde já a reunir tudo em Lisboa.

7º Que a Comissão peça ao governo auctorisação para reunir na Sala do risco do Arsenal da Marinha todas as collecções que for adquirindo.

8º Que a Comissão approve e auctorise a publicação de um catalogo annotado e precedido de uma memoria, onde figurem todos os objectos da secção marítima, da exposição Colombina.

9º que a Comissão habilite desde já a Secção Maritima com a quantia de 500:000 reis para fazer face ás despesas com os trabalhos desta secção, que constam das propostas anteriores. Sala das SeSsões 5 de Março de 1892 = Baldaque da Silva = = Ramalho Ortigão =

O Secretario Pinheiro Chagas diz que há dois orçamentos: interno e externo, e que só o primeiro se pode agora elaborar desenvolvidamente. O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão diz que é necessário collocar condignamente a sineta da Nau de Vasco da Gama e a preciosa janella do prédio dito de Christovam Colombo, cedida pelo S[e]n[ho]r Agostinho de Ornellas.

O S[e]n[ho]r Theophilo Braga lembra que se adquira o livro das naus da India; toda a Comissão entende que é uma vergonha nacional dizer perder este notável documento do noSso passado.

O Secretario Pinheiro Chagas diz que lhe parece que a verba requerida para tal compra não poderá entrar nas despesas da Comissão Colombina, aSsociando-se todavia á ideia da aquisição do precioso livro.

Resolveu-se, por fim, officiar ao Governo de commum accordo e ao mesmo tempo que a Inspecção Geral das Bibliothecas, no sentido do Livro das Naus ser adquirido pelo Estado e ficar propriedade do Archivo Nacional.

Sob proposta do S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão resolveu-se officiar ao Presidente da ASsocição dos Architectos para pôr á disposição da Comissão os objectos americanos e archeologicos principalmente da collecção S. Januário.

A Sub Comissão da Arte ornamental ficou composta dos S[e]n[ho]r[e]s Ramalho Ortigão, Conde de Ficalho, Teixeira de Aragão e Casanova, addido á Comissão.

O S[e]n[ho]r Agostinho de Ornellas, que ao entrar na sala das sessões foi cordialmente acolhido por todos os seus collegas, que o felicitaram pelo seu estabelecimento, propõe que se officie ao S[e]n[ho]r Visconde de Ribeiro Real, da Madeira, pedindo diversos documentos concernentes a Colombo, especializando o da compra da casa de Colombo.

O S[e]n[ho]r Rodrigues de Azevedo trocou explicações com o S[e]n[ho]r Agostinho de Ornellas sobre diversos documentos existentes na Madeira.

Não havendo mais de que tratar levantou-se a sessão.

Sessão de 12 de Março [1892]

Presidencia do S[e]n[ho]r Conselheiro Pinheiro Chagas. Secretario Joaquim de Araujo. Presentes os S[e]n[ho]r[es] Conselheiro Bocage, Baldaque da Silva, Prospero Peragallo, Ramalho Ortigão e Teixeira de Aragão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão antecedente.

O Secretario Joaquim de Araujo participou que visitara diversos estabelecimentos públicos de Lisboa, onde existem números imprescindíveis na exposição portuguesa e que nenhuma duvida encontrara nas direcções respectivas sobre a sua remessa para Madrid, combinando que um delegada da Comissão fosse escolher os diversos objectos, que ficariam nos seus respectivos lugares até se proceder á remessa referida.

Leu-se um officio de adhesão do S[e]n[ho]r Rochini; outro de escusa do S[e]n[ho]r Relvas, ficando resolvido que se insistisse com este cavalheiro, visto como não eram immediatamente necessários os trabalhos do eminente photographo-amador, a que o convite se referia; e da Torre do Tombo enviando a copia dos documentos pedidos em virtude da proposta do S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão.

O S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas disse que na Comissão de fazenda instado pelo S[e]n[ho]r Presidente do Conselho e depois de ter ouvido o S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão único dos membros da Comissão que encontrára, havia provisoriamente fixado em dez contos de reis a somma das despesas a fazer; Como a Comissão de fazenda se não reunira nesse dia, pedia aos seus collegas para resolverem sobre alguma alteração a fazer naquella pedido, advertindo que havia desde já despesas a fazer, como eram as indispensáveis gratificações ao Chefe do Expediente da Secretaria da Comissão, a um Amanuense, etc^a.

A Comissão mostrou-se de acordo com as indicações do S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas. O S[e]n[ho]r Prospero Peragallo propoz que se obtivesse para ser convenientemente exposta uma photographia do tumullo de Pedro Alvares Cabral. Foi aprovado.

O Secretario Joaquim de Araujo propoz que na exposição se armasse o padrão das descobertas de Diogo Cão, que o governo mandara recolher á metrópole. Foi aprovado.

O S[e]n[ho]r Baldaque da Silva mandou para a mesa o Catalogo das vistas photographicas de Rochini, afim de se escolherem as que digam respeito a aSsumptos portugueses do século XVI.

Foi aggregado á Commissão o S[e]n[ho]r Henrique Lopes de Mendonça. O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão propoz a nomeação de uma comissão que se encarregaSse de obter a cedência de diversos objectos, cartas, mappas, etc^a. do riquiSsimo Archivo da Sociedade de Geographia. O S[e]n[ho]r Bocage expoz que os objectos enviados a Madrid fossem divididos pelas duas exposições realizadas naquella Capital.

O S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas explicou que esse era desde o principio o pensamento da Commissão. O S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão propoz que as publicações da Commissão fossem no formato das Memorias da Academia, em melhor papel e com maiores margens.

Não havendo mais nada a tratar o S[e]n[ho]r Presidente deu por terminados os trabalhos desta seSsão.

Sessão de 19 de Março [1892]

Presidencia do S[e]n[ho]r Conde de Ficalho

Secretario Joaquim de Araujo

Presentes os S[e]n[ho]r[e]s Dr. Thomaz de Carvalho, Baldaque da Silva, Teixeira de Aragão, Ramos Coelho, Lopes de Mendonça, Peragallo, Agostinho de Ornellas, Theophilo Braga, Alvaro Rodrigues de Azevedo.

Lida e approvada a acta da seSsão antecedente, bem como a correspondência recebida.

Deram diversas explicações sobre os trabalhos de que se acham incumbidos os S[e]n[ho]r[e]s Teixeira de Aragão e Peragallo. O S[e]n[ho]r Theophilo Braga propõe que ao governo se solicite licença para o S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão ser dispensado dos seus serviços officiaes, afim de se poder dedicar aos trabalhos que requisitam a sua actividade nesta Commissão.

Entrando na sala o S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas expõe a sua última conferencia com o S[e]n[ho]r Presidente do Conselho acerca dos fundos votados para despesas da Commissão; e observa que o pagamento da somma concedida de dez contos de reis será feito em prestações, ficando a quantia total no Ministerio do reino á ordem da Commissão. Continuando com a palavra, o S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas leu um officio que lhe fora dirigido pelo S[e]n[ho]r Ernesto do Canto agradecendo a nomeação de membro da Commissão; enviando exemplares da sua memoria sobre os Cortes Reaes e da segunda edição do Tratado das Ilhas e Novas ; demonstrando não poder formar como desejava uma sub-commissão nas Ilhas; participando que mandaria imprimir um capitulo inédito das Saudades da Terra de Gaspar Fructuoso relativo á descoberta da America.n por Christovão Colombo e que por igual estava dando novamente a lume a carta do dr. Jeronimo Montavio a D. João 2º, em que se recommenda como de infallivel resultado a empreza da descoberta do Oriente, navegando para o Occidente. Propõe também o S S[e]n[ho]r dr. Ernesto do Canto a publicação integral das Saudades da Terra, salvando aSsim de um poSsivel extravio o autographo em poder do S[e]n[ho]r Marquez da Praia de Monforte. Sob proposta do S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão resolveu-se con signar na acta os tópicos principaes do officio do S[e]n[ho]r Ernesto do

Canto, agradecendo-se o modo comom o illustre investigador correspondeu ao convite que lhe fora feito.

Ficou auctorizado o S[e]n[ho]r Conde de Ficalho a entender-se com a Commissão hespanhola, que em Lisbõa está lançando os preparativos da sua representação no certâmen de Madrid, afim de as duas Commissões n'uma mesma reunião harmonisarem os seus trabalhos.

O S[e]n[ho]r Lopes de Mendonça agradece a sua nomeação e sob proposta do S[e]n[ho]r Theophilo Braga é aggregado á secção naval.

Foi nomeado thesoureiro da Commissão o S[e]n[ho]r Teixeira de Aragão. Resolveu-se aceitar a escusa de membro da Commissão dada pelo S[e]n[ho]r Hermenegildo de Capello, manifestando-se-lhe o sentimento da Commissão por tal facto.

Foi nomeada a commissão encarregada de se entender com a Sociedade de Geographia, conforme na anterior seSsão se tratara, ficando composta dos S[e]n[ho]r[e]s Conde de Ficalho, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão.

O S[e]n[ho]r Theophilo Braga propoz que entre os livros enviados á exposição de Madrid, figurasse uma colecção completa do riquissimo Archivo dos Açores.

O S[e]n[ho]r Baldaque da Silva apresentou uma nota inserta no *Roteiro das Costas de Portugal*, allusiva ás instrucções náuticas coordenadas em 1499 por Vasco da Gama e que serviram para a viagem de Pedro Alvares Cabral na descuberta do America.

Não havendo nada mais a tratar o S[e]n[ho]r Presidente deu por terminados os trabalhos desta sessão.

Sessão de 31 de Março [1892]

Sob a presidência do S[e]n[ho]r Conde de Ficalho, occupando os logares de Secretario os S[e]n[ho]r[es] Pinheiro Chagas e Joaquim de Araujo e estando presentes os S[e]n[ho]r[es] Mendez Vigo, Embaixador de Hespanha, Diego de la Cruz Quesada, Nicolau de Goyri, J. Castro, C. General, Fre''uller, 1º secretario da Legação de Hespanha, Sardiña, addido militar, doutor Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Lopes de Mendonça, Agostinho de Ornellas, Teixeira de Aragão, Raphael Basto, Baldaque da Silva, reuniram em uma mesma aSsemblea as commisso~es Colombinas hespanhola e portugueza em Lisboa.

O S[e]n[ho]r conde de Ficalho tendo previamente agradecido a comparência dos illustres membros da commissão hespanhola, fez uma exposição do estado dos trabalhos, e manifestou ao S[e]n[ho]r Mendez Vigo, por parte da Commissão portugueza o desejo, de que a noSsa exposição em Madrid fosse isolada, isto é, que os respectivos objectos não fossem subdivididos pelas diversas secções da exposição e se conservassem reunidos. O S[e]n[ho]r Mendez Vigo felicitou a commissão pelos seus esforços, diz que pretende felicitar todos os accordos e garantir todas as seguranças para os objectos expostos; accrescentou que o governo hespanhol deu ordens terminantes n'este sentido e no de auxiliar a exposição portugueza.

O S[e]n[ho]r Theophilo Braga disse que o plano de exposição que tem presente offerece uma divisão scientifica dos objectos expostos segundo a sua cathegoria; e que lhe parecia que a ser assim, os objectos que constituem a exposição portuguesa serão divididos pelas diversas secções.

O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão combateu as divisões da exposição portugueza e pede que com a maior brevidade se inquiram as condições da exposição. O S[e]n[ho]r Conde de Ficalho expoz que o adiantado do tempo e as circumstancias actuaes não permitem a construcção d'um pavilhão portuguez; e pedio ao S[e]n[ho]r Mendez vigo que interponha o seu valimento no sentido das colecções portuguezas ficarem o mais reunidas que for possivel.

O S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas disse que nada se pode tratar em definitivo sem primeiramente chegar de Madrid a resposta acerca do plano e alçado da parte respectiva a Portugal, caso, como esperam, nos seja concedido apresentarmos reunida a exposição

portuguesa. Fallaram ainda sobre o mesmo aSsumpto os S[e]n[ho]r[e]s, Sardiña, Ornellas, Goyri, Joaquim de Araujo e Mendez Vigo. Resolveu-se acceitar a proposta do S[e]n[ho]r Mendez_Vigo, addicionando um membro da Commissão hespanhola a cada uma das sub-seccões.

E não havendo mais do que tratar, o S[e]n[ho]r Presidente levantou a sessão.

Sessão de 5 de Abril [1892]

Presidencia do S[e]n[ho]r Conde de Ficalho

Secretarios S[en]hores Pinheiro Chagas e Joaquim de Araujo

Presentes os S[e]n[ho]r[e]s Rodrigues de Azevedo, Baldaque da Silva, Theophilo Braga, Lopes de Mendonça, Peragallo, Raphael Basto e Agostinho de Ornellas.

Lida e aprovada a acta da seSSão antecedente, leram-se os officios dos S[e]n[ho]r[e]s Mendez Vigo e Navarrete participando que a exposição portugueza em Madrid podia contar com installações próprias no edificio da exposição, sob as clausulas expostas nos mesmos officios; e da aSsociação dos Architectos e archeologos portuguezes accedendo os convites que lhe forã feito e que consta das actas antecedentes.

O S[e]n[ho]r Peragallo participou que enviara alguns trabalhos seus, afim de serem presentes na Exposição de Madrid. O S[e]n[ho]r Conde de Ficalho lembrou que se exposeSse o atlas de Fernão Vaz Dourado e offereceu-se para obter para tal fim de S. M. El Rei a cedência do seu exemplar.

Os S[e]n[ho]r[e]s Pinheiro Chagas e Conde de Ficalho lembraram que se exposeSsem os cartas e mappas que embora não foSsem de origem portugueza, evidenciam os noSsos decobrimentos e as derrotas dos noSsos navegadores.

O S[e]n[ho]r Baldaque da Silva lembrou que se decoraSsem as paredes da noSsa exposição com grandes quadros contendo notáveis documentos históricos como: A carta de Almirante dada por D. Diniz a Peçanha; A carta de Almirante dada por D. Manuel a Vasco da Gama; o Nonio de Pedro Nunes; Loxodroenia de Pedro Nunes; Alturas correspondentes de D. João de Castro; Calculo da variação de D. João de Castro; Derrota para a India por oeste da linha, etc^a, etc^a

O S[e]n[ho]r Agostinho de Ornellas participou que estava fazendo o índice dos mappas da colecção Santarem; e referindo-se ás navegações dos Corte Reaes, pediu á Commissão que não olvidaSse aquelles navegadores na noSsa exposição. O S[e]n[ho]r Rodrigues de Azavedo participou que na bibliotheca Nacional se acham as photographias da casa dita de Christovam Colombo, no Funchal, e dois documentos originaes relativos á mesma casa, aSsim como exemplares das duas edições da memoria de sua elaboração relativa ao referido prédio, e outros documentos concernentes á

inscrição e demolição do edifício. O S[e]n[ho]r Baldaque da Silva apresentou uma carta do S[e]n[ho]r Almirante Mouchez relativa ao roteiro de Cabral, de que se tratara na seSSão anterior, e offerece um exemplar do seu livro sobre Pescarias, para ser patente na Exposição. O S[e]n[ho]r Peragallo lembra que seria conveniente apresentar em Madrid o Livro das Fortificações do tempo de El Rei D Manuel, existente no Archivo Nacional.

Depois de alguma discuSSão resolveu-se principiar a recolher objectos, entendendo-se a mesa com as estações respectivas afim de se obterem as salas da Academia de Bellas Artes, desde que sejam desocupadas pela actual exposição. O S[e]n[ho]r Conde de Ficalho propoz para membro da Commissão o S[e]n[ho]r Visconde de Castilho. Foi approvedo unanimemente.

O S[e]n[ho]r Ramalho Ortigão propoz para delegados na Commissão: no Porto, o S[e]n[ho]r Eduardo Allen; em Coimbra o S[e]n[ho]r Bispo Conde; e em Evora, o S[e]n[ho]r Gabriel Pereira. O S[e]n[ho]r Pinheiro Chagas propoz para delegado no Algarve, o S[e]n[ho]r J. Brito Rebello. O S[e]n[ho]r Baldaque da Silva propoz que se sollicitassem PaSses nas diversas linhas para os membros da Commissão.

O S[e]n[ho]r Theophilo Braga propoz a elaboração de um catalogo geral critico dos objectos, documentos, etc^a. apresentados em Madrid pela secção portuguesa. Ficou auctorizada a mesa a estabelecer os honorários relativos ao expediente da Secretaria da Commissão.

E não havendo mais de que tratar o S[e]n[ho]r Presidente levantou a sessão.

Finanças da comissão portuguesa

A comissão portuguesa da Exposição Colombina em conta corrente com o ministério do reino²⁸¹

Deve				Haver			
Ano e Meses	Dia s	Receita	Importância	Ano e Meses	Dia s	Despesas	Importância
1892	Abril 12	Recebido do Thesoureiro do Reino de Portugal para pagamento de despesas da Comissão	500,000	1892	Abril 12	Pago ao 2ª Secretario Joaquim de Araujo, seus vencimentos desde 26 a 29 de fevereiro de 1892	4,000
	Maio 20	Idem idem idem idem	500,000			Idem idem idem no mez de Março	30,000
	Julho 2	Idem idem idem idem	500,000			Idem ao Amanuense Antonio Moreira, seu vencimento durante os últimos onze dias de fevereiro	5,500
	22	Idem idem idem idem	1:500,000			Idem Idem idem no mez de Março	15,000
	Setembro 8	Idem idem idem idem	1:500,000		13	Idem a Syder, compra de papel e mais objectos	3,900
	Outubro 10	Idem idem idem idem	500,000			Idem idem compra de 4 remas de papel almaço pautado ⁷	7,960
	Dezembro 1	Idem idem idem idem	500,000		30	Idem ao 2º Secret.ª Chefe de exped.e, vencimento em abril	30,000
1893	Junho 10	Idem idem idem idem (fazenda)	634,000			Idem ao Amanuense Antonio Moreira // // //	15,000
	22	Idem idem idem idem idem	150,000			Idem ao Servente João Domingos, seus salários –	8,320

²⁸¹ in *Livro de Receitas e Despesas* (B.A.C.L. 60B).

Portugal no IV Centenário do Descobrimento da América (1892-1893)

Dissertação de Mestrado em História dos Descobrimento e da Expansão

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

							onze dias de fevereiro e os meses de Março e abril				
Julho	17	Idem	idem	idem	idem	idem	354,150		Idem – a Je Alfredo Maria Pons – copia de manuscriptos	18,000	
	29	Idem	idem	idem	pª diversas despesas		326,800	Maio	16	Idem a Je Carlos Pinto Gracia pelo catalgo dos mappas	12,000
							6:964:950		20	Idem aTypographica da Academia por conta dos trabalhos typographicos	24,000
									30	Idem despesas para a remoção de objectos pertencentes ao Museu de Faro ”Escola Pedro Nunes”	30,190
									31	Idem a Je Alfredo Maria Pons – copia de manuscriptos	18,000
								Junho	1	Idem ao 2º Secret.ª Chefe de exped.e, em maio	30,000
										Idem ao Amanuense // //	15,000
										Idem ao Servente // //	3,5000
										Idem – trabalhos de copista e escripturação	1,800
									3	Despesas com a remessa nos Caminhos de Ferro do Sul, de 24 pacotes enviados do Algarve	15,080
										Idem com a remoção dos mesmos objectos pª a Academia	5,100
									5	Despesas das secções marítimas para a exposição (documento)	205,450
									6	Pago a Joaquim de Araujo, despesas de viagem ao	13,620

Porto		
	7	Idem á Typogr ^a da Acad. ^a por conta dos trabalhos typographicos 15,000
	18	Idem a Ramalho Ortigão despesas de viagens a Madrid 130,000
	21	Idem à Typographia da Acad. ^a por conta de trabalhos Typographicos 36,000
	25	A Ferreira Delgado por cópias na Torre do Tombo 18,000
	30	A Alfredo Pons, por trabalhos paleográficos na torre do Tombo 18,000
Julho	1	Ao Chefe de expediente vencimento em Junho 30,000
		Ao Amanuense A. Moreira vencimento em Junho 15,000
		Ao Servente vencimento em Junho 3,500
	6	Compra de papel de impressão – 40 remas 282,240
	7	Pago à Typogr ^a por conta dos trabalhos typographicos 40,000
	12	Pago à Typogr ^a por conta dos trabalhos typographicos 45,000
	22	Pago à Typogr ^a por conta dos trabalhos typographicos 60,000
		Compra de papel de impressão 11,5 remas 83,415
	25	A Ferreira Delgado por cópias na Torre do Tombo 18,000

	27	Pago à Typogr ^a por conta dos trabalhos impressos etc.	45,000
	29	Ao 1º Thesoureiro de Aragão despesas de viagem a Évora	7,120
	30	A Alfredo Pons - trabalhos paleográficos	18,000
Agosto	1	Ao Chefe de expediente vencimento em Julho	30,000
		Ao Amanuense vencimento em Julho	15,000
		Ao Servente vencimento em Julho	3,500
	2	Compra de papel de impressão – 4 remas	17,640
	4	Pago à Typographia por conta dos trabalhos typographicos	30,000
	13	Pago à Imprenssa Nacional – reproduções photographicas	34,605
	17	Impressão de estampas em papel de linho e algodão	43,200
		Compra de papel de impressão – 10 remas	70,560
		Pago à Typographia por conta dos trabalhos typographicos	39,000
	22	Despesas de exped.e artigos de Secretaria	355
		Despesas e fretes com a condução das vitrines do Museu Nacional	10,340
	24	A Fernandes, gravuras e lithographias	84,000
	25	Pago à Typographia por conta dos trabalhos	40,000

		impressos	
		Pago a Ferreira Delgado, cópias na Torre do Tombo	18,000
	30	Pago a Pons, cópias na Torre do Tombo	18,000
	31	Ao Chefe de expediente vencimento em Agosto	30,000
		Ao Amanuense vencimento em Agosto	15,000
		Ao Servente vencimento em Agosto	3,500
Setembro	1	Pago à Typographia por conta dos trabalhos impressos	30,000
	2	Despesas na alfandega com um volume com redes	2,220
	3	Despesa com artigos de pesca enviados pela Capitania do porto da Figueira, para a Exposição	20,500
		A A. Dyonisio e José de Oliveira - 4 dias de trabalho	5,600
		A Joaquim de Deus – 4 dias de trabalho	4,000
		Despesa com um volume pelo caminho de ferro, da Figueira	1,520
	5	Despesas com artigos da Capitania do porto de Caminha	15,000
	8	Pago à Typographia por conta de trabalhos de impressão	35,000
	10	Despesas da secção marítima (Sr. Baldaque)	985:662
	13	Pago a Felipe José Fernandes, desenhos e gravuras	15:500

	13	Pago à Typographia por conta dos trabalhos impressos	45:000
	15	Pago a modesto pela impressão de 2:000 exemplares de estampas	18:300
	17	Pago a Thomas Moreira, trabalhos de catalogação em Agosto	10:000
	22	Pago à Typographia por conta dos trabalhos impressos	30:000
	26	Compra de papel de impressão – 10 resmas	70:560
	30	Ao Chefe de expediente vencimento em Setembro	30,000
		Ao Amanuense vencimento em Setembro	15,000
		Ao Servente vencimento em Setembro	3,500
		A Thomas Moreira, trabalhos de catalogação em Agosto	10:000
Outubro	2	Pago a Sr. Ramalho Ortigão p. ^a despesas da Comissão	1,100:000
	3	Pago ao livreiro Gomes – papel colado em panno e cartas	37:500
	6	Pago à Typographia por conta dos trabalhos de impressão	30:000
	7	Compra de papel de impressão – 10 resmas	70:560
	10	Pago a F. J. Fernandes – A gravura em madeira	17:280

	13	Pago à Typographia – trabalhos de impressão e brochuras	700
	18	Pago a Joaquim de Araujo, diversas despesas	13:240
		Pago a Joaquim de Araujo, diversas despesas no Camº de ferro	2:000
	27	Pago brochuras das memorias, etc.	24:700
	28	Pago – Diversas despesas	4:505
	31	Ao Chefe de expediente, vencimento em Outubro	30:000
		Ao Amanuense vencimento em Outubro	15:000
		Ao Servente vencimento em Outubro	3:500
Novembro	5	Pago - brochuras das memorias	36:000
	10	Pago à Typog ^a por trabalhos de impressão, brochuras, etc.	17:800
	15	Despesas em objectos para Madrid	12:390
	23	Pago à Typographia – trabalhos de impressão	50:000
Dezembro	1	Ao Chefe de expediente, vencimento em Novembro	30:000
		Ao Amanuense vencimento em Novembro	15:000
		Ao Servente vencimento em Novembro	3:500
	2	Pago a Bordallo Pinheiro – viagem e estada em Madrid	135:000

Portugal no IV Centenário do Descobrimento da América (1892-1893)

Dissertação de Mestrado em História dos Descobrimento e da Expansão

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1893		6	Pago – miniatura da imagem S. Gabriel	4:500
			Pago a Camacho, photographias	40:480
			Pago despesas diversas	3:310
			Pago a A. A. d'Oliveira, trabalhos de caligraphia	147,600
		31	Ao Chefe de expediente, vencimento em Dezembro	30:000
			Ao Amanuense vencimento em Dezembro	15:000
			Ao Servente vencimento em Dezembro	3:500
			Pago a Ferin, com quadro, e envenisamento	22:000
	Janeiro	26	Pago a Joaquim de Araujo, diversas despesas	9:680
		31	Ao Chefe de expediente, vencimento em Janeiro	30:000
			Ao Amanuense vencimento em Janeiro	15:000
			Ao Servente vencimento em Janeiro	3:500
	Março	1	Ao Chefe de expediente, vencimento em Março	30:000
			Ao Amanuense vencimento em Março	15:000
			Ao Servente vencimento em Março	3:500
		29	Ao Chefe de expediente, vencimento em Março	30:000
			Ao Amanuense vencimento em Março	15:000
			Ao Servente vencimento em Março	3:500
	Maio	1	Ao Chefe de expediente, vencimento em Abril	30:000

		Ao Amanuense vencimento em Abril	15:000
		Ao Servente vencimento em Abril	3:500
	2	Pago despesas diversas	2:870
	31	Ao Chefe de expediente, vencimento em Maio	30:000
		Ao Amanuense vencimento em Maio	15:000
		Ao Servente vencimento em Maio	3:500
		Pago – remessa de livros p ^a as Acad. ^a dos Estados Unidos	25:000
Junho	10	Pago a Ramalho Ortigão em Madrid, para a embalagem dos objectos da Exposição	400:000
	12	Ao Chefe de expediente, excesso de trabalho	40:000
		Ao Amanuense, excesso de trabalho	25:000
	14	A J. A. Pons, excesso de trabalho remuneração	45:000
		A Ferreira Delgado, excesso de trabalho remuneração	36:000
	14	A Je Aug ^o da Silva – remuneração por trabalhos	18:000
		A Je Pesanha, remuneração por trabalhos na Torre do Tombo	70:000
	22	A Ramalho Ortigão em Madrid, para a embalagem dos objectos em Madrid	100:000
		Ao Chefe de expediente, vencimento em Junho	30:000

	30	Ao Amanuense vencimento em Junho	15:000
		Ao Servente vencimento em Junho	3:500
Julho	31	Ao Chefe de expediente, vencimento em Julho	30:000
		Ao Amanuense vencimento em Julho	15:000
		Ao Servente vencimento em Julho	3:500
	18	Pago – despesas feitas pelo Sr. 2º Secretário	8:320
Agosto	9	Despesa feita com a remessa dos objectos vindos de Madrid (4 wagons)	128:370
	10	Pago ao Sr. Baldaque da Silva p ^a despesas com transportes e acondicionamento de diversos objectos da Secção marítima	4:388
	14	Pago, diversas despesas	13:450
	29	Pago, diversas despesas	1:445
	31	Despesa feita com a segunda remessa dos objectos vindos de Madrid (2 wagons)	80:000
		Ao Chefe de expediente, vencimento em Agosto	30:000
		Ao Amanuense vencimento em Agosto	15:000
		Ao Servente vencimento em Agosto	3:500
Setembro	28	Pago ao 2º Secretário, para diversas despesas	3:550
		Pago ao 1º Delegado da Comissão Teixeira de Aragão pelas despesas em Évora com a entrega dos objectos	10:380

	30	Ao Amanuense, vencimento em Setembro 1893	15:000
Novembro	30	Despesas com a entrega de objectos ao Museu do Carmo	490
	29	Pago a Salazar, carroças com objectos p ^a o Museu de Bellas Artes	6:000
		Pago à estação d'Alfandega de Santa Apolónia, diferença na remessa dos caixotes vindos de Madrid, com os objectos da Exposição	5_380
		Pago diversas despesas (fechaduras, parafusos, tintas etc.)	425
		Pago a António Dyonisio, por trabalhos extraordinários	4:000
		Pago diversas despesas com a remeção de caixotes para a Madre de Deus, Arsenal e outros logares	3:150
		Pago remessa de caixotes p ^a o Porto, caixa vinda de Madrid e carroças conducindo objectos p ^a o Paço das Necessidades	11:560
		Pago a António Dyonisio feria da semana finda em 12 de agosto	10:500
		Pago a António Dyonisio feria da semana finda em 19 de agosto	10:500
		Pago a António Dyonisio feria da semana finda em 26 de agosto	10:500

	Pago a António Dyonisio feria da semana finda em 2 de Setembro	10:500
	Pago a António Dyonisio feria da semana (3 dias) finda em 18 de Novembro	4:500
	Pago a António Dyonisio feria da semana finda em 25 de Novembro	10:500
	Pago a António Dyonisio feria da semana finda em 2 de Dezembro	10:500
	Pago ao despachante Leal despesas com 40 volumes vindos de Madrid	21:270
	Pago ao Chefe de expediente, vencimento de Setembro	30:000
	Pago ao Servente, vencimento de Setembro	3:500
30	Pago a Lopes Natalio, compra de linhagens e novelhos fios	13:690
	Pago a A. Correia plª compra de Madeira	87:340
	Pago a Costa Sobrinho, compra de ferragens	3:120
	Pago despesas com os objectos vindos de Madrid, para Faro	40:390
31	Pago a M. Nicolau da Costa, despesas com carroças	3:600
	Pago despesas com os objectos reemitidos para o Porto	5:680
		6:958:255

Portugal no IV Centenário do Descobrimento da América (1892-1893)

Dissertação de Mestrado em História dos Descobrimento e da Expansão

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Despesas diversas

6,695

*6:964:950

Comissão Portuguesa da Exposição Colombina 31 de Dezembro de 1893

O Thesoureiro da Comissão

ANEXO III – ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE DOCUMENTOS POR ANOS NA OBRA *ALGUNS DOCUMENTOS...*

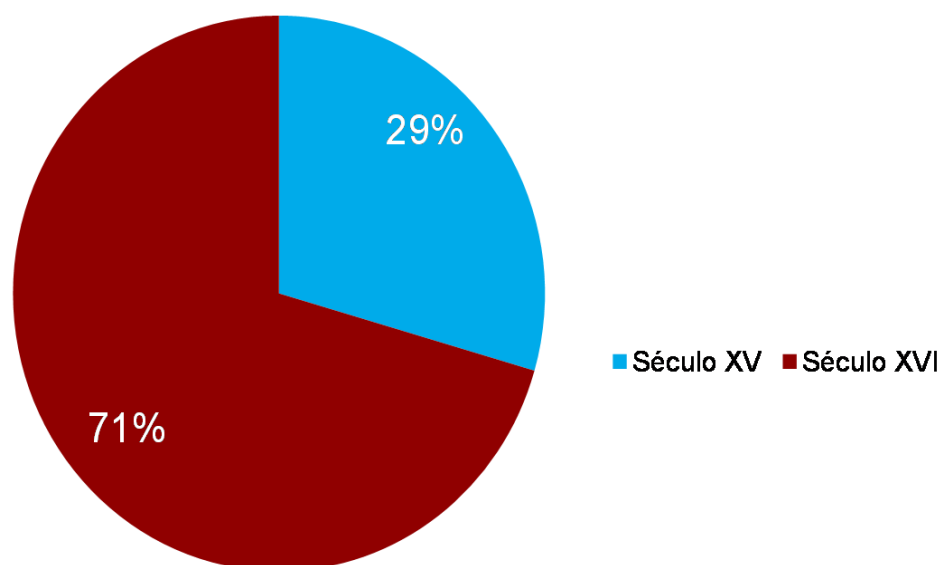
Nota prévia

Os dados apresentados neste anexo têm o propósito de auxiliar a análise referente à obra *Alguns documentos...* que efectuamos na terceira parte deste estudo.

Tabela 1 – Distribuição, por anos, dos documentos transcritos na obra *Alguns documentos do arquivo nacional da torre do tomo ácerca das navegações e conquistas portuguesas...*

Anos	N.º de documentos	Anos	N.º de Documentos	Anos	N.º de documentos
1410	1	1472	1	1506	11
1421	1	1473	3	1507	3
1433	3	1474	4	1508	2
1435	1	1475	1	1509	3
1436	2	1480	2	1510	8
1437	1	1481	3	1511	2
1439	2	1484	3	1512	13
1440	1	1485	2	1513	19
1443	3	1486	6	1514	32
1446	3	1489	1	1515	10
1448	1	1491	1	1516	10
1449	1	1493	1	1517	10
1452	2	1494	2	1518	12
1454	1	1495	1	1519	7
1456	2	1497	2	1520	12
1457	1	1498	3	1521	6
1458	2	1499	5	1522	5
1459	2	1500	7	1523	11
1460	5	1501	6	1524	4
1462	4	1502	5	1525	2
1464	1	1503	2	1527	6
1470	1	1504	4	1528	5
1471	3	1505	9	1529	1

Gráfico 1 – Representação gráfica, por séculos, da percentagem de documentos contidos na obra *Alguns documentos do archivo nacional da torre do tombo ácerca das navegações e conquistas portuguesas...*



ANEXO IV – ICONOGRAFIA DO IV CENTENÁRIO

Nota prévia

As seguintes imagens são apenas uma pequena parte de uma grande amostra que é o material iconográfico que ainda se conserva referente ao IV Centenário.

Em alguns casos, as imagens que se seguem são totalmente inéditas não tendo sido até à data publicadas em nenhum estudo sobre o IV Centenário.



Fig. 1 – Portal com motivos decorativos manuelinos, gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 629.



Fig. 2 - Palácio da Biblioteca [Palácio de Recoletos, Madrid], gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 630.



Fig. 3 – Segunda sala, aspecto geral, gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 633.



Fig. 4- Gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 639



Fig. 5 – Detalhe da decoração de uma parede da primeira sala, gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 642.

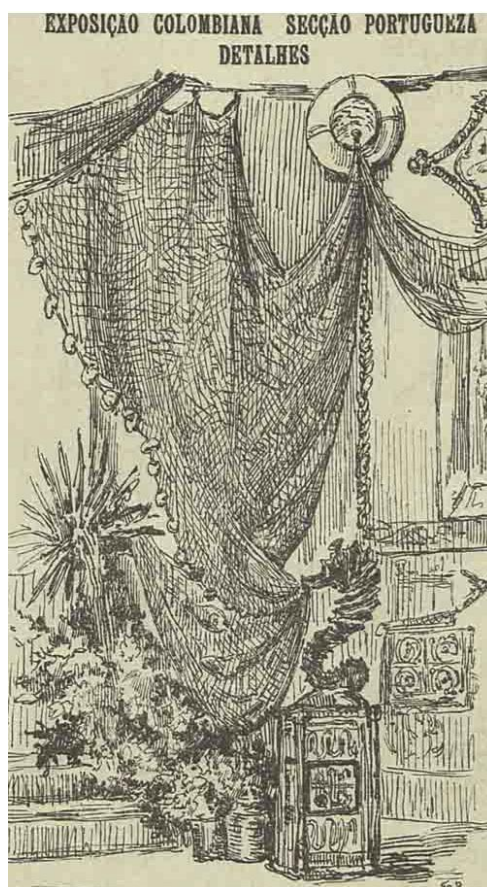


Fig. 6– Detalhe da decoração, gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 635.

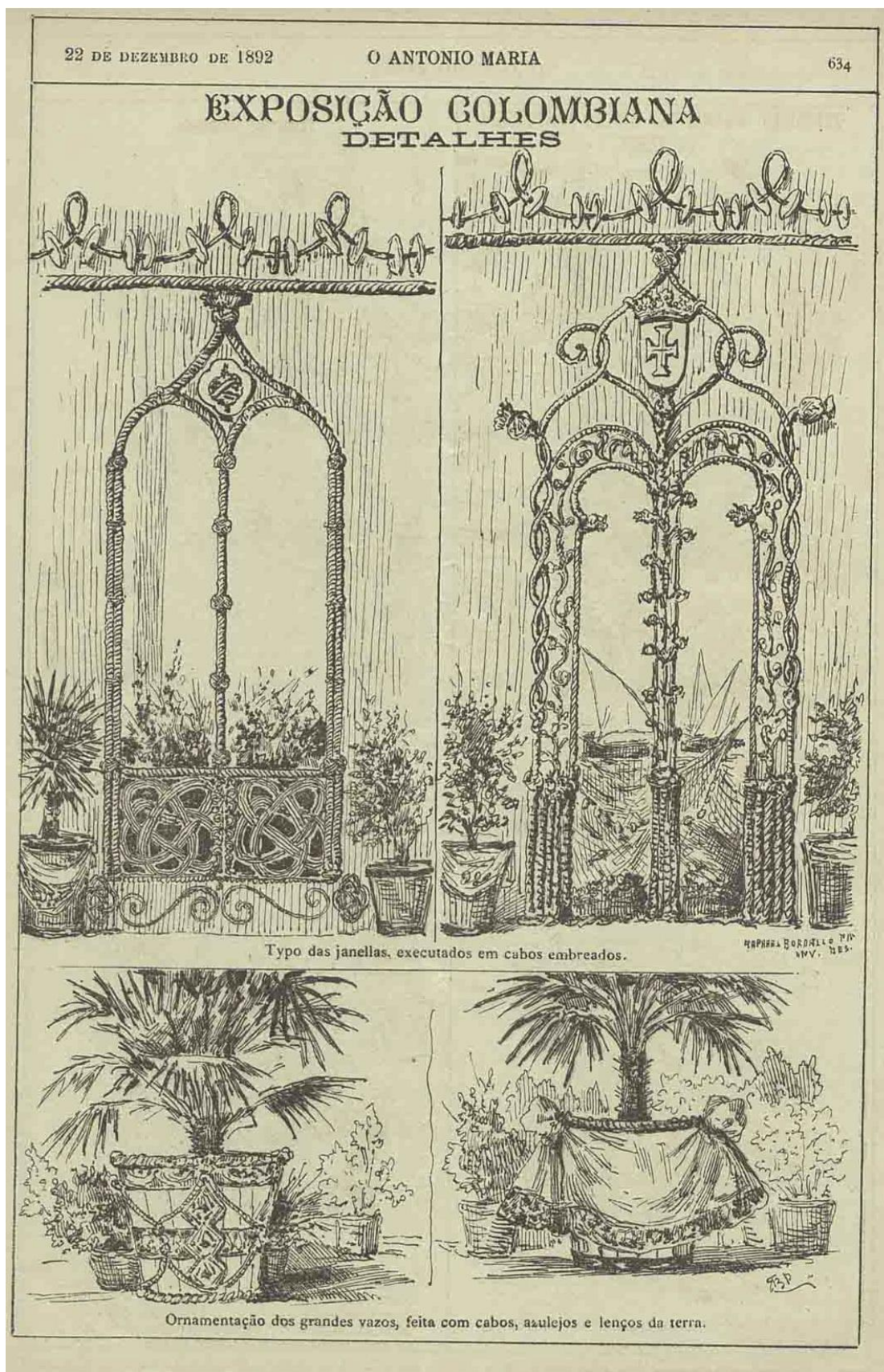


Fig. 7 – Detalhes da decoração das salas portuguesas, gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, retirada de *O António Maria*, Ano VIII, p. 634.

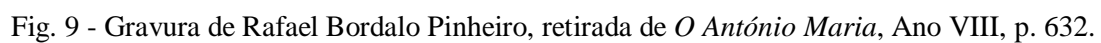
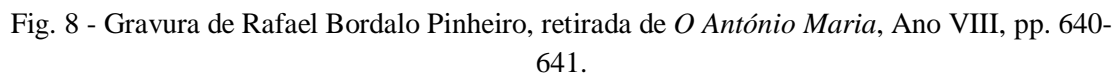




Fig. 10 – *Fachada principal*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 11 – Vestibulo, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 12 – *Instalación de los Estados Unidos*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.

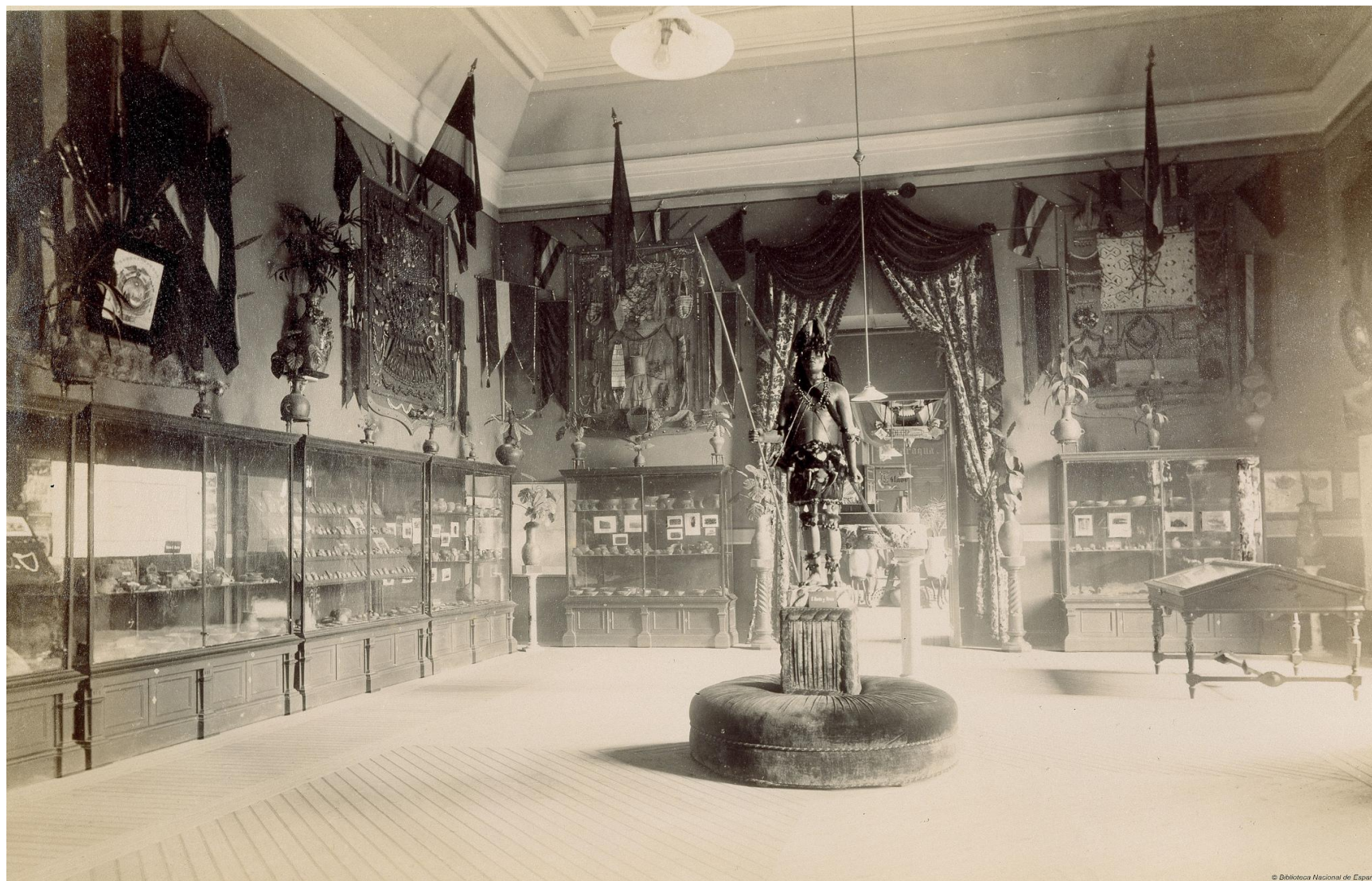


Fig. 13 – *Instalación de Ecuador*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 14 – *Instalación de España*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 15 – Perú, Dinamarca y España, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 15 –*Instalación de México*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 16 – *Jardin*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 17 – *Instalación de Portugal*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 18 – *Instalación de Portugal*, autor desconhecido, 1892, retirada de *Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892*, Madrid, [s.n.], 1892.



Fig. 19 – *Pabellón de Portugal*, da autoria de S. Corrales, 1893, retirada de *Exposición Histórico Etnográfica de Madrid 1893*, Madrid, [s.n.], 1893.



Fig. 20 - *Pabellón de Portugal*, da autoria de S. Corrales, 1893, retirada de *Exposición Histórico Etnográfica de Madrid 1893*, Madrid, [s.n.], 1893.

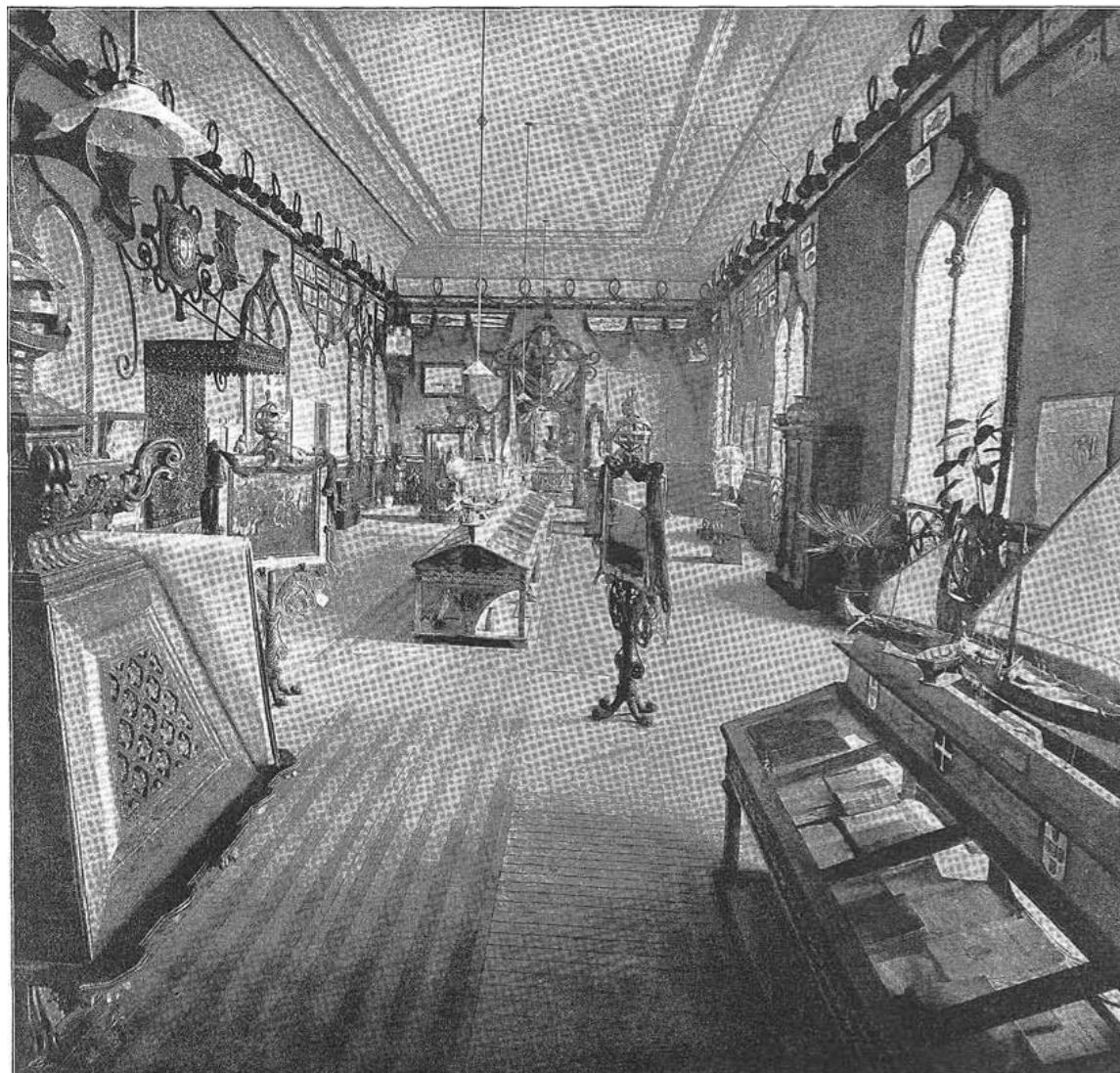


Fig. 21 – *Sección de Portugal*, fotografia da autoria de M. Compañy, 1893, *La Ilustracion Artística*, Ano XII, N. ° 581, p. 111.

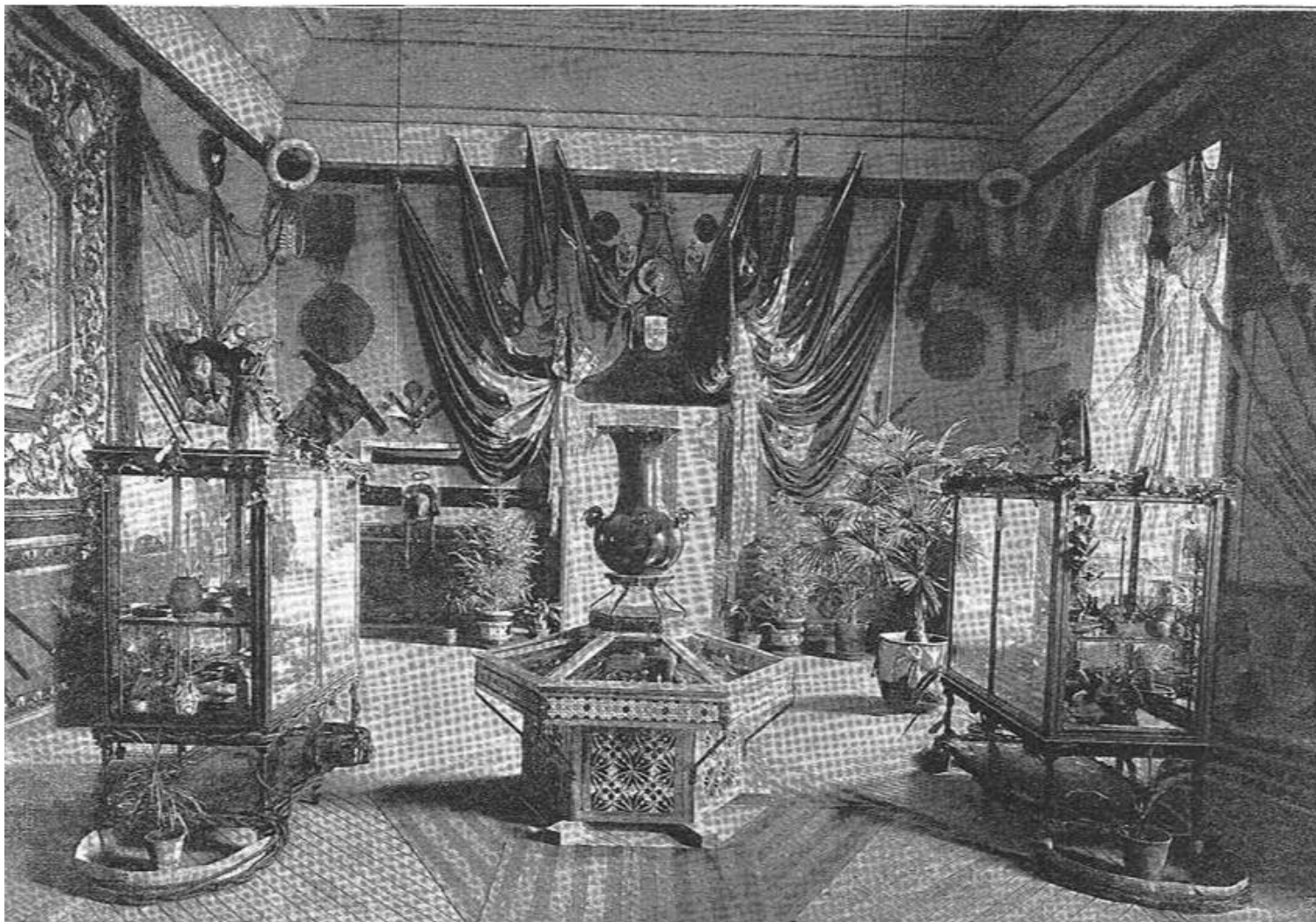


Fig. 22 – Sección de Portugal, fotografia da autoria de M. Compañy, 1893, *La Ilustracion Artística*, Ano XII, N.º 581, p. 109.

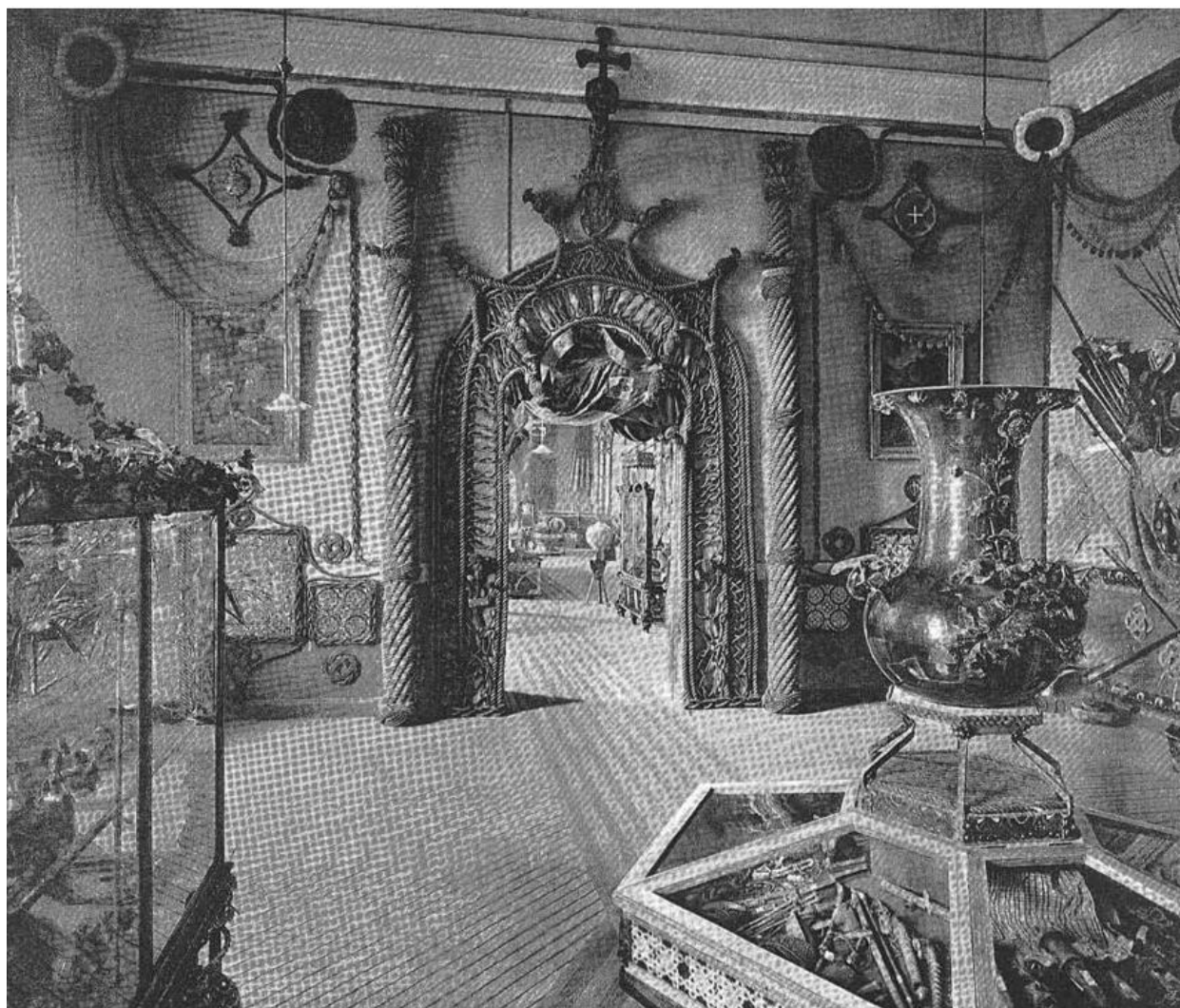


Fig. 23 – Sección de Portugal, fotografia da autoria de M. Compañy, 1893, *La Ilustracion Artística*, Ano XII, N.º 581, p. 110.